



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

Diego Amoedo Martínez

**Casas, terras, vacas e plantas: o sistema agrícola de Tourém e Pitões
das Júnias (Alto Barroso, Portugal)**

**Campinas
2019**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

Diego Amoedo Martínez

**Casas, terras, vacas e plantas: o sistema agrícola de Tourém e Pitões
das Júnias (Alto Barroso, Portugal)**

Tese apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Doutor em Antropologia Social

Orientadora: Profa. Dra. Emília Pietrafesa de Godoi

Este trabalho corresponde à versão final da tese defendida pelo aluno Diego Amoedo Martínez, e orientada pela Professora Dra. Emília Pietrafesa de Godoi.

**Campinas
2019**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Paulo Roberto de Oliveira - CRB 8/6272

Am66c Amoedo Martínez, Diego, 1982-
Casas, terras, vacas e plantas : o sistema agrícola de Tourém e Pitões das
Júnias (Alto Barroso, Portugal) / Diego Amoedo Martínez. – Campinas, SP :
[s.n.], 2019.

Orientador: Emília Pietrafesa de Godoi.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas.

1. Mudança. 2. Continuidade. 3. Bem comum. 4. Conhecimento. 5.
Sistemas agrícolas. I. Godoi, Emília Pietrafesa de, 1960-. II. Universidade
Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Houses, lands, cows and plants : the Tourém's ans Pitões das
Júnias agricultural system (Alto Barroso, Portugal)

Palavras-chave em inglês:

Change
Continuity
Common
knowledge

Agricultural systems

Área de concentração: Antropologia Social

Titulação: Doutor em Antropologia Social

Banca examinadora:

Emília Pietrafesa de Godoi [Orientador]

Mauro William Barbosa de Almeida

Verena Sevá Nogueira

Maria José Teixeira Carneiro

Vanilde Ferreira de Souza Esquerdo

Data de defesa: 29-03-2019

Programa de Pós-Graduação: Antropologia Social

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0001-8268-0107>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/0293458274392686>

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Tese de Doutorado, composta pelos Professores Doutores a seguir descritos, em sessão pública realizada em 29 de março de 2019, considerou o candidato Diego Amoedo Martínez aprovado.

Profa Dra Emília Pietrafesa de Godoi (Presidente)

Prof Dr Mauro William Barbosa de Almeida (UNICAMP)

Profa Dra Vanilde Ferreira de Souza Esquerdo (UNICAMP)

Profa Dra Maria José Teixeira Carneiro (UFFRJ)

Profa Dra Verena Sevá Nogueira (UFCG)

A Ata de Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertações/Teses e na Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

À Abuela Isabel, Abuelo Gabino, Abuela Angelina e Tino, por me incentivarem a procurar os meus limites. A Enzo e Artai, por me obrigarem a voltar à minha terra.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, é preciso agradecer as pessoas que tudo me deram. Sem saber muito bem porque era necessário responder tantas perguntas e tantos questionamentos feitos por mim, todos e cada um, foram pacientes e atenciosos. Aos agricultores de Tourém e Pitões das Júnias, o meu mais sincero e agradecido muito obrigado.

De Pitões, preciso agradecer a Patorro, Beatriz, Ringo e Jorge, por serem mais do que interlocutores, foram autênticos anfitriões. Patorro é por mim considerado um filósofo local, dele guardo grandes lembranças que espero poder continuar atualizando! Ringo foi de extrema ajuda nos momentos de escrita da tese, via *whatsapp*. Beatriz sempre atenciosa e disposta a ajudar. Tina, Zé, Maria e Pedro me abriram literalmente sua casa quando ampliei meu campo para Pitões. Ana, Russo, Daniel, Domingos e Elisete também foram fundamentais para ampliar as margens da pesquisa de campo com a confiança de conhecer pessoas da terra. Tono do Artur e as noites passadas na taberna sempre ajudaram a dar outro ar aos problemas que surgiam e sempre estive disposto a compartilhar comigo o seu conhecimento. Cascais e Kátia sempre me ajudaram e me acolheram com calma e serenidade. Paulo do Miro me deixou feliz quando me disse que gostava da qualificação e ajudou a consolidar algumas ideias centrais da tese. Espero que ele continue gostando. Zé do Raposo, sua mãe, Teresa, e seu pai, Zé, me permitiram acompanhar por vários dias os seus afazeres, o que me ajudou a observar lados do sistema que não conhecia. A Luisa, o Carreira, Os Florestas, Rui e o Cuco agradeço a proximidade e ajuda. Dos não agricultores de Pitões, em primeiro lugar agradeço a Margarida, Bruno e Margarida (filha) por serem a parte que me faltava em campo. Em Pitões, me redescobri como pesquisador em campo e eles foram uma das partes mais importantes. A Fritz, Germano, Diogo e Luzia também agradeço a sua disponibilidade, ajuda e a paixão que põem em tudo o que é Pitões.

De Tourém, Venâncio e toda sua família, Maria, Sérgio, Sandra, Venâncio, Eduardo são mais do que fundamentais no estudo. Desde sua confiança, consegui partir para Pitões sabendo que seria bem recebido. Venâncio é um pilar fundamental de todas as reflexões feitas nesta tese. Adriano e Natália, Domingos e Glória também me

deram todo o suporte na aldeia de Tourém. Sempre atenciosos e dispostos a ajudar. Adriano é um agricultor por que tenho especial apreço. A Carlos, Berto, Fábio, Giestas, Aldina, Armindo, Jaime, Maria, Eduardo, Zé da Benta, Isabel, Fernando, Elisa, Paulo, Regina, Zé da Arminda, Teresa, Tibo, Minda, Domingos da Ponteira, Zé da Ponteira, Maria da Ponteira, Teresa, Adriano, Sonia, Fátima, Pereira, Ilda, Adriano (*in memoriam*), Preciosa, Zé do Vila, Berto, Bento, Tia Maria, e assim poderia seguir um bom tempo mais. Muito obrigado a todxs os que estão nestas linhas.

É difícil fazer agradecimentos à família quando, em menos de 3 meses, faleceram dois referentes fundamentais de minha vida e trajetória, como são a minha avó, Isabel, e meu tio Tino. A eles agradeço imensamente todo o seu apoio, força e exemplos de vida que tento levar a sério. E como comecei pelos ausentes não posso deixar de agradecer aos meus avós Gabino e Angel.

A minha avó Angelina, minhas tias, Digna e Feli, e suas filhas Nati e Angela são mais do que importantes em toda esta trajetória também. Do outro lado da família, Angelito, Carmen, Daniel, Chon, Olgui, Fidi, Marcos, Miguel Ángel, Ángel, Cris, Marisa (*in memoriam*), Jose, Bruno, Hugo, Tati, David, Carlos, Sofia, Laura e Vero *me dan as fuerzas* para continuar guardando o meu lugar na casa. Aos meus pais e minha irmã devo tudo o que sou. Agradeço a meus pais por minha vida e Isa e Remi pelo meu futuro em forma de sobrinhos, Enzo e Artai. A eles, que suportam essa ausência de seu único tio, dedico este trabalho.

Da Galiza, nada seria sem os meus amigos forestais, os das Cortellas e alguns mais que por aí ficam pingados.

Do meu novo lugar, Santarém, agradeço a força e apoio aos colegas de universidade especialmente a Vinícius, Bruna e Raúl, Raoni e Adília, Camila, Serginho, Ravi e Pedro, Eduardo e Mani, Miguel, Gê e Manu, Cinthia e Thiago, Antón, Weena, Anselmo e Lilia, Pedro e Tábata. Como tudo não pode ser trabalho fora da universidade, Felipe, Giu, Maria e Rita me dão o sustento necessário. Aos meus queridos não bípedes Pacu, Guria, Gremilin, Cotô, Boris, Pacucha, Penca, Açú e Guru, por me gerarem a saudade de casa sempre.

De Campinas, agradeço aos colegas do mestrado e do doutorado. Em especial a Aline, Julian, Igor, Carlos, Pati, Bruna, Hugo, Stella, Rodrigo. Do doutorado, em especial a Márcia companheira de orientação e de viagens, a Maíra, Cláudia, Sariza, Carol, Analu e Carlos.

Aos amigos que me acolheram no Brasil desde o primeiro dia, Eva (e Max), Héctor, Sel, Carlos, Marta, Raúl, os Danis.

Do CERES, agradeço a Nashieli professora e supervisora desde minha chegada à Unicamp. Do Lata, agradeço ter me oferecido a companhia de Ana, Bob e Augusto.

Agradeço também aos professores que tive ao longo destes anos de casa que nos ensinaram com rigor, seriedade e paixão: Suely Kofes, Ronaldo Almeida, Omar Ribeiro, Nádia Farage, Mauro Almeida.

A Emília Pietrafesa de Godoi, agradeço a aposta inicial em 2010 e sua renovação anual desde o mestrado. A sua orientação séria, rigorosa, delicada, próxima e dedicada será um exemplo que tentarei levar adiante com os meus alunos. O meu mais sincero muito obrigado.

Aos membros da banca de qualificação, agradeço pelas arguições e contribuições naquele momento. Carlos de Almeida não está na banca final, mas a sua leitura e as nossas múltiplas conversas para além do texto, têm sido muito importantes em todo este processo, desde 2009.

A Mauro Almeida tenho também muito a agradecer. Tive a honra de ser seu aluno no mestrado e de ele estar em todas as minhas bancas, desde a qualificação do mestrado até esta defesa de doutorado. A erudição com a que nos ilumina sempre é um motivo de orgulho e felicidade.

Agradeço à professora Vanilde por ter aceitado participar desta banca.

A professora Maria José Carneiro, que me acompanha desde o meu mestrado. Tivemos uma sessão particular de defesa no Rio de Janeiro que guardarei em minha memória pela sensibilidade e leitura atenta.

A Professora Verena Nogueira, agradeço ter aceitado o convite e espero que a nossa conversa continue.

De Portugal, agradeço imensamente a Xerardo Pereiro que além de um grande referente e amigo, é uma pessoa especialmente atenciosa e do que espero continuar aprendendo mais. Agradeço também a Humberto Martins por todas as conversas e debates.

Da Universidade de Santiago de Compostela, agradeço ao professor Lourenzo Fernández Prieto, por ter aceitado me supervisionar em meu doutorado sanduíche e ter compartilhado comigo conversas atentas e preciosas acerca dos sistemas agrícolas e da inovação.

De Compostela, Lupe, Cristina, José Antonio, Bibiana por trazerem novo ar à AGANTRO.

Finalmente, agradecer à outra família que tenho. Luara e Juliana me fazem viver sensações de respeito e de responsabilidade de que gosto bastante. Sendo herdadas de uma relação com a mãe, Lucybeth à que tudo agradeço desta retomada acadêmica.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, com a bolsa de sanduiche no exterior.

O presente trabalho também foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) usufruindo uma bolsa de doutorado no país (número de processo: 159751/2014-4).

*Entro nestas aldeias sagradas a
tremar de vergonha. Não por mim, que venho
cheio de boas intenções, mas por uma
civilização de má-fé que nem ao menos lhes
dá simples proteção de as respeitar.*

(Miguel Torga)

*Olho a serra. E diante desta natureza
sem disfarces, aberta para todos os
horizontes, sinto como que uma
centrifugação do espírito. Ando, e parece que
voo; tento localizar-me, e perco-me na
indeterminação. Uma espécie de nomadismo
da alma descentra-me e liberta-me das
amarras mesquinhas da vida
compartimentada. E compreendo de repente
a força universal que impregna os gestos e as
palavras destes barrosões, puros na
impureza, que lavam as mãos no sangue dum
semelhante e há mil anos que descobriram o
cepticismo moderno. Homens para quem o
absoluto é o relativo clarificado, e que por isso
entregam desta maneira a filha ao namorado
que lha pede em casamento:*

*Pastora é,
Gado guardou;
Sebes saltou;
Se nalguma se picou,
Tal como está
Assim vo-la dou...*

(Miguel Torga)

Resumo

A presente tese de doutorado é fruto do trabalho de campo realizado desde 2014 nas aldeias de Tourém e Pitões das Júnias (Montalegre, Portugal) e tem como foco a análise do sistema agrícola de ambas as aldeias desde a ótica dos conhecimentos e dos saberes mobilizados pelos agricultores. Fez-se uma análise das configurações sociais das unidades produtivas, entendidas como casas-camponesas. Cada unidade entendida como *casa* extrapola os significados originais, englobando terras, pessoas, animais, reputação e nomes. O conceito de sistema agrícola no presente trabalho refere-se à tríade intersubjetiva presente nas narrativas dos agricultores: humanos-terras-animais. Portanto, a presente tese analisa cada um dos elementos que compõem essa tríade. Para uma análise detalhada dos referidos elementos, ao longo deste trabalho, são analisadas práticas agrícolas, tanto em seu aspecto sincrônico, quanto diacrônico. Em uma análise sincrônica, destacam-se as diversas relações, temporalidades, regimes legais, nomenclaturas, conhecimentos e tecnologias utilizadas nas atividades agrícolas e pecuárias destas aldeias. E, em uma apreciação diacrônica, considera-se o processo histórico dos cultivos, em uma análise da dinâmica das práticas agrícolas destes mesmos lugares ao longo do tempo. Com isso, mobilizo categorias analíticas como territorialidade, paisagem e a relação humano e não humano. Os saberes e os conhecimentos dos agricultores são o eixo transversal que liga os elos do sistema agrícola à terra, às vacas, às plantas e às terras.

Palavras-chave: sistemas agrícolas; mudança; continuidade; bem comum; conhecimento.

Abstract

This doctoral thesis is the result of the field work carried out since 2014 in the villages of Tourém and Pitões das Júnias (Montalegre, Portugal). The focus of analysis is the agricultural system of both villages. As the intention is to study the agricultural system, it was necessary to make an analysis of the social configurations that are behind the productive units, understood as peasant houses. House as analytical category that extrapolates the meanings of production, encompassing, lands, people, animals, reputation, name, etc. When I say agricultural system, I am referring to a dialogue present in the narratives of the farmers of an intersubjective triad between human-land-animals. Therefore, this thesis makes an exercise of analyzing elements that make up this triad. Among these elements, I highlight land, irrigation systems, crops and livestock. For example, the different village lands that support this productive activity have different names, different legal regimes, different uses and shelter different crops. The latter also have their times, the cultures, their demands and the technologies mobilized in each productive process. There are also cattle that make up the focus of the farmers. All these elements are known to farmers in their daily activity, so knowledge and experience are elements that are present in the relationship. Throughout the thesis are analyzed the current agricultural practices and the historical process of the different crops, the ways in which they arrived in the villages and were inserted in the agricultural system. With this, I mobilize analytical categories such as territoriality, landscape and the human and nonhuman relationship. Farmers' knowledge and knowledge are the cross-cutting axis linking the links of the agricultural system to land, cows, plants and land.

Keywords: agricultural systems.; change; continuity; commom; knowledge.

Lista de fotografias

Fotografia 1 - Rua direita de Tourém.....	22
Fotografia 2 - Largo do forno de Tourém.....	23
Fotografia 3 - Aldeia de Tourém vista desde a serra	28
Fotografia 4 - Pitões das Júnias desde o cemitério.....	29
Fotografia 5 - Patorro olhando um vitelo recém nascido (Autor,2016) .	158
Fotografia 6 - Pedra de engenho ou regadeira (Autor,2012).....	166
Fotografia 7 - Enfardadeira de fardos (Autor,2013).....	171
Fotografia 8 - Tono do Artur mostrando o feno (Autor,2016)	172
Fotografia 10 - Trator fazendo carreiras e enfardadeira de rolos (Autor,2013)	174
Fotografia 9 - Enfardadeira de fardos (Autor,2013).....	174
Fotografia 11 - Esposa, filha e sobrinha esperando Sérgio para merendar (Autor,2013).....	176
Fotografia 12 - Carregando reboque de fardos (Autor,2013)	178
Fotografia 13 - Lameiro ressemeado (Autor,2016).....	181
Fotografia 14 - Muro de pedra (Autor,2016).....	186
Fotografia 15 - Boqueiro aberto (Autor,2012).....	187
Fotografia 16 - Boqueiro (Autor, 2013).....	188
Fotografia 17 -Zé da Arminda cuidando do rego (Autor, 2013)	195
Fotografia 18 - Venâncio saindo de casa com o trator (Autor,2016)	200
Fotografia 19 – Cinza carregada no reboque do trator (Autor,2016)....	201
Fotografia 20 - Cinza depositada do lado da poça (Autor,2016)	201
Fotografia 21 - Comprovante da inseminação (Autor,2015).....	278
Fotografia 22 - Boi Gamin (Web oficial)	278

Lista de gráficos

Gráfico 1 - Pirâmide Etária de Tourém	26
Gráfico 2 - Pirâmide Etária de Pitões das Júnias	27
Gráfico 3 - Partes do engenho (Autor,2015).....	166
Gráfico 4 - Atuações anuais nos lameiros (Autor,2019).	170
Gráfico 5 - Sistema de rega (Autor,2019).....	193
Gráfico 6 - Rega de Lima (Autor,2019)	197

Lista de mapas

Mapa 1 - Localização do distrito de Vila Real dentro da Europa	21
Mapa 2 - Distritos, Montalegre e Aldeias.....	27
Mapa 3 - Terras trabalhadas por Cascais (Autor,2016). Fonte da Imagem: GoogleEarth.....	168
Mapa 4 - Sistemas de regadio de Tourém (Autor,2014). Fonte GoogleEarth	217

Lista de tabelas

Tabela 1 - População residente, famílias e alojamentos familiares.....	25
Tabela 2 - Resumo de terras de Cascais que forma parte do relatório anual (Cedido pelo agricultor)	70
Tabela 3 - Distribuição de águas do Ribeiro de Tourém.....	216
Tabela 4 - Comparação de milho país e milho híbrido (Autor, 2017)....	265

Sumário

Introdução.....	20
I. I As aldeias	20
I. II Agricultores como grupo social.....	36
I. III Metodologia de pesquisa de campo: uma breve reflexão	38
I. IV Apresentação da pesquisa e trabalho de campo nas aldeias	42
Capítulo 1: O sistema agrícola de Pitões das Júnias e Tourém.....	47
1.1 O sistema agrário enquanto questão teórica	47
1.2 Do sistema agrário ao sistema agrícola	51
1.3 As explorações se mantêm pelo trabalho: o sistema agrícola enquanto conhecimento	52
1.4 O sistema agrícola camponês do Alto Barroso: mercados, políticas e autonomia	57
1.4.1 Os agricultores de Tourém e Pitões e sua relação com o mercado	61
1.4.2 A Política Agrícola Comum	64
1.4.3 Indicação Geográfica Protegida do gado cruzado dos lameiros do Barroso	71
1.4.4 O Parque Nacional Peneda Gerês	76
Capítulo 2: As casas: unidades produtivas agrícolas, estratégias e configurações	81
2.1 As casas, unidades produtivas familiares e a vida dos agricultores.....	82
2.1.1 As casas camponesas de Tourém e Pitões das Júnias como metáfora da vida	89
2.2 Interlocutores da pesquisa.....	90
2.3 Unidades produtivas familiares de Pitões das Júnias.....	97
2.3.1 Ana e Russo	97
2.3.2 Zé da Carreira	101
2.3.3 Patorro e Beatriz.....	102
2.3.4 Ana, Paulo do Miro e Cândida	104
2.3.5 Luisa do Ferreiro, Rui e Venâncio	107
2.3.6 Tono do Artur	108
2.3.7 Raúl	109
2.3.8 Cascais e Kátia	110
2.3.9 Zé do Raposo, Teresa e Zé do Raposo.....	112

2.3.10 Os do Covelo: Tina, Maria e Zé.....	114
2.4 Unidades produtivas familiares de Tourém	115
2.4.1 Sérgio e Sandra	115
2.4.2 Giestas e Aldina	117
2.4.3 Adriano e Natália: agricultor e gerente do café	118
2.4.4 Fábio do Pita e Maria.....	121
2.4.5 Os Vilas: Zé, Berto, Zulmira e José	122
2.4.6 Venâncio	123
 Capítulo 3: A serra faz bem as vacas e as vacas fazem bem à serra: baldios e vacas, conhecimento e práticas.....	133
3.1 Os baldios: terras de uso comum.....	134
3.2 Conhecimento do baldio: a serra e o monte	136
3.3 O monte e a serra enquanto lugar de pastoreio.....	139
3.4 As vacas vão para o monte todos os dias: aproximações e distâncias entre os usos do monte entre Tourém e Pitões.....	142
3.5 De aqui pra lá é o Rigueiro e pra cá o Eiró: divisão da aldeia, construção das vacarias e lugar de pasto.....	146
3.6 Junho, julho e agosto deitamos as vacas à serra.....	148
3.7 As vacas e a rede social agrícola.....	150
3.8 As vacas e sua agência	154
3.9 O lugar de pastoreio: narrativas de uma vida de pastor	159
 Capítulo 4: Os Lameiros	163
4.1 Lameiros: origens e localizações	163
4.2 Lameiros como propriedades particulares e água de uso comum	167
4.3 O calendário ecológico-social dos lameiros	169
4.4. Processamento do feno: ceifar, virar e enfardar.....	171
4.5 Terras cultivadas há anos, mudanças e persistências: estima e cuidados	178
4.6 Muros dos lameiros	185
4.7 A água nos lameiros	191
4.7.1 Água fora dos lameiros	192

4.7.2 Água dentro dos lameiros.....	195
4.8 A estima dos lameiros	198
4.9 Conhecimento dos lameiros.....	202
Capítulo 5: As terras	205
5.2 Terras ou propriedades	206
5.3 As terras e as mudanças: afolhamentos e caminhos.....	208
5.4 A água de rega	212
5.4.1 A água de rega em Tourém.....	213
5.4.2 A água de rega em Pitões das Júnias.....	218
5.5 Compra e venda de terras	221
Capítulo 6: Agora é o milho, antes foi a batata: os frutos e seus tempos	226
6.1 Centeio: origens históricas e usos dos tempos de antes	226
6.2 Terras fortes e terras fracas: conhecimento e precisão.....	230
6.3 A batata.....	233
6.3.1 Cultivo da batata	238
6.4 O Milho.....	240
6.4.1 Os tempos do milho.....	242
Capítulo 7: A importância do sistema, o conhecimento e as múltiplas racionalidades.....	245
7.1 Malhando e ressemeando centeio: ferranhas e a planificação do ano agrícola	245
7.2 A mecanização da malha do centeio: transformações, processos e impactos.....	247
7.3 O tempo da messe	252
7.4 A silagem é mais uma forragem para o inverno	257
7.4.1 Processo de aproximação à silagem em Pitões e Tourém	259
7.5 O milho país e o híbrido.....	261
7.6 Patorro e a ensilagem no limite.....	268
7.7 Só não erra quem não trabalha: as experiências de Tono do Artur com o Avex e as vacas Limousin	272

7.7.1 O trabalho com o Avex	273
7.7.2 Tono e as vacas limousin	275
7.8 Adriano e a reformulação do sistema produtivo.....	279
<i>Considerações finais: o sistema agrícola e o passar do tempo</i>	285
<i>Bibliografia</i>	293
<i>Anexo 1</i>	302

Introdução

Casas, terras, vacas e plantas são elementos que estão presentes na história recente das aldeias de Tourém e Pitões das Júnias. A maioria das casas das aldeias vive da agricultura, as vacas e os vitelos que vendem são a sua fonte de renda mais importante. O feno, o centeio, o milho e as batatas vêm sendo cultivados e combinados há anos no sistema agrícola que ali se realiza.

Nesse contexto, as máquinas vêm ganhando espaço nos últimos quarenta anos e, desde então, alguns tipos de ferramentas se mantêm, enquanto outros foram trocados por diferentes procedimentos técnicos e tecnológicos.

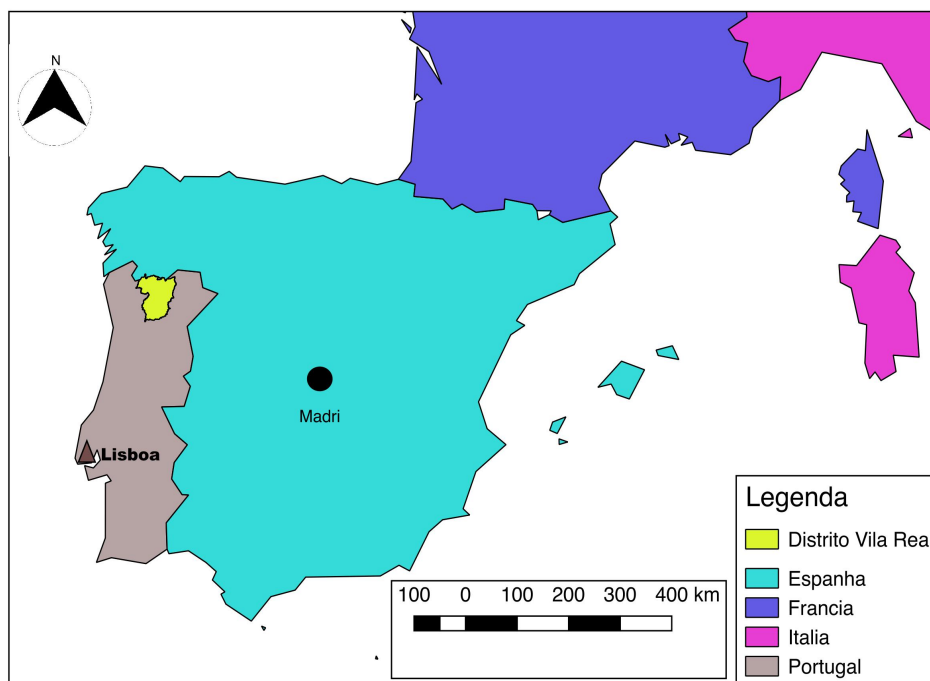
Todos esses elementos são combinados pelos agricultores em função de sua estratégia produtiva. O número de pessoas que trabalham na unidade produtiva, o número de cabeças de gado que possuem, a venda de porcos nas feiras locais de culinária regional, a extensão a ser cultivada de milho, centeio ou batata vão configurando uma forma de agricultura particular.

Os agricultores de Tourém e Pitões das Júnias, em Montalegre, Portugal cultivam e trabalham as mesmas terras que seus pais, avós e bisavós. Os seus antepassados também criaram gado, no entanto, a forma, a gestão e a organização eram diferentes. Existem elementos que se mantêm e outros que não, mas o sistema é o mesmo.

I.1 As aldeias

Tourém e Pitões das Júnias são duas aldeias que se encontram no extremo Norte de Portugal, região conhecida como Trás-os-Montes, no Alto Barroso.

Mapa 1 - Localização do distrito de Vila Real dentro da Europa



Fonte: Elaboração do autor

Como define Ribeiro:

O Alto Barroso é formado por cimos boleados e amplos vales, as aldeias estão situadas entre 800 e 1200m, num clima rude onde a precipitação decresce para o interior até cerca da metade; a 1000m há 50 dias de geada e vinte de neve. (1991:398)

Pitões está situada quase no topo da serra da Mourela, já Tourém está localizada no fundo do vale do Rio Salas. Para Ribeiro (1991:401) a localização dessas aldeias se deve mais a questões de terras cultivadas do que a razões fronteiriças de defesa. Essa hipótese é compartilhada também por Viegas Guerreiro que em sua monografia sobre Pitões, afirma que:

O sítio desta aldeia de montanha não foi escolhido, como é óbvio, por motivos de defesa, nem por haver nele abundância de água, que é riqueza que por todo lado brota, mas parece que, apenas, por razões geográficas e

ecológicas. Ficava abrigada dos ventos do norte e com as terras de cultura abaixo dela, para onde a escorrência fecundante dos detritos vegetais, animais e humanos naturalmente se fazia. Estavam pois a mão os solos mais ricos, facilmente irrigáveis dos cursos de água de todo o ano, que desciam das alturas; para cima, para nordeste e poente a vasta e ondulada planura de pastagens comunais. (1982:23)

As aldeias são núcleos coesos de casas de granito de dois andares que têm na rua o eixo de distribuição de casas. Em ambos os lados das ruas se estendem as casas, umas coladas nas outras até chegarmos num *largo* que não precisa de definição, por ser de fato um espaço mais largo do que as ruas, um espaço de confluência de várias vias.

Fotografia 1 - Rua direita de Tourém



Fonte: Autor, 2014

Fotografia 2 - Largo do forno de Tourém



Fonte: Autor, 2012

Além dos largos, há, nas aldeias, as *eiras*, espaços abertos mais largos que as ruas, planos, às vezes com o solo composto de lajes de pedra granítica assentada uma ao lado da outra. Nas eiras, era onde se realizavam as atividades de *malha do centeio*¹. As eiras podiam ser públicas ou particulares. As particulares entravam nas partilhas das heranças². Na atualidade o centeio é processado nas próprias terras sendo as eiras usadas frequentemente como estacionamento de veículos automóveis e agrícolas.

Até metade do século XX a estrutura e distribuição das casas respondiam às necessidades das pessoas que moravam nas aldeias e às condições de vida. Aglutinavam num mesmo espaço animais e humanos. Na maioria das casas o andar térreo albergava os animais, e o superior os humanos. Dessa forma aproveitavam,

¹ A malha do centeio é uma das funções comunais mais importantes e relevantes das sociedades agropastoris do Alto Barroso como bem demonstra Portela em seu livro monográfico: Trabalho cooperativo em duas aldeias de Trás-os-Montes (1986). Um estudo importante acerca das malhas do lago galego é Fernández de Rota y Monter (1984).

² Em Tourém há uma impressionante eira de pedra na casa em que hoje mora Venâncio, um agricultor aposentado da aldeia. Como ele não era natural da aldeia para *fazer vida* teve que ir adquirindo casa e terras. Assim comprou a casa onde hoje mora, que data do século XIX, no entanto, a eira de pedra que tem à frente da casa era uma herança de quatro pessoas diferentes, de forma que, com o passar do tempo, teve de comprar cada uma dessas quatro partes até poder completar a eira e usá-la em sua totalidade.

por exemplo, o calor emanado dos corpos dos animais para ajudar no aquecimento da residência humana.

Desde as décadas de 1960 e 1970 até o momento atual, as casas e a aparência das aldeias foram mudando significativamente. As casas cobertas de *colmo*³ foram substituídas pelas coberturas de telha cerâmica, do amarelo da palha para o vermelho das telhas. As paredes das casas deixaram de ser compostas por pedras de formas e tamanhos totalmente diferentes – o que tornava o trabalho do pedreiro equacionar todas essas variáveis em nome da sustentação de um telhado. Na atualidade, os tijolos retangulares não permitem essa composição, que se mantém, às vezes, nos muros que encerram as terras. As pedras aparecem no exterior das casas devido as imposições urbanísticas, por conta das aldeias se localizarem no Parque Nacional Peneda Gerês⁴. As pedras retangulares e de poucos centímetros de espessura cobrem as tecnologias usadas nas construções contemporâneas que usam isolantes térmicos azuis. A pedra que não for perfeitamente serrada é descartada. Nessas construções, a lareira deixou de ser o centro de socialização de casas, agora aquecidas por óleo diesel.

O ditado popular: *casa na que caibas e terra quanta vejas*, que se refere à necessidade de se ter muitas terras antes do que uma casa grande, continua sendo útil, com argumentos puramente economicistas. As casas grandes são caras de se manter, costumam ficar sem telhados e as paredes de pedra logo *arriam* nas ruas. Mas, casa grande sempre foi um marcador de poder e até hoje se mantêm nas aldeias. Assim, em Pitões quando se entra na aldeia, logo depois de passar por um pequeno riacho, do lado direito ficam os primeiros armazéns da aldeia, feitos em pedra e cobertos de telha cinza. Continuando em direção a uma pequena lombada aparece ao lado esquerdo, o primeiro conjunto de *casas grandes* que ficam fora do núcleo habitacional coeso descrito linhas atrás. Como ilhas rodeadas de água⁵, estas *casas grandes* encontram-se rodeadas de um gramado verde com uma fonte em pedra no meio e, atrás, uma construção que bem poderia ser uma área de churrasco no Brasil. A casa seguinte tem mais de seis arcos de volta perfeita que estaria mais bem

³ Palha obtida do centeio com a qual se faziam os telhados das casas

⁴ Há um manual de construção editado pelo Parque Nacional em que explicam as formas que devem ter as casas e os materiais que podem ser usados para não destoar do conjunto paisagístico elemento central dessas medidas fiscalizadoras.

⁵ Assim as chamavam vários agricultores com quem conversamos.

integrada numa paisagem greco-romana do que numa aldeia de Trás-os-Montes. Poderia continuar descrevendo os recursos escolhidos pelos proprietários, no entanto há um padrão que aglutina essas quatro casas: nunca vi um carro estacionado na porta, as janelas abertas ou pessoas naquelas casas. São casas de migrantes que ficam o ano inteiro fechadas e que somente no verão recebem visitas por algumas semanas. Os dados aportados pelo censo populacional de 2011 são esclarecedores acerca das construções e das famílias habitando as aldeias:

Tabela 1 - População residente, famílias e alojamentos familiares

	População residente	Famílias	Alojamentos familiares
Pitões das Júnias	161	68	210
Tourém	151	63	238

Fonte: Elaboração do autor

Há um evidente descompasso entre o número de pessoas que residem nas aldeias, o número de casas ocupadas (famílias) e o número de alojamentos familiares. Existem muitos mais alojamentos familiares do que famílias morando, o que demonstra que as casas das aldeias foram sendo restauradas até serem consideradas alojamentos familiares e isso não implica necessariamente na ocupação efetiva da construção enquanto domicílio principal. Muitas das pessoas que moram fora da aldeia mantêm uma casa na ali, fechada grande parte do ano e usada principalmente nas épocas de férias. Daí o descompasso entre o número de alojamentos familiares e as famílias residentes. À luz desses dados pode-se perceber também como o número de pessoas por família é reduzido, não chegando a três em média. Desde 2011 até os dias atuais foram morrendo as pessoas mais idosas e, por isso, acredito que esses números de residentes tenham mudado também.

Há um fenômeno social que faz com que o número de pessoas residentes não decaia de forma brusca. Os habitantes que saíram das aldeias nas décadas de 1960 e 1970 para trabalhar na Suíça, França, Alemanha, Brasil ou Estados Unidos vêm engrossando o número de pessoas que moram atualmente ali, já que retornam destes países após serem contemplados com as suas aposentadorias por serviços prestados. Há casais de idosos que estão optando por passar parte do ano nas aldeias, principalmente as primaveras e os verões, nos quais o clima é ameno, em contraposição aos duros invernos em que a temperatura pode chegar a valores

negativos. Nesta época preferem ficar nas cidades onde *fizeram vida*, onde moraram durante muitos anos, mantendo ali família ou negócios.

Ao colocar os dados estatísticos da população residente nas aldeias na forma de uma pirâmide populacional, é possível observar que esta se encontra invertida, isto é, não há apenas pessoas jovens, sendo o grupo de maiores de 25 anos o que aglutina a imensa maioria das pessoas.

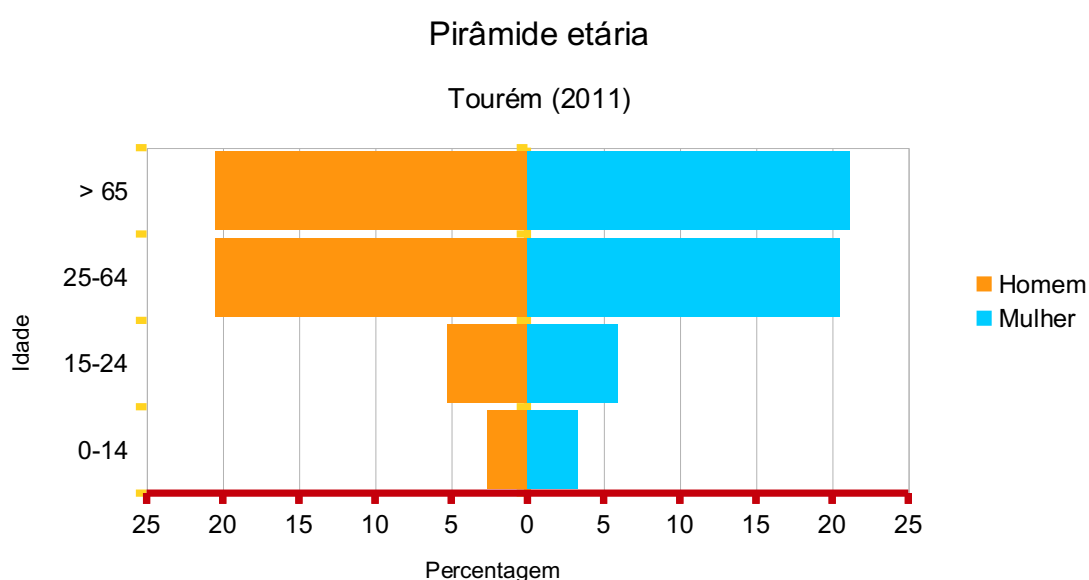


Gráfico 1 - Pirâmide Etária de Tourém

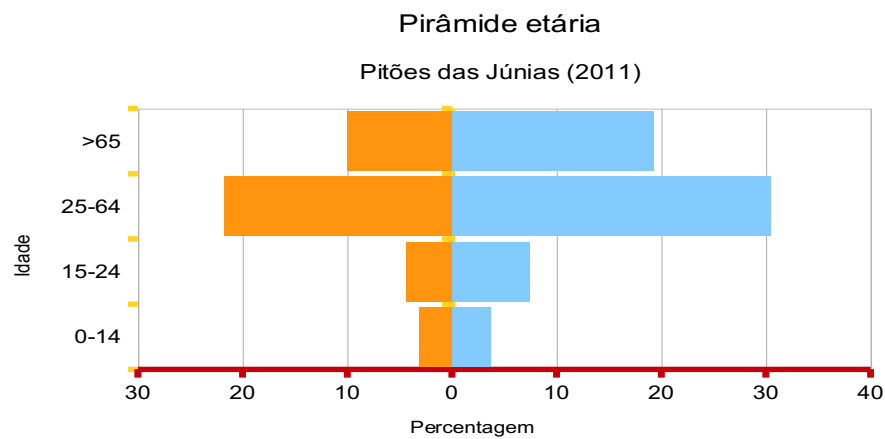
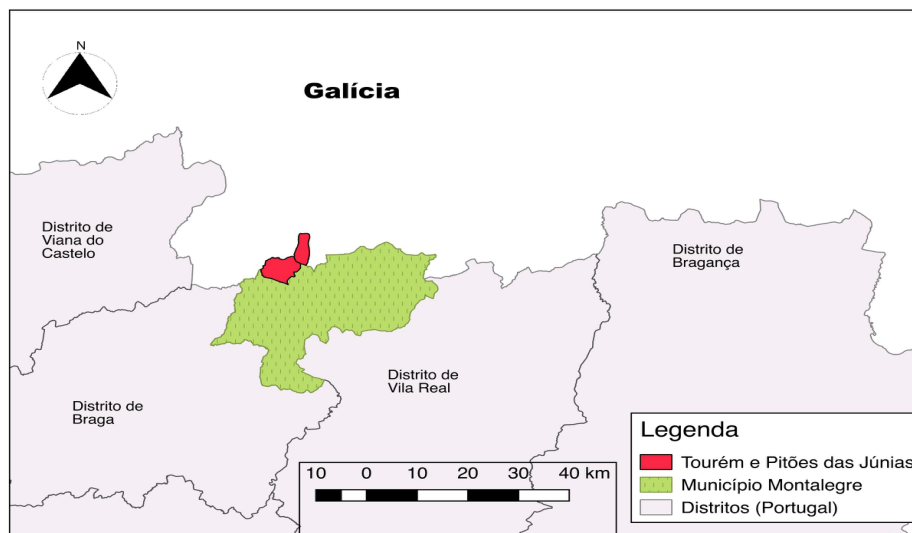


Gráfico 2 - Pirâmide Etária de Pitões das Júnias

Tourém e Pitões são duas aldeias que fazem fronteira com a Galícia (Espanha), como pode ser observado no mapa a seguir:

Mapa 2 - Distritos, Montalegre e Aldeias



Fonte: Elaboração do Autor

Fotografia 3 - Aldeia de Tourém vista desde a serra



Fonte: Autor, 2014

A aldeia de Tourém está situada ao pé da serra da Mourela, banhada pelo Rio Salas, a sua altitude aproximada é de 800m em relação ao nível do mar. Em Tourém moram aproximadamente 150 pessoas⁶ – a maioria idosos com mais de sessenta anos de idade. A população “ativa” se dedica principalmente à agricultura, tendo 15 explorações de gado (240 vacas), das quais quatro são geridas por pessoas com menos de 40 anos. Na aldeia, além das explorações agrícolas há um *café*⁷, uma produtora de *Fumeiro do Barroso*⁸, duas lojas de comércio geral, um produtor de mel, uma casa de turismo de habitação e um serviço de táxi. A fotografia 3 mostra a aldeia de Tourém desde a serra. Pode-se observar o coeso núcleo habitacional, algumas terras em volta das casas, mais ao fundo o Rio Salas e a ponte que dá acesso para as terras conhecidas como a Veiga.

Já a aldeia de Pitões das Júnias está situada no alto da serra da Mourela, a uma altitude de 1200 metros em relação ao nível do mar, tendo, portanto, um clima diferente de Tourém. Pitões é mais frio no inverno, tem mais dias de geada e de chuva por estar situada no alto da serra. Conta com aproximadamente 160 pessoas⁹, mais

⁶ Censo populacional Instituto Nacional de Estatística, 2011.

⁷ Nome como são conhecidos no país inteiro os pequenos estabelecimentos comerciais que há nas aldeias, vilas e cidades. São locais aonde se podem encontrar bebidas, café e alguns produtos de mercearias. São importantes pontos de encontro e sociabilidade.

⁸ Enchidos, presunto, linguiça e demais produtos obtidos a partir da carne de porco. O fumeiro do Barroso é um produto regional de suma importância económica. Vale frisar que desde 1982 vem-se desenvolvendo no Município de Montalegre uma feira anual que tem crescido nos últimos anos, por exemplo, em 2017 movimentou-se aproximadamente 3 milhões de euros (12 milhões de Reais) e quase sessenta toneladas desses produtos. Disponível em: <https://www.rtp.pt/noticias/economia/feira-do-fumeiro-de-montalegre-com-60-toneladas-de-enchidos-e-retorno-de-3-milhoes-de-euros_n977111>. Acesso em novembro de 2018.

⁹ Censo populacional Instituto Nacional de Estatística, 2011.

de vinte explorações de gado bovino, com número superior a vinte vacas, tendo sete agricultores com menos de quarenta anos, além de possuir duas explorações de ovino-caprino. Há na aldeia uma padaria que emprega mais de uma dezena de pessoas, três restaurantes, quatro cafés e quatro estabelecimentos de pernoite oficiais. Pitões conta com nove produtores de fumeiro, além de várias casas particulares que comercializam outros tipos de produtos como compotas, geleias, ervas para fazer chá e mel. Na fotografia a seguir, vê-se o núcleo habitacional de Pitões, e, ao fundo, a serra e debaixo das casas algumas terras.

Fotografia 4 - Pitões das Júnias desde o cemitério



Fonte: Autor, 2015

Os agricultores de Tourém e Pitões das Júnias (Montalegre, Alto Barroso, Alto Trás-os-Montes, Portugal), têm na produção de gado bovino sua atividade econômica principal. Os seus mercados principais são os locais, a forma de venda dos animais é direta. Cada unidade produtiva costuma ter uma relação com um *tratante de gado*, havendo um vínculo consolidado entre os compradores e os agricultores, o que não implica dizer que este elo não possa ser quebrado por qualquer uma das partes.

O Alto Barroso é um lugar onde a agricultura, a criação de gado e todos os trabalhos agrícolas vêm sendo objetos de estudos em diferentes áreas disciplinares e momentos históricos (Portela, 1991; Riveiro, 1997; Viegas Guerreiro, 1982; Lima Santos, 1992; Bordalo Lema, 1978; Lourenço Fontes, 1977). Ainda que suas abordagens se distanciem em função do campo disciplinar, dos olhares teóricos e dos objetivos com que se planejam as pesquisas, podemos afirmar que todas as áreas destacam a agricultura como centro da trama social das aldeias, de sua organização

social, assim como sua (re)produção. A agricultura é uma atividade historicamente consolidada naquela região (sistema agropastoril nos termos de Orlando Ribeiro (1991) e Jorge Dias (1953) que se encontra em contínua remodelação e reconfiguração dos sistemas produtivos, sendo estes determinados pela interação dos humanos com os animais, as terras, o ambiente, as políticas públicas e o turismo.

Desde o ano 2010, estou vinculado acadêmica e pessoalmente ao Alto Barroso, município de Montalegre, Província de Trás-os-Montes, Distrito de Vila Real, Portugal. Como pode ser observado no mapa 02 (em páginas anteriores) o campo de estudo está situado na fronteira Norte de Portugal com a Galícia (Espanha).

Fruto do trabalho realizado na aldeia de Tourém desde aquele ano, defendi em março de 2014 a dissertação de mestrado intitulada: “Usos e desusos das terras de Tourém: Transformações sócio-territoriais de uma aldeia rural fronteiriça entre a Galícia (Espanha) e Portugal¹⁰”.

O conceito de *terra* foi central na construção da dissertação de mestrado e acabou sendo o principal condutor do trabalho. Inspirei-me nos trabalhos que abordam a territorialidade como o processo de construção dos espaços de vida das pessoas (Pietrafesa de Godói, 2014a; Little, 2002; Raffestin, 1993; Haesbaert, 2004, Nogueira 2010) para abrir um processo dialógico com os termos e categorias locais. Entende-se a terra como uma categoria construída através de um processo intersubjetivo constituído e constitutivo da vida social em que o ambiente, o contexto e a situação definem o uso que se faz do termo.

Um dos sentidos que tem a categoria *terra*¹¹ é o de aldeia, lugar de origem, a *minha terra*, como se diz localmente. Define-se nesse sentido a terra como uma categoria contextual, que permite por um lado balizar/mapear/cartografar¹² e situar relações e pessoas no jogo social da aldeia, por exemplo, num movimento entre

¹⁰ Bolsa FAPESP processo número: 2011/04146-4. Em janeiro de 2018 a dissertação sob forma de ensaio ganhou o XXII Prêmio Vicente Risco das Ciências Sociais. O Vicente Risco se destaca por ser um dos certames mais antigos de premiação das Ciências Sociais da Galiza. Privilegia, mais especificamente, os trabalhos que tenham como foco de interesse as relações fronteiriças entre a Galiza e o Norte de Portugal. A premiação inclui a publicação do ensaio em forma de livro que manteve o mesmo título “Usos e desusos das terras de Tourém: transformações sócio-territoriais numa aldeia rural fronteiriça do Norte de Portugal”, Editora Dr Alveiros, um selo editorial da Fundação Vicente Risco, Allariz, (2018).

¹¹ Usarei o itálico para destacar as falas dos interlocutores e assim poder diferenciá-las das citações acadêmicas. Será destacado em itálico somente a primeira vez que aparece a categoria em cada capítulo para evitar contaminação excessiva do texto. Para as demais expressões serão usadas as aspas.

¹² Mapear no sentido que Deleuze e Guattari concebem em Mil Platôs (1997).

dentro e fora analisado por meio de expressões como: *filho da terra*; *neto da terra*; *nascido e criado na terra*. Da mesma forma como a terra marca o/um vértice ou lugar de projeção de uma origem, também é usada como uma categoria expansiva. As terras da aldeia chegam a todos e a cada um dos lugares onde um parente, um vizinho ou amigo se encontram, assim essas terras conformam uma miríade de territórios-rede conectados e articulados a partir da aldeia através da mobilidade das pessoas, das experiências, das narrativas e das relações pessoais.

Outra acepção abordada na dissertação e que continua sendo importante no trabalho do doutorado é a relação que os agricultores têm com a terra em sua componente mais prática, material, a terra como lugar produtivo. Assim, aproxima-se da terra enquanto aldeia referida linhas atrás, mas também enquanto meio de/da produção. A atividade econômica mais importante de Tourém e Pitões das Júnias é a criação de gado bovino num regime semiextensivo em que as vacas passam de outubro até março estabuladas – inverno – e os meses de verão (junho, julho, agosto e setembro) pastando pela serra. Quando o gado está estabulado, a maioria dos esforços dos agricultores centra-se nos cuidados cotidianos das vacas, como a alimentação, fazer as *camas*¹³ e dar de beber. Quando estão na serra o trabalho dos agricultores concentra-se em garantir o alimento das vacas para o inverno, no verão, buscam garantir um estoque e uma boa variedade de comida para que as vacas não percam peso no inverno. No dizer de Tina, uma agricultora de Pitões das Júnias: *de verão trabalha-se para o inverno* (conversa informal, janeiro de 2016).

Assim, há uma miríade de terras diferentes espalhadas ao redor do denso núcleo habitacional, conformando as aldeias, que as pessoas classificam em função de diversos parâmetros, por exemplo: regime de propriedade (comunal, como a literatura se refere ao *baldio*, em particular), em função da cultura (*lameiros*, *terras*, *hortas*) e, inclusive, pela sua localização (*serra*, *monte* e *veiga*). Essas nomeações não são de forma alguma categorias estanques, havendo possibilidades de mudança de nome, de cultivo e de certos direitos que têm: um lameiro é o lugar onde se semeia feno para as vacas, se o agricultor decidir semear uma horta naquela parcela, automaticamente aquele lameiro será nomeado como horta, não porque esteja localizada no território das hortas, senão porque ali existe uma. Ao mesmo tempo

¹³ Colocar estrato vegetal seco no estábulo em que as vacas dormem. Essa matéria vegetal em que as vacas urinam e defecam será a base do estrume com que adubam as terras.

existe toda uma série de normas que se aplica ao território e que interfere na sua gestão mais ampla: tipo de cultura semeada na terra (*afolhar*¹⁴), possibilidade de acesso à rede de canais de regadio no verão (*hortas, lameiros, terras*¹⁵), produtos obtidos ao longo do ano e lugar de extração (madeira para queimar na lareira, material vegetal para elaboração das camas do gado e criação de estrume) e uso dos *baldios* por parte dos diferentes animais (cabras, ovelhas e vacas principalmente).

Todos esses elementos-variáveis estão entrelaçados e combinados num sistema de equações, cujos resultados e possibilidades conformam um complicado sistema de direitos consuetudinários que são conhecidos pelos moradores e que são parte fundamental da organização social da aldeia. Parte desses elementos foi abordada na etnografia de mestrado.

O segundo eixo da dissertação focalizou os usos e desusos da terra. A mobilidade é um fenômeno que não se dá de forma linear e com um mesmo destino. A mobilidade enunciada através de distintas temporalidades é um elemento que vi na aldeia de Tourém de forma recorrente. Assim encontrei na aldeia expressões do tipo: *o tempo da África, o tempo do contrabando ou da guerra da Espanha*. Cada um desses marcadores temporais define com clareza um tempo e um território. Assim com o termo “África” sabemos que se referem a Angola, pois, através das histórias de família (Pina Cabral & Lima, 2005) consegui aceder ao conteúdo desses diferentes marcadores. Com a emigração acontece o mesmo: Brasil, Estados Unidos, França e Suíça são territórios conhecidos através da vivência própria ou dos parentes e vizinhos, e desses lugares se sabe muita coisa, além deles marcarem temporalidades determinadas.

¹⁴ *Afolhar* é um acordo praticado entre os proprietários das diferentes terras que compartilham um único acesso. Todas essas terras terão que ter a mesma cultura, pois dessa forma os tempos deles serão os mesmos. Temos uma *praza* (conjunto de terras próximas que detêm o mesmo nome) Z formada por três lotes A, B e C semeados de milho. O milho é semeado em maio, em junho e julho aplicam fungicida e em setembro se recolhe. Como os proprietários *afolharam* ninguém vai *pisar* o plantio do outro, pois o mesmo cultivo implica em que os cuidados serão os mesmos. Dessa forma evita-se que o proprietário de B decida semear centeio em lugar de milho, ele teria que fazer o plantio em setembro, *aporcar* (ação de cobrir os canais abertos no plantio) em outubro e no mês de julho-agosto o centeio seria recolhido com a *máquina de malhar* de grandes dimensões e que teria que de alguma forma “pisar” os cultivos dos demais.

¹⁵ Desde o 1 de julho até o 7 de setembro impera na aldeia um estrito controle das águas para irrigação das terras. Cada terra em função da superfície tem um número de horas determinadas num sistema de distribuição rotativo. Antes da data de começo as pessoas se reúnem à chamada Junta de Freguesia para realizarem a limpeza do sistema de irrigação da aldeia. Essa prática se conhece como o *Conselho*. As terras com feno não têm direito a receber água desse sistema, somente as terras com *fruto* é que tem direito, especialmente, as hortas, as batatas e o milho.

Com as terras de cultivo não é diferente. Houve um *tempo da batata de semente*, o *das vacas loucas*, e os *tempos de antes* quando tudo se fazia de outro jeito. Invocando a noção de arqueologia trabalhada por Clastres (2010) ou Ingold (2000), a expressão “usos e desusos das terras” traduziu algumas das inquietações colocadas pelos moradores da aldeia e que até hoje alicerçam a pesquisa de doutorado. Este trabalho tratará de aprofundar a relação que os agricultores têm com as terras, os conhecimentos mobilizados e a relação com o seu ambiente.

Após realizar essa etnografia no mestrado, com a entrada no processo seletivo do doutorado, decidi ampliar os horizontes da pesquisa de forma centrífuga, até a aldeia vizinha de Pitões das Júnias. Ao mesmo tempo em que houve um processo centrípeto no que diz respeito aos grupos sociais (Valcuende Del Rio, 1998) abordados. Passei a prestar atenção às reconfigurações sócio-territoriais da aldeia de Tourém, para, na tese, centrar o estudo nos camponeses das duas aldeias.

Este pode ser um exemplo dos conhecimentos cruzados que unem uma aldeia à outra via as narrativas. Até o ano de 2015, fiz pesquisa de forma exclusiva com os agricultores de Tourém, o que não implica que não soubesse nada de Pitões das Júnias, todo o contrário. Várias pessoas que moram em Tourém nasceram em Pitões e pessoas nascidas em Tourém moram hoje em Pitões. A família de Venâncio — agricultor de Tourém de aproximadamente oitenta anos, pessoa com quem mais tempo passei ao longo de meu trabalho de campo — divide-se entre as duas aldeias. Venâncio tem quatro filhos dedicados à agricultura, dois em Tourém e os outros dois em Pitões. A proximidade com a família de Venâncio e as numerosas vezes que encontrei seus filhos de Pitões e de Tourém à mesa foram espaços privilegiados que me ajudaram a entender que o sistema agrícola era similar, mas havia diferenças. Essa relação tanto com o período de pesquisa na aldeia, quanto com as observações e as conversas, foi sedimentando a intenção de ampliar o campo de estudo para Pitões. E assim, com o decorrer do tempo, essa ampliação de fato se deu.

Os agricultores que, até a atualidade, mantêm uma unidade produtiva agrícola familiar são o grupo social com o qual realizei o trabalho de campo nas aldeias. Mais concretamente, como será delimitado adiante, com os agricultores que têm uma unidade produtiva estabilizada. São agricultores que sustentam sua *exploração*, como se diz nas aldeias, com a força de trabalho de um casal principalmente, ainda que não exclusivamente. As configurações sociais das unidades produtivas serão alvo de um esmiuçamento analítico próprio, pois além de prestar atenção à forma como se

distribuem os esforços ao longo do ano entre homens e mulheres, ganham relevância as máquinas e o *encabeçamento*¹⁶ da unidade produtiva. As variáveis humanos-animais-terras-meios de produção serão combinadas com o intuito de poder definir, balizar e categorizar as unidades produtivas em função do momento em que se encontram atualmente. Ancorado nas formulações de Cardesín (1992), define-se e diferenciam-se as unidades produtivas em estabilizadas, regressivas e emergentes. Os parâmetros foram combinados a fim de obter uma tipologia de unidade produtiva para, assim, afirmar que neste estudo foram privilegiados os agricultores com as explorações estabilizadas. Diz-se dessas explorações que elas não têm um futuro imediato ameaçado, estão atentos à renovação de processos produtivos e não existe uma grande preocupação com a reprodução da unidade produtiva.

Em decorrência dessa ampliação do campo de pesquisa da aldeia de Tourém para a de Pitões, estando amparado na pesquisa de campo realizada no mestrado em Tourém, a ida para Pitões foi uma experiência de contrastes e complementaridades. Ser conhecedor do sistema agrícola de Tourém possibilitou uma análise do sistema agrícola de Pitões através de exercícios de comparação, de extensão e de complementaridade.

O sistema agrícola (ou sistema produtivo), enquanto uma atividade produtiva decorrente da relação que humanos-animais-terras estabelecidas num determinado meio, é uma combinação de muitas variáveis. Dessa forma, o conhecimento do sistema agrícola de Tourém, que me foi ensinado ao longo dos anos de pesquisa, permitiu-me rapidamente estabelecer parâmetros de comparação entre os dois sistemas agrícolas e uma compreensão maior do sistema como um todo. Comecei observando as diferenças na forma de alimentar o gado, a hora em que saem com as vacas para pastar nos lameiros ou baldios, como o sistema de uso comunitário da água tinha sido finalizado em Pitões, a importância da geografia das aldeias, a proximidade às aldeias galegas que podem ser cultivadas etc.

Não diria que este estudo seja comparativo, nem generalista, pois é um estudo concreto, etnográfico de duas aldeias, de dois sistemas agrícolas diferentes e complementares, próximos e distantes. Optei mais por uma perspectiva complementar, problematizando de que forma a experiência prévia de trabalho de

¹⁶ O encabeçamento é o número de cabeças de gado que cada unidade produtiva tem. São contabilizadas nessa categoria exclusivamente as fêmeas reprodutoras, ficando de fora da conta os bois reprodutores e os vitelos.

campo em Tourém possibilitou uma análise como aqui apresentada de ambas as aldeias. Ao passar do mestrado para o doutorado, Pitões veio a complementar questões de Tourém, e Pitões fez-me voltar a Tourém para redescobrir aspectos de lá. Daí que a paisagem, os diferentes cultivos, os hábitos alimentares das vacas, as *vacarias*¹⁷, os tempos dos produtores começaram a ganhar sentidos antes desconhecidos. Uma vez que os agricultores de Pitões souberam do meu passado na aldeia de Tourém enquanto pesquisador e questionados por mim acerca do seu sistema agrícola, uns e outros começaram a esboçar esse quadro complementar. Umas vezes operacionalizado através da comparação concreta, outras por meio de uma generalização determinada. O quadro do sistema agrícola foi sendo desenhado pelas narrativas, pelos tempos e experiências vivenciadas com os agricultores de uma aldeia e da outra. Dessa forma o estilo narrativo desta tese será oscilante, às vezes usando as comparações de aspectos concretos, outras procurando os elementos comuns do sistema agrícola.

A opção de estudar o sistema agrícola enquanto um sistema de conhecimento mobilizado no trabalho dos agricultores parece uma abordagem interessante, pois qualquer semelhança ou diferença encontrada em campo já serve de elemento contrastivo à experiência anterior. O fato de ampliar os horizontes da pesquisa para o sistema agrícola permitiu observar elementos que estavam obscurecidos no trabalho anterior. Assim concordo com Calavia acerca de sua visão de método:

O método é um alterador da teoria, o recurso que inutiliza um dos pés da teoria para que ela só possa andar no campo se apoiando no que lá se encontra. E isso, de um modo que se prolonga desde o planejamento inicial da obra até a sua elaboração final e divulgação (Calavia Sáez, 2013:52)

Como pode ser observado nos momentos em que abordo, por exemplo, o cultivo do milho, a experiência de ter ido para Pitões foi crucial, pois, de alguma forma, descobri aspectos do sistema agrícola que me obrigaram a realizar uma viagem de volta fazendo um esforço relacional que não se dava a priori. Se há um pensamento comum local que diz que a agricultura praticada em Pitões e Tourém é a mesma a grandes traços (criação de gado, cultivo de feno, batata, milho e centeio, produtos

¹⁷ Edifícios agropecuários onde pernoitam as vacas guardam as máquinas e o alimento do gado.

hortícolas, alimentação, etc) os agricultores de Tourém também afirmam que as terras de Pitões são mais duras de trabalhar, ou seja, eles mesmos reconhecem aproximações e diferenças. O que se pode afirmar é que a ampliação do campo de pesquisa para a aldeia de Pitões deu uma profundidade analítica importante, iluminaram-se outros processos em andamento, outras narrativas que colocaram a necessidade de relativização de uma realidade mais conhecida.

Pitões é Pitões, Tourém é Tourém, assim contundente se mostrava Patorro (agricultor de Pitões das Júnias) quando conversávamos acerca das diferenças e semelhanças entre uma aldeia e outra. O marco referencial da conversa é o seguinte: eu sabia que em Tourém havia agricultores como Adriano e Venâncio que tinham começado a semear novamente trigo e lhe perguntei a Patorro se em Pitões havia alguém que semeasse de novo trigo. Abaixo transcrevo tal trecho do diálogo:

Patorro: *Aqui a terra é de centeio (...) o melhor de Portugal*, concluía.

Diego: mas em Tourém também semeiam centeio.

Patorro: *nem se compara o centeio de aqui com o deles. O nosso é melhor. Tourém dá bom milho, Pitões é terra de centeio.*

Há uma esfera comum de pensamento que aglutina os agricultores e suas diferenças. Constitui-se enquanto uma verdade socialmente aceita, passando a ser relevante para o estudo. Ainda que seja Pitões, terra de centeio os agricultores semeiam milho, reconhecendo que as terras de Tourém são melhores para o milho. Com base no mesmo raciocínio, se as terras de Tourém são melhores para o cultivo de milho do que centeio, ainda assim os agricultores de Tourém consideram o centeio um cultivo relevante e, por isso, está presente na aldeia. Não pretendo solucionar esse dilema que se coloca em campo, pretendo analisar as dinâmicas de trabalho e mostrar as diferentes racionalidades e os processos reflexivos que se encontram por trás do sistema agrícola.

I. II Agricultores como grupo social

A fim de poder continuar com a análise optei por fazer uma diferenciação por grupos sociais, entendendo-os como “um número determinado de membros que mantêm alguma forma de interação esperada entre si – quando não em termos de direitos e obrigações” (Mayer, 2010:127). Depois de sistematizar os dados obtidos em campo e de aplicar às narrativas diversos filtros, decidi dividir socialmente a população

em dois grandes grupos: os que moram na aldeia (moradores ou vizinhos) e os migrantes. Godinho afirma que:

as unidades de análise, dilatadas, podem plasmar-se sobre os campos sociais, no sentido que lhes deu Bourdieu, ainda que passíveis de segmentação por comodidade heurística, atendendo à diferenciação dos grupos no seio duma sociedade. (2011:96)

Assim, além de usar essa fórmula por comodidade heurística, essa diferenciação e subdivisão social refletem, de alguma forma, a configuração social da aldeia. Vi ao longo do trabalho de campo que era preciso realizar outra subdivisão, neste caso, interna às aldeias, entre os moradores. Considera-se que aposentados, agricultores e comerciantes seriam outra divisão necessária. Coloquei aposentados e agricultores em primeiro lugar pela representatividade numérica de ambos os grupos, e também por sua relativa proximidade nos papéis sociais, pois os aposentados, ainda que não fosse a vida inteira, tiveram um vínculo com a agricultura. Em relação ao grupo chamado de comerciantes, trata-se de uma divisão interna, mas extremamente fluida. Se considerar como comerciantes os donos de pousadas, hotéis, restaurantes, cafés, lojas e outros estabelecimentos de pernoite, a metade deles tem em casa um agricultor.

Os agentes¹⁸ comerciais propriamente ditos, que não têm vinculação alguma com a agricultura têm uma proximidade maior com os migrantes e, poder-se-ia dizer, continuando nas palavras de Pina Cabral (1986), compartilham uma “visão de mundo” mais próxima dos migrantes do que dos camponeses. Têm uma incidência maior na vida social e política da vila, aproximam-se dos discursos de desenvolvimento rural e patrimonialização, assim como se aproximam também da burguesia, na classificação usada por Pina Cabral (1986).

Não estou, com esta subdivisão, querendo encerrar as pessoas em categorias, nem que as consideradas dentro de um grupo respondam a um mesmo padrão, a

¹⁸ Falo aqui de agente devido principalmente a sua atuação como “broker”, como no caso da burguesia referida anteriormente por Pina Cabral, os comerciantes são hoje parte integrante de disputas político-sociais que extrapolam o espaço social da aldeia e que têm mais ecos em Lisboa do que ali. São pessoas que tiveram uma passagem por Lisboa, mas, diferentemente dos agricultores, tiveram acesso a estudos universitários e o regresso à aldeia foi justificada por nós como uma oportunidade de vida, seja assumindo um taxi familiar ou se responsabilizando por parte do negócio de seu pai.

tentativa é entender essas formações grupais como heterogêneas, diversas e conflitantes, fruto da interação social. Para Valcuende del Rio:

los grupos sociales se crean en relación a las distintas correlaciones de fuerzas que pugnan en el seno de un colectivo concreto, y en función del papel que juegan unos colectivos en relación a los otros (en otras palabras, por un lado tenemos una estratificación del colectivo global en relación a otros colectivos) (1998:64)

Tampouco estou propondo que essa divisão “dentro – fora” implique uma noção de comunidade igualitária com as mesmas colocações, opiniões e sem conflitos. Ela responde a um recurso metodológico e analítico e deve corresponder à estratificação social das inter-relações sociais que são estabelecidas no *locus* da pesquisa. Consideramos ser representativa essa divisão social porque assim é mostrado pelos próprios agricultores, que se dizem como tal e não usam outra categoria.

I. III Metodologia de pesquisa de campo: uma breve reflexão

Entendo o trabalho do pesquisador enquanto uma abordagem que precisa ser sincrônica e diacrônica ao mesmo tempo. Realizei essa análise do sistema agrícola atual levando em consideração o passado, dando importância aos processos de arraigamento das espécies, às configurações dos sistemas agrícolas anteriores. Por outro lado, a nossa análise e experiência de campo está necessariamente ancorada num tempo presente. Concordamos com Pietrafesa de Godoi, quando afirma que:

trabajar-se-á na interseção de duas abordagens: a diacrônica, procedendo a um estudo em profundidade histórica, através da memória social, de documentos cartoriais e historiográficos; e a sincrônica, com o estudo em profundidade do tempo presente, através do registro etnográfico das práticas e concepções camponesas. (1999:28)

Essa conjunção de tempos (passado e presente) na prática agrícola atual é um desafio metodológico que enfrentei desde que realizei pesquisa de campo nas aldeias. Se a experiência é concreta do presente, as balizas e valorações pontuais sempre são realizadas tendo como referência o passado, o acúmulo de informação.

Venho usando desde o mestrado as histórias de vida e de família como uma

metodologia que permite atingir eventos e momentos relevantes para a organização social de determinado grupo ou indivíduo. Concordo com Pina Cabral e Pedroso Lima quando afirmam que através das histórias de família:

(...) tornamos visíveis as transformações ocorridas entre as gerações. A comparação dos materiais empíricos provenientes de diversas histórias de família permite-nos uma compreensão densa de contextos sociais a que não poderíamos aceder de outra forma. Assim, sob o pretexto de elaborar a história de família, o antropólogo tem a possibilidade de fazer uma verdadeira incursão etnográfica ao universo relacional, referencial e existencial dos numerosos sujeitos envolvidos nos relatos egocentrados. (2005: 365)

Dessa forma, adentrar nos meandros de cada família, de cada unidade produtiva é submergir-se em um mundo de racionalidades diferentes, configurações outras e experimentações próprias. Não considero que as histórias de família tenham de forma alguma um poder maior em explicitar as transformações entre as diferentes gerações. As histórias de vida refletem contextos mais amplos e um maior número de pessoas que a história individual ou particular.

Concordando também com a proposta de Piscitelli (1993) acerca das histórias de vida, acredito que estas também nos deixem portas abertas a uma história mais longitudinal pensando no tempo como processos e caminhos de vida, ao mesmo tempo em que aportam dados muito ricos enquanto processos transversais, eventos que atravessam, diametralmente falando, a vida das pessoas e que são incorporados numa espécie de memória coletiva (Hallbwachs, 2006). Para Piscitelli, a riqueza das histórias de vida

(...) reside em outorgar um lugar de privilégio à experiência vivida, em sentido longitudinal, e em possibilitar a integração de percepções individuais e pautas universais de relações humanas, através de articulações temporais. Neste sentido, o trabalho sobre as experiências dos sujeitos é fundamental para a compreensão dos atores a partir de seus próprios pontos de vista e para a compreensão de processos sociais mais amplos que os indivíduos (1993:153).

Assim, acompanhei os agricultores em seus dias de trabalho ao longo dos vários meses em que permaneci nas aldeias, realizando todas as atividades com eles, caso fosse de utilidade, e caso não, mantendo-me próximo, observando e tentando registrar seus gestos e ações. As conversas fluem ao longo do dia e as ações passam

a ser interpretadas em chaves mais longas, processuais.

Como os agricultores gostam de conversar de agricultura, querendo indagar e aprofundar mais acerca do sistema agrícola, é que começaram a surgir os parâmetros. As mudanças e transformações dos sistemas agrícolas, a importância (sempre relativa) da introdução das máquinas, os sistemas produtivos pontuais e demais problematizações.

A vinculação extensa com as aldeias e as sucessivas experiências geraram as hipóteses acerca dos processos estendidos no tempo, da autonomia dos camponeses, além de fazer pensar a importância crucial do sistema. Uma volta aos registros fotográficos, entrevistas e diários de campo permitiram adentrar um universo de signos e significados que não tinha sido explorado. Foi assim que pensei a construção desta tese, enquanto um processo que permitisse ao leitor se aproximar do sistema, não todo, sempre parcial, sistema agrícola aberto, mas sistema no fim das contas.

As fotografias ganharam especial interesse ao longo do processo, pois, foi sua análise tardia que revelou as formas de classificação, acumulação e uso, que não tinha sido registrado previamente, do milho, por exemplo. Foi acompanhando os agricultores e após a observação sistemática da dinâmica de trabalho é que conseguimos observar que Adriano (agricultor de Tourém) produzia uma mistura de sementes de *milho país*¹⁹ e *híbrido*. Em sua fala aparecia somente que semeava milho híbrido, no entanto, seguindo Adriano vi como ele fazia uma seleção dos tipos de milho: uns iam para as vacas e outros não eram comidos pelos animais. Uma vez perguntado de forma explícita e no ato de classificação Adriano confirmou que o país era separado para poder ser usado como semente no ano seguinte. Essa apreciação foi a base de um desenvolvimento da tese até aquele momento inesperado e a abertura de processos que não tínhamos sequer vislumbrado.

Acompanhando os agricultores e tentando desvendar a forma como as máquinas foram chegando às aldeias, analisando as pessoas envolvidas, é que percebi a importância que tem naquele contexto e, portanto, também para este trabalho, a noção de processo, que para Ingold (2015:235) é uma relação imanente à vida, oriundo da ação de processar. O autor a define “Como a própria vida, não

¹⁹ Tipos de milho semeados na região. O milho país como veremos tem a sua origem conhecida através das relações de amizade ou de parentesco. Já os híbridos são comprados aos comerciantes locais e provêm de empresas de capital internacional como a Pioneer por exemplo.

começa aqui ou termina ali, mas está “acontecendo continuamente”. Esse tempo desbalizado, contínuo, dinâmico que é a vida nas aldeias me ajudou a pensar as mudanças como contínuas.

Não entendo a mecanização como imposições bruscas e que provocam rupturas com um sistema agrícola diferente, que poderia ser pensado como “tradicional” com todas as ressalvas acerca do termo. Ao contrário, encontrei nas narrativas das pessoas envolvidas prudência ao se aproximar de novas tecnologias, períodos de testes coletivos ou individuais, avaliação da importância relativa dessa modificação dentro do conjunto do sistema agrícola, ratificando a importância da noção e funcionamento do sistema. Um processo de aproximação sensível, lento, crítico que mobiliza uma série de elementos que se encontram ancorados na memória social do grupo de agricultores e que balizam a avaliação e os testes dessas novas tecnologias através do *trabalho*.

Uma terceira fase, após a aproximação, aprovação e introdução de uma determinada tecnologia no sistema agrícola local, seria um novo processo técnico, uma reformulação da máquina, uma tentativa de usar em outras condições, sempre parametrizado em leituras locais. Assim a noção de “bricoleur” conforme apresentada por Lévi-Strauss (1989) nos inspira para abordar esse processo contínuo de avaliação. A reflexividade constante como parte indispensável de uma atividade viva, como parte indispensável do trabalho do agricultor. Desde o momento em que a máquina é assumida enquanto um elemento a mais da cadeia produtiva, os agricultores começaram seu trabalho de reformulação, procuraram novas formas produtivas, usos e utilidades. É a partir dessas observações que me aproximo da noção de “bricoleur” de Lévi-Strauss (1989).

O trabalho de campo foi realizado com os agricultores das aldeias. Sem marcar roteiros previamente definidos, a dinâmica de trabalho em campo começava no *café*. Os cafés são os lugares onde os agricultores se encontram de manhã cedo antes de ir à vacaria. Não são todos que o fazem, mas como meu segundo café era de fato no *café*, ali os encontrava pela primeira vez no dia. Deste espaço partia a minha dinâmica de trabalho. Se eu encontrava Adriano, já ia com ele. Se no caso encontrasse o Tono, este seria o da vez e assim por diante. Tratava de acompanhá-los sempre, claro, com prévia autorização explícita e questionamento de não atrapalhar o dia deles. Dessa forma, elaborei algumas classificações que já foram importantes para este trabalho,

mas que foram analisadas mais minuciosamente, através de dados sistemáticos obtidos do levantamento histórico das condições de produção, máquinas, chegada de cultivos, vacas etc.

I. IV Apresentação da pesquisa e trabalho de campo nas aldeias

Em dezembro de 2015 fiz duas consultas na aldeia acerca do aceite do projeto de doutorado. Fiz uma apresentação oral em cada uma delas, na *casa do povo*²⁰, anunciada com uma semana de antecedência através da colagem de cartazes nos lugares mais representativos de cada localidade, onde se penduram as normativas aprovadas pelas autarquias, o número de horas de cada *regante* ou as pessoas que faleceram recentemente, notificando o lugar do velório e sepultamento. Fiz uma pequena apresentação da dissertação de mestrado e na sequência apresentei o projeto de pesquisa de doutorado e os desdobramentos das estadias em campo. Não houve questões acerca da natureza da pesquisa, somente aceitaram e ficaram felizes que eu continuasse trabalhando por lá. Os questionamentos que surgiram foram respondidos e a grande maioria das pessoas que se deslocaram até a *casa do povo*, argumentaram que esse tipo de estudo era importante para manter viva a história das aldeias.

Depois de aprovarem a minha pesquisa em 2016, passei os meses de janeiro e fevereiro realizando trabalho de campo, principalmente na aldeia de Pitões das Júnias. Devido à proximidade de uma em relação à outra, o fato de morar em Pitões não me impediu de continuar com a pesquisa em Tourém.

O exame de qualificação aconteceu no mês de julho de 2017 e logo após comecei uma bolsa sanduiche de quatro meses (julho – outubro) com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) na Universidade de Santiago de Compostela. Ali, fui acolhido no grupo de Pesquisa HISTAGRA (Grupo de Pesquisa de História Agrária e Política do Mundo Rural, dos séculos XIX e XX) sob supervisão do Catedrático de História Contemporânea Prof. Dr. Lourenzo Fernández Prieto.

²⁰ Edifício que sedia a Junta de Freguesia, onde os moradores locais exercem seus direitos de voto para as eleições locais, municipais e nacionais, bem como assembleias e reuniões do Conselho Diretivo dos Baldios e outras questões referentes à aldeia.

A bolsa sanduiche me permitiu continuar realizando pesquisa de campo nas aldeias nos meses de verão em que a Universidade não tinha atividades e acompanhar, nos meses de Outubro e Novembro, as reuniões do Grupo de Pesquisa. Dessa forma passei três meses a mais morando nas duas aldeias: julho, agosto e setembro de 2017.

Nesse tempo de doutorado, como uma clara extensão do mestrado, proponho estudar o sistema agrícola a partir das relações entre humanos-animais-plantas-terras nas aldeias de Tourém e Pitões da Júnias. No processo de amadurecimento observei como as pessoas dessas aldeias gerenciam as explorações envolvendo mais coisas do que só a produção. O sistema agrícola está permeado em uma trama de relações que envolve casas, terras, animais e plantas.

Pietrafesa de Godoi (1998) usa a expressão “sistema do lugar”, referindo-se à forma como as pessoas são incorporadas ao grupo social. Neste caso o sistema do lugar é também útil para pensar os agricultores, os conhecimentos, as práticas.

Subjacente a essa formulação teórica, os conceitos serão apresentados, problematizados e aproximados ao universo de investigação no decorrer das páginas. Por isso, a estrutura da tese responde a essas variáveis sempre embaralhadas pelas narrativas, pelas múltiplas racionalidades e estratégias adotadas por cada unidade produtiva.

Para dar conta das questões que o campo suscita, a tese está estruturada em sete capítulos. O primeiro é uma revisão teórica de conceitos-chave aqui utilizados. Inicio fazendo uma discussão sobre a noção de sistema, sistema agrícola e sistema agrário. Nessa revisão teórica, o contexto da pesquisa é abordado. A noção de sistema implica numa definição de fronteiras, de modo que existem as variáveis internas e as variáveis externas ao sistema. Assim, os mercados abastecidos pelos agricultores, as políticas públicas e, mais do que isso, o histórico dos mercados e das políticas públicas ajudaram a definir um universo social, econômico e político.

No segundo capítulo, é hora de trazer o universo social produtivo, as unidades produtivas familiares, as casas camponesas. A casa enquanto unidade social elementar (Pina Cabral, 1986) ampara em seu interior múltiplas configurações. A casa camponesa é uma congregação de pessoas, animais e terras em que as estratégias de produção são definidas e abordadas enquanto uma unidade. Cada uma delas possui as suas próprias racionalidades, as suas estratégias e configurações.

Foi necessário realizar uma categorização das unidades produtivas, visando

iluminar o cenário social em que se desenvolve a pesquisa. Quais são os tipos de agricultores, de que forma trabalham, quais os sistemas mecanizados de que dispõem, quantas vacas há etc. Dessa forma, através das unidades produtivas, acede-se a uma configuração cada vez menos homogênea, começando a aparecer as diferentes racionalidades e modelos de gestão de pessoas, além dos animais e terras de cada sistema. Ganhando relevância os saberes, as possibilidades produtivas e as várias combinações, ficando num segundo plano, a noção de sistema, apesar de informar o estudo. As unidades produtivas não estão paradas no tempo e, portanto, faz-se necessário entender a situação contextual, o histórico de cada uma delas. Da mesma forma como afirmado por Chayanov (1985) cada unidade produtiva tem que ser entendida enquanto uma metáfora da vida, com seus próprios ciclos, tanto produtivos quanto reprodutivos, que definem e permeiam o como e o porquê de cada uma. Finaliza-se esse segundo capítulo com breves considerações acerca da não equiparação dos sistemas produtivos das aldeias, a partir da qual se ratifica a complementaridade metodológica defendida aqui na observação e análise.

Após as unidades produtivas e sua gestão, começa-se a esmiuçar as terras. Primeiro, os humanos, suas configurações e meios de produção, e depois as terras. Sigo as formulações de Vergílio Taborda (1932) e Orlando Ribeiro (1991), dois dos maiores estudiosos do Alto Barroso, que definem as aldeias como aglomerações de casas rodeadas de terras baldias. Dessa forma o baldio é um elemento constituinte da paisagem e forma parte do sistema agrícola, pois lá é o lugar onde as vacas pastam grande parte do ano. A relação entre humanos-terras-animais começa a ser esboçada, afinal são os animais que pastam no baldio.

O conhecimento do território é definido pelas múltiplas interrelações que estabelecem humanos e animais com/no território. E se tratando de uma sociedade agropastoril, como defende Orlando Ribeiro e muitos outros estudiosos da região, emerge novamente a noção de sistema. Como é que na atualidade os agricultores em seu sistema produtivo combinam as terras conhecidas historicamente? Como as terras e os lugares de pastoreio permitem definir lugares de projeção a partir da casa? Assim a territorialidade (Pietrafesa de Godoi, 1999) enquanto processo de construção dos espaços de vida das pessoas ganha relevância. Numa trama de ida e volta, das terras de uso comum pastoreadas pelo gado, chega-se de volta à casa, à unidade produtiva, à família, ao momento atual. O histórico das pessoas, dos animais e da

exploração define e permeia o que atualmente fazem os agricultores, mas esse atual é revelador de todo um processo que envolve múltiplas trajetórias de vida, muitos processos.

Inspirados na revisão processual das agriculturas do mundo formulada por Mazoyer e Roudart (2010), o sistema agrícola de Tourém e Pitões é fruto de uma série de (re)configurações produtivas das terras. Assim os lameiros são o objetivo central do quarto capítulo. A sua importância no sistema agrícola local é destacada tanto nos trabalhos de Orlando Ribeiro e Taborda, quanto nos dos engenheiros agrônomos que os situam, conjuntamente com os baldios, enquanto os elementos centrais do sistema agrícola local (Teles, 1970; Vieira et al., 2000; Pires et al., 1994). Neste caso, ao ressaltar a importância que tem e as suas reconfigurações na paisagem das aldeias, abordo também a estima que levantam, os afetos que atravessam várias camadas, entre o agricultor e as suas terras. O número de lameiros sempre é maior do que os das terras, o feno é o cultivo mais visível nas vacarias e a sua importância é sentida nas falas dos agricultores que balizam a produção das culturas e o feno, sua importância no sistema é fundamental.

O quinto capítulo se detém sobre as terras, o lugar onde semeiam os frutos. Outros nomes, outras culturas, outros tempos, outras especificidades e o processo ganhando relevância dentro do sistema agrícola. A paisagem enquanto um aspecto que está em contínua transformação, os muros das terras e os acessos, as práticas de afolhar ajudam a balizar as diferentes transformações e suas temporalidades. Termino fazendo uma menção ao que seria o mercado de terras, como estas se movimentam entre as famílias e as pessoas através de redes que não necessariamente respondem às formulações mercadológicas, como mercadorias.

O sexto e sétimo capítulo podem ser pensados em conjunto. O primeiro sobre a chegada dos cultivos e a forma como foram incorporados ao sistema agrícola local, os *frutos*: centeio, batata e milho. Assim, são analisados cada cultivo em particular e a sua importância dentro do sistema agrícola local. A seguir no último capítulo são colocados sob o foco de análise a importância do sistema. Como a mecanização foi sendo introduzida, quais as mudanças e reconfigurações que algumas dessas *alfaías*²¹ trouxeram e a gestão que se faz de cada cultivo. Por fim, apresento uma reconfiguração do sistema produtivo: como é que o milho, pode ou está sendo

²¹ Ferramentas agrícolas.

avaliado por alguns agricultores. Como experimentam outros cultivos e como desenham estratégias em que esse cultivo possa ser deslocado.

Por fim, as considerações finais fazem um esforço de fechar o argumento da tese. Por um lado, mostrar como através da relação que os agricultores, as casas, as plantas e as vacas têm pode ser pensado o sistema agrícola através do conhecimento. A reflexividade, a sensibilidade e a atenção que os agricultores têm com os demais elementos do sistema, que, apesar de estarem dentro de uma noção de sistema, encontram-se sempre abertos a novas formulações. As configurações pontuais de cultivos, animais, força de trabalho não são fixas, o dinamismo, o processo e as temporalidades remarcam a centralidade do sistema e as possibilidades de reformulação.

Capítulo 1: O sistema agrícola de Pitões das Júnias e Tourém

A intenção deste capítulo é aproximar as noções de sistema agrícola às terras de Tourém e Pitões das Júnias. Para tal fim, apresento dois movimentos internos que são depois subdivididos em mais dois. O primeiro é uma análise da importância que a noção de sistema ganhou dentro das ciências sociais. No segundo, apresento uma revisão teórica acerca da noção de sistema agrário, para me afastar definitivamente desse conceito, pois este trabalho está pensado através da noção de sistema agrícola. Autores como Van der Ploeg (2008), Mazoyer e Roudart (2009) e Laure Emperaire (2010), ajudam com as suas formulações a balizar teoricamente a noção de sistema agrícola e permitem situar o campo de pesquisa dentro dessa problemática.

Assim, fez-se necessário abordar os mercados atendidos pelos agricultores, as políticas públicas que vêm da União Europeia e a importância do Parque Nacional, que ajudou a definir qual é o sistema que opera e como ele opera no Alto Barroso. O mercado é um fator extremamente importante para a precisão conceitual, conforme proposto por Van der Ploeg (2008) e que ajuda o autor a diferenciar os camponeses dos agricultores. Em função do diálogo travado com Van der Ploeg (2008) e o conceito de recampesinização que ele define para o contexto europeu, as questões mais teóricas passam a ser iluminadas com dados do trabalho de campo. Dessa forma, realizo a transição do sistema agrícola enquanto questão teórica para as relações concretas de conhecimento. Esse será o segundo bloco do capítulo: como é que todo o sistema agrícola pode ser pensado como um diálogo que envolve o território ou a paisagem enquanto uma relação específica que os agricultores têm/estabelecem com o seu território e ambiente.

1.1 O sistema agrário enquanto questão teórica

A teoria dos sistemas foi ganhando espaço frente às formulações cartesianistas ao longo do século XX. Segundo Miguel et al. (2009), a impossibilidade de explicação de fenômenos naturais complexos vieram a explicitar os limites da abordagem analista-cartesiana, emergindo na primeira metade do século vinte a abordagem

sistêmica. Miguel, Mazoyer e Roudart (2010), problematizam a diferenciação dos sistemas agrários e suas dinâmicas próprias. A relevância dessa noção de sistema para os autores fica clara através de sua obra: “A história das agriculturas do mundo: do neolítico à crise contemporânea” (2010).

A teoria dos sistemas é uma formulação que chega às ciências sociais procedente das ciências exatas (Almeida, 2008:1). A importância da noção de sistema radica na possibilidade de isolamento de um corpo, um objeto que será o alvo de estudo. O que se procura com o isolamento é buscar entender o seu funcionamento, num determinado tempo e espaço, prestando atenção às relações internas, externas e aos intercâmbios que surgem entre o dentro e o fora. A teoria dos sistemas aplicado ao campo da agricultura ou da produção agrícola é conhecido como sistema agrário (Mazoyer et al., 2010).

A primeira aproximação ao conceito de sistema agrário, nas ciências sociais, vem da geografia, na metade do século XX, após a segunda guerra mundial. Daí em diante essa abordagem de sistemas começa a ganhar novos horizontes. São determinantes dois processos fulcrais e globais para as agriculturas do mundo, como a revolução verde e os processos de desenvolvimento agrícola.

A teoria dos sistemas agrários é “o instrumento intelectual que permite apreender a complexidade de cada forma de agricultura e de perceber, em grandes linhas, as transformações históricas” (Mazoyer et al. 2010:71). As primeiras formulações de sistemas agrários vieram da geografia agrária que: “considera o sistema agrário como sendo um objeto e análise e observação que é o produto das relações, em dado momento e em dado território, de uma sociedade rural com o seu meio” (Miguel et al., 2009:19).

Uma análise do sistema agrário privilegia as diferentes formas de agricultura, numa escala regional e atenta para as configurações históricas e suas transformações. Aproximar-se da noção de sistema implica na necessidade de definição de limites, fronteiras:

analisar e conceber um objeto complexo em termos de sistema, é, num primeiro momento, delimitá-lo, ou seja, traçar a fronteira, virtual entre esse objeto e o resto do mundo (...) é também considerar seu funcionamento como uma combinação de funções interdependentes e complementares, que asseguram a circulação interna e as mudanças com o exterior de matéria, de energia, e, tratando-se de um objeto econômico, de valor (idem, 2009:72)

O alvo deste estudo são os sistemas agrícolas das aldeias de Tourém e Pitões das Júnias. Essa noção se contrapõe à noção de sistema agrário conforme será analisado no decorrer do texto.

Não é o objetivo deste trabalho abordar o sistema agrícola numa escala regional, ainda que de fato possa ser extrapolado o sistema agrícola local para outras escalas. Eis um primeiro distanciamento que estabeleço com a noção de sistema agrário que contempla em sua definição uma visão regional.

Arelado às fronteiras e aos limites, ganham importância os fluxos, a circulação de bens e materiais, assim como a permeabilidade dos sistemas. Importante destacar a noção de complexidade e a forma em que é usada pelos autores. A agricultura é uma atividade complexa, não é uma prática que possa ser considerada igual em todos os lugares, e essa variabilidade é fruto de transformações históricas e geográficas que precisam ser entendidas enquanto um processo. Assim, combinam-se as abordagens sincrônicas e diacrônicas.

De forma mais concreta, é importante saber os fluxos de matéria, a saber, a origem das sementes, das vacas, os usos dados ao estrume. A agricultura neste sentido tem que ser pensada enquanto um sistema organizado em torno de interações entre muitos componentes (Miguel, 2009). Já como outputs podem ser pensados os elementos que vêm de fora da unidade produtiva familiar e os condicionantes políticos mais gerais, por exemplo.

Além das fronteiras e da complexidade, outro aspecto central é a organização, tanto em sua concepção funcional quanto estrutural (Miguel et al., 2009:14). Sobre os aspectos funcionais os autores chamam atenção para os fluxos de materiais, produtos, energia e informações; onde se encontram os centros de decisão, como operam os canais de retroação ou de obtenção de feedbacks, por exemplo, dos cultivos e das novas experiências, os prazos e as entradas e saídas do sistema dos materiais, capital etc. Em relação aos elementos estruturais, são relevantes os limites, os elementos constitutivos que podem ser contabilizados e organizados em função de características intrínsecas, as redes e canais de transporte e comunicação, os reservatórios onde se estoca o material, a energia e os produtos necessários para o funcionamento do sistema.

Para este estudo é importante entender as formulações que os agricultores têm sobre as políticas públicas que incidem na atividade agrícola, assim como todos os elementos que não são produzidos nas aldeias (máquinas, sementes, fertilizantes,

rações). Diferentemente dos estudos mediados pelo conceito de sistema agrário, o foco desta tese recai justamente na relevância que têm, no sistema agrícola, as práticas e saberes dos agricultores.

Uma vez definido um limite, é possível observar o funcionamento interno do sistema e começar a abordar, o que é de fora, o que é introduzido, e como se estabelecem, em seu funcionamento, as inter-relações. O desafio de estudar o sistema agrícola é tratar de entender os diferentes subsistemas que o integram, para, uma vez fixados na análise, poder investigar as transformações, a sua importância relativa e o funcionamento geral do sistema.

Adoto, portanto, o conceito de sistema agrícola, embora haja contribuições metodológicas do de sistema agrário, conforme proposto por Mazoyer e Roudart (2010), das que me aproximo. Estes autores dividem os sistemas em dois subsistemas, a saber, o sistema social produtivo e o ecossistema cultivado. Uma vez analisados cada um por separado articulam as suas interpelações (2010: 27).

Aproprio-me dessa subdivisão dos autores, mas privilegio em minha análise as práticas e os saberes dos agricultores. Assim, é preciso entender o que é cultivado, como é cultivado, onde é cultivado, os diferentes tipos de terras (hortas, lameiros²², e terras lavráveis), os direitos que se têm sobre cada tipo de terras. Grande parte do trabalho aqui desenvolvido é sobre as terras das aldeias, os seus regimes de uso, os tempos em que os agricultores trabalham nelas, assim como os diferentes cultivos, a importância que têm no conjunto do sistema e como foram sendo implementados. Os saberes e os conhecimentos dos agricultores são os principais argumentos usados nesta tese para me afastar das propostas de Mazoyer e Roudart (2010) e de suas formulações do sistema agrário.

Enquanto sistema social produtivo, os autores abordam as circunstâncias em que se dá a produção, as configurações sociais de família, se as unidades produtivas são familiares, se as pessoas vinculadas às unidades produtivas são assalariadas ou não, quais mercados abastecem os agricultores e de que forma se relacionam os agricultores com esses. Também são relevantes as técnicas, tecnologias e os conhecimentos mobilizados na prática agrícola.

Neste sentido, a aproximação que faço com as propostas dos autores é a partir de um ponto de vista crítico. Nas análises estruturais e funcionalistas que os autores

²² Pastos seminaturais permanentes.

se propõem a fazer, não aparecem as relações, a sensibilidades e o conhecimento que são mobilizados internamente. Porque a relação que os humanos têm/estabelecem com as terras e seus animais extrapola as formulações de sistemas produtivos.

1.2 Do sistema agrário ao sistema agrícola

Optei por usar a noção de sistema agrícola e não a noção de sistema agrário, já que, partindo de uma ampla discussão em vários campos disciplinares — ciências agrárias, ambientais, sociais —, a noção de sistema agrícola me parece mais apropriada. Não são somente os sistemas produtivos o foco de nossa análise. Os conhecimentos dos agricultores, as suas leituras acerca dos diferentes elementos que se combinam na prática agrícola e as aproximações às tecnologias enquanto processos são mais relevantes nos modelos explicativos generalistas. Em decorrência da importância dada aos saberes, parece-me mais acertado acionar a noção de sistema agrícola do que agrário. Como enfatiza Emperaire et al.: “o uso da expressão ‘sistema agrícola’ se exime de um modelo de análise, centrado nos aspectos de capacidade produtiva embutida nas outras expressões” (2008:3). Com “outras expressões”, as autoras estão se referindo às noções de sistemas de produção, sistemas agrários, entendidos enquanto unidades produtivas especializadas.

Mazoyer e Roudart (2010) afirmam que a noção de sistema agrário incide mais numa “modelagem teórica construída na escala regional, na base da combinação dos diversos sistemas de produção aí existentes” (2010:3).

No entanto, o foco deste estudo é sobre o fazer agrícola das duas aldeias, as práticas e os saberes dos agricultores. Este estudo não tem como pretensão uma reflexão que extrapola as aldeias, que seja, regional²³ ou de um sistema maior. Apesar de não ser o objetivo primeiro deste estudo, inevitavelmente algumas reflexões que ultrapassam o âmbito local aparecerão certamente no texto. Tampouco é objeto desta pesquisa realizar uma análise do sistema produtivo pecuário da região.

Emperaire et al (2010), no Dossiê de Registro do Sistema Agrícola Tradicional

²³ Em relação com a noção de região me aproximo das formulações de Bourdieu (2003), em que aproxima a região como uma categoria analítica criada para ser globalizante e homogeneizadora, perdendo de vista as práticas e as diferenças internas.

do Rio Negro, define de forma clara os objetivos do que seria a abordagem do sistema agrícola da mandioca enquanto:

conjunto de saberes, mitos e relatos, práticas, produtos, técnicas, artefatos e outras manifestações associadas que envolvem espaços manejados e plantas cultivadas, formas de transformação dos produtos agrícolas e sistemas alimentares locais, tendo como elemento estruturante a mandioca (2010:19)

A aproximação com a noção de sistema agrícola é devido à importância dada aos saberes, ao conhecimento mobilizado na prática agrícola local. O objetivo do estudo reside na relação que os agricultores têm/estabelecem com a terra, as plantas, as tecnologias e os seus animais, entendida sob uma lógica de coprodução (van der Ploeg, 2008). É dessa forma que está sendo entendido o estudo do sistema agrícola local. Conhecimento e saberes que foram sendo construídos através das diferentes relações sociais, das histórias particulares, tanto de pessoas quanto das terras que historicamente cultivam.

De agora em diante usarei a noção de sistema agrícola em detrimento do sistema agrário conforme argumentei nessa secção.

1.3 As explorações se mantêm pelo trabalho: o sistema agrícola enquanto conhecimento

O foco de análise está na mobilização de conhecimento na prática agrícola cotidiana, na organização do trabalho e na gestão da exploração. Quando perguntado, em agosto de 2017, sobre como é que se mantinham as unidades produtivas familiares, Patorro me disse que *as explorações se mantêm pelo trabalho*. Ou seja, é no trabalho que se encontra a base do funcionamento do sistema agrícola, é no trabalho onde se produzem os encontros entre os agricultores e suas terras, seu gado, é na atividade que a relação entre humanos e não humanos se consolida.

Van der Ploeg (2008) aproxima-se da categoria trabalho para pontuar alguns dos aspectos mais importantes da atividade agrícola, enquanto um ponto de encontro:

O processo de trabalho é em primeiro lugar, o locus onde o homem e a

natureza viva se encontram e onde ciclos diferentes são integrados conjuntamente em um todo coerente e, por isso, muitas vezes estético. Uma vez que a natureza viva não pode ser completamente planejada nem controlada, existirão sempre surpresas – boas ou más. A arte de dominar essas surpresas e de transformá-las em práticas originais é frequentemente um elemento-chave do processo de trabalho. Este é um segundo aspecto crucial do processo de trabalho: nele são desenvolvidas aprendizagens e criadas novas formas de fazer as coisas. Um terceiro aspecto e, provavelmente, um aspecto decisivo, é o fato de o processo agrícola de produção ser um processo através do qual não são apenas criados *produtos finais* (tais como leite, batata, carne, etc.). Durante o processo de trabalho, os atores envolvidos também constroem, reconstróem e desenvolvem uma combinação de recursos específica, equilibrada e harmonizada. Ou seja, eles constroem um *estilo de agricultura* e estabelecem uma ligação específica entre esse ciclo de agricultura e o mundo exterior. (2008:42-3)

Tendo como pano de fundo essa descrição da categoria trabalho²⁴, é preciso destacar os aspectos mais relevantes dessa definição para a tese. O trabalho se conforma enquanto um processo que não pode ser entendido num ciclo curto de um ano agrícola. A importância que tem o processo na configuração do sistema, aparece de forma extremamente clara na narrativa dos agricultores. O afinamento do sistema, os ajustes e as experimentações são variáveis que não podem colocar em risco um sistema funcional. Por outro lado, existem margens de experimentação que podem ser absorvidas pelo sistema. É nessa margem de cálculos que o agricultor manuseia as variáveis. Ao mesmo tempo, o sistema é aberto, pois está sempre em perpétua análise. Todas as variáveis (desde o número de vacas até o número de pessoas) estão sob os efeitos da combinatória contínua.

Se por um lado se destacam os ciclos e o conhecimento adquirido ao longo do tempo e das gerações, por outro, a sazonalidade e a repetição de fórmulas bem sucedidas são alcunhadas pelo autor sob a rubrica de estilismo da agricultura. A discussão sobre o estilismo poderia ser elencada a outras formulações presentes em outras obras de sua autoria como por exemplo uma releitura de Chayanov em “Camponeses e a arte da agricultura” (2016). Seria a arte uma categoria que possibilitaria fazer uma releitura dos equilíbrios propostos por Chayanov entre penosidade-satisfação das necessidades familiares e trabalho-consumo. Na verdade, a expressão a “arte da agricultura” já figurava na obra do pensador russo da seguinte forma: “a arte da agricultura tem as raízes fincadas no uso mais apropriado das diversas particularidades em sua propriedade (Chayanov, 1924:6 apud. Van der

²⁴ No contexto brasileiro a noção de trabalho foi fundamental para pensar a “lógica e a simbólica” da lavoura camponesa, a exemplo de Afrânio Garcia (1983) e Woortmann (1990) entre outros autores.

Ploeg, 2016:11).

Sobre a retomada da noção de arte proposta por Chayanov, Van der Ploeg (2016) a formula da seguinte forma:

Se belos campos, adubo “bem produzido”, colheitas de bons grãos e vacas que geram boas crias são todos expressões da arte da agricultura, então dominá-la, ajustá-la e combinar de forma criativa os diferentes equilíbrios constituem-se no âmago dessa arte. São os instrumentos usados pelo artista para criar essa obra-prima. (2016:14)

Seria o trabalho no/do sistema agrícola o cerne da arte do agricultor, sua composição enquanto sistema funcional e aberto.

Em segundo lugar, Van der Ploeg (2008) destaca que o trabalho é uma forma de combinar a previsibilidade e imprevisibilidade. Dá importância à experiência acumulada pelos agricultores através das várias gerações que vêm cultivando gado nas aldeias, assim como as leituras amplas realizadas nas conversas cotidianas que mantêm os agricultores nos cafés e nas tabernas das aldeias. A época das chuvas, da neve, os incêndios florestais, a temperatura ambiente ideal para secar o feno são aspectos cotidianos do conhecimento local que são combinados pelos agricultores. Destaco a importância que têm para o sistema agrícola a história local, as experiências dos mais velhos, o registro da memória coletiva (Halbwachs, 2006) que ajudam e auxiliam os agricultores a prever atuações. Ao mesmo tempo, como ratifica Manuela Carneio da Cunha (2009), todas essas práticas estão sempre atuando, com o passado no presente, enquanto obras inacabadas e sempre se refazendo (2009:78). Ou seja, experimentação e educação fazem parte do trabalho no sistema.

Todas essas variáveis combinadas definem o terceiro elemento do trabalho que é a autoria de cada estilo de agricultura. Como é que numa determinada prática agrícola ou como através dela se percebe ou poderia se ter acesso ao estilo da agricultura, às racionalidades. Isso será observado com maior profundidade ao longo de toda a tese, as múltiplas racionalidades que operam em cada casa, em cada unidade produtiva enquanto seu próprio trabalho. Os aspectos básicos do sistema agrícola são invariáveis: a produção de carne de vitelos, batata, feno e centeio. No entanto a combinação destes é que difere de uma unidade produtiva para outra. Os agricultores de Tourém não saem com as vacas antes do meio-dia e Sérgio (agricultor

da aldeia), por exemplo, dá, de manhã cedo, a silagem de milho²⁵ que ele produz. Já em Pitões, as vacas saem para o monte logo cedo, por volta das dez horas e o Russo (agricultor de Pitões e irmão de Sérgio) dá o silo para as vacas somente à noite. Sérgio afirma que se fizesse isso as vacas dele não aguentariam no monte, pois a silagem é um alimento valorizado pelos animais. Essas múltiplas racionalidades são as que serão articuladas e mostradas ao longo do trabalho.

Como a perspectiva analítica adotada para este trabalho é processual, os impactos que as novas tecnologias e os condicionantes técnicos de recente chegada, por exemplo, têm no sistema agrícola local, diluem-se nas narrativas dos agricultores. Aparecendo a importância do processo, de como foram experimentando e se adaptando (Fernández Prieto, 1992) aos novos procedimentos. No decurso desta aproximação junto aos procedimentos tecnológicos, os agricultores destacam em suas narrativas os seus processos de experimentação, a forma como entendem o funcionamento dos cultivos e até mesmo a possibilidade de reestruturação do sistema agrícola como um todo. Serão mostradas as opiniões dos agricultores sobre o fim do cultivo do milho — inclusive soube que no ano 2018 já houve vários agricultores que não o cultivaram. Isso se constitui enquanto uma reestruturação do sistema produtivo, uma vez que o milho está presente de forma importante há mais de vinte cinco anos. O fio condutor dessas narrativas está marcado pelo ritmo pausado e o fluir de um tempo não acelerado, em que os impactos dessas incorporações se diluem. Desaparecem as rupturas e as mudanças bruscas do sistema cedendo espaço a um processo de reflexão, de elaboração de hipóteses ao longo do tempo. Emperaire et al. Observa para o rio Negro que “os saberes constitutivos dos sistemas agrícolas e as atividades que os caracterizam resultam de processos, constantemente reelaborados, sendo o tempo presente apenas um momento em sua trajetória” (2008:2).

As mudanças no sistema agrícola são diluídas nas narrativas dos agricultores ao aproximar-se à forma em que essa chegada se deu, à sua trajetória, nos termos da autora. Por outro lado, estão presentes marcas, signos na paisagem, das mudanças profundas do sistema agrícola. Serão analisadas e mostradas as transformações na organização dos trabalhos, as marcas nos caminhos que dão acesso às terras trabalhadas, assim como o abandono de outras que não têm

²⁵ A silagem é um complemento alimentar para as vacas que se dá geralmente de novembro até fevereiro ou março, como eles falam *até que acabe*.

obtiveram as grandes máquinas de malhar o centeio.

Para a abordagem sistêmica é importante entender os fluxos, acompanhar as trocas de energia, matéria e valor (Mazoyer et al, 2010:71) do próprio sistema agrícola. As relações estabelecidas internamente, assim como, os elementos que vêm de fora do sistema, ou como entram, por exemplo, os adubos, algumas sementes e as políticas públicas.

O sistema agrícola surge da combinação da famosa tríade da unidade de exploração composta por terra, trabalho e capital (Chayanov, 1985; Cardesín, 1992), à qual somaria os saberes construídos ao longo do tempo. Dessa forma é preciso prestar especial atenção à forma como se conjugam, e articulam, essas quatro componentes dentro do sistema agrícola local e dentro de cada *exploração* concretamente. A análise detalhada de cada exploração, de sua configuração e dos arranjos realizados internamente dará o suporte necessário para analisar o momento, o presente, assim como entender o seu passado. Impõe-se a abordagem sincrônica inerente à pesquisa de campo, mas a intenção é combina-la com a diacrônica, tratar de entender também os processos e as dinâmicas próprias dos sistemas (Pietrafesa de Godoi, 1999).

Portanto, o estudo do sistema agrícola atual consiste em tratar de entender o presente, privilegiando o processo. De forma mais concreta como as plantas são semeadas, de onde procede a semente, os rendimentos que estas oferecem para o agricultor e a forma de utilização de cada produto dentro do sistema. Uma vez obtidas essas informações, podem ser acompanhadas as transformações, as mudanças, as novas configurações e as reestruturações. A dinâmica contínua de transformação, as mudanças, persistências e reconfigurações são intrínsecas ao sistema agrícola, e, nesta tese, são mobilizadas através do conhecimento e do trabalho.

Os adubos e fertilizantes químicos, assim como as sementes híbridas das plantas cultivadas são os inputs do sistema, o que vêm de fora da unidade produtiva. Todos esses produtos incidiram na *terra*, e, ao colocar o foco no produto, na mercadoria produzida, as rações também são inputs. Mas também o são o combustível e as políticas públicas. Um elemento que tratarei de forma particular é a Política de subsídios da União Europeia, chamada de Política Agrícola Comum (PAC, cujo caso requer uma análise própria por se tratar de ajudas diretas que os agricultores recebem do bloco de países. A PAC incide no conjunto do sistema, atinge tanto a configuração socioecológica da exploração e da paisagem das aldeias, como

as escolhas dos animais, tipos de acomodações para o gado e distancias a serem respeitadas, cuidados com os animais etc.

Já como outputs, são analisados os elementos que saem do sistema, principalmente entendidos enquanto mercadorias produzidas nas aldeias, que se resumem aos vitelos para o mercado de carne local e o fumeiro principalmente. Desde umas décadas atrás estas aldeias são foco de programas específicos do chamado Desenvolvimento Rural, em que locais de hospedagem, pontos de informação turística ou ecomuseus são criados para acolher e diversificar o sistema econômico das aldeias e tentar evitar a dependência direta da criação de gado. O Parque Nacional criado na década de 1970 é uma variável extremamente importante dentro dessa configuração social mais contemporânea.

1.4 O sistema agrícola camponês do Alto Barroso: mercados, políticas e autonomia

Van der Ploeg é um dos autores responsáveis pela retomada das teorias do campesinato para pensar o contexto rural europeu através do termo de recampesinização. A recampesinização²⁶ tem em sua base de formulação a condição camponesa²⁷ e as relações de coprodução que estabelecem os camponeses com o seu meio, com o seu ambiente. Nesta seção, oscilarei entre as noções de camponês e de agricultor conforme as propostas de Van der Ploeg (2008). A relação de produção comum é o que produz a diferença com os agricultores, cujo serviço se dá perante os grandes impérios alimentares. A multifuncionalidade e os surgimentos de novos mercados atrelados a produtos elaborados em pequena escala são outros dos fatores elencados (2016).

A recampesinização não é um processo exclusivamente europeu, já que, segundo o autor citado começa a ser observado em escalas diferentes no e México e

²⁶ A recampesinização tem uma base na diversificação das suas possibilidades produtivas. Assim, o surgimento de novos produtos e serviços, o distanciamento relativo a certos mercados de insumos, uma distância pequena com a natureza, a pluriatividade e a artesanidade na produção são as bases desse processo.

²⁷ Acerca da noção de condição, ver Bourdieu “El baile de los solteiros” (2004) e Seyferth em seu artigo “Memória coletiva, identidade e colonização: representações da diferença cultural no Sul do Brasil” (2012).

no Brasil (2016:45); no entanto o foco analítico privilegiado pelo autor coloca-se sobre o velho continente. Outra lente analítica presente na obra é a autonomia, entendida enquanto a agência dos camponeses²⁸ face aos mercados e às políticas. A opção metodológica do autor, portanto, é trazer para frente os camponeses enquanto agentes e relevar a importância das políticas e dos mercados, ainda que sempre problematizadas. Chega-se assim, numa linha divisória conceitual entre camponeses e agricultores. Linha divisória que é abordada sistematicamente via prática, o modo de fazer de cada um desses grupos.

A primeira forma de abordar essa distinção é tendo como foco os mercados abastecidos. Os camponeses seriam os responsáveis por um abastecimento de mercados próximos, “de circuitos curtos e descentralizados que ligam a produção e consumo de alimentos e, de forma mais geral, a agricultura e a sociedade regional” (idem, 2008: 20). Já os agricultores estariam diretamente vinculados com a especialização e com uma produção de pequena a média escala, abastecendo mercados distantes.

O segundo aspecto que o autor considera relevante dos camponeses é o que ele chama de coprodução, cujo sentido é a relação que os camponeses têm com o seu meio, com o ambiente. Diferentemente do que acontece com os agricultores empresariais e capitalistas que veem o meio como recursos, os camponeses têm com este uma relação histórica de coprodução:

a coprodução (...) diz respeito à interação e transformação mútua constantes entre o homem e a natureza viva. A agricultura, a criação de animais, a horticultura, a silvicultura, a caça e a pesca, e também a transformação posterior dos produtos obtidos em outros produtos mais elaborados (por exemplo, a transformação de excrementos e palha em estrume, de leite em queijo e de carne em presunto), bem como fenômenos recentes, como o turismo rural, são expressões da coprodução (idem, 2008:41)

A criação de gado bovino no alto Barroso e as práticas agrícolas podem ser entendidas nessa chave analítica proposta como de coprodução. Por um lado, será enfatizado mais adiante a relação que os agricultores têm com a terra, as plantas e o gado. Mas, por outro lado, quero destacar que, sendo a atividade econômica principal, a criação de gado bovino é histórica. A relação entre os bovinos e os humanos na

²⁸ Norman Long (2001) é o autor da escola de Wageningen da Holanda que vem colocando o que eles chamaram da Perspectiva Orientada aos Atores (POA) no centro de seus estudos, que se inspira na teoria do ator-rede de Latour para pensar a agência dos agricultores.

região é historicamente consolidada, como pode ser analisado tomando como fonte os trabalhos de, por exemplo, Vergílio Taborda que documentou, em seu livro “Alto Trás os Montes” de 1932, que o Barroso:

é como país de produção de gado, como *região emissora*, se assim se pode dizer, que Barroso se notabiliza. Vizinho das terras húmidas e férteis do Minho, onde se pratica uma cultura intensiva, para aí envia os animais novos a criar. (1932:142)

Bordalo Lema recua um pouco mais em seu estudo sobre Tourém, afirmando que, no século XVIII, o gado do Barroso era um produto exportado, conjuntamente com os barris de vinho do Porto (Bordalo Lema, 1978:32). Portanto a profundidade histórica da relação entre os humanos e a criação de gado vem de longa data na região e está historicamente consolidada. Conforme Van der Ploeg (2008), enfatiza-se a relação pontual e histórica de coprodução gerada via o trabalho agrícola.

Voltando para a diferenciação entre camponeses e agricultores, conforme proposto por Van der Ploeg (2008), depois dos mercados abastecidos, o autor destaca a “autonomia” dos camponeses face aos agricultores.

A autonomia está ligada a agência dos camponeses, devido a não dependência de um único mercado, os camponeses têm a disponibilidade de instaurar mudanças no sistema produtivo e formular estratégias produtivas diferentes. A autonomia relativa dos agricultores é analisada sob as possibilidades produtivas que eles têm em função da sua não dependência de um único mercado. Os camponeses combinam e articulam diferentes conhecimentos com o fim de reconfigurar partes dos sistemas produtivos, impulsionar outros produtos. Assim afirma que:

as relações externas são orientadas de modo a permitir a contração ou expansão nos momentos apropriados e as armadilhas são evitadas ao máximo. As relações com o mundo exterior – seja com mercados, agências de mercado, autoridades políticas, bandidos ou padres – são construídas, mantidas e alteradas de acordo com os repertórios culturais locais (ou economias morais) que se centram na questão da desconfiança e, conseqüentemente, levam à construção de autonomia. Neste caso, a desconfiança é claramente tanto um reflexo de ambientes hostis como uma resposta a eles (2008:43).

Os agricultores de Tourém e Pitões das Júnias abastecem com sua produção de carne diferentes mercados e escalas. Desde uma escala local — Pitões e Montalegre – até uma escala regional, pois chegam à província vizinha do Minho. Na escala local, o açougue-restaurante de Pitões comercializa a carne dos vitelos de sua

unidade produtiva além dos produzidos por outras explorações tanto de Tourém quanto de Pitões. Já na vila de Montalegre existem oito mercados e em todos eles existe um açougue. Normalmente os açougues não se encontram ligados diretamente à cadeia que dá nome ao mercado, pertencendo a comerciantes autônomos que têm seu açougue arrendado dentro do mercado. Há também na vila mais de uma dezena de açougues que vendem todo tipo de carne. Já na escala regional, a venda que fazem os agricultores é destinada a um único açougue da cidade de Braga, que dista das aldeias aproximadamente 100 km. Todas essas transações são acordadas entre o comerciante e o produtor, não existindo contratos formais. Esses acordos (in)formais podem ser desativados a qualquer momento, podendo o agricultor escolher um outro comerciante. Entendo que a agência proposta por Van der Ploeg, pode ser pensada à luz das práticas comerciais estabelecidas pelos agricultores. Conheci agricultores que trocaram – ao longo destes anos em que desenvolvo pesquisa na região – de comerciante e outros que continuam com o mesmo

Da mesma forma, a noção de recampesinização, formulada pelo autor enquanto uma “expressão moderna para a luta por autonomia e sobrevivência em um contexto de privação e dependência” (2008:23) dá a aparência de ser uma questão inovadora. A leitura de um processo de recampesinização enquanto uma condição deveria ajudar a retirar o prefixo ‘re’, uma vez que os camponeses, apesar de se encontrarem numa situação nunca antes vivida – neste sentido, o autor apela para os efeitos da globalização –, já viveram outras mudanças, ou seja, não se trata de algo exclusivamente novo.

Os camponeses sempre estiveram em posição de ter que lutar pela sua autonomia face aos diferentes atores e situações que provocaram o aumento da dependência. Dessa forma, não vejo a necessidade de usar esse termo, pois, na análise, essas formas são elencadas umas nas outras, e nas narrativas não aparecem rupturas de condição significativas.

O argumento usado pelo autor reafirma a necessidade de remarcar esse processo de recampesinização com o prefixo ‘re’, após Mendras (1967) decretar o fim do campesinato. Para sustentar a sua retomada do termo campesinato, para o contexto contemporâneo europeu, o autor esboça as linhas gerais de processos em que a globalização e as transformações dos tecidos sociais e produtivos vivenciados, nesses contextos rurais, não conseguiram retirar a sua condição.

Inspirei-me nas formulações de Van der Ploeg (2008) e seu conceito de recampesinização já que a configuração social de Tourém e Pitões se acopla perfeitamente ao marco teórico desenhado pelo autor. No entanto, a forma como se autodefinem, nas aldeias, os meus interlocutores é enquanto *agricultores*. Embora as formulações teóricas que mais se aproximem da realidade empírica tenham a ver com a noção de campesinato, analiticamente usarei *agricultor* enquanto uma categoria própria, usada localmente.

1.4.1 Os agricultores de Tourém e Pitões e sua relação com o mercado

As unidades produtivas têm um controle rigoroso por parte da administração que fiscaliza, no mínimo, uma vez por ano o registro da exploração. Este registro é um livro que cada agricultor possui e que funciona enquanto diário da unidade produtiva. Nunca tive acesso a um. São relacionados ali os nascimentos e as vendas de todos os animais vinculados à exploração. Quando os agricultores vendem um vitelo a um comerciante, este tem que ter acesso a um abatedouro. Quando os vitelos são carregados no caminhão, na unidade produtiva, o comerciante entrega uma guia ao agricultor em que consta o número de *brinco do animal*²⁹. Neste documento, que sai em duas vias, a assinatura do comerciante e do agricultor sela um pacto de confiança. O comerciante terá que se deslocar até o abatedouro onde o animal é sacrificado. Nesse momento, a partir do abatedouro, tramitam a baixa do animal assim como o peso que atingiu. O peso após o abate será a base do cálculo do valor que o agricultor receberá pelo seu vitelo. É um pacto de confiança, pois os agricultores poderiam ir até o abatedouro e solicitar uma cópia da via em que aparece identificado o seu vitelo e o peso alcançado no ato da pesagem. No entanto, eles deixam esse trâmite para o comerciante que, normalmente, notifica ao agricultor o peso via ligação telefônica. Quando voltar à aldeia para carregar um outro vitelo, irá procurar o agricultor e lhe entregar todos os documentos que comprovam esse trâmite, finalizando o *trato*. Não tive conhecimento acerca da forma como é realizada a transação do valor econômico.

²⁹ Quando nascem os vitelos lhes é colocado na vacaria um brinco de plástico que os identifica pelo resto da vida. Os agricultores esperam uns dias após o nascimento do vitelo para lhes colocar o brinco de plástico numerado. Esse número é anotado no caderno que cada exploração tem, onde são registrados os nascimentos, as compras e vendas de animais da unidade produtiva.

O caráter pessoal da relação comercial que se estabelece entre comerciante e produtor é permeado por relações de confiança. Desde o momento em que o vitelo sai da exploração, é o comerciante que tem em sua mão a mercadoria, o agricultor não teve sua retribuição e tampouco consegue acompanhar o processo.

Van der Ploeg, define, em contrapartida, a agricultura empresarial e capitalista como sujeitas às lógicas de mercado que se oporiam necessariamente às camponesas:

a agricultura capitalista e a agricultura empresarial estão essencialmente ligadas ao consumo mundial através de empresas de processamento e comercialização de alimentos a grande escala. (2008:21)

A agricultura de Pitões das Júnias e de Tourém pode ser pensada como um sistema agrícola especializado na produção de carne de vitelo. Já a forma como os agricultores se relacionam com a distribuição e os mercados que abastecem permite um distanciamento entre essas duas formas de agricultura: a camponesa e a empresarial. A noção de campesinato mobilizada pelo autor não é contrária às relações com os mercados, no entanto, essa relação vem definida pela escala dos mercados atendidos e pela proximidade promovida entre os produtores camponeses e a sociedade.³⁰

A ligação existente entre os consumidores locais e os produtores pode ser exemplificada através de várias experiências do período em que foi realizado o trabalho de campo. Adriano de Tourém vendia, em 2013, os seus vitelos para um mercado da vila de Montalegre. Como Adriano também se abastecia de carne para a sua casa naquele mesmo supermercado, e devido a relação de confiança, passei também a frequentar o mesmo mercado. Sabedor dessa relação comercial entre produtor e comerciante, quando realizava a compra na vila, fazia questão de ir ao açougue e perguntar se eles tinham carne dos vitelos de Adriano de Tourém. O açougueiro me respondia de diferentes formas, algumas vezes afirmando a disponibilidade da carne dos vitelos de Adriano e outras argumentando que já tinha acabado com aquele vitelo. Quando a resposta era negativa, ele tentava vender outra carne. Para tal fim, o açougueiro, visto que eu perguntava por uma carne específica e

³⁰ A relação entre campesinato e mercado pode ser também lembrada do texto célebre de Eric Wolf (2003) acerca da tipologia dos campesinatos. De alguma forma, essa articulação sempre está presente na discussão sobre a condição do camponês.

de um determinado produtor, mostrava as demais peças que estavam expostas, citando o nome do produtor e a aldeia de procedência. Concluía, afirmando que a forma de criação dos vitelos não diferia excessivamente de uns pra outros. Existe uma relação tão próxima entre o produtor e quem vai comercializar os seus produtos que o ato de venda da mercadoria está atravessada, se procurada, por relações individualizadas. Dá a sensação de poder estabelecer uma espécie de cadeia operatória da mercadoria. Poderia ser levada ao limite essa afirmação e fazendo pensar em um tipo de certificação social da mercadoria, uma espécie de selo de qualidade testada pelas relações de proximidade.

De alguma forma esse selo extraoficial ou autônomo é praticado pelo comerciante de Braga. Segundo os agricultores de Pitões, que vendem os seus vitelos ao dono do açougue de Braga, este teria em seu estabelecimento uma etiqueta que diferenciaria os vitelos de Pitões. O preço da carne de vitela, afirmam os agricultores, está estabilizado já há quinze anos. Em Van der Ploeg (2008) aparece relatado esse fenômeno enquanto um elemento constante da agricultura mundial, chamado de “squeeze” da agricultura, tratando-se da estagnação dos preços dos produtos agrícolas no mundo e o aumento dos preços de custos de produção. O *squeeze* da agricultura seria um dos argumentos propostos pelo autor para entender a recampesinização do velho continente.

Levando em conta a situação internacional, é possível argumentar que a recampesinização é uma resposta tipicamente europeia ao squeeze global. Enquanto no Sudeste Asiático, a forma de combater o squeeze da agricultura é estabelecer níveis extremamente reduzidos de remuneração (consequentemente contribuindo, ao mesmo tempo, para a reprodução deste squeeze global), e os EUA, o Brasil, Austrália e Nova Zelândia o fazem através de um aumento da escala da produção agrícola assim contribuindo também para aumentar o squeeze), a Europa segue em direção a um caminho alternativo que se centra no fortalecimento e maior desenvolvimento da multifuncionalidade (OCDE,2000; Huylenbroeck e Durand,2003; Groot et al.,2007). Este caminho europeu consiste no uso de um mesmo conjunto de recursos para gerar uma gama de produtos e serviços crescentes, assim reduzindo os custos de produção de cada produto isolado (Saccomandi,1998) e aumentando, ao mesmo tempo, o valor agregado realizado na unidade agrícola. (2008:173)

Sob o rótulo extraoficial “Vitelos de Pitões³¹” o proprietário do açougue vende a carne na cidade de Braga³² um pouco mais cara do que as demais que possui em seu estabelecimento, repassando aos produtores locais uma percentagem desse valor. É interessante perceber que esse extra é, de alguma forma, fruto de uma experiência do próprio comerciante. Os compradores da carne do estabelecimento reclamavam do vendedor que diferenciava a carne de Pitões das vindas de outras regiões. As narrativas seriam que a demanda foi o que gerou a oferta e aumento do preço. O dividendo repassado para os agricultores está à volta dos vinte centavos de euros por quilograma.

1.4.2 A Política Agrícola Comum

A política agrícola comum (PAC) foi a primeira política pensada para o continente europeu na década de 1950. Foi assinada em 1957 somente por seis países (França, Países Baixos, Luxemburgo, Itália, Bélgica e a República Federal Alemã) no que passou a ser conhecido como Tratado de Roma. Desde a década de 1960 até a atualidade, outros países foram entrando na então conhecida Comunidade Econômica Europeia (nome que já deixa claro quais os interesses principais: mercado comum econômico) e que derivou na fundação da União Europeia via o Tratado de Maastricht em 1993. Portugal faz parte dos países membro desde 1986. Já na década de 1990, começam a surgir os primeiros efeitos no território português das ajudas específicas à agricultura que permitiu que alguns agricultores se instalassem nas aldeias via crédito e subsídios específicos.

Se no começo, o objetivo dessa política foi a de tentar fazer o setor agrícola competitivo face ao mercado internacional, desde a década de 1990, pensa-se mais no desenvolvimento rural, como uma forma de ampliar os horizontes dos mundos rurais para além das atividades agropecuárias. Da industrialização e mecanização da agricultura, conforme a revolução verde, passaram a ser valorizadas questões referentes ao meio ambiente, turismo, emprego, certificação e origem de produtos e agricultura ecológica. Com programas específicos de desenvolvimento rural, a

³¹ Quatro dos agricultores de Pitões, com os quais estabeleci maior confiança ao ponto de poder perguntar a quem vendiam a carne, foram os que me relataram essa experiência. Não afirmo que todos os agricultores de Pitões vendam para o mesmo comerciante de Braga.

³² Braga é a capital da província do Minho e conta com uma população de aproximadamente 170,000 pessoas.

proposta da PAC era equiparar as condições de vida dos diferentes moradores do mundo rural da União Europeia. Com a abertura dessas novas frentes de ajuda, as aldeias começaram a ser alvo de reformas estruturais que atingiram não só a agricultura. Foi nesse contexto que começaram a ser reconstruídas as casas das aldeias. Os moradores e os filhos que estavam nas cidades começaram a recuperar e reformar casas nas aldeias. Na atualidade, a maioria das famílias que moram o ano inteiro fora destes locais têm nas ali a sua própria casa que passa grande parte do ano fechada.

Também compraram casas nas aldeias pessoas que não tinham lá vínculos familiares. Em Pitões e Tourém existem inúmeras casas que foram adquiridas por pessoas que não eram dali.

Com a entrada no mercado dessas pessoas, inaugurou-se uma época nova, em que as casas adquiriam valores altos, em que os estábulos podiam ser reformados e usados com segunda vivenda, em que o mundo rural passava do agrário para um universo com novos mercados.

De volta às ajudas específicas para a agricultura e com o intuito de equiparar as condições de vida dos moradores dos mundos rurais, a União Europeia elaborou uma classificação das condições de produção dos agricultores dos estados membros. Portugal, Espanha e Grécia tiveram algumas das regiões classificadas como zonas desfavorecidas e com isso implementaram-se políticas e ajudas diferenciadas. Como zonas desfavorecidas entendia-se “agricultores que não ascenderam ao padrão tecnológico hegemônico na agricultura atual e também a existência de um nível de PIB per capita abaixo da media europeia.” (Moyano-Estrada; Ortega, 2014:693).

O Alto Barroso é uma dessas regiões desfavorecidas, por isso, além do Regimento de Pagamento Único³³ (RPU), os agricultores do Alto Barroso recebem as Medidas por Zonas Desfavorecidas (MZD) e as Medidas Agroambientais (MAA). Atualmente, os dois pilares da PAC (pagamento direto e desenvolvimento rural) incidem diretamente na gestão territorial que os agricultores fazem de suas terras em nome, por exemplo, “[de] respeitar determinadas práticas agrícolas benéficas para o

³³ O pagamento único é recebido em função do número de cabeças de gado declaradas. Há várias categorias dentro desse pagamento como número de vacas amamentando, criação de raças endêmicas etc.

clima e o ambiente” (ficha técnica 5.2.6 do parlamento da União Europeia³⁴).

Esse enunciado corresponde à cláusula que diz respeito a “ecologização” das explorações, ou melhor dito, a necessidade de se “ecologizar” se os agricultores quiserem receber até 30% a mais dos subsídios. Além dessa medida, a ecologização (item 4 dos elementos chave do primeiro pilar) baseia-se em:

1. diversificação das culturas: o agricultor é obrigado a cultivar duas espécies diferentes se a superfície das terras aráveis exceder 10 hectares; se esta exceder 30 hectares, o número mínimo de culturas é de três; a cultura principal não deve cobrir mais de 75% das terras aráveis e as duas culturas principais só podem cobrir, no máximo, 95% da superfície arável;
2. manutenção dos prados permanentes;
3. constituição de uma «superfície de interesse ecológico» de, pelo menos, 5% das terras aráveis da exploração para explorações com mais de 15 hectares (excluindo os prados e pastagens permanentes e as culturas permanentes): orlas dos campos, sebes, árvores, terras em pousio, elementos paisagísticos, biótopos, faixas de proteção e superfícies florestadas, culturas fixadoras de azoto; este valor pode passar para 7% a partir de 2017³⁵.

A segunda parte desse item é de extrema violência, pois aborda justamente as sanções que serão enfrentadas pelos agricultores que não se adequarem ou enquadrarem nos requisitos que a U.E. decidiu serem os certos. “O descumprimento dos requisitos de ecologização resultará em sanções muito pesadas: após uma fase de transição, os infratores perderão até 125% dos seus pagamentos «verdes»”. Portanto podem perder mais do que recebem. A ecologização atual já vem sendo “testada” pela U.E. desde a reforma da PAC de 1999 em que se fundou a Agenda 2000 e que havia um item específico intitulado “boas práticas agrícolas e ambientais”³⁶.

Essas quatro medidas da PAC não incidem de uma forma prática no sistema agrícola local, embora ratifiquem os sistemas agrícolas diversificados, como é o do

³⁴ Disponível em:

<http://www.europarl.europa.eu/atyourservice/pt/displayFtu.html?ftuld=FTU_5.2.9.html>. Acesso em mar. de 2017.

³⁵ Disponível em:

<http://www.europarl.europa.eu/atyourservice/pt/displayFtu.html?ftuld=FTU_5.2.5.html>. Acesso em 12 de junho de 2017.

³⁶ Ver a cartilha que o Ministério de Agricultura lançou para orientar os agricultores. Disponível em: <http://www.drapc.min-agricultura.pt/base/documentos/boas_praticas_agricolas.pdf>. Acesso em 20 de mar. de 2017.

caso em estudo. A maioria das medidas propostas pela PAC correspondem, na região a práticas agrícolas imemoriais, a saber:

1. Dificilmente nas aldeias algum agricultor gerencia extensões de 30 hectares, de modo que não são abalados pelo primeiro ponto, e mais, os agricultores de Tourém e Pitões já cultivam ao menos duas espécies – a saber, a batata e o centeio – desde muito tempo, ou seja, também se adequam as prerrogativas da PAC para receber a ajuda do programa. Não inclui o milho porque, como será analisado de forma mais detida, a sua implementação no sistema agrícola local é recente.

2. Os prados permanentes chamados de *lameiros* são estratégicos dentro do sistema agrícola local, conjuntamente com os baldios. O feno produzido por essas terras no verão é a base da alimentação do gado no inverno quando ficam a maior parte do tempo estabulados.

3. A terceira medida também se configura na região como uma prática habitual, as pessoas costumavam deixar pelo menos um carvalho dentro dos lameiros maiores para que as vacas quando estivessem pastando aquelas terras tivessem a possibilidade de poder deitar à sombra se o sol ficasse forte. As beiradas das terras são cortadas mais para evitar a invasão de espécies que eles consideram invasoras.

4. Como a atividade é considerada de regime semiextensivo (por se tratar de uma parte do ano extensiva e outra estabulada) a gestão territorial que essas normas evocam são também parte das atividades agrícolas praticadas pelos locais. De fato, as superfícies de prados permanentes, de arbustos e arbóreas já são mantidas.

Os agricultores já cumprem com a maioria dos requisitos e essas normas não implicaram para eles mudanças estruturais no sistema agrícola que praticavam e praticam. Todos os cultivos serão analisados e, através deles, poder-se-á observar como as práticas agrícolas se estendem às terras, como se retraem e como os agricultores vão reformulando as suas preferências em função de uma miríade de elementos, entre as quais as medidas da PAC também influenciam.

A intenção dessas políticas incide mais na gestão do território, na manutenção de um mosaico de cultivos e na ideia de uma *paisagem cultural* do que em medidas de cunho produtivista. A paisagem cultural agrícola foi alvo de um processo de patrimonialização que culminou na declaração de patrimônio agrícola mundial

declarado pela FAO em abril de 2018³⁷.

As medidas fiscalizadoras e de controle das práticas agrícolas foram implementadas também desde a chegada da PAC. Para poder acessar os subsídios da União Europeia, os agricultores têm que estar cadastrados em uma associação de produtores, entregar as solicitações anuais de subsídios, os relatórios da exploração em que figuram as parcelas cultivadas, o tipo de cultivo assim como muitas outras exigências. Normalmente quem faz esse serviço burocrático é um engenheiro agrônomo ou florestal. Há vários tipos de profissionais: os autônomos que trabalham diretamente com os agricultores e os que prestam serviços para as associações de produtores, de modo que os associados são encaminhados para determinados engenheiros. O trabalho desses engenheiros é elaborar e preencher o relatório anual da exploração, assim como a candidatura para as ajudas que são entregues de forma anual. As regulamentações e as especificações da União Europeia mudam frequentemente e por isso os engenheiros, para tentar maximizar as ajudas recebidas pelos agricultores, otimizam as explorações em função da legislação.

Existe uma distância e uma ausência de contato entre as arenas onde são pensadas as políticas (União Europeia e Ministérios) e as terras de cultivo. Os agricultores tampouco se interessam demasiadamente por essas mudanças, já que as informações chegam às aldeias filtradas pelos folhetos distribuídos pelas associações de produtores ou diretamente via os técnicos, engenheiros e veterinários. A extrema burocratização do processo administrativo consegue desinteressar os agricultores por se aproximarem das medidas efetivas, recebendo apenas capacitações pontuais que dizem respeito às mudanças importantes, muitas vezes vinculadas com sanções administrativas.

Com a implementação das condições de bem-estar animal, aprovadas pela União Europeia em 1998, pela Diretiva 98/50 de 20 de julho de 1998, ratificada nacionalmente pelo Decreto Lei nº 64/2000 de 22 de abril, os agricultores receberam um curso de formação específico. Tiveram que se deslocar até a sede do município, onde os engenheiros das associações ministraram o curso em que foram abordadas as consequências práticas dessa Lei: as condições mínimas de manutenção dos estábulos (se são secos ou com formação de estrume, o espaço disponível etc.) como

³⁷ Para mais informações ver: <<http://www.fao.org/portugal/noticias/detail/en/c/1117234/>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2019.

devem ser transportados os animais, questões referentes à limpeza, assim como o entorno das vacarias. O mesmo aconteceu com as medidas agroambientais e a catalogação como zona desfavorecida. Os agricultores precisam conhecer as mudanças e obrigações, recebem a formação específica com o correspondente certificado de participação e espera-se que apliquem as medidas se não quiserem ser punidos.

Na prática, a aplicação nas aldeias dessas novas medidas se dá de forma processual. Isto é, quando são aprovadas novas medidas, principalmente se a nova legislação têm medidas sancionadoras para o agricultor, os técnicos das associações visitam os agricultores em suas explorações já nos primeiros meses de entrada em vigor dessas novas regulamentações e “in situ”, orientam os agricultores, informam-lhes as práticas que estão corretas e as que estão erradas.

O caráter fiscalizador instaurado pela atual conjuntura europeia no decorrer do tempo e dos diferentes programas específicos (bem-estar animal, uso das terras e cultivos), juntamente com as necessidades de adequação das explorações às normativas vigentes, mostram o processo de instalação de medidas externas aos agricultores de caráter impositivo e autoritário. Assim, as medidas agroambientais supõem um ingresso econômico maior, já as de bem-estar animal são de carácter obrigatório e comportam medidas fiscalizadoras e sanções econômicas caso não se adequem aos parâmetros exigidos.

Apesar de todas essas medidas fiscalizadoras e da forma como elas são implementadas, os agricultores continuam realizando uma gestão territorial autônoma. As medidas propostas pela União Europeia não incidiram no sistema agrícola praticado nas aldeias, ou essa é a impressão que se tem no diálogo sobre o tema com os agricultores. Os agricultores de Pitões têm, por exemplo, o aporte de conhecimento de uma de suas aldeãs, Luiza, que é a presidenta da Junta de Freguesia, presidenta do conselho diretivo dos baldios e engenheira florestal e tramita a maioria dos subsídios para os que lá vivem. Ela realiza a mediação entre as medidas da União Europeia e a aldeia. De que forma? Estudando as medidas e, na sequência, implementando-as de acordo com as adequações de cada agricultor. Cada um deles tem uma ficha com todas as terras que gerencia em sua unidade produtiva. Nas fichas cadastrais de cada propriedade, aparecem especificados os usos de cada terra, a

extensão total de cada uso. Linhas abaixo, encontra-se um exemplo desses relatórios submetidos à União Europeia pelos agricultores de Pitões Cascais.

Tabela 2 - Resumo de terras de Cascais que forma parte do relatório anual (Cedido pelo agricultor)

N.º Seq	N.º Sub Parcela	Área (ha)	Ocupação de Solo		V.A.	Grau Cob.	Registo	Origem Dados	Última Revisão
			Classe	Detalhe					
1	002	0,17	Pastagem Permanente				S	REV	2014-07-27
2	001	0,14	PPE-QU: Pastagem Permanente em Sob Coberto de Quercín			A	N	REV	2014-07-27
3	003	0,68	Espaço florestal arborizado	PP-Carvalho Negral			N	INQ	2015-05-24
4	001	0,31	Pastagem Permanente Arbustiva				S	INQ	2015-05-24
5	002	0,38	Esoaco florestal arborizado	PP-Carvalho Negral			N	INQ	2015-05-24
6	004	0,22	Pastagem Permanente				S	REV	2014-08-05
7	006	0,17	Pastagem Permanente				N	REV	2014-07-27
8	004	0,16	Pastagem Permanente	Pastagem Natural			S	REV	2014-07-27
9	004	0,17	Pastagem Permanente				N	REV	2014-07-28
10	001	0,07	Pastagem Permanente				N	REV	2014-07-27
10	002	0,02	Zonas de Protecção / Conservação	Sebes e Corta-Ventos			S	REV	2014-07-27
11	002	0,15	Pastagem Permanente				N	REV	2014-07-27
12	009	0,13	Pastagem Permanente				S	REV	2014-07-27
13	002	0,40	Pastagem Permanente Arbustiva				S	INQ	2015-05-24
14	001	0,13	Pastagem Permanente Arbustiva				S	INQ	2015-05-24
15	008	0,06	Pastagem Permanente Arbustiva				S	REV	2014-07-27
15	015	0,22	Pastagem Permanente	Pastagem Natural			S	INQ	2015-12-09
16	005	0,04	Culturas Temporárias				N	REV	2014-07-27
17	001	0,08	Pastagem Permanente				S	REV	2014-07-27
18	006	0,10	Culturas Temporárias				S	REV	2014-07-27

Na aldeia de Tourém, devido à proximidade com as aldeias galegas, é mais comum que os agricultores não declarem para a União Europeia todas as terras que cultivam. Este fato se dá, pois as ajudas recebidas são de âmbito nacional, de modo que é possível aos agricultores não declararem parte de suas explorações por estas se localizarem no lado galego.

Os agricultores conseguem burlar essas medidas da PAC de múltiplas formas, utilizando múltiplas estratégias. Há em Tourém agricultores que nos últimos anos simplesmente decidiram não se adequar às novas normas, optando por receber uma quantia menor por animal. Outros, ainda, afirmam que o número de terras que têm não lhes permite realizar relatórios para otimizar os recursos recebidos pela administração, porque não possuem a extensão suficiente por cada cabeça de animal que a União Europeia requer, principalmente no que diz respeito aos cultivos. Nas pastagens, com os baldios, eles afirmam compensar partes das perdas.

Os agricultores de mais idade são os que têm maior dificuldade e mostram mais resistência a esses contínuos processos de (re)regularização. Alguns afirmam que mantêm o sistema produtivo conforme o têm e que não lhes faz muita diferença. Mas é obvio que existem agricultores que dedicam especial atenção às burocracias a fim de maximizar esse subsídio.

A leitura que os agricultores têm da PAC e dos subsídios que recebem é que estes servem para complementar a renda e, de alguma forma, compensam a estagnação do preço da carne. Afirmam que recebem a mesma quantia de dinheiro por quilograma de vitelo, desde, aproximadamente, vinte anos atrás, de modo que confirmam essa complementaridade na renda via subsídios, recebendo, aproximadamente, 200 euros por ano por animal reprodutor.

1.4.3 Indicação Geográfica Protegida do gado cruzado dos lameiros do Barroso

Em 30 de outubro de 1997, o Estado português publicava, no Diário da República, o Despacho nº 8407/98, que estabelecia as regras de produção e características da “Carne de bovino cruzado dos Lameiros do Barroso”. Cinco anos após, a União Europeia reconhecia a Indicação Geográfica Protegida segundo o regulamento (CE) Num. 2066/2002 da Comissão de 21 de Novembro de 2002³⁸.

Essa certificação levantou na região uma alta expectativa do fim da estagnação dos preços, o *squeeze*. Sob o amparo desse selo, os produtores imaginaram que a sua retribuição por quilograma de carne de vitelo seria maior.

A certificação era operacionalizada através da Cooperativa de batata de semente de Montalegre que desde 1938 vem sendo um marco referencial do cooperativismo local³⁹. A cooperativa de produtores de batata de semente de Montalegre foi fundada nas primeiras décadas do século XX em que a produção de batata local era exportada para o conjunto do país.

Da mesma forma como aconteceu com a batata de semente, que foi perdendo relevância até ser um cultivo quase residual, o gado cruzado dos lameiros do Barrosos, desde o ano 2002 em que foi reconhecido, foi perdendo presença até cair quase no esquecimento. A Cooperativa gerenciava o abatedouro municipal e assim

³⁸ Para mais informações, ver as atas da nomeação em:

<<https://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ:L:2002:318:0004:0005:PT:PDF>>;
<<https://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ:C:2002:021:0027:0028:PT:PDF>> e na
página da Direção Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural:
<<https://tradicional.dgadr.gov.pt/pt/cat/carne/carne-de-bovino/552-carne-de-bovino-cruzado-dos-lameiros-do-barroso-igp>>.

³⁹ Para mais informações acerca do cooperativismo em Trás-os-Montes e Alto Douro, ver Fernando Pereira (2008).

conseguiram finalizar o círculo produtivo, comercializando a carne. Os agricultores afirmam que uma gestão equivocada foi o que arruinou aquele projeto.

A via administrativa oficial e o fim do sistema de comercialização que nos poderia colocar no trilho de uma agricultura que respondesse aos padrões empresarial ou capitalista, segundo proposto por Van der Ploeg, não surtiu o efeito esperado pelos agricultores e ambas acabaram relegadas, com o decorrer dos anos ao ostracismo. Essa estruturação de segundo nível foi perdendo vigor e, não tendo a venda garantida, os agricultores retomaram as relações com os comerciantes. Segundo nos informaram, nunca houve um abandono total dos acordos com os comerciantes. A estratégia mercantil dos agricultores foi a de manter as duas vias abertas. Com o passar do tempo a via administrativa foi perdendo o seu vigor, sendo retomada a via dos comerciantes. Essas mudanças estratégicas também operam com um tempo particular, sem que haja rupturas bruscas, que só ocorrem quando um agricultor se sente maltratado por um comerciante. Nesses casos o agricultor simplesmente deixa de lhe vender a carne.

No Barroso, existem dois selos de certificação diferentes: a Denominação de Origem Protegida (DOP) do gado da raça barrosã e a Indicação Geográfica Protegida (IGP) do gado cruzado dos lameiros do Barroso. A diferença entre um e outro certificado diz sentido ao número de processos que acontecem na zona de criação dos animais. Com a denominação de origem, os processos de produção, transformação e elaboração têm de acontecer no mesmo território. Já na Indicação Geográfica somente um desses processos tem de ser realizado na mesma região.

Mais do que isso, queria destacar a importância que tem o selo de gado cruzado dos lameiros do Barroso. Ao invés de reconhecer uma espécie de animal vinculado a uma região específica, como é no caso da DOP das barrosas, a indicação geográfica reconheceu que o gado produzido no Barroso, que não é da raça barroso, é oriundo de um processo de adaptação e manipulação de espécies diversas realizado na região, ou seja, pelos próprios agricultores. Por outro lado, é um reconhecimento importante para o sistema agrícola como um todo que no nome da indicação se faça menção aos lameiros, que, com os baldios, são a base do sistema agrícola local historicamente consolidado, como já mostraram Viegas Guerreiro (1982), Lima Santos (1992), Manuela Riveiro (1997), Vergílio Taborda (1932) e tantos outros que realizaram trabalhos acerca do sistema agrícola.

A estratégia dos produtores de Tourém e Pitões de vender para o comerciante de Braga poderia ser entendida enquanto uma forma de agregar valor aos seus produtos. Esse valor agregado marca, segundo Van der Ploeg, outra linha divisória entre o que é o modo de fazer dos camponeses e o das agriculturas empresariais e capitalistas.

A primeira característica importante do modo camponês de fazer agricultura é que ele é orientado para a *produção e crescimento do máximo de valor agregado possível*. (...) o modo empresarial é orientado tanto para a aquisição (ou apropriação) dos recursos alheios como para a produção de valor agregado com os recursos disponíveis. O modo capitalista de fazer agricultura é centrado na produção de lucro (mais-valias) mesmo que isso implique uma redução do valor agregado total (2008:60).

Não tenho certeza de que os agricultores de Tourém e Pitões das Júnias estejam em uma procura constante de agregar valor à sua produção. O diferencial entre os gastos de produção e o preço de venda é sempre uma questão que baliza as estratégias dos produtores.

As agriculturas empresariais e capitalistas estão em permanente contato com os impérios alimentares, fazendo com que a autonomia dos agricultores seja residual, pois eles já produzem sob normas definidas. A relação estabelecida entre os agricultores empresariais e os grandes lobbys do agronegócio é de mão dupla. A autonomia do agricultor deixa de ser um elemento presente na relação devido a dependência que os agricultores têm do setor agrícola, cada vez mais forte. Essa dependência vai desde a venda da produção até a dependência dos insumos agrícolas por esse setor produzidos.

Essas relações de dependência são de natureza dupla: elas incluem novas relações mercantis, bem como relações técnico-administrativas através das quais o processo de trabalho na unidade é prescrito, condicionado e controlado (Van der Ploeg, 2008:136).

A aproximação feita linhas atrás sobre as formas de venda dos produtos ajudam a pensar em uma autonomia dos agricultores de Tourém e Pitões face ao mercado. Quando Van der Ploeg apresenta os dados acerca da agricultura empresarial, está pensando nos produtores de leite de uma região da Itália em que pequenos produtores têm a sua produção comprada diretamente por uma empresa do setor⁴⁰. A dependência aparece em sentido inverso também. Como a empresa

⁴⁰ No contexto dos estudos galegos, o trabalho de Raúl Iturra (1988) é uma referência acerca de um

compra toda a produção dos agricultores, com o passar do tempo, a empresa consegue impor os seus modos de produção, a especialização, a melhora das espécies bovinas, dos pastos etc. Nesse sentido, é que o autor pensa a autonomia, o que certamente extrapola neste caso. A agricultura empresarial depende do mercado para se reproduzir (2008:136). Diferente das unidades camponesas em que as atividades têm um período e uma consolidação histórica.

Como afirmam os estudiosos das ciências agrárias e das pastagens seminaturais do Alto Barroso, são o lameiro e o baldio a base do sistema agrícola tradicional (Pôças et al, 2010), do sistema agropastoril, como referido pelos etnógrafos, historiadores, geógrafos e demais estudos acerca da região. (Fontes, 1977; Lima Santos, 1992; Bordalo Lema, 1978). Não existe uma ruptura nem uma quebra no que diz respeito aos usos tanto práticos quanto simbólicos do sistema produtivo local. Dessa forma a resiliência do sistema parece ser um fator importante dentro do sistema agrícola local.

O sistema agrícola de Tourém e Pitões das Júnias tem na venda de vitelos para o mercado de carne o seu produto principal. Para pensar o sistema agrícola, é preciso entender o que é produzido, neste caso carne, para, em seguida, vermos como e do que se alimenta o gado. A alimentação das vacas provém, principalmente, dos lameiros, que são os prados naturais permanentes (Pôças, 2009) de onde se obtém o feno. Além do feno, há períodos do ano em que as vacas se alimentam de erva fresca dos próprios lameiros. Este seria o tempo em que os animais ficam estabulados, saindo de dia para pastar, seja nos lameiros, nas terras que foram cultivadas para dar o *outono*⁴¹, ou também quando saem para o monte⁴². Resumindo, a principal fonte de alimentação do gado é a erva e o feno que se obtém dos lameiros ou do monte.

Além de erva e feno, os agricultores de Tourém e Pitões, em maior ou menor quantidade, produzem centeio, milho e batatas que operam enquanto complemento e reforço alimentar para as vacas. Como será mostrado mais adiante, há diferentes

processo similar em que os produtores locais começam a produzir exclusivamente para uma determinada marca de leite em claro processo de especialização. José Maria Cardesin (1992) em sua tese de doutorado o campo se situa num momento em que as casas começam a reformular as suas estratégias produtivas.

⁴¹ Outono são os brotos novos de erva que saem após serem ceifados os lameiros e que as vacas comem no outono e na primavera.

⁴² O monte é uma parte do baldio – terras de uso comunitário – que é pastoreado grande parte do ano. Será analisado com no decorrer do texto.

racionalidades nas unidades produtivas, que se traduzem no que é cultivado por cada uma. É importante destacar que desses cultivos o centeio não é comprado, ou seja, é um cultivo que ano após ano é semeada a mesma variedade. A gestão da batata difere bastante, mas em função da produção do ano, isto é, se houve bastantes batatas normalmente os agricultores costumam semear as suas próprias. O milho depende da variedade cultivada. Se tratar-se da que é conhecida como país, circula por redes não comerciais, a troca e a doação entre amigos e parentes é a forma mais comum de mudar de sementes. Já as variedades híbridas normalmente ressemeiam o segundo ano parte da colheita do primeiro, mas no terceiro a produção mingua muito, de modo que são obrigados a recomprar semente novamente. As couves também são compradas em molhos de cem plântulas vivas, conhecido como *cento*.

A dependência dos mercados de produtos agrícolas é relativamente baixa, pois a base do sistema agrícola é a produção de pasto e a forragem está fora dos circuitos controlados pelas agroindústrias. Normalmente, o estrume obtido dos estábulos das vacas é espalhado nas *terras*, isto é, as parcelas que recebem as culturas, o milho, a batata e o centeio. Atualmente, os agricultores consomem também fertilizantes químicos nos lameiros cuja origem é industrial, então a autonomia também é relativa neste sentido.

Em relação à alimentação dos vitelos que serão vendidos para o mercado de carne, depende-se muito de cada unidade produtiva. Os vitelos são vendidos com menos de um ano de idade. O desmame dos animais acontece entre os seus quatro e os seis meses. Normalmente, a vaca que está amamentando o vitelo, na fase final, já está grávida de outro. O ciclo reprodutivo das vacas foi sendo intensificado com os anos, com a chegada dos tratores e o abandono da tração animal. Esse processo tem nome e sobrenome em um ditado estendido em ambas as aldeias: “*as vacas antes trabalhavam para nós e hoje somos nós que trabalhamos para elas*”. Enquanto tração animal, desempenhavam funções estratégicas, aliviando a carga de trabalho dos agricultores. Já na atualidade, os agricultores continuam trabalhando igual, mas as vacas não desempenham nenhum papel específico no cotidiano da unidade produtiva. Os agricultores trabalhavam para estocar o alimento das vacas que eram alimentadas com o feno, o centeio e as batatas. Hoje em dia, cultivam mais produtos do que há anos, mas *o alimento dos tratores não é feno*. Nesse ditado, encontra-se uma miríade de ideias congregadas sobre a transformação do sistema produtivo, a dependência

dos combustíveis fósseis e a falta de controle das variáveis tal qual era noutros tempos.

As vacas de alguma forma continuam trabalhando para eles, porém essa frase pode resumir de alguma forma o efeito do *squeeze* anteriormente citado. A estagnação dos preços da carne, a dependência cada vez maior de máquinas, *alfaías*, fertilizantes e sementes compradas formam parte de um processo mais profundo. No entanto, apesar de todos esses fatores, os camponeses mantêm o controle de suas explorações, pois são eles que decidem a quem vender, sobre as possibilidades de mudança dos cultivos, assim como a reestruturação do sistema agrícola. Van der Ploeg (2008:49) explica da seguinte forma onde é que se pode perceber a autonomia: “frequentemente pelos campos, currais e estábulos através das muitas decisões que precisam ser tomadas sobre a criação dos animais, a seleção de sementes, a irrigação e os insumos de trabalho”.

No capítulo segundo serão abordadas as estratégias (re)produtivas das diferentes unidades, mostrando as diversas racionalidades que se encontram por trás de cada casa. Ir além dessa leitura pontual e tentar entender essa prática enquanto resistência, desenha uma trilha em que a agência dos camponeses e suas leituras ganham protagonismo.

O embasamento teórico, proposto por Van der Ploeg em sua obra, pode ser aproximado das noções de conhecimento conforme formulados por Carneiro da Cunha (2009). Ganha de novo relevância a proximidade e a sensibilidade mobilizadas pelos camponeses em suas atividades. Segundo o autor, todas essas relações se dão no trabalho, na relação que o agricultor tem com a sua terra, com o seu gado, uma “gramática do campesinato” (2008:52). Pensar a condição camponesa via os agricultores de Tourém e Pitões das Júnias nada mais é do que pensar um

fluxo através do tempo (...) um processo dinâmico que pode se desenvolver em direções diferentes, com ritmos diferentes e através de mecanismos diferentes, dependendo da formação social em que estiver inserido. (2008:52)

1.4.4 O Parque Nacional Peneda Gerês

Com a criação do Parque Nacional Peneda Gerês através do Decreto nº 187/71, de 8 de maio de 1971, Tourém e Pitões das Júnias foram afetadas pelas medidas impostas pelos gestores dessa unidade de conservação, pois ambas aldeias

foram incluídas dentro dos limites do Parque. Em 1993 o governo estadual galego decidiu declarar parte do território adjacente ao Parque português, Parque Natural, outra categoria de proteção ambiental com o nome de Parque Natural do Xurés. Dessa forma dos dois lados da fronteira há uma unidade de conservação. Com essa medida do governo galego, o Parque passou a ser transfronteiriço.

Desde o momento da implantação do Parque Nacional, a população de Tourém e Pitões afirma que essa área protegida somente trouxe impedimentos para o sistema agrícola local⁴³. O momento mais tenso dessa relação entre o Parque e os agricultores aconteceu no ano 2016, quando quatro agricultores de Pitões foram sancionados por terem edifícios agropecuários fora do regimento, do Plano de Ordenamento Territorial do Parque Nacional Peneda Gerês, aprovado em 2011.

O Parque Nacional exerce um papel de fiscal em seu sentido mais rigoroso, através de seus administradores e guardas. O Parque é a entidade que outorga ou denega permissão de instalação de novos agricultores, multas por construções consideradas irregulares, licença definitiva das explorações necessária, no ano 2018, para poder candidatar-se aos subsídios e um sem fim de aspectos mais, que nos convocam a tratá-los desse jeito.

O centro do debate é que, na atual conjuntura política, tanto a PAC, via o Ministério de Agricultura, quanto o Parque Nacional, via Ministério do Meio Ambiente, conformam-se enquanto agências fiscalizadoras que têm em suas mãos o presente e o futuro dos agricultores.

Os agricultores das aldeias conseguem de fato continuar praticando as suas atividades sem excessivos empecilhos administrativos, com pequenos ajustes. Em 2011 foi aprovado o Plano de Ordenamento do Parque Nacional Peneda Gerês que regula os usos do território. Os objetivos desse plano aparecem da seguinte forma no documento:

salvaguardar os recursos e valores naturais existentes e, por outro, de assegurar a compatibilização entre a protecção destes recursos e as actividades humanas desenvolvidas nas áreas em causa. (Diário da República, 1.a série — N.º 25 — 4 de Fevereiro de 2011)

⁴³ Para mais informações e narrativas acerca da implementação do Parque, ver Humberto Martins, “Will the rocks crumble one day? Past and Present in the Portuguese Galician Frontier, Border Relations and Memories “(2005).

No documento aprovado e publicado no Diário Oficial, foram definidos desde a forma em que se pode dar o pastoreio tradicional, os diferentes níveis de proteção do território, até o tamanho, forma e materiais em que devem ser construídos os edifícios agropecuários dentro do Parque. Em relação aos edifícios, o máximo de superfície coberta permitida é de 250 m². Essa medida totalmente arbitrária, e sem nenhuma base de estudo dos edifícios já instalados, vem sendo um foco de disputa entre os agricultores e os gestores do parque. Dos edifícios agropecuários já instalados na aldeia desde a década de 1990 a área coberta é muitas vezes maior do que o estabelecido como regra. A maioria dos edifícios agropecuários ultrapassam os 800 m² de área coberta. Ainda assim, houve agricultores de Pitões que se viram na necessidade de ampliar a área, em consonância com a legislação municipal. No entanto, em 2016 alguns agricultores começaram a receber sanções administrativas via a Fazenda, devido a uma suposta irregularidade em seu estabelecimento. As sanções administrativas se efetivaram de diferentes formas, chegando inclusive, em um dos casos, a embargar a aposentadoria do pai do responsável da exploração. Somente após se concretizarem as ameaças é que os agricultores começaram a mobilizar as suas queixas. Em Pitões são ao menos 4 agricultores que foram sancionados.

Os agricultores mais jovens sofrem também com as entidades administrativas. Este é o caso de três agricultores jovens que conseguiram aprovar na União Europeia os subsídios para a abertura de uma nova unidade produtiva familiar, no entanto o Parque Nacional não libera a licença de construção do edifício por extrapolar as medidas contempladas no plano de Ordenamento. Com os subsídios aprovados, os agricultores jovens precisam começar a adquirir as máquinas listadas no projeto de sua unidade produtiva, assim como a construção do edifício agropecuário que extrapola os 250 m². Nesse impasse se encontram 3 jovens agricultores com idades inferior a quarenta anos que querem fixar a sua residência na aldeia e continuar com a gestão do território, no entanto esbarram no tecido administrativo do Estado.

Existe uma sensação entre os agricultores, declarada em uma carta de repulsa entregue ao Secretario de Estado de Meio Ambiente em um ato no Planalto da Mourela, na qual afirmavam que o Parque Nacional: “em nada respeita o modo de vida e o trabalho das populações residentes”(S/D: 4). A denúncia mostra como as demandas dos agricultores estão baseadas no conhecimento das condições de produção que têm as aldeias

O começo do capítulo girou em torno da noção de sistema, de como as abordagens sistêmicas chegaram às ciências sociais vindas das ciências exatas, conforme Almeida (2008). Foi mostrado que a discussão sobre o sistema agrário, conforme proposto por Mazoyer e Roudart (2009), tem em sua essência a análise de um corpus, de um sistema sob duas vertentes ou divisões principais, o sistema social produtivo e o ecossistema cultivado. O sistema agrário, enquanto noção teórica, privilegia também uma espécie de modelagem em que a região é um conceito central.

Já Laure Emperaire (2009) toma como foco de estudo também o sistema, no entanto, o agrícola. É para a autora uma formulação teórica em que as múltiplas racionalidades dos atores envolvidos têm possibilidade de estar contidas nas análises. Dessa forma o sistema agrícola é a noção que mais se aproxima da intenção deste estudo, porque os conhecimentos mobilizados pelos agricultores em seu cotidiano e a forma de se relacionar com as demais variáveis do sistema são alvos de reflexão.

De aí em diante, realizo uma apresentação das formulações de Van der Ploeg (2008). As suas noções de recampesinização e de coprodução são centrais para, a partir do sistema agrícola, construir uma ponte dialógica até o Alto Barroso.

Descrevo a continuação, o sistema agrícola do Alto Barroso, como funcionam os mercados e o sistema de venda de mercadorias dos agricultores. Para tal fim, fez-se necessário um recuo histórico, procurando, nos trabalhos de começos do século XX, as referências ao sistema. Esses estudos são eixos condutores de todo o doutorado.

A abordagem sistêmica privilegia o estudo de um corpus aberto em que acontecem intercâmbios com o exterior, tanto de dentro para fora do sistema, os outputs, quanto de fora para dentro do sistema, os inputs. Os vitelos são a principal mercadoria, já as entradas ao sistema principal dão-se na forma de políticas. A política agrícola comum da União Europeia, o Parque Nacional e as diferentes indicações geográficas são aspectos externos que incidem na arte da agricultura (Van der Ploeg, 2008) praticada no local.

Na sequência será analisada a forma na qual se organizam as unidades produtivas familiares. Já na dissertação de mestrado (Amoedo, 2014) tinha voltado minha atenção para este conceito analítico importante, que a casa. Também, já tinha realizado uma diferenciação entre configurações sociais que chamei de casa-familiar e casa-camponesa. Esta última tem em seu cerne uma unidade produtiva que, será analisado no seguinte capítulo.

Capítulo 2: As casas: unidades produtivas agrícolas, estratégias e configurações

Neste capítulo, introduzirei o leitor ao universo social no qual se desenvolveu esta pesquisa de doutorado, as *casas*. Da forma como destacaram Mazoyer e Roudart (2010) a abordagem do sistema agrícola se divide em dois subsistemas interconectados, o sistema social produtivo e o ecossistema cultivado. Neste capítulo apresento as *casas* de Tourém e Pitões das Júnias, enquanto unidades sociais e produtivas. A casa é uma categoria local e teórica ao mesmo tempo. Quando os agricultores se referem à casa o significado atribuído a essa categoria é mais amplo do que pode ser pensado enquanto unidades produtivas familiares. Conforme definiu Pina Cabral, a casa é a unidade social elementar (1984) que remete a uma história comum. Na casa se combinam os humanos, os animais, as terras, os nomes e a reputação.

Além de descrever o número de pessoas que trabalham na exploração cotidianamente, será analisada também como a força de trabalho é organizada na unidade produtiva, as ajudas de mão de obra disponíveis aos agricultores na época do verão e sua procedência, se interna à casa-camponesa ou externa. Enquanto unidades produtivas familiares, será feita uma breve apresentação da origem de cada exploração, se é familiar ou se foi uma exploração construída totalmente pelos agricultores que atualmente a trabalham.

Os procedimentos técnicos e tecnológicos de cada exploração serão descritos brevemente, pois privilegiou-se neste capítulo os tipos e a quantidade de máquinas (*enfardadeiras*⁴⁴, *gadanheiras*⁴⁵), os processamentos realizados na unidade produtiva e a diversificação de cultivos como, por exemplo, quais desses tem a ver com a venda de *fumeiro* ou não. Todas essas variáveis a princípio limitadas podem ser combinadas de formas diferentes. Tratou-se de aproximar ao leitor a esse universo social e sociológico.

Antes de passar para as descrições é preciso definir alguns termos que são usados para a classificação.

⁴⁴ Ferramenta com a que se fazem os fardos de feno.

⁴⁵ Ferramenta com a que se ceifa o feno.

2.1 As casas, unidades produtivas familiares e a vida dos agricultores

A agricultura é como a vida, afirmava Venâncio numa tarde de inverno quando estávamos juntos em Cima de Vila, um dos seus maiores *lameiros*⁴⁶. Explicava-me naquela tarde, como tinha adquirido aquela propriedade em pequenas porções de terra e que já havia semeado batata e milho nela. Já idoso, ainda ajuda seu filho, Sérgio. Venâncio, que chegou à aldeia de Tourém na década de 1960, foi construindo aos poucos a sua *exploração*: começou comprando alguns animais, cabras e vacas principalmente. Na sequência, comprou algumas terras e continuava alugando uma casa em que morou com sua família. Amparado em seu emprego de vigilante da estrada que vai de Tourém até Montalegre, dependente da Câmara Municipal, não deixou de comprar terras, criar gado e criar seus filhos. Já na década de 1980, conseguiu adquirir uma casa na aldeia que, na atualidade, já leva seu nome, a *casa de Venâncio*. Na década de 1990, devido aos subsídios da União Europeia, deixou a exploração para o seu filho. As terras, as vacas, os tratores, o edifício agropecuário ficaram desde aquele momento sob sua gestão. Venâncio continuou trabalhando até quando as pernas aguentaram e, na atualidade, acompanha os trabalhos através das conversas que seus filhos têm à mesa. Vê suas terras uma vez por dia pelo menos, a não ser que não possa, afirma. Hoje reconvertido em lameiro, Cima de Vila é um símbolo de sua trajetória, ele refletia como a agricultura *era como a vida mesma*, quando jovem trabalhou muito para conseguir criar os seus filhos, comprar uma casa, comprar terras já agora de velho leva uma vida mais contemplativa. Quando mais jovem, administrava a sua *casa*, já, na atualidade, é Sérgio que decide o que se faz.

Sérgio, seu filho, tem o seu sistema produtivo adaptado às condições de que dispõe: força de trabalho, terras, máquinas e número de cabeças de gado. Essa metáfora de Venâncio é esclarecedora e se aproxima das formulações de Chayanov acerca das composições dos grupos domésticos e os seus ciclos de trabalho (1985).

Os agricultores de Tourém e Pitões das Júnias têm configurações sociais e produtivas que são abertas e dinâmicas, normalmente trabalham duas pessoas, sendo o grupo doméstico, esposa e marido a fórmula mais repetida. Mas também trabalham nas unidades produtivas os pais, os filhos, os tios. Seriam, portanto essas as configurações familiares que existem em Pitões e Tourém, vinculadas às unidades

⁴⁶ Pastagens seminaturais de montanha muito comuns nas aldeias. Serão analisados mais adiante.

produtivas. As explorações de Tourém e de Pitões conjugam em seu seio tanto pessoas quanto meios de produção. As estratégias variam e dependem da combinação de outros fatores, como a disponibilidade de mão de obra, o estado de saúde das pessoas, as ajudas da União Europeia.

Um primeiro esclarecimento que tem que ser feito sobre a forma com que me refiro aos agricultores. Usarei o nome dos agricultores como se tratasse da casa. Portanto, é importante salientar que ao nomear uma pessoa de uma casa concreta, esse nome está englobando o conjunto de pessoas que trabalham na mesma exploração.

Por exemplo, Patorro fala *as minhas vacas*, se for conversar com Beatriz, sua esposa falará também *as minhas vacas*, e no entanto as vacas são as mesmas, são *as da casa*. Patorro e Beatriz são uma casa-camponesa, as suas vacas, as suas terras, a sua reputação, assim como a sua unidade produtiva são aspectos importantes na configuração social da aldeia. Abordarei as configurações das explorações agrícolas no que diz respeito a força de trabalho e gênero ao longo do texto, mostrando como homens e mulheres interagem na gestão cotidiana da unidade produtiva, distribuem as atividades em função das condições de trabalho e disponibilidade de mão de obra. Como mostra Carneiro (1996) há um papel predominante assinado aos homens dentro da gestão e tomada de decisões das unidades produtivas. A maioria dessas situações se dá no espaço social da aldeia, na arena pública, em que o homem detém uma visibilidade social maior do que as mulheres. No entanto as mulheres estão presentes na gestão e tomam para si atividades do cotidiano da exploração.

Carneiro afirma que o papel feminino se identifica mais com a família, numa espécie de simbiose (1996:353). Já o masculino se assemelha mais ao papel da chefia da unidade produtiva. O meu intuito com a descrição realizada nesta etnografia é tratar de mostrar como as configurações sociais, os arranjos internos às casas são muito mais fluídos do que as categorias. Dessa forma o dinamismo interno das casas é fruto de muitas variáveis que normalmente fogem às classificações de gênero. As casas de Tourém e Pitões das Júnias não podem ser pensadas dicotomicamente, a complementariedade e combinação entre as pessoas é mais interessante de ser pensada do que a dicotomia. Viegas Guerreiro destaca em sua etnografia que em Pitões: “se não há homens, as mulheres fazem tudo” (1982:183).

Cardesin (1992) estudou as diferentes configurações e estratégias das

unidades produtivas familiares de uma aldeia galega chamada San Martiño. Para tal fim o autor apresenta três conceitos teóricos – exploração, casa e grupo doméstico – elaborados a partir das unidades produtivas familiares, mas que aos olhos do autor são insuficientes para descrever as diferentes estratégias dos camponeses. O contexto de pesquisa do autor é uma aldeia rural em que as unidades produtivas familiares de leite de vaca, foram optando por diferentes estratégias, que vão desde a especialização leiteira até o fechamento. A intensificação e industrialização da produção são analisadas através dos seguintes fatores: a melhora genética dos animais, a construção de modernos edifícios agropecuários com sistema de ordenha automática, existência de estábulos secos e a modernização do parque de máquinas. No outro extremo estariam as casas que não tendo um relevo geracional mantêm vacas até chegar os benefícios da aposentadoria. Esses agricultores não mudam as raças de vacas para obterem uma maior produção, não automatizam o sistema de ordenha, continuam com os seus estábulos e tratores. Após vender as vacas os mais idosos acabam abandonando até a casa da aldeia, indo morar com os seus filhos nas cidades. Cidades em que a casa já teria adquirido um apartamento em função de sua estratégia. Para descrever os ciclos de desenvolvimento dos grupos domésticos⁴⁷, o autor lança mão de três categorias teóricas que o ajudam a balizar essa descrição: exploração, grupo doméstico e casa.

A noção de “explotación” corresponde a modalidade de análise em que:

[se] descompone las unidades identificadas en tres factores de producción, “tierra”, “trabajo” y “capital” y explica las diferentes opciones productivas como resultado de la diferencial capacidad de manipular esos tres factores (idem, 1992:47).

Terra, trabalho e capital seriam os elementos conjugáveis nas diferentes estratégias produtivas das casas. A noção de estratégia é fundamental para o autor que parte de uma análise histórica das unidades que remonta ao século XVIII.

A segunda categoria analítica é o grupo doméstico. As linhas teóricas que privilegiam o estudo dos grupos domésticos focam nas pessoas, suas trajetórias e estratégias. Lançam luz às configurações tanto produtivas quanto reprodutivas do próprio grupo de pessoas que se encontram vinculadas a uma casa (1992:49).

⁴⁷ Meyer Fortes (2011) aborda o desenvolvimento dos grupos domésticos. Mauro Almeida (1986) também fez uma análise das formulações teóricas da família no contexto rural brasileiro.

Já a noção de casa é descrita como

una unidad social integrada por individuos corresidentes, unidos normalmente por vínculos de parentesco; pero también forma parte de la “casa” el patrimonio que esos trabajan y/o gestionan, incluida la vivienda y/o dependencias anexas, las tierras, los muebles, ganados y útiles de trabajo (..) esa unión entre personas y patrimonio se enraíza en un pasado y se proyecta en el futuro (1992:48).

A descrição realizada pelo autor privilegia as estratégias das casas de São Martiño a partir de um olhar analítico diacrônico. Explora a configuração histórica de cada casa, os diferentes processos de mobilidade das mulheres e dos homens e a forma em que a casa, a unidade produtiva e a configuração social se transformam em função dos condicionantes sociais, internos à unidade produtiva familiar, políticos etc. Dessa forma se aproxima do conceito de ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico, que ajuda a:

pensar la diversidad en la composición interna de los grupos domésticos de una aldea, en relación con la distinta fase que está atravesando cada uno de ellos a lo largo de su ciclo reproductivo (1992:50)

Já Meyer Fortes em seu célebre artigo acerca dos ciclos de reprodução dos grupos domésticos apontava que a importância da reprodução recai em:

mecanismos institucionais, bem como atividades e normas ditadas pelo costume (costumarias), que servem para manter, suprir e transmitir o capital social de geração a geração. (2011:6)

Ao mesmo tempo em que essa reprodução é interna, ela tem também uma dimensão externa, como também aponta Almeida em sua leitura acerca da família rural (2008).

A importância dada aos ciclos e às fases colocam a reflexão em uma concepção processual do tempo. O ciclo de desenvolvimento é uma categoria central da análise da obra de Cardesin (1992), pois, através dela, o autor consegue visualizar o que chama de “estrategização” das unidades produtivas familiares. A “estrategização”, conforme usada pelo autor, lhe permite colocar a ação dos camponeses e das unidades produtivas como uma combinação de diferentes estratégias (Cardesin,1992). Ao analisar as configurações sociais das unidades, observa como as estratégias podem mudar de forma drástica, seja com alguma ação

política por parte dos estados que privilegiam algum setor produtivo, como também mudanças no seio do grupo doméstico. Ele também presta especial atenção aos casamentos dos filhos e como essas uniões implicam em uma reativação da unidade produtiva. Caso não ocorram casamentos, o autor analisa também como as unidades produtivas encerram a sua atividade.

Cardesin foca nos ciclos de vida das pessoas. Não pode ser descartados imprevistos, como a aparição de doenças inesperadas, a idade dos responsáveis pela gestão e trabalho da unidade produtiva, ou a chegada inesperada de mais força de trabalho. Estes são aspectos que mudam radicalmente a dinâmica da casa, e que requerem adaptação.

Por exemplo, em decorrência da crise econômica de 2009, observei em Tourém, a casa de Manuel do Manco e a volta de seus filhos, desempregados na Galícia, quando tiveram que abandonar os seus apartamentos alugados e ser acolhidos na casa. A solução da casa com a chegada dos filhos foi aumentar o número de vacas da exploração. A noção de casa-camponesa⁴⁸ proposta é uma forma de aproximar ambos universos conceituais, a casa enquanto unidade social e uma unidade produtiva. Outros condicionantes que incidem nas estratégias das unidades produtivas são sociais, econômicas, políticas e ambientais. Um deles, que proporcionou situação favorável tanto social quanto politicamente na região, foram as ajudas da PAC à instalação e abertura de explorações nas aldeias que aconteceu na década de 1990.

Maria José Carneiro (1996) analisa como na França a forma com que se transmitiam as explorações foi modificada, deixando fora do controle da família as lógicas de reprodução das unidades produtivas. Ele afirma que: “o processo de sucessão passa a ser regulamentado pelas medidas públicas de incentivo à instalação de jovens agricultores e assim a família perde o controle sobre os mecanismos de sua própria reprodução social” (1996:347).

Esse mesmo processo foi descrito também por Humberto Martins na aldeia de Tourém. Ele fez trabalho de campo na aldeia no início dos anos 2000 e, naquele momento, coexistiam na aldeia estratégias totalmente diferentes. Os agricultores mais jovens estavam apostando pela especialização, conforme descrito por Cardesín (1992). Já os agricultores mais velhos que não tinham em sua casa um relevo

⁴⁸ Casa camponesa ou casa exploração foram as categorias que formulei no mestrado para serem diferenciadas da casa-familiar. Estes termos são explicados mais adiante no texto.

geracional criaram gado até que as forças lhes permitiram continuar com seu sistema produtivo. Na aldeia, havia novos edifícios agropecuários, novos tratores maiores que os anteriores e o aumento do *encabeçamento* (Martins, 2005).

No entanto, pude perceber também como, além de catalisar um processo “natural” de sucessão das explorações, os subsídios da União Europeia permitiram que *filhos da terra* (Amoedo, 2014) que estavam trabalhando como assalariados em países como França, Alemanha e Suíça tivesse oportunidade de voltar. Mais concretamente, de Tourém, foi o que ocorreu com Adriano e Venâncio. Ambos não tinham em casa possibilidade de continuar com a exploração, já estavam em países estrangeiros trabalhando e, com os subsídios, puderam voltar à aldeia e montar a sua exploração. Não existem explorações nas aldeias que sejam gerenciadas por pessoas que não tenham uma vinculação com a terra, que não tivessem *sido nascidos e criados nas aldeias* (Amoedo, 2014).

Venâncio, agricultor de Tourém, sabendo que não herdaria a exploração da sua casa, levava anos trabalhando fora de Portugal em diferentes setores. Na metade dos anos 1990, num período de férias, seus irmãos lhe informaram das novas ajudas para a instalação e abertura de unidades produtivas agrícolas dadas pela União Europeia. Uma vez avaliados os subsídios, Venâncio decidiu empreender o caminho de volta à aldeia e abrir a sua própria unidade produtiva. O mesmo aconteceu com Adriano, que, uma vez convocadas as ajudas, decidiu também voltar da Suíça. Em Tourém e Pitões das Júnias, a casa é a categoria local usada para se referir à exploração, ao grupo doméstico e a unidade social. É, portanto um conceito polissêmico que obriga a fazer uma marcação de seus usos, pois tanto é uma categoria teórica quanto local.

Em uma tarde, eu e Venâncio – agricultor de quase oitenta anos de Tourém – estávamos perto da barragem dos Pisões e paramos em um café à procura de um amigo seu. Ao entrarmos, um homem com a mesma aparência de Venâncio, de uns setenta anos de idade, com um chapéu na cabeça e a cara queimada do sol, mandou-nos sentar com ele à mesa. A conversa entre eles fluiu nos termos conhecidos, entre dois amigos agricultores que há anos não se viam. Em um primeiro momento, conversaram sobre o estado de saúde de cada um, de suas esposas e da família em geral. A segunda parte da conversa foi sobre a casa. O amigo de Venâncio lhe perguntou quantas vacas tinha em casa. Ele lhe disse que fazia anos que não tinha mais vacas. O amigo perguntou novamente: “mas quantas vacas tem na sua casa?” Essa segunda pergunta foi acompanhada com um gesto feito com as duas mãos como

se estivesse fazendo um círculo, que ia da mesa até o topo da cabeça. Venâncio lhe disse então que quarenta, que seu filho Sérgio herdou a sua *fazenda*. Devido ao questionamento ser sobre a *casa*, Venâncio continuou explicando que seu filho, Venâncio (mesmo nome do pai), tinha mais de quarenta vacas, que os filhos de Pitões, tinham entre os dois mais de setenta e que até a sua filha que está aposentada tem dois bois barrosos. Depois dessa explicação, o amigo de Venâncio acenou a cabeça de forma afirmativa. Depreende-se daí que a casa é uma categoria local que aglutina exploração, grupo doméstico e unidade produtiva.

Em minha dissertação (Amoedo, 2014), abordei as diferentes configurações sociais que havia na aldeia atreladas às casas. Naquele estudo, prestei atenção à configuração social da aldeia de uma forma mais ampla, sendo analisadas as relações que os migrantes, os agricultores e os aposentados tinham com a *terra*. Assim, foi preciso problematizar os usos da categoria casa e os sentidos que mobilizava em função dos diferentes grupos sociais. Da mesma forma como fez Rota y Monter (1984), foi necessário procurar a diferenciação entre os sentidos atribuídos a essa categoria localmente. Decidi abordar duas configurações sociais diferentes, as quais chamei de casa camponesa e de casa familiar. A casa camponesa corresponde à estrutura social que tem uma unidade produtiva agrícola como principal atividade, congrega os aspectos da casa enquanto unidade social elementar conforme descrita por Pina Cabral (1984): abrange casa, pessoas, construções, terras, vacas, nomes e reputação (2014).

Já a casa familiar foi uma fórmula adotada para problematizar uma configuração social familiar em que a exploração agrícola não é mais o centro das relações. Neste caso, são os familiares, primos, parentes que se encontram morando o ano inteiro na aldeia que cuidam da casa dos ausentes fisicamente, garantindo e reservando o seu espaço social na aldeia. Assim a casa camponesa corresponde, na maioria das vezes, a uma unidade social e produtiva. Já a casa familiar pode ser pensada enquanto uma configuração de casas conforme proposto por Marcelin, em que as casas distintas se integram através do que o autor chama de “ideologia da família e do parentesco” (1999:33). Ao aproximar-me da noção de Marcelin, quero destacar como a ausência física de pessoas em grande parte do ano é compensada pela presença de uma casa de familiar ou parente que *guarda* o espaço social dos ausentes, cultiva, por exemplo, batatas e couves e manda limpar e ventilar a casa dias antes da chegada dos donos à aldeia.

2.1.1 As casas camponesas de Tourém e Pitões das Júnias como metáfora da vida

Portanto, pensar a exploração agrícola que se sustenta na força de trabalho vinda do grupo doméstico, enquanto unidade produtiva familiar, por meio da metáfora da vida situa a pesquisa em um caminho de reflexão processual. Penso em “metáfora da vida” amparado pelas formulações de Fortes acerca do desenvolvimento do grupo doméstico, quando afirma que:

o importante é o crescimento e desenvolvimento físicos do indivíduo estão incorporados no sistema social, através da educação e da cultura de sua sociedade e a sucessão de gerações, através de sua incorporação na estrutura social. A continuidade e substituição físicas ficam, portanto convertidas em processo de reprodução social (2011:6).

O presente é entendido como uma configuração social específica e pontual que se insere em um processo maior da unidade produtiva. As formulações de Chayanov (1985) sobre a morfologia das unidades produtivas enquanto unidade que procura equilíbrio aparece também como pano de fundo desta metáfora da vida.

Toda tentativa de descrição de uma exploração agrícola cai em um reducionismo sincrônico do momento em que foram tomados os dados de campo que sustentam esse exercício. Consciente dessa limitação, tentei diluir esse sincronismo através das histórias de vida, das histórias das explorações, para dar maior peso ao processo. Privilegiei as descrições do percurso histórico das diferentes unidades, iluminando os diferentes arranjos e as transformações e adequações dos diversos sistemas produtivos. Assim, as aquisições de máquinas, a gestão da força de trabalho em função da disponibilidade e os demais elementos que se incorporaram à exploração aparecem como parte de um processo, enquanto aspectos diacrônicos. Através da experiência de trabalho de campo que se estende por seis anos (dos quais, por mais de um ano, morei efetivamente na região), o acúmulo de situações diferentes e a possibilidade de acompanhamento de momentos diferentes das unidades produtivas foram aportando dados que são sistematizados a seguir e que ajudam a situar de forma mais concreta quem foram os interlocutores da pesquisa.

O dinamismo das explorações e de suas configurações tanto de pessoas vinculadas diretamente, como de processos produtivos em si, são alvos de reflexão constante por parte dos agricultores. O esforço de sistematizar os dados de trabalhos

de campo distantes (2012) e tratar de colocá-los em diálogo com os dados obtidos no campo em 2017 e recentemente em 2018 foi um desafio metodológico. A partir dos dados mais descritivos é que as categorias foram começando a ganhar sentido na classificação. É como se a descrição das explorações levantasse os parâmetros que escondiam os dados aos nossos olhos. Após descrever as unidades produtivas, voltei para os dados e, dessa descrição, surgiram as possibilidades de parametrização das diferentes unidades produtivas, de suas estratégias de produção e da organização do trabalho.

Em função de todas essas discussões conceituais acerca das categorias analíticas usadas, opto por uma série de formas diferentes de nomeação. Usarei de forma indiscriminada exploração, casa, unidade produtiva, agricultor e unidade produtiva familiar conforme o contexto se aproxime mais de cada categoria. Não implica que exista uma diferença epistemológica entre as unidades descritas que são familiares e produtivas.

2.2 Interlocutores da pesquisa

Este trabalho foi realizado principalmente com *agricultores* que exercem uma exploração considerada consolidada⁴⁹. Com o intuito de definir e delimitar o uso que está sendo pensado para essa classificação, apresento brevemente as marcações utilizadas.

Em primeiro lugar, essas explorações estão abertas à introdução de melhoras técnicas e tecnológicas, portanto são sensíveis a reconfigurações profundas de seus sistemas produtivos. Os processos técnicos e tecnológicos realizados pela unidade produtiva não são fixos, não são imutáveis. Desde 2011, observo a contínua entrada de máquinas novas com maior ou menor impacto no sistema agrícola e produtivo. Todas essas aproximações às máquinas se dão de forma, ritmo e a partir de racionalidades muito diferentes, de acordo com a unidade produtiva. No ano 2011, as *enfardadeiras de fardos*⁵⁰ figuravam como máquinas que seriam eliminadas do

⁴⁹ Para essa sistematização procurei auxílio dos próprios agricultores que confirmaram os parâmetros escolhidos como os mais relevantes à hora de classificar as unidades produtivas. Uma classificação semelhante foi realizada por Cardesin para o estudo de San Martiño (1992).

⁵⁰ As enfardadeiras de fardos realizam um procedimento técnico em que o feno dos lameiros é recolhido, cortado e prensado. Os fardos são retangulares e, em função da configuração da enfardadeira, podem pesar até vinte e cinco quilogramas.

sistema produtivo, pois as de *rolos*⁵¹ facilitavam o trabalho do agricultor em múltiplas facetas. Um dos motivos principais que os agricultores apresentavam para a substituição é que as primeiras enfardadeiras obrigavam aos agricultores a carregarem na mão cada um dos fardos produzidos pela unidade produtiva duas vezes, a primeira vez para o trator e a segunda vez já dentro do edifício agropecuário, onde ficam estocadas até que sejam usadas. Já os rolos, são carregados nos lameiros com ajuda de uma forquilha hidráulica acionada a partir da cabine do trator, sem requerer esforço físico do agricultor. Outro argumento elencado pelos agricultores para decretar a desapareição das enfardadeiras de fardos é que as enfardadeiras de rolos aproveitam melhor o feno do lameiro na hora de enfardar e não é necessário que haja uma pessoa do lado da máquina alimentando a enfardadeira como acontecia com as de fardos, menos eficientes nesse sentido. Na atualidade, as enfardadeiras de rolos são as mais comuns em ambas as aldeias, sendo muito minoritária a presença das de fardos.

Uma outra máquina que vem ganhando protagonismo muito rapidamente no sistema agrícola local nos últimos cinco anos é a *gadanheira de discos*⁵² ou *rotativa* que vem a substituir as *gadanheiras de lâminas*⁵³ ou *linear*. Os argumentos usados pelos agricultores em favor das gadanheiras rotativas é que são mais eficientes, mais rápidas, menos delicadas com as pedras e as irregularidades do terreno. Essas gadanheiras, assim como as enfardadeiras de rolos, demandam uma potência maior do trator do que as gadanheiras de lâminas e das enfardadeiras de fardos. Segundo comenta-se nas aldeias, tratores com potência menor que 70 Cv⁵⁴ teriam sérias dificuldades em conseguir operar essas gadanheiras. Assim sendo, a noção de sistema enquanto *corpus* funcional ganha sentido, uma mudança em uma das máquinas implica na reestruturação de várias outras, uma reconfiguração parcial do sistema.

Tanto a enfardadeira de rolos quanto a gadanheira rotativa são máquinas que

⁵¹ As enfardadeiras de rolos realizam o mesmo procedimento técnico que as de fardos, somente muda o formato final do feno, em um rolo. Normalmente um rolo equivale a aproximadamente dez e doze fardos. Ou seja, o peso dos rolos pode chegar a ser de duzentos e cinquenta quilos, sendo inviável o manuseio manual. Os tratores se fazem necessários para movimentar os fardos dentro do edifício agropecuário.

⁵² Alfaia que ceifa o feno através de vários rotores que giram movimentando o que os agricultores chamam de *facas*.

⁵³ As gadanheiras de lâminas cortam o feno num movimento linear de ida e volta. Uma lâmina está fixa e outra é móvel. Conforme é acionada a lâmina, sua velocidade faz com que o feno que se encontra entre os *dentes* seja cortado.

⁵⁴ Cavalos de vapor, medida de potência.

demandam tipos de tratores mais potentes e de recente chegada ao Alto Barroso. Para que uma unidade produtiva possa usar uma enfardadeira de rolos e a gadanheira rotativa é preciso ter um trator de grande potência. Poderia ser pensada a aquisição de uma máquina enquanto uma reformulação parcial do sistema, só que, uma vez analisada de perto, e questionados acerca da importância das demais máquinas é que surgem as narrativas dos ajustes internos à unidade produtiva. Tanto as enfardadeiras de rolos quanto a gadanheira rotativa demandam um aumento da potência dos tratores, que é a máquina mais cara. Os tratores acima de 70 Cv. têm uma presença bastante importante nas aldeias desde o começo dos anos 2000, em que já eram necessárias potências acima de 50 Cv para poder usar uma enfardadeira de rolos.

Os primeiros tratores que chegaram às aldeias foram adquiridos na década de 1970. A potência que detinham era de quarenta cavalos e normalmente careciam de tração total. Já na década de 1990, com a chegada dos subsídios da União Europeia começam a ser adquiridos nas aldeias tratores mais potentes, com a intenção de introduzir nas aldeias um tipo de maquinário mais tecnológico. Já no primeiro decênio dos anos 2000, irrompem com força tratores agrícolas ainda mais potentes que pouco se diferenciam dos usados para trabalhos florestais.

Nessa corrida tecnológica, existem máquinas que persistem. Tanto em 2011 quanto em 2017, o que se mantinham eram as velhas BCS. As BCS são gadanheiras de dentes que têm seu próprio motor úteis para ceifar o feno de terrenos com pronunciadas pendentes e de difícil acesso. As BCS também são usadas para cortar o roço⁵⁵ no baldio que depois servirá como cama para as vacas. O roço é composto por uma série de espécies vegetais que são muito mais fortes do que o feno que se ceifa nos lameiros.

Na década de 1980, as BCS irromperam como uma das primeiras máquinas a ser implantadas no sistema agrícola e que podem ser pensadas como uma revolução⁵⁶. As BCS vieram a substituir as gadanheiras manuais. Ao virem equipadas com seu próprio motor, inauguraram uma corrida tecnológica e, na atualidade, continuam sendo importantes e usadas. Não tenho certeza que isso aconteça com a

⁵⁵ Material vegetal que se encontra nos baldios e que está composto por tojos (*Ulex sp*), urzes (*Erica sp.*) e carqueijas (*Pterospartum tridentatum*).

⁵⁶ Nos termos de Van der Ploeg (2008), as bcs são das primeiras máquinas que se implementaram no sistema agrícola local, constituindo-se em um fator central do que poderia ser pensado enquanto impacto da revolução verde nas aldeias.

gadanheira de dentes, já que, em conversas com vários agricultores, que disseram que, no momento da aquisição da gadanheira rotativa, entregaram as suas gadanheiras de dentes para diminuir o preço das novas.

Em segundo lugar, o termo “consolidada” aqui utilizado situa os produtores interlocutores em um ponto intermediário, entre as unidades produtivas com uma vocação intensificadora e de expansão e as que estão em fase mais regressiva. A expansão das explorações é pensada em relação ao número de cabeças de gado, *encabeçamento*, principalmente. Todas as unidades produtivas com as quais trabalhei não mostraram intenções de aumentar o seu encabeçamento.

O terceiro aspecto diz respeito às pessoas que gerenciam as explorações agrícolas. Todos têm menos de cinquenta e cinco anos e, sem que haja bruscas mudanças, não têm intenção de que seu ciclo produtivo encerre nos próximos dez anos. Existem unidades produtivas descritas em que os pais têm uma presença ainda ativa, no entanto a responsabilidade e o peso da gestão estão cada vez mais sobre os jovens. Os agricultores priorizados não têm ainda a preocupação sobre repassar a unidade produtiva para os seus filhos. Já, em alguns casos, há agricultores idosos que trabalham sós, sem aparente relevo geracional. Estão colocados na descrição mais como uma forma de complexificar e mostrar a paisagem social com suas diferentes configurações do que para ser objeto de uma análise propriamente dita. Ao mesmo tempo em que afirmo que as unidades são consolidadas, não se pode afirmar que essa condição se mantenha por um tempo mínimo. Em 2018, quando de minha ida à aldeia para apresentar o livro de Pitões, tomei conhecimento de que uma mulher foi diagnosticada com um câncer repentinamente. A estratégia dessa unidade produtiva está aqui definida sem que essa nova situação e medidas dela decorrentes sejam incluídas.

Existe ainda outra configuração de explorações que diz respeito às que são gerenciadas por celibatários. Dentro desse grupo, existem diferentes configurações, desde os que têm pouco mais de quarenta anos até os que estão planejando a aposentadoria por ter mais de sessenta anos.

Existe uma clara distinção de gênero entre homens solteiros e mulheres solteiras. No caso das mulheres solteiras, elas permanecem na casa, normalmente usam o termo *ajudar*⁵⁷ para descrever suas atividades. Em Pitões há duas mulheres

⁵⁷ No Brasil, a categoria ajudar também é usada. Para saber mais, ler Beatriz Heredia (1979), em “A morada da Vida”. A autora abordou a diferenciação entre trabalho e ajuda no contexto do Nordeste

nessa condição.

O caso dos homens solteiros é diferente, pois assumem a gestão da unidade produtiva. Aqui vale um contraponto com o célebre ensaio de Bourdieu acerca do celibato em “El baile de los solteros” (2004). O autor chega à conclusão de que as mulheres do Bearne francês não mostravam interesse em casar com os homens que herdariam a exploração dos pais. Ele analisa o comportamento dos camponeses, as suas vestimentas, em contraposição às dos habitantes que foram fazer as suas vidas nas vilas e cidades. Após a segunda guerra mundial, a terra deixa de ser o elemento central da organização social e o capital simbólico muda, privilegiando elementos que, em configurações anteriores, não tinham relevância. Começa a se impor a escolaridade e o contato com aspectos da vida urbana, com a existência de mercados de trabalho e a irrupção da indústria cultural, simbolizada pela música e a vestimenta. Consequentemente, os agricultores, os primogênitos, deixam de ser uma opção de casamento prioritária por parte das mulheres das aldeias.

Daí, surge uma espécie de descompasso entre as formas de vida urbanas e rurais. No caso francês, a transmissão da casa era, via de regra, para o primogênito, sendo a casa a responsável por garantir que o patrimônio se mantivesse coeso pagando, por exemplo, o dote. Nas aldeias do Barroso estudadas, a transmissão da herança não se dá dessa forma. Todas as propriedades são divididas entre todas as pessoas vinculadas à casa de forma equitativa. Existem litígios internos às famílias que acabam, por exemplo, com a partição de um mesmo edifício.

Os célibes de Tourém e Pitões das Júnias gerenciam a sua própria unidade produtiva. Eles assumiram a casa e trabalham majoritariamente sós. Contam com a ajuda dos progenitores *até quando podem*. Alguns dos indivíduos têm irmãs casadas fora das aldeias e nenhuma tem uma exploração. São mulheres que casaram e saíram da aldeia. Todos esses homens não conseguiram casar e ter filhos e, por isso, as suas explorações não têm uma reprodução garantida.

As explorações gerenciadas pelos agricultores de maior idade estão também aqui refletidas em dois casos concretos, com o Zé da Carreira e Raúl, ambos de Pitões das Júnias. Essas explorações são consideradas em fase estaque, sem pretensões de aquisição de maquinaria, nem grandes mudanças nos sistemas produtivos. São agricultores que já começam a olhar para a aposentadoria e, de acordo com os

comentários dos demais agricultores, teriam no máximo mais cinco anos de atividade aproximadamente.

Não consegui abordar todas as explorações das aldeias. Das explorações descritas adiante, ficaram de fora algumas com as quais não consegui estabelecer contato suficiente nem confiança que permitisse obter os dados aqui analisados. A amostra é representativa dos agricultores das aldeias uma vez que estão descritas mais da metade das explorações de ambas. Em Pitões das Júnias, devido ao menor tempo de inserção na aldeia, foi complicado abordar mais que dez explorações. Decidi deixar fora da descrição uma exploração que se encontra em corrida tecnológica diferente das demais explorações da aldeia. Tentei, de forma expressiva, contato com essa família, mas nunca me deram a possibilidade de conversar com eles. Outras duas explorações ficaram sem ser descritas aqui, e são as que estão inseridas em setores econômicos mais diversificados, como o gastronômico e o hoteleiro. Apesar de não estarem aqui descritas, ambas têm grande importância quando são relatados pelos agricultores nos circuitos econômicos curtos.

Já no caso de Tourém, a porcentagem aqui sistematizada é de quase 75% das explorações. Ficaram de fora três explorações que se encontram em um claro processo de declínio e duas estabilizadas, cujos casos são similares aos descritos nesta sessão.

Trabalhar com os agricultores que têm as explorações consolidadas, nuança a discussão sobre: centralidade da noção de sistema como dinâmico e o conhecimento do sistema produtivo como modulador das experiências e inovações. O conhecimento dos agricultores do sistema produtivo e as possibilidades que têm de experimentar e adequar são aspectos relevantes que incidem no fazer dos agricultores. As técnicas e tecnologias mobilizadas por cada unidade produtiva são representativas de formulações particulares, de suas próprias racionalidades. Assim as máquinas, os cultivos e suas quantidades, bem como o encabeçamento, respondem ao conhecimento que os agricultores detêm de sua unidade produtiva e o conhecimento, como afirma Manuela Carneiro da Cunha, é uma relação dinâmica, em contínuo processo de formação, um conceito aberto (2009).

A maioria das pessoas com as quais trabalhei de forma mais próxima nasceu na aldeia e lá se criaram. Salvo raras exceções, também estudaram em escolas da aldeia. São testemunhas ativas dos impactos da primeira onda de mecanização intensiva e extensiva da agricultura. Refiro-me principalmente à mudança do sistema

produtivo com a chegada dos tratores, das enfardadeiras e das gadanheiras tipo BCS nas décadas de 1970 e 1980. São uma geração que criada com tratores majoritariamente, ainda que todos saibam, conheçam e tenham trabalhado com tração animal e ferramentas manuais.

Portanto, nesta descrição, tentarei demonstrar a dinâmica de trabalho, quantas pessoas trabalham cotidianamente, sua dedicação e algumas atividades desenvolvidas. Outro aspecto relevante é a origem da exploração, se foi herdada ou aberta pelo agricultor. As explorações que não foram herdadas, a princípio, foram abertas e se consolidaram com o passar dos anos e dos subsídios. Com as ajudas da PAC na década de 1990 vários agricultores decidiram deixar os seus empregos fora da aldeia para abrir uma unidade produtiva agrícola. Este é o caso de Adriano, Venâncio e Giestas, de Tourém, que hoje têm uma unidade produtiva estabilizada construída do zero, pois a casa à que pertenciam foi herdada por outro irmão ou mudaram de aldeia, instalando-se na aldeia de Tourém, como é o caso de Giestas.

No terceiro ponto, abordo algumas questões da estrutura física, das máquinas e dos processamentos técnicos. De forma mais concreta, presto atenção à silagem, que não é de forma alguma predominante. No entanto, seu processamento implica em um modelo de exploração diferente. A silagem implica em uma organização e gestão da exploração com grandes quantidades de terras semeadas de milho, que geram custos de cultivo altos devido à necessidade de aquisição de sementes e adubos, assim como uma organização do trabalho particular. Quando é época de silagem na aldeia de Pitões das Júnias, todos os agricultores ajudam com vários tratores a silagem uns dos outros, fazendo uma por dia. Isso representa um custo adicional elevado de combustível. Também são usadas as gadanheiras rotativas, última máquina com uma presença importante. Essas técnicas e tecnologias marcam e pautam as conversas dos agricultores, são seus balizadores do estado das unidades produtivas.

A última questão abordada é o estado em que se encontra a exploração: se está mais próxima do fim da atividade produtiva ou consolidada, se tem relevo geracional ou se isso ainda não é uma questão, pois está gerenciada por pessoas que, a princípio, teriam no mínimo mais dez anos de atividades produtoras e agricultoras.

A princípio, esses são os fatores considerados mais importantes para abordar a descrição das explorações e mostram, de alguma forma, o tecido e a configuração

sociais dos agricultores e dos interlocutores desta pesquisa. Importante destacar que as descrições das unidades produtivas não se amarram excessivamente a essas categorias, pois a intenção é mostrar as diferenças de gestão, de lógicas e de configurações que permeiam as duas aldeias. Se o trabalho focasse no que todos os agricultores fazem de maneira semelhante, não reluziriam as diferenças entre as unidades produtivas, as racionalidades próprias das pessoas que trabalham. O intuito dessa descrição é começar a introduzir os leitores na miríade de possibilidades com as quais os agricultores lidam e a forma com que eles combinam as diferentes possibilidades criando narrativas diferentes em cada uma das explorações.

No anexo I, aparecem os agricultores de Tourém e Pitões das Júnias, o número de pessoas que trabalham no cotidiano, as máquinas mais representativas na corrida tecnológica e o mercado que atendem: se trata-se somente da cria de vitelos ou se também vendem fumeiro.

2.3 Unidades produtivas familiares de Pitões das Júnias

2.3.1 Ana e Russo

Ana e Russo são um casal de menos de cinquenta anos que cuida de mais de trinta vacas. Russo é agricultor em tempo parcial, pois desempenha também a função de *sapador floresta*⁵⁸ para as juntas de freguesia de Tourém e Pitões das Júnias. Sua jornada de trabalho começa às 8 horas da manhã e vai até as 4 horas da tarde. O trabalho da exploração é dividido entre ambos: Russo trabalha antes das 8 da manhã (para deixar os vitelos mamar nas mães antes de saírem para o baldio, dar de beber e colocar feno às vacas) e depois das 4 da tarde, basicamente lhe resta guardar as vacas. Quando as vacas não estão na serra, Ana vai de manhã até a *vacaria*⁵⁹, alimenta os porcos, separa os vitelos que mamaram por umas horas e que não vão com as mães para a serra, abre as portas da vacaria, solta as vacas e as acompanha para o baldio onde pastam ao longo do dia. Depois de deixar as vacas na serra, já em

⁵⁸ Os sapadores florestais são um corpo do Ministério do Meio Ambiente que atua nas florestas. Localmente, são as juntas de baldios, neste caso, os *sapadores* pertencem as juntas de Pitões das Júnias e Tourém, que decidem que tipos de atividades serão realizadas. Em caso de incêndio florestal, eles vão também atuar como bombeiros. Na prática, eles já realizaram infinidade de obras, por exemplo: colocar escadas, piso e corrimão numa trilha, limpar caminhos, adequar espaços para festas, varrer as ruas etc.

⁵⁹ Edifício agropecuário onde estão os estábulos das vacas, as alfaías e a estocagem do alimento para as vacas no inverno como feno e centeio.

casa, prepara o almoço e, de tarde, volta para a vacaria para arrumar as cortes das vacas, colocar a silagem nas manjedouras e alimentar novamente os porcos. Dependendo do dia, aguarda Russo ou retorna para a sua casa. No verão, recebem a ajuda de seu filho Daniel, que estuda na Universidade do Minho, de sua filha Elisete, que trabalha na Galícia e de seu esposo, Domingos.

Eles são produtores de fumeiro que vendem na *feira do fumeiro*, que acontece há mais de trinta anos no município de Montalegre, no mês de janeiro⁶⁰. Alimentam ao longo do ano uma dúzia de porcos que serão vendidos nessa feira, quando os subprodutos obtidos dos suínos estiverem maturados.

Outra modalidade de venda é a conhecida na aldeia como de *venda à porta*⁶¹. Os turistas⁶², quando chegam às aldeias, costumam perguntar sobre as produções locais, chegando muitas vezes à casa dos próprios agricultores e comprando mercadorias no domicílio. Ana e Russo têm uma cozinha anexa ao domicílio, que é o lugar onde defumam o fumeiro. Nessa ampla cozinha, ficam pendurados os presuntos, as chouriças e as alheiras que Ana prepara. Conta com uma série de bancos, nos quais os turistas que querem comprar o fumeiro podem sentar, olhar os produtos, escolher *in loco* e compartilhar uma conversa com um copo de vinho.

Há uma receptividade muito grande por parte dos agricultores “pluriativos”⁶³ e na aldeia inteira. Programas de divulgação da aldeia são constantes, aproveitando as feiras de turismo que a Câmara Municipal promove e os próprios eventos organizados na aldeia que fazem com que seja um chamariz turístico. O Parque Nacional e o fato de ser uma aldeia de montanha são aspectos que também são explorados e aproveitados pelos produtores locais. Dentro desses novos mercados Ana explora

⁶⁰ O fumeiro se consolidou enquanto produto regional desde 1992, quando começou a feira do fumeiro. De lá pra cá, com as sucessivas feiras, a publicidade e o reconhecimento que os produtos têm vêm se multiplicando inclusive nas aldeias. Em Pitões das Júnias acontecem várias ao longo do ano, em que os produtores locais expõem as suas chouriças, presuntos etc. para venda direta.

⁶¹ A venda à porta é uma instituição histórica nas duas aldeias. Um exemplo da importância da venda à porta se dava justamente com a já mencionada batata de semente de Montalegre. Venâncio me disse que no auge da produção de batata de semente, em que a era vendida diretamente dos agricultores à cooperativa, ele selecionava e distribuía os destinos dos tubérculos da seguinte forma: a primeira divisão eram batatas de primeira e as batatas de segunda categoria. As de primeira, eram destinadas à alimentação os humanos e as de segunda, para os animais de casa. Das batatas de primeira, Venâncio reservava os sacos para alimentação de sua casa e acrescentava vinte por cento cujo destino era a venda à porta. Da mesma forma, o restante da produção doméstica poderia ser negociada à porta em função da necessidade.

⁶² Na aldeia de Pitões, a chegada de turistas é bastante comum. Dos quatro meses que fiz trabalho de campo, tanto no inverno quanto no verão, no mínimo um ônibus com turistas chegava na aldeia por semana. Já em Tourém, esse regime de visitas é bem menor do que em Pitões.

⁶³ Segundo os termos de Maria José Carneiro (1996) e Jan Douwe Van der Ploeg (2008).

também o de compotas de frutas silvestres como amoras e chás de ervas da serra como a carqueja.

Ana é natural de Pitões e Russo, de Tourém, filho de Venâncio e Maria. Na aldeia de Pitões, da casa de Ana, surgiram duas explorações: a dela e a do seu irmão já falecido de forma prematura anos atrás. As terras da sua família estão divididas entre a exploração dela e a gerenciada na atualidade por sua sobrinha Sandra e o marido, Paulo. Ana e seu irmão foram comprando as terras herdadas por seus tios que emigraram para Brasil e que, não tendo pretensão de voltar para trabalhar a terra, foram vendendo as suas propriedades uma a uma. Ana comentava em janeiro de 2016 que, com muito esforço, ela foi adquirindo as propriedades que eram de sua família, que não gostaria de vê-las sendo vendidas a pessoas de fora⁶⁴.

O armazém de Russo e Ana foi sendo construído em diferentes fases desde começos dos anos 2000 e atualmente abriga tanto os animais quanto a totalidade das máquinas. Criam naquele espaço vacas, vitelos, porcos, galinhas frangos e patos. Em relação às máquinas de que dispõem, quando encerrei o trabalho de campo em novembro de 2017, o genro deles, Domingos, estava em fase de abertura de sua própria exploração. A configuração da unidade produtiva em novembro era de uma transitoriedade complementar entre as duas explorações. Domingos teve seu projeto de exploração aprovado por parte da União Europeia e estava em fase de aquisição de máquinas: comprou um trator novo de mais de cem cavalos de potência⁶⁵, uma circular⁶⁶, uma enfardadeira de rolos e um reboque espalhador. Essas máquinas representam para Domingos o equipamento mínimo para levar adiante a sua exploração. O resto dos equipamentos, como virador e outros reboques requerem um investimento menor, além de conseguir usar os dos seus sogros.

⁶⁴ Na narrativa de Ana, tem-se a impressão de que a terra não chegou a ser considerada uma mercadoria. Ainda que tivesse que pagar pela terra, preferiu investir antes nas terras que eram de sua casa do que nas outras que estavam sendo ofertadas. Ao mesmo tempo, ela relatava como os seus tios que emigraram para o Brasil preferiram vender as terras para os seus sobrinhos antes que a pessoas estranhas. Existe uma espécie de preferência no traspasse de terras que não condiz muito com a mercadoria enquanto valor. Essas terras foram sendo vendidas dentro de um grupo de parentes.

⁶⁵ Essa potência dos tratores é há cinco anos um elemento diferencial entre os agricultores. Na década de 1970, os tratores com maior potência eram de 40 cv, já na década de 90, as potências aumentaram até os 70 – 80 cv e, nos anos 2000, essa potência chegou aos 100 cv.

⁶⁶ As circulares são máquinas de corte de feno de recente aparição nas aldeias. A máquina de corte circular tem bastantes benefícios em relação às lineares ou de pente que vieram a substituir. Os benefícios basicamente concernem ao maior rendimento, maior velocidade de corte e campo de corte maior, e também à robustez, pois as de pente eram ferramentas muito mais frágeis ao contato com terra e pedras, precisando de mais manutenção e cuidado na hora de cortar o feno.

Essa configuração não pode ser pensada enquanto uma transmissão da exploração, pois tanto Ana quanto Russo não a entendem assim. É mais uma exploração na casa, com suas máquinas e gerenciada por Domingos. Daí o uso do termo complementar, porque ambas as explorações se complementam. Cada um faz o que tem que fazer na sua vacaria, mas a primeira ajuda dada e oferecida é entre eles. A forma que trabalharam no verão de 2017 esteve um pouco condicionada às melhorias que supôs Domingos e suas máquinas. Ele conta já com quase dez vitelas e, somando as de Ana e Domingos, o número de vacas é quase cinquenta, de modo que o feno produzido precisa garantir uma parte importante da alimentação desse gado⁶⁷. Nesse sentido, as duas explorações podem ser pensadas como uma unidade produtiva apesar de manter algumas diferenças específicas, porque Domingos conseguiu ceifar lameiros cujo feno era exclusivamente para ele, mas também ceifou feno para Ana. Ana e Russo sempre tinham que comprar feno⁶⁸, pois os lameiros que eles têm não produzem o necessário para alimentar todas as vacas. No ano 2017, por exemplo, tiveram que comprar três reboques de feno.

No entanto, para resolver problemas administrativos com o Parque Nacional sobre a construção de sua própria vacaria, Domingos teve que alugar uma em Pitões. A vacaria que alugou foi construída pelo irmão de Ana já falecido e atualmente gerenciado por Sandra (sua filha) e Paulo, seu companheiro, que também se encontram em fase de reconfiguração de sua própria unidade produtiva.

Ana e Russo são uma das explorações de Pitões que fazem silagem, inclusive, como abordaremos com maior profundidade na parte em que trataremos desta atividade e de seu processo de implantação na aldeia, são parte dos primeiros agricultores da aldeia que decidiram experimentar esse processo técnico. Têm enfardadeira de rolos há muitos anos e, agora com a aquisição da rotativa de Domingos, encontram-se no nível de explorações com as ferramentas mais atuais. Além do milho para silagem, cultivam centeio, batatas, beterrabas, abóboras e couves.

A exploração de Domingos pode ser pensada como a que continuará com o legado de Ana e Russo, ainda que o casal tenha anos pela frente como agricultores. Por isso, considero que a tendência sucessória está garantida e a considero uma

⁶⁷ O Russo é uma das unidades produtivas que compra feno de fora da aldeia. Esse fenômeno não acontece em Tourém.

⁶⁸ A compra de feno por parte dos agricultores é um fenômeno exclusivo da aldeia de Pitões, pois em Tourém nenhum agricultor compra feno. É mais, em Tourém, a maioria dos agricultores consegue vender feno.

exploração consolidada.

2.3.2 Zé da Carreira

Zé, de quase sessenta anos de idade, gerencia uma exploração somente com sua força de trabalho. Os seus pais já idosos ajudaram *até que as forças lhes permitiram* (Zé da Carreira⁶⁹, janeiro de 2016), hoje somente sua mãe consegue ir até a vacaria no máximo uma vez por dia e com bastante dificuldade para se locomover. Ainda que não realize nenhuma atividade na vacaria, ela afirma que gosta de ir até lá.

Zé conta com ajudas pontuais de seu irmão Domingos que mora na França, em Bordeaux, cidade localizada perto da fronteira com a Catalunha e que dista aproximadamente 12 horas de carro de Pitões. Domingos ajuda Zé na época da sementeira e do feno. Tem uma exploração de tamanho pequeno, com dez vacas adultas, número que não aumenta faz anos. Afirma ser esse o tamanho da exploração que consegue manter com a sua força de trabalho. Zé foi o único de seis irmãos que ficou na aldeia, herdando a exploração de seus pais. Ele afirmou em várias conversas que, apesar de ter ido para a França, não gostou de estar lá.

O armazém mais novo que há na aldeia é dele e a construção foi feita em 2016. Nesse armazém, ele pode guardar, como os demais agricultores, os seus tratores e demais alfaías usadas na agricultura. Em 2017, adquiriu uma enfardadeira de rolos. Até aquele ano, a enfardadeira usada em sua unidade era de fardos, mas, devido à impossibilidade de realizar o trabalho sozinho, decidiu, junto com seu irmão Domingos⁷⁰, adquirir uma de rolos que, a princípio, facilitaria o seu trabalho. A experiência não foi conforme o esperado e ele teve inúmeros problemas de adaptação com a enfardadeira. Zé não faz silagem e a maioria do milho que semeia é *país*, uma

⁶⁹ O pai de Zé era de fora de Pitões e foi quem trouxe o nome dos Carreira para a aldeia. Em decorrência disso, Zé chama da Carreira porque é da casa dos Carreira. A forma em que se referem a Zé depende muito da situação. O seu codinome faz referência à casa, no entanto na aldeia, tanto se referem a ele como Zé da Carreira, Zé Carreira ou simplesmente Carreira. Isso acontece com a maioria dos agricultores que têm codinomes,

⁷⁰ Poderia ser pensada uma cogestão da unidade produtiva entre Zé e seu irmão Domingos. Não ficou muito claro se a cogestão é também econômica, pois acerca da aquisição da enfardadeira as narrativas eram cruzadas, em que cada um se responsabilizava da compra desse equipamento. No entanto, pode-se afirmar que Domingos é o irmão de Zé, que lhe ajuda e que mais vezes visita a aldeia ao longo do ano. Domingos disse que a cada dois meses passa uma semana na aldeia. Tempos que coincidem com atividades agrícolas, como a produção do feno, a sementeira e também as mais lúdicas, como a feira do fumeiro, o magusto ou o carnaval.

variedade local considerada própria⁷¹. Cultiva também centeio para os animais. Já as batatas são para uso doméstico e não tem produção de fumeiro para fora de casa.

A tendência sucessória não está garantida aparentemente, podendo ser considerada uma exploração que está em processo de regressão. Zé, com quase sessenta anos e sem filhos, afirma querer se aposentar assim quer tiver preenchido as condições necessárias. No entanto, o fato de terem construído o armazém e adquirido uma enfardadeira de rolos recentemente, contradiz a princípio essa apreciação, pois há um importante investimento por trás dessas aquisições.

2.3.3 Patorro e Beatriz

Patorro e sua esposa, Beatriz, têm aproximadamente trinta vacas. Ambos trabalham a maior parte do ano e, nos meses de verão, seu filho, Ringo (graduado e mestre em Economia pela Universidade do Minho), volta pra aldeia para ajudar aos pais a *meter o feno*⁷² e para passar o verão na aldeia. Jorge, seu irmão mais novo, morava na aldeia e trabalhava na padaria, até que em 2016 decidiu aceitar a proposta de um empresário que é natural do Minho, mas que adquiriu uma casa na aldeia há mais de quinze anos, para atuar no setor de construção e reformas de lojas de roupa em diversos países europeus. No acordo contratual, consta que um final de semana ao mês os empregados da companhia têm direito a deslocar-se de avião da cidade em que se encontram com destino ao Porto e desfrutar do final de semana em suas aldeias de origem. Esse final de semana é planejado para certas atividades em que Jorge lhes possa ser útil, como ir ao roço ou tirar o estrume no inverno. No verão de 2017, Jorge também se fez presente para o feno, pediu férias para ajudar os pais. Já Ringo, tinha decidido sair da empresa em que estava estagiando para poder ajudar os pais no verão.

No restante do ano, com raras exceções, são Patorro e Beatriz quem assumem o peso da exploração. Se os filhos se encontram em casa, aproveitam para realizar alguma função que requer maior mão de obra. Criam também meia dúzia de porcos, que são para o consumo anual da casa. Não produzem fumeiro para venda ao público, ainda que criem dois porcos para alguns amigos da família que não têm condições de

⁷¹ O milho país será um elemento tratado com maior profundidade mais adiante.

⁷² Expressão local que se refere à ação de colocar os rolos ou fardos de feno no interior do edifício agropecuário.

criar suínos em seus domicílios⁷³.

A origem da exploração é composta e herdada ao mesmo tempo. Patorro e Beatriz são de Pitões, no entanto, construíram a sua exploração com seu trabalho e *algumas vaquinhas que herdaram dos pais* (Patorro janeiro, 2016). Patorro começou com seis vacas que seu pai lhe deu somadas a duzentas cabras que colocavam na vezeira da res⁷⁴. Com os subsídios recebidos da União Europeia, foram construindo o armazém (o primeiro em Pitões). Para Patorro, a sua passagem pela França — país em que as condições de produção e de vida estão adiantadas em aproximadamente quarenta anos em relação a Portugal —, observou os armazéns dos agricultores, as instalações e as condições de trabalho que lhes serviram de inspiração para construir seu próprio armazém na aldeia. No final da década de 1990, em que acabou a vezeira da rês, é que Patorro deixou de ter cabras e começou a se dedicar de forma exclusiva à cria de vitelos. No entanto, o fato de trabalhar conjuntamente com a sua esposa permitiu-lhe atender a sua exploração e trabalhar como pedreiro. Ao mesmo tempo em que fazia a sua própria exploração, teve que construir sua casa. Para me dar uma ideia do volume de trabalho que ele manteve até recentemente, afirmou em uma entrevista realizada em agosto de 2017, que, das casas novas que foram construídas ou reformadas em Pitões nos últimos vinte anos, *não tem nenhuma que não tenha a minha mão nas paredes*⁷⁵. No entanto, nos últimos cinco anos, em decorrência da ida do filho mais velho para a Universidade, foi deixando os serviços de pedreiro a um segundo plano, afirmando que, com o que geram da agricultura, lhes *chega para viver*.

Patorro e Beatriz têm uma exploração a nível estrutural consolidada. O

⁷³ Essa é outra modalidade de venda dos subprodutos da unidade produtiva. Patorro me relatava como a transição para a criação de dois porcos por ano para esses amigos se deu de forma processual. Começaram lhes vendendo chouriças e presuntos e com o passar dos anos o que eram clientes passaram a ser considerados amigos. Patorro lhes fez uma proposta, ele criava, matava e desmanchava o porco, e depois eles comprariam o porco inteiro dele ao preço acordado antes da temporada por quilograma. Ambos os casais aceitaram a proposta e desde lá cria todo ano dois porcos a mais para esse casal. Essa é uma opção que mais agricultores fazem na aldeia.

⁷⁴ A vezeira da res era um rebanho ovino caprino que havia na aldeia e que era pastoreado de forma coletiva. Em função do número de animais que cada proprietário colocava na rês lhe correspondiam uma série de dias de pastoreio. O número de reses por dia de pastoreio ia mudando em função dos números de proprietários e do tamanho do rebanho. Assim Patorro comentou que houve épocas em que com vinte cinco cabeças de rês implicava em um dia de pastoreio até quando chegou a cinco. Para mais informações acerca da vezeira da rês ver Martins (2005), Lourenço Fontes (1977), Viegas Guerreiro (1982), Bordalo Lema (1978) e Polanah (1985).

⁷⁵ O processo de reconstrução das edificações da aldeia de Pitões e de Tourém são aspectos altamente relevantes. Desde a década de 1990, as casas velhas começaram a ser reconstruídas tanto pelos moradores locais quanto por pessoas que decidiam empreender a recuperação de uma casa velha. Esse processo foi auxiliado em parte pela Política Agrícola Comum que, como já vimos no capítulo anterior, decide introduzir em suas linhas de atuação o desenvolvimento rural.

armazém deles consegue acomodar as vacas de forma satisfatória, ainda que Patorro afirme que, se fosse construir hoje, faria de outro jeito a distribuição interna⁷⁶. Apesar de Patorro aparecer mais adiante citado no presente trabalho como um agricultor que fez silagem, no último trabalho de campo realizado no ano 2017, ele manifestava a sua falta de convicção em repetir esse processamento técnico. Diz que não lhe convenceu e que não tem interesse em repetir. Nos demais processos produtivos, eles têm as máquinas que facilitam o trabalho, como a enfardadeira de rolos e a gadanhadeira rotativa adquirida no ano 2017. Em sua frota de máquinas, conta também com três tratores.

A tendência sucessória da exploração não está clara, pois ambos os filhos afirmam não querer viver da agricultura e têm projetos de vida que os distanciariam da aldeia. No entanto, considero a exploração de Patorro como estabilizada.

2.3.4 Ana, Paulo do Miro e Cândida

Assim como identificou Carneiro (1996) em seu trabalho na França, os homens apesar de não estarem presentes, não serem os trabalhadores que mais horas passam na unidade produtiva, levam o nome da exploração. O mesmo acontece em Pitões. Paulo é quem gerencia a exploração da sua casa apesar de não residir na aldeia. Paulo é engenheiro agrônomo, casado e pai de dois filhos e sua ocupação principal é a de representante de uma marca de rações. No entanto, na aldeia, a sua mãe, Ana, mantém uma exploração com 18 vacas. Paulo realiza uma gestão da exploração em função da combinação da força de trabalho disponível em sua casa. Assim, a sua mãe é a pessoa que carrega a responsabilidade do cotidiano das vacas, dar de comer, abrir para que saiam ao baldio para alimentar-se, fazer a cama das vacas e alimentar os vitelos. Como o deslocamento de sua casa até a vacaria é de aproximadamente um quilômetro e a sua mãe já tem mais de sessenta anos, eles adquiriram uma moto de 4 rodas que lhe facilita os deslocamentos até o armazém e também a possibilidade de circular pelos caminhos para poder ver a localização das

⁷⁶ O seu armazém tem estábulos para as vacas somente aos lados. A parte posterior era o destinado para acolher as cabras. Se fosse realizar uma reforma, Patorro disse que elevaria o chão da vacaria para não ter que elevar os braços na hora de alimentar as manjedouras das vacas. Habilitaria uma zona interna onde fosse possível guardar o conjunto das máquinas. No ano de 2015, construiu um galpão coberto de 100m², em que guarda as máquinas, mas ainda assim afirma ser pequeno para a quantidade que têm.

vacas.

Nos finais de semana, a partir de sexta-feira à noite, ele está presente na aldeia, realizando as atividades planejadas para aquela semana: ir ao roço, tirar o estrume, reestruturar o interior do armazém. Todas as atividades que demandam o uso de tratores e o deslocamento de matérias pesadas é Paulo quem faz. No mês de junho, quando começam as férias dos filhos, Paulo, sua esposa, Cândida, e seus dois filhos deslocam a residência para a aldeia sendo uma ajuda a mais para Ana. No tempo do feno, Paulo solicita as férias, pois a carga e intensidade do trabalho são altas. Ele afirma que, para o modelo de agricultura por ele praticado, o feno e o roço são as atividades em que precisa estar presente. O feno é uma atividade concentrada em uma pequena porção de tempo (julho) já o roço é uma atividade que ele pode realizar nos finais de semana. As máquinas envolvidas e a carga de trabalho que demanda o feno fazem com que se mobilize toda a força de trabalho disponível.

O resto das atividades é planejado por Paulo para que possa trabalhar na exploração quando de fato está na aldeia, ou seja, aos finais de semana. A sua residência está localizada em Chaves, vila que dista da aldeia 60 km, e que, em uma emergência, se tiver que se deslocar, consegue estar presente na aldeia em menos de uma hora.

O sistema produtivo de Paulo está influenciado pela disponibilidade de força de trabalho. O trabalho dele nos finais de semana consiste em facilitar as atividades cotidianas da mãe. Por exemplo, no que tange à colheita do centeio, hoje em dia, os agricultores têm que estar presentes na terra somente quando a máquina descarrega o grão. Na época do centeio, Paulo deixa o trator com o reboque engatado e, em cima, sacos de 1 m³ chamados de *big-mat*, de forma que, a mãe e a esposa juntas, quando a máquina de malhar finaliza sua função, elas se aproximam da máquina com o trator e o grão de centeio produzido em sua terra é despejado diretamente nos sacos que se encontram carregados no trator. Finalizado o transpasse do grão, deslocam-se com o trator para o armazém onde fica guardado até Paulo vir no final de semana e colocar os sacos em seu lugar definitivo. Ao longo do ano, esse centeio vai sendo moído e dado como complemento alimentar para as vacas.

Essa é outra diferença do sistema produtivo de Paulo, pois ele dá farinha às vacas o ano inteiro, independentemente de se encontrarem amamentando os vitelos. Uma dose pequena que mantenha os animais no que ele considera ser *seu peso ideal*. Paulo afirma que as vacas dos demais agricultores estão muito gordas e, por isso, há

na aldeia problemas com elas, principalmente com as patas, que não conseguem sustentar todo o peso. Já, o regime alimentar dos vitelos é diferente, pois os cria com feno e ração, sem farinha.

A segunda atividade vinculada ao centeio é o enfardar a palha que será usada no inverno para fazer a cama das vacas. Neste caso, também é Paulo quem realiza a atividade. Portanto, uma vez malhada a terra, no final de semana, Paulo se dedica o dia inteiro a enfardar a palha e estocar no armazém. Os vitelos que criam são alimentados à base do leite da mãe combinado com a ração. Paulo é o único agricultor das duas aldeias que não cultiva milho. Questionado por mim em várias vezes afirmou que as terras de Pitões são boas para o centeio, não para o milho, e, portanto, é aquele e não este que ele cultiva⁷⁷.

A exploração que eles têm foi criada pelo seu pai e, após seu falecimento, é que Paulo começou a gerenciar a exploração, ainda adolescente. Combinava os estudos com a sua atividade de agricultor. Ele tem as máquinas e o armazém desenhado em função de muitas variáveis que descreveu no verão de 2017. Uma delas, por exemplo, é a existência de dois pátios na vacaria, um na frente seco, que é por onde acessam pessoas e máquinas ao interior da vacaria. E o posterior úmido ou molhado, que é o lugar por onde as vacas saem para o baldio para pastar. Essa distinção é importante para ele, pois afirma que a frente do armazém deveria ser sempre seca, pois é o lugar de onde se acessa o interior pela rua. Que a frente seja seca permite que os caminhões que carregam os vitelos não tenham problemas de tração, que seja possível entrar na parte interna do armazém com as botas secas, já que a umidade é, ou pode ser, uma via de propagação de doenças. Uma das laterais do seu armazém tem uma fileira de árvores que foram projetadas para fazer sombra na parede do armazém que está mais exposta ao sol. Os conjuntos de janelas, sempre abertas, que favorecem a circulação do ar, também foram escolhidas de forma minuciosa, até mesmo a forma da abertura da janela para que não incomode as vacas quando passam por baixo delas.

Os tratores que eles têm são dos maiores que há na aldeia. Paulo reconhece que isso é um capricho seu, pois queria poder experimentar o trabalho agrícola que

⁷⁷ O sistema produtivo deles será mobilizado em grande parte da tese devido à diferença que mantém com as demais unidades produtivas. O fato de não cultivar milho, por exemplo, é um elemento altamente interessante, assim como alimentar os seus vitelos exclusivamente com ração. Que seu trabalho seja de comercial de uma fábrica de rações, afirmam os demais agricultores é o que lhe permite poder gerenciar a sua unidade produtiva dessa forma.

faz com máquinas mais potentes. Mantém também um dos primeiros tratores que vieram para aldeia da marca Massey Ferguson. Ele afirma que esse trator é da década de 1960.

Paulo mantém uma enfardadeira de fardos, pois diz que o investimento até o momento em uma enfardadeira de rolos não lhe compensa. Os lameiros que ele tem ficam em caminhos que, a princípio, a enfardadeira de rolos teria mais dificuldade de acesso⁷⁸ pela geografia das terras. Paulo afirma que os seus lameiros têm acessos estreitos, além dos acidentes geográficos do terreno que dificultariam também, já que tem lameiros bastante inclinados e que a enfardadeira de fardos trabalha melhor nessas condições, por ter o centro de gravidade mais baixo do que as de rolos. As enfardadeiras de rolos são muito mais altas do que as de fardos.

A tendência sucessória da exploração está aparentemente garantida pela forma por que essa exploração está sendo gerenciada por Paulo e a sua mãe, com algumas adequações e ajustes em função da disponibilidade de mão de obra. Paulo, sua esposa Cândida e seus filhos dizem gostar de agricultura e de fato estão envolvidos com as atividades agrícolas sempre que se encontram na aldeia. Isso me faz pensar que se houver alguma mudança no sistema, eles conseguirão ser resilientes. Em decorrência dessas variáveis avalio o estado da exploração como estabilizada.

2.3.5 Luisa do Ferreiro, Rui e Venâncio

Luisa é uma agricultora que desenvolve a sua atividade produtiva de forma autônoma. Seu filho, Rui, está cursando estudos superiores na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) na área de educação física, e passa todos os finais de semana na aldeia com a mãe. É comum que Rui ajude também em um dos restaurantes da aldeia, de forma que consegue sustentar-se nas despesas na cidade de Vila-Real. Assim, Luisa trabalha cotidianamente só. Tem uma ajuda parcial, também de Venâncio de Tourém, que é o pai de Rui e seu atual companheiro. Venâncio, no entanto mantém também a sua própria exploração em Tourém, de modo

⁷⁸ A importância que têm os acessos das terras para as máquinas será analisada mais adiante. Mas, desde aqui, já destaco que têm opções tecnológicas que não podem ser feitas devido à impossibilidade de acesso que algumas máquinas têm, como, por exemplo, as malhadeiras do centeio, e que limitam as possibilidades dos agricultores.

que é uma ajuda pontual ou em caso de urgências. É Luisa quem gerencia a sua exploração com quinze vacas.

Construiu, entre finais da década de 1990 e começos dos anos 2000, um armazém onde tem as vacas, os porcos e as máquinas, com as que desenvolve os trabalhos agrícolas. Luisa também é uma das produtoras de fumeiro da aldeia, e, por isso, mantém porcos o ano inteiro, que depois de transformados em fumeiro, vende, tanto na feira de Montalegre quanto à porta. Portanto, o sistema produtivo de Luísa está voltado para essas duas frentes: vitelos e porcos. Faz silagem com ajuda de Venâncio. Nos últimos anos, Venâncio semeia milho exclusivamente na aldeia de Tourém, abastecendo tanto a sua casa quanto a de Luisa, que destina as terras de Pitões ao cultivo de centeio e de batatas.

A exploração de Luísa, em decorrência de sua idade e de seu sistema produtivo, está estável e não apresenta demasiados interesses na aquisição de máquinas novas. O benefício pode vir de Venâncio que, sim, mostra-se interessado nos novos equipamentos. Tecnicamente falando, produz silagem e sua enfardadeira é de rolos.

2.3.6 Tono do Artur

Tono do Artur é um agricultor que gerencia de forma autônoma sua exploração. Jovem e solteiro, ele cuida de 18 vacas. Herdou a exploração da mãe, que não consegue se deslocar até a vacaria, mas *até que as pernas aguentaram*, relatou que ia todos os dias na vacaria, que gostava de ver as vacas e ajudar ao seu filho Tono.

Tono trabalha conjuntamente com Raúl – agricultor da aldeia – seu vizinho, ficando reservado para Tono os trabalhos que requerem maior precisão, como cortar o feno com a gadanheira circular ou com a enfardadeira de rolos, por ser uma das máquinas mais volumosas com as quais se trabalha nas aldeias. Tono tem um sistema produtivo totalmente adequado a sua vida, pois, dependendo da situação, trabalha como pedreiro, principalmente no outono e no inverno, em que o sistema agrícola desenhado por ele demanda menos horas efetivas de trabalho no edifício agropecuário. No mês de dezembro de 2018, tomei conhecimento de que Tono está trabalhando como membro de uma equipe de trabalhos florestais. De forma parecida à de Russo, mas neste caso a sua brigada não trabalha somente para as juntas de Tourém e Pitões, mas em todas as freguesias do Município de Montalegre que têm

área dentro do Parque Nacional.

Tono é um experimentador da aldeia, pois foi só recentemente que testou a introdução da silagem no seu sistema produtivo. Não está fechado o seu ciclo de experimentação e sua visão do trabalho lhe permite abrir outras vias, que serão analisadas com maior profundidade mais adiante. Experimentou a introdução da silagem verde de primavera e, inclusive, me explicou em 2017 que estava tentando deixar de lado o cultivo do milho, o que foi confirmado em agosto de 2018.

Com uma exploração que lhe permite manter algumas atividades não vinculadas à agricultura, Tono mostra um interesse em novos sistemas produtivos e ferramentas que visam acelerar os trabalhos por eles desenvolvidos.

O armazém de Tono é amplo e ele optou por uma série de portas laterais da mesma forma que as de Patorro. O acesso dos animais à rua se dá através das portas laterais, às que chegam através do corredor interno. Tono tem um pátio traseiro, que é onde deixa as vacas saírem para beber um pouco de água e caminhar quando passam mais tempo estabuladas. Normalmente, ele prefere estabular as vacas desde outubro ou novembro e somente começar a deixá-las sair no mês de março, quando o frio já começa a ceder.

Tono conta com dois tratores, uma enfardadeira de rolos, gadanhira circular e dois reboques, com os quais realiza todas as atividades que demanda o seu sistema produtivo. O status da exploração de Tono é estável, pois é jovem e não tem previsão de encerramento de sua atividade. Ao mesmo tempo, está atento às novas possibilidades tecnológicas e novas formas produtivas. O sistema agrícola que ele pratica no momento também está aberto a reformulações que lhe permitam ter um maior rendimento econômico com uma menor carga de trabalho⁷⁹. Não considero que a sua unidade produtiva esteja em expansão, pois afirma que o número de vacas que mantém é suficiente, o espaço construído na vacaria é para, no máximo, 22 vacas, de modo que se encontra numa situação confortável.

2.3.7 Raúl

Raúl é um idoso da aldeia que está perto dos setenta anos e que ainda mantém a sua atividade agrícola. O seu encabeçamento é de entre dez e quinze vacas e

⁷⁹ Poderia ser pensada aqui a noção de equilíbrio, conforme exposta por Chayanov (1985), e relida por Van der Ploeg enquanto a arte da agricultura (2016).

consegue gerenciar a exploração com a ajuda pontual de Tono do Artur. Tono do Artur não é parente de Raúl, mas são vizinhos de armazém e sempre se ajudaram. As ajudas que Tono (agricultor de pouco mais de quarenta anos) presta a seu parceiro e vizinho de vacaria Raúl são principalmente ligadas ao manuseio das novas alfaías e tratores. No verão, quando as atividades se concentram (feno, centeio, batatas e milho) e, também, ao longo do ano, na retirada do estrume, por exemplo. Mantêm uma relação de cooperação cotidiana recíproca. Se, por exemplo, Tono precisa sair cedo e não consegue ver as vacas, será Raúl quem fará isso para ele. Não existe entre eles nenhuma forma de pagamento por serviços. Raúl tem vários tratores e uma *enfardadeira de fardos*, mas a sua habilidade não é a mesma que a de anos atrás, quando era mais jovem, como me afirmava Tono em agosto de 2017. Raúl acompanha com o trator e com o reboque para carregar, por exemplo, o feno.

Raúl não faz silagem e o feno é feito por Tono com a sua enfardadeira de rolos. Em 2017, Tono já contava com a gadanhadeira rotativa e foi com esta que ceifou todos os lameiros de Raúl. A tendência na exploração de Raúl não está garantida e, em decorrência da idade, considero que a sua exploração é regressiva, pois pode ser fechada, a princípio, a qualquer momento sem ser aparente alguma forma de resiliência. Ele se configura como uma exploração em que os investimentos estão paralisados, pois não há uma continuidade explícita nem aptidão para acompanhar essa corrida tecnológica.

A dinâmica que Tono do Artur e Raúl têm pode ser assimilada à de Paulo do Miro e sua mãe. Neste caso, Raúl tem toda a gestão da sua unidade produtiva. No entanto, na parte de trabalho mecânicos ele se iguala ao que a mãe de Paulo faz.

2.3.8 Cascais e Kátia

Cascais é um agricultor jovem, de menos de cinquenta anos, que herdou a exploração dos seus pais. Na realidade, os seus pais ainda lhe ajudam. Também recebe ajudas de sua tia, que é a pessoa que melhor conhece e prognostica as condições meteorológicas. Como me disse Ana, esposa do Russo, em 2016 *quando a Clementina sai com as vacas todo mundo vai atrás*. Cascais é o vice-presidente da Junta de Freguesia de Pitões.

Além dos pais e de sua tia, Cascais recebe ajuda de sua esposa, Kátia, que combina o seu trabalho de nutricionista com o de agricultora. Seu filho, Mateus,

também frequenta a vacaria, mas, se houver mais crianças na aldeia, é lá que ele costuma brincar.

Mantêm na sua exploração, 25 vacas em regime de produção biológico certificado. Têm sob esse selo somente as vacas. É a única exploração que conheço que tem esse selo. Cascais afirma que o adicional que ganha por ter a exploração certificada é de apenas alguns centavos em cada quilograma, quando vende as vacas para o abate. A venda de vacas não é diferenciada da de vitelos, sendo o mesmo comerciante o que compra as vacas e os vitelos de Cascais⁸⁰.

A exploração de vitelos para o mercado de carne não está certificada como biológica, pois parte da alimentação dos vitelos é feita com rações compradas que contêm, por exemplo, soja geneticamente modificada. Para conseguir ter a exploração de vitelos e de carne em geral biológica, Cascais deveria de ter a cadeia completa de produtos usados na alimentação dos vitelos com a certificação. Tal procedimento aumentaria tanto o valor da alimentação dos animais que não compensaria no preço recebido por vitelo, assim, continua com sua forma de criar os vitelos com rações não-biológicas⁸¹. Ao mesmo tempo, Cascais anseia conseguir moldar o seu sistema produtivo para que os seus vitelos sejam criados somente com o que ele mesmo produz na exploração, que, aí sim, poderia certificar a cadeia produtiva.

O milho híbrido de tipo país que ele cultiva na sua exploração não é transformado em silagem, pois afirma que, com o milho, ele obtém mais subprodutos do que com a silagem. Cascais alimenta as vacas com milho verde no verão, quando *saca a bandeira*⁸², corta a parte superior da planta, ficando somente a parte que tem espigas. Nesse ato, o que fazem é retirar as inflorescências masculinas que, após a fertilização ter acontecido, não têm mais interesse biológico na produção do milho. A fertilização efetiva se entende com a aparição da bandeira. Já com as espigas é produzida farinha ou entregue inteira. O resto das plantas, uma vez retiradas as

⁸⁰ A maioria dos agricultores de Pitões vendem os seus animais para um comerciante da cidade de Braga. Cascais afirma que esse mesmo comerciante é quem lhe paga esses centavos de euro a mais em cada quilograma. As pessoas que já foram no açougue viram como ele tem uma série de carnes separadas, pois os seus clientes sabem que ele compra bastante carne nas aldeias de Tourém e Pitões, com o que o mesmo comerciante criou a sua espécie de selo de certificação, pelo qual consegue repassar para os consumidores os centavos a mais que ele paga naqueles animais.

⁸¹ Para Van der Ploeg (2008), o estancamento dos preços dos produtos após a globalização e instalação dos impérios alimentares é que produzem o *squeeze* da agricultura, enquanto um fenómeno de estrangulamento da retribuição que percebem os camponeses.

⁸² Essa expressão se refere a quando a planta de milho foi germinada e começam a aparecer os grãos, do que será a espiga de milho, saem espécies de cabelos, que ficam vermelhos com o tempo esses cabelos são conhecidos como *a bandeira do milho*.

espigas, também é aproveitado para fazer a cama das vacas. Através desses exemplos foi que Cascais me explicou porque não lhe convinha a silagem, pois da planta inteira somente se obtêm um único produto, no entanto sob seu sistema obtêm até quatro, se contar com a palha.

Cascais é quem realiza a maior parte das funções na unidade produtiva que têm a ver com a movimentação das máquinas. De maneira semelhante à como foi relatado no caso de Tono do Artur, é em Cascais que recaem as funções de ceifa do feno, enfardar, tirar o estrume dos estábulos, descer os rolos de feno dentro da vacaria. Seu pai lhe ajuda com o trator carregando os fardos. Na colheita do milho, *deita água para os lameiros*⁸³. A sua tia é quem pastoreia as vacas.

O armazém de Cascais chama a atenção quando se vai pela estrada que rodeia a aldeia de Pitões das Júnias, porque, em cima da porta central, tem uma placa solar que usa para alimentar eletricamente a vacaria. Essa é outra medida que diferencia Cascais dos demais agricultores. Trabalha com três tratores, enfardadeira de rolos e gadanhadeira circular.

A tendência sucessória da exploração do Cascais não é uma questão, pois é um dos agricultores jovens da aldeia.

2.3.9 Zé do Raposo, Teresa e Zé do Raposo.

Zé do Raposo é o codinome de duas pessoas de Pitões, pai e filho. O mais velho é a pessoa que tem uma dedicação exclusiva à agricultura, portanto passa mais tempo na vacaria e com as vacas. Já seu filho, é quem manuseia melhor as tecnologias, ajuda o pai com os tratores, engatando as máquinas etc. Seu pai afirma que, com o trator mais velho dos três que possuem, ele consegue fazer tudo que precisa, o resto é coisa de seu filho. Seu filho passa grande parte do dia trabalhando como *sapador florestal* e, também, é o coordenador dos sapadores em Pitões, pois é o secretário da Junta de Freguesia.

A dinâmica de trabalho da exploração é a do Zé, pai, sendo o responsável por levar as vacas, dar de comer e deitar água para os lameiros. Já para Zé fica o trabalho mais mecânico, com as máquinas, carregando feno no reboque, tirando o estrume, enfardando, cortando o feno. Os trabalhos que anteriormente foram citados em

⁸³ Derivar água para os lameiros

relação aos trabalhos que Tono do Artur realiza para Raúl, Cascais e seu pai, são os mesmos que Zé filho faz na sua exploração.

Em relação ao nível de máquinas e de processos tecnológicos, eles dispõem de enfardadeira de rolos, não fazem silagem e tampouco têm a gadanheira rotativa. Segundo comentou Zé (filho) não tinham na sua casa totalmente claro que a gadanheira seja realmente melhor.

Eles são criadores de porcos para o fumeiro e têm uma cisterna com a qual retiram o chorume dos porcos. Os estábulos dos porcos, ao contrário do das vacas, é um estábulo sem matéria orgânica para as camas. O recinto é construído em cimento e lavado diariamente. A água usada, as fezes e a urina dos animais vão parar em uma fossa que acumula esse material que, depois, é espalhado nas terras como fertilizante.

Teresa é a mãe de Zé e tem problemas de mobilidade que a impedem de participar das atividades cotidianas da exploração. No entanto é uma pessoa muito presente na gestão da unidade produtiva. Da casa, ela sabe exatamente o que o seu marido ou seu filho estão fazendo. Sem ter uma presença ativa nas terras, através do mexerico⁸⁴ e das informações que ela recebe na aldeia das outras pessoas, vai também participando da gestão da unidade produtiva familiar. Vivenciei num jantar em sua casa um momento em que ela lhes pedia que fossem regar o milho de uma determinada terra, pois lhe haviam dito que estava começando a secar, num tom não muito amigável.

Ambos trabalham para manter mais de vinte e cinco vacas e mais de uma dúzia de porcos. O fato de produzirem fumeiro implica que as terras cultiváveis têm de produzir também para os suínos, não exclusivamente para as vacas. Alimentam principalmente os suínos com beterrabas, couves, batatas, centeio e milho.

Tampouco fazem silagem, pois, ao ter muitos porcos preferem cultivar milho para alimentar os suínos e com a silagem somente seria um alimento para as vacas. Zé (filho) é um dos agricultores de Pitões que têm que comprar feno, pois as terras que tem não produzem o suficiente para garantir o alimento das suas vacas. No verão de 2017, teve que comprar dois caminhões de feno. Ele afirma que lhe compensa mais comprar o feno do que reduzir a manada de gado ao número de vacas que

84 Polanah define o funcionamento do mexerico na aldeia de Tourém da seguinte forma: “tudo o que se pode saber directa ou indirectamente sobre a vida dos vizinhos e outros acontecimentos da vida local é propalado pelo mexerico e acaba por se espalhar pela aldeia” (1993:5).

conseguiria cuidar com o feno que dão os seus lameiros.

Zé e seu filho Zé garantem a exploração, que se encontra em um nível estável e não existe dúvida alguma acerca da manutenção da mesma uma vez que o filho deve continuar na aldeia.

2.3.10 Os do Covelo: Tina, Maria e Zé

Zé, sua esposa, Tina, e sua irmã, Maria, mantêm uma exploração de vinte e cinco vacas, a casa do Covelo. Nesta unidade produtiva, cada um tem um número de animais que se abrigam no mesmo edifício agropecuário, *são da casa*, me disse Maria, em janeiro de 2016. É uma das famílias que também cria porcos para vender no fumeiro.

Zé é irmão de Russo e, da mesma forma que ele, saiu de Tourém para casar em Pitões. Zé, Tina e Maria são os responsáveis pela unidade produtiva familiar. Os três têm um ritmo de trabalho consensual, onde o peso da exploração recai em todos eles. Tina e Maria vão juntas de manhã para a vacaria, mas é Maria quem prefere e mais gosta de acompanhar as vacas. Depois de arrumada a vacaria, Tina volta para a casa normalmente pra preparar o almoço com Maria. Dependendo das ocupações, Zé, que também trabalha como autônomo no setor da construção civil, está mais ou menos tempo presente na vacaria. É ele quem desce os rolos do feno da pilha e os distribui pelos armazéns, para que Tina e Maria tenham mais facilidade na hora de alimentar as vacas. Da mesma forma que Paulo, Zé o filho do Zé do Raposo e Cascais, Zé do Covelo também é responsável por movimentar os rolos de feno, pois implicam no uso dos tratores dentro da vacaria.

Ele também é a pessoa que opera as máquinas como os tratores e as enfardadeiras quando é o tempo do feno e de enfardar a palha do centeio. Tina e Maria também dirigem os tratores. Eles têm três na sua exploração.

A unidade produtiva familiar da casa dos Covelo, conta com as ajudas pontuais de seus filhos, ainda que cada vez se façam menos presentes na exploração. O mais velho, Zé Carlos, casou recentemente com uma moça da aldeia e ambos gerenciam um outro estabelecimento. Zé Carlos é aficionado pela caça e mantém uma série de cães em um anexo à vacaria, o que faz com que ele passe quase todos os dias para ver os seus cães e, em seguida, os seus pais. Já seu irmão, Pedro, está terminando os seus estudos universitários em Braga e trabalhando ao mesmo tempo, o que lhe

impede cada vez mais estar presente na aldeia.

O feno, a silagem e a época das matanças dos porcos são momentos em que Pedro e Zé Carlos se fazem presentes. No resto do ano, seus pais e Maria conseguem gerenciar e realizar todas as atividades que a exploração e a cria de mais de uma dúzia de porcos demandam. Tina é uma das produtoras de fumeiro da aldeia e mantém mais de uma dúzia de porcos que serão abatidos para o fumeiro ou inclusive para outras modalidades de venda, por exemplo, já abatidos e desmanchados.

Zé é um dos impulsionadores do silo em Pitões e, conjuntamente com o seu irmão Russo, foram dois dos três agricultores da aldeia que decidiram testar esse procedimento técnico e tecnológico na aldeia. Até a atualidade, ambos continuam fazendo silagem. Contam com uma enfardadeira de rolos e a máquina de segar rotativa que é aquisição mais recente da exploração. O estado de sua exploração é consolidada e estável, pois Zé, com pouco mais de cinquenta anos, ainda não mostra preocupações no que tange à transmissão de sua exploração.

2.4 Unidades produtivas familiares de Tourém

2.4.1 Sérgio e Sandra

Sérgio é um agricultor de menos de 40 anos, que herdou a unidade produtiva familiar de seu pai, Venâncio. Gerencia uma exploração de mais de 40 vacas com sua esposa, Sandra. Sérgio aproveitou os subsídios da União Europeia para modernizar o parque de máquinas com que já contava seu pai, adquirindo, no começo dos anos 2000, um trator de 70 cv, um reboque espalhador, uma enfardadeira de rolos e um semeador pneumático.

Desde que conheci Sérgio, em 2011, ele sempre manteve uma grande manada de vacas, uma das maiores de Tourém. Ele carrega o maior peso da exploração, pois nestes anos, o casal teve dois filhos, obrigando Sandra a se afastar das atividades que realizava anteriormente. Vi Sandra estar na exploração e ir fechar os portões das vacarias estando em sua 38ª semana de gestação. As narrativas dos dois atores, prévia à gestação de Sandra, sobre a atividade agrícola do casal, se referem a realização de todas as atividades juntos. Da mesma forma como vem aparecendo nas outras explorações, Sérgio se encarrega majoritariamente do trabalho mecanizado e Sandra da função de pastoreio das vacas nos lameiros e nos baldios. Na aldeia de

Tourém, as vacas saem a pastar mais no período da tarde e, assim, as atividades matutinas de outono, de inverno e de parte da primavera Sérgio é quem assume. A atuação de Sandra na unidade produtiva está mais concentrada nas tardes.

Da forma como Sérgio e Sandra organizam o trabalho, são necessárias duas pessoas para trabalhar no dia a dia. Então, quando Sandra ganhou o segundo bebê, alguns amigos de Sérgio lhe ajudaram a meter as vacas, dar de comer ou acompanhá-las aos lameiros. O casal conta com a ajuda de Venâncio, pai de Sérgio, que, apesar de ter quase setenta anos, continua ajudando da forma que pode. No verão de 2017, acompanhei Venâncio em seus deslocamentos diários mapeando os lameiros, o estado em que se encontravam algumas terras semeadas de milho. Sempre auxiliado em seus deslocamentos por seu primeiro trator Massey Ferguson da década de 1970, ele se desloca desde sua residência até as terras. No verão de 2013, quando Sérgio estava enfardando o feno, Venâncio era o responsável por virar o feno dos lameiros mais planos. Desse ano em diante, sua presença passou a ser menos constante. Se o corpo lhe transmite boas sensações, tenta acompanhar o seu filho, caso contrário, no mínimo, tenta aparecer para a merenda quando esta acontece em alguma terra.

Ele dedicou sua vida à agricultura e é uma pessoa que gosta muito de todas as atividades que a envolvem, é um assíduo nos trabalhos. Venâncio, enquanto ajuda da unidade produtiva, não é mais relevante como foi há cinco anos, no entanto, sua presença na gestão e no cotidiano da exploração é de suma importância para Sérgio. Esse trabalho de mapear o estado das terras e ligar a bomba de rego para o milho são atuações pontuais que permitem que Sérgio se concentre em outras atividades. Venâncio é um complemento e uma ajuda importante no cotidiano da exploração que o mantém também ativo.

Sérgio e Sandra herdaram um armazém já construído por Venâncio, mas ampliaram a vacaria quando assumiram a exploração em mais um estábulo, com as ajudas do projeto submetido por Sérgio à União Europeia no começo dos anos 2000. Eles não criam porcos para venda exterior, nem para produção de fumeiro. Os porcos que criam são para consumo da casa⁸⁵, tanto da deles quanto para Venâncio e Maria.

Sérgio é um agricultor que pratica a silagem. Ele faz parte da família que foi

⁸⁵ Casa no sentido de uma unidade produtiva familiar, em que a exploração de Sérgio apesar de estar dividida em duas casas – no sentido de construção física – continua respondendo enquanto uma casa. No mestrado (Amoedo, 2014), a casa exploração foi uma categoria analítica que usamos para tratar de abordar essa configuração social.

responsável pela chegada e experimentação desse processo técnico e tecnológico na aldeia. Seu pai, Venâncio, foi um dos primeiros a experimentar aquele procedimento com a ajuda de um de seus primos de Salto, que se deslocou até a aldeia de Tourém para lhes emprestar a trituradora. Depois de uns anos, decidiram adquirir sua própria trituradora. Sérgio e Venâncio compartilham a mesma trituradora.

Em 2017 Sérgio afirmava que *ainda não tinha uma rotativa*, deixando claro que, para a seguinte campanha de feno, teria uma. Em 2017, estava estudando os preços e não tinha conseguido adquirir uma rotativa de segunda mão a bom preço. Como jovens agricultores, Sérgio e Sandra são uma exploração consolidada e estável, que poderia ser considerada até em expansão, mas os empecilhos que a administração portuguesa coloca para eles é um dos fatores limitantes. Sandra poderia estar com uma exploração própria, mas, para isso, eles deveriam construir um armazém distante da atual exploração que eles têm. Isso significaria um investimento extremamente alto e que não estão dispostos a assumir. O Parque Nacional é um dos maiores obstáculos à consolidação e expansão da atividade agrícola nas aldeias de Tourém e Pitões. Como vemos mais adiante, Domingos está sofrendo com a extrema rigidez administrativa, da mesma forma que Sandra.

2.4.2 Giestas e Aldina

Giestas e Aldina são os pais de Sandra, sogros de Sérgio. Eles não são filhos da terra, se instalaram na aldeia de Tourém na década de 1980, quando já tinham dois filhos. Hoje em dia moram na aldeia ele, sua esposa Aldina e sua filha, Sandra, que casou com Sérgio. Os outros três filhos do casal moram na França. Seus dois filhos são amantes de uma atividade de que o pai também é fiel devoto⁸⁶: os bois de chegas. É o único agricultor da aldeia que mantém quase sempre um boi para cobrir as vacas e que pode ser *chegado*⁸⁷ com outro boi. Essa criação de boi para chegas é à parte das vacas e da exploração que ele mantém e que são entre quinze e vinte.

Giestas e Aldina fazem todos os trabalhos sós. Ela se encarrega mais das vacas dentro da vacaria e Giestas é quem faz os trabalhos por fora. Neste caso, é

⁸⁶ Em relação à devoção que levanta o boi de chegas.

⁸⁷ As chegas são um duelo entre dois bois. Até a década de 1980, em que cada aldeia criava os seus próprios bois, estes defendiam nas festas o brio e a força da aldeia. Para mais informações, ver a dissertação de mestrado de Pereira (2016) acerca do tema.

mais difícil ver a Aldina sair com as vacas para pastar como no caso de Sérgio, pois quem costuma levar as vacas para os lameiros que têm na aldeia galega de Randín é Giestas. Giestas é um dos poucos agricultores que já não está *deitando* as suas vacas para a serra no verão. Ele conseguiu o arrendo na vizinha aldeia de Randín, de algumas propriedades grandes pelas quais paga anualmente, e que lhe possibilitam ter o gado o ano inteiro pastando em terras que ele gerencia. Tem uma enfardadeira de rolos e também faz silagem.

A sua exploração está consolidada, no entanto, não fica clara a continuidade. Se ambos se aposentarem, Sandra pode ser uma saída para os seus animais e as suas instalações, mas tal desejo não foi expresso durante o trabalho de campo.

2.4.3 Adriano e Natália: agricultor e gerente do café

Adriano é um agricultor de mais de cinquenta anos que mantém desde o começo de sua atividade, na década de 1990, uma exploração que oscila entre as doze e as dezessete vacas. Quando na metade dos anos 1990, ele e sua esposa decidiram retornar para a aldeia, a agricultura se configurou como possibilidade. Seu pai, Adriano, não tinha como lhe ajudar além de lhe doar algumas terras. Solicitou os subsídios da União Europeia e, conjuntamente com as suas economias trazidas do país alpino, construiu o seu armazém em pedra. Os estábulos das vacas já foram divididos por grades de ferro, definindo o número máximo de vacas que poderia ter (18), pois esse foi o número de divisões realizadas. Aproveitando o desnível do terreno, distribuiu o armazém em dois andares, comunicados através de uma escada interior. No andar superior, tem espaço para 12 vacas, já no inferior, cabem seis. Num anexo ao andar superior, é onde se encontra o armazém de matéria vegetal, as máquinas e uma pequena oficina. O pátio do armazém fica fechado, além disso, foi o primeiro armazém a ter a sua própria ligação elétrica e um sistema de bebedouros para as vacas.

Desde que voltou da Suíça, Natália começou a gerenciar o café Paris, que pertencia a sua avó desde a década de 1970 na aldeia. Assim, ele virou agricultor e Natália gerente de café.

Desde 2014, quando seu filho começou a trabalhar na cidade de Chaves, Adriano faz todos os trabalhos sozinho. Quando é o tempo de feno, em função da sua disponibilidade de tempo, Victor de forma esporádica aparece para ajudar seu pai. Até

aquele ano, Adriano trabalhava no verão como motorista de caminhão de incêndios florestais na Galícia. Ele trabalhava no município vizinho de Calvos de Randín e conseguia combinar os trabalhos da agricultura com o de bombeiro. No trabalho de motorista, ele trabalhava oito horas por dia corridas, podendo realizar os trabalhos agrícolas depois desse horário. Adriano era contratado no município no mês de julho, normalmente na primeira quinzena, com o que nos anos em que ele se inscrevia nas listas de trabalho, apurava ao máximo os dias prévios à contratação para poder ceifar e enfardar o feno.

Adriano é um agricultor que gosta de ter as variáveis controladas e, dessa forma, argumenta todas e cada uma das opções que ele fez em seu sistema agrícola. Por exemplo, não tem boi, pois afirma que para ter um boi que come por volta de um fardo de feno por dia ele estima que seria preciso ter mais de 25 vacas, pois com menos vacas a inseminação artificial sai mais barata do que alimentar um boi. Essa conta dele é feita com base nos custos que têm para ele a produção de um fardo de feno com uma margem de erro de 20% atribuído às inseminações.

Ele é o único agricultor que trabalha com um único trator. Afirma que as despesas de ter mais de um não compensam, os seguros e impostos são caros além da manutenção que demandam. Afirma que consegue fazer os mesmos trabalhos que os demais agricultores fazem com dois tratores, sem ter uma diferença grande no que diz sentido ao rendimento.

Ele afirma que o diesel consumido pelos tratores e os pneus são as maiores despesas que têm os agricultores no sistema atual de produção, de modo que, tendo um único trator, têm-se custos menores. Em relação a fazer o feno, com um único trator em contraposição aos agricultores que usam dois e três tratores, ele afirma que não percebe diferença entre o tempo que demora para fazer o feno e os demais agricultores que fazem o mesmo número de fardos que ele sozinho. Ele se apoia numa *carrinha*⁸⁸, que se desloca pelas terras ou a usa para levar algumas alfaias. Assim, por exemplo, se tiver que ir para as terras que tem alugadas na aldeia galega de Padroso, que dista 7 km dali, ele vai com seu trator e pede para que alguém o vá buscar com a *carrinha*. Também evita ao máximo fazer deslocamentos internos em trator, para poupar combustível. Adriano vai todos os dias caminhando ao seu armazém saindo de sua casa, porque afirma que esses pequenos deslocamentos

⁸⁸ Expressão local que equivale a uma camionete no Brasil.

nunca são contabilizados pelos demais agricultores que usam o trator enquanto meio de transporte.

No entanto o sistema produtivo de Adriano, que até o ano de 2016, parecia estar estabilizado sofreu uma brusca reconfiguração. O investimento nos últimos quatro anos em maquinaria tem sido alto em relação aos demais agricultores das aldeias. Poderia afirmar que Adriano é o agricultor que maior investimento realizou neste ultimo quinquênio em seu parque tecnológico. Mudou de trator devido a uma avaria detectada no anterior e que, aos olhos dos mecânicos, não teria reparação. Obrigado a mudar de trator, decidiu adquirir também uma enfardadeira de rolos, uma gadanheira rotativa e uma máquina de ensacadora que faz rolos de feno ensilados.

Até esse momento, Adriano sempre tinha se mostrado reticente a qualquer mudança drástica de seu sistema produtivo. Uma vez que se viu obrigado a mudar a máquina mais importante e a mais cara, a força motriz das explorações (o investimento pode chegar aos 70.000 euros) decidiu reestruturar completamente o seu sistema produtivo.

Para essa reestruturação do sistema produtivo elencou vários fatores: a carga de trabalho manual que implicava a enfardadeira de fardos, a agilidade e robustez da gadanheira rotativa e a possibilidade de produzir silos de feno. Adriano trabalha sozinho e seu filho tem uma vida mais independente da unidade familiar a cada dia que passa. Ele relatou que *estava na hora de deixar de carregar os fardos de feno*. Quando encomendou o trator, analisou o investimento a mais que implicava a instalação de uma forquilha carregadeira de rolos na frente do trator e assumiu que a despesa compensava, podendo mudar radicalmente o sistema produtivo. Dessa forma, fez esse investimento e decidiu também comprar uma enfardadeira de rolos e mecanizar o transporte dos fardos⁸⁹ que eram feitos manualmente até então.

Acerca da gadanheira rotativa, afirmou que os sogros do seu filho, que são de uma aldeia de Chaves, onde essas máquinas têm uma presença mais antiga, tinham chamado Adriano para observar o funcionamento de uma. Após estimar que o tempo de corte de um lameiro podia diminuir até um terço do total que demorava com a

⁸⁹ Adriano afirma que precisa em torno de 4000 fardos para passar o ano inteiro. Se multiplicarmos os 4000 fardos por 20 kg de cada fardo isso dá um valor de 80.000 kg que passavam pelas suas mãos. Primeiramente, eram carregadas no lameiro para o trator, depois descarregadas e empilhadas no armazém e, ao longo do ano, movidas mais uma vez, da pilha de fardos para as manjedouras das vacas. Ou seja, 80.000 kg multiplicado por 3, ou seja, 240.000 kg ao longo do ano. Se dividido em doze meses, resulta em um peso aproximado de dois mil quilos por mês que ele movimentava.

gadanheira de dentes, achou uma vantagem importante. Também relatou como a rotativa é mais econômica no que diz respeito à manutenção. A gadanheira de dentes tinha custos fixos de manutenção anual de 200 euros no mínimo. Já a troca do sistema inteiro das lâminas de corte da circular é de 15 euros. Com base nessas variáveis é que Adriano decidiu comprar essa nova alfaia.

O ensacador foi uma opção que ele entendeu como uma possibilidade de estar *realizando uma experiência*, afirma. Uma vez adquirida a enfardadeira de rolos, o fato de ter uma alfaia que ensaque é uma variante que pode permitir mais uma resstruturação do sistema produtivo. Adriano nunca quis trabalhar com a silagem, ele afirma que o milho para silagem dá muita despesa. As formulações de Adriano serão analisadas com maior detrimento, bem como os argumentos por ele esboçados para não fazer a silagem. No entanto, mais do que uma reconfiguração do sistema produtivo, a aquisição dessa ensacadora é um processo de projeção para o futuro. Adriano me relatou em 2018 e 2019 como o seu projeto de sistema produtivo nos próximos cinco anos não prevê o milho como cultivo. Será analisado mais pormenorizadamente o milho no sistema agrícola local, no entanto a possibilidade de imaginar um sistema sem o cultivo do milho parece ser uma dinâmica que está aparecendo nas aldeias cada vez com mais força.

A exploração de Adriano é considerada estável.

2.4.4 Fábio do Pita e Maria

Fábio é um dos jovens agricultores da aldeia. Quando era apenas um adolescente, seu pai faleceu devido a um acidente com o trator, tendo que assumir ainda na juventude um papel na unidade produtiva familiar principal. Num primeiro momento, ele ajudava sua mãe, Maria, mas atualmente o entendimento que há na aldeia é que Fábio é a pessoa que gerencia a exploração. A mãe de Fábio, Maria é irmã de Paulo do Miro, ela é natural de Pitões das Júnias. A dedicação dele e de sua mãe à exploração é exclusiva, não se dedicando nenhum dos dois a nenhuma outra atividade, como, por exemplo, o fumeiro. Os porcos que criam são para consumo doméstico. A sua irmã faz graduação em uma universidade.

Têm entre vinte e vinte cinco vacas e é um dos agricultores que se encontra aberto a experimentações, com novos processos tecnológicos como, por exemplo, a silagem de erva verde realizada na primavera, conjuntamente com Adriano. O

armazém de Fábio é exatamente igual em medidas ao de Paulo do Miro.

Fábio e sua mãe contam com todas as máquinas necessárias para realizar as atividades agrícolas de sua exploração. Realizam os trabalhos com dois tratores, fazem silagem de milho, têm enfardadeira de rolos desde a década 2000 e em 2017 adquiriram uma gadanhadeira rotativa.

Em razão de Fábio ser uma pessoa jovem, com menos de trinta anos e com uma proximidade às novas tecnologias, considero que a sua exploração é consolidada e sua continuidade parece estar fora de discussão.

Fábio é um agricultor jovem que está namorando uma moça galega. Os rapazes da aldeia de Tourém de sua mesma faixa etária tiveram condições de vida diferentes das dele. A morte prematura do pai o colocou em uma posição diferente. Ele teve que ajudar sua mãe e compensar a falta do pai desde adolescente. Ele não conseguiu estudar na universidade como fizeram outros jovens de sua mesma idade, ainda que a maioria dos colegas de Fábio tenham deixado de estudar após concluir o ensino médio.

2.4.5 Os Vilas: Zé, Berto, Zulmira e José

A unidade produtiva dos Vilas se aproxima da acima descrita de Zé do Covelo. É uma unidade na qual convivem na situação atual três explorações. Zé (solteiro), seu irmão, Berto, e a esposa, Zulmira, têm, cada um deles, uma exploração. O filho destes, José, que tem menos de trinta anos e mora em Lisboa é um rapaz que não nega a sua vontade de retornar à aldeia. Ele detém hoje em dia cinco vacas de raça barrosã, adquiridas no começo de 2018. Na casa dos Vilas, moram também Maria (filha de Berto e Zulmira) e seu esposo. Maria trabalha em uma das cooperativas de agricultores de Montalegre.

A carga de trabalho recai principalmente nos dois irmãos Zé e Berto. Já Zulmira, tem uma presença ativa também na exploração, mas ela está mais ligada à criação dos suínos do que à das vacas propriamente ditas, o que não implica que ela não ajude nem esteja presente nos trabalhos cotidianos. Já no verão, com a concentração de trabalhos, seu filho José se faz presente, ao solicitar férias para ajudar no feno, no centeio, nas batatas e no milho. Caso o período de férias de José tenha expirado, a unidade produtiva se planeja para realizar as atividades no final de semana, em que ele se desloca desde Lisboa até a aldeia. O mesmo acontece com a matança dos

porcos para o fumeiro, em que se espera até que José possa estar presente.

São os Vilas uma das casas mais importantes e grandes de Tourém, pois contam com quase sessenta cabeças de gado. A estrutura predial com a que contam é importante e está dividida em várias construções diferentes que abrigam os seus animais. Herdaram a sua exploração e, conjuntamente com os subsídios da União Europeia e da batata de semente, é que se foi ampliando a sua exploração até a configuração atual.

Os Vilas são também a única casa que produz fumeiro para venda na feira do fumeiro de Montalegre. Costumam estar presentes também em várias feiras nos municípios galegos vizinhos, como é o caso da feira de produtos regionais de Bande, realizada em abril de 2018. O número de suínos que criam em casa para abastecer a sua vasta e extensa clientela é de aproximadamente vinte por ano. Como na aldeia de Tourém somente eles produzem fumeiro para venda, no verão os migrantes que retornam à aldeia compram os seus produtos, pois contam com um pequeno posto de venda na aldeia.

Em relação aos processos técnicos e tecnológicos, a sua exploração é uma das que mais está atenta às novas possibilidades produtivas. Foram dos primeiros agricultores que, em 2015 – 2016, decidiram experimentar a silagem de erva verde realizada na primavera. No verão de 2017, contabilizei 40 rolos de silo acumulados em uma terra que têm do lado de seu armazém, que se configura em um produto já importante para a sua exploração.

O mesmo acontece com a silagem e os demais processos. Conjuntamente com a casa de Venâncio, eles foram dos primeiros a implementar a silagem de milho na aldeia de Tourém na metade dos anos 1990. Em 2017, já tinham a gadanheira rotativa e a enfardadeira de rolos já fora adquirida nos finais dos anos 1990. Trabalham com três tratores na sua exploração e têm uma presença importante nas aldeias galegas vizinhas, tendo terras em aldeias mais distantes como Maus de Salas.

A expansão da exploração não me parece *a priori* uma situação plausível, no entanto, são uma exploração que se encontra aberta à inovação técnica e tecnológica. A sua situação é estável e a sua continuidade no tempo não parece estar em questão.

2.4.6 Venâncio

Venâncio é agricultor da aldeia de Tourém que já mencionei em vários

momentos. É irmão de Sérgio. Venâncio é companheiro de Luisa de Pitões e as suas explorações poderiam ser pensadas enquanto complementares.

Venâncio, de maneira semelhante à que aconteceu com Adriano, estava na década de 1990 na Suíça, trabalhando, quando veio de férias à aldeia e tomou conhecimento da existência de ajudas e incentivos por parte da União Europeia para os novos agricultores. Nesse mesmo momento, decidiu que esse seria o seu futuro. O seu pai, Venâncio, tinha decidido e transferido já a sua exploração para Sérgio, de modo que Venâncio teve que começar, como ele mesmo afirma, do zero, contando com o dinheiro que tinha poupado e as ajudas da União Europeia. Vacaria, tratores, terras e animais foram sendo adquiridos em função das possibilidades econômicas e dos subsídios. A unidade produtiva que Venâncio abriu foi conjuntamente com a companheira que tinha naquele momento.

Atualmente, Venâncio tem uma manada de mais de trinta vacas. Ainda que esse número oscile em função de diferentes aspectos. Quando submeteu o seu projeto para receber os subsídios da União Europeia, adquiriu dois tratores, uma enfardadeira e um reboque. É um dos produtores da aldeia que faz silagem e já conta também com uma gadanheira rotativa.

Como agricultor jovem, o futuro de sua exploração está garantido, seja pela idade que ele tem, ou porque seu filho, Eduardo, é um jovem de pouco mais de vinte anos, que se mostra disposto a ter a sua exploração. Eduardo teve várias tentativas de abrir a sua própria exploração. Em 2014, seu tio João, que já estava há mais de dez anos na aldeia, depois de ter sido emigrante na Suíça, decidiu retornar à emigração, deixando sob os cuidados de seu sobrinho as três vacas que tinha. Conjuntamente com essas vacas, seu avô materno tinha ficado viúvo fazia pouco tempo e decidiu também lhe ceder outras três vacas. Venâncio lhe cedeu umas vitelas também. Mas, devido à falta de apoio dos subsídios, ele decidiu abandonar temporariamente a agricultura. No ano 2017, seu pai, Venâncio, tinha assumido os cuidados das vacas reconhecendo que são de seu filho.

No dia a dia, a exploração de Venâncio é trabalhada de forma exclusiva por ele. Seu filho, Eduardo, que é a pessoa que mais lhe ajuda, seria um ajudante flutuante. Ao longo de meu percurso de pesquisa na aldeia, vivenciei diferentes configurações na vida de Eduardo: gerenciando as suas próprias vacas, em outros momentos, ajudando seu pai todos os dias e, também, trabalhando como garçom. Em função dessas diferentes configurações, a sua presença na aldeia enquanto ajuda para seu

pai teve momentos de maior e menor dedicação.

Nos momentos de maior carga de trabalho, Venâncio consegue combinar com Luisa a distribuição de carga de trabalho entre as duas explorações. Assim, concentra a força de trabalho em uma delas se deslocando para fazer, por exemplo, a silagem. No entanto Venâncio comentou várias vezes que Luisa tem a sua exploração e não pode abandonar a dela para ajudá-lo.

Em 2017, por exemplo, observei Luisa terminar de trabalhar o feno antes de Venâncio, de modo que, nos dias seguintes, tanto ela quanto Rui, o ajudaram nessa atividade. A gestão dessas explorações, na configuração observada no final do trabalho de campo, pode ser pensada como complementar, pois a gestão de pessoas é autônoma e dedicada a cada exploração ainda que, nos momentos pontuais, existam arranjos em comum que me fazem pensar numa gestão comum.

Venâncio é um dos agricultores que têm uma proximidade maior com as experimentações. Testou, na metade da primeira década dos anos 2000, a aveia para ser ensilada e, também, o cultivo de trigo para ser misturado com o centeio e aumentar, assim, a capacidade de produção de grãos para depender menos da indústria de rações. Até a atualidade, e de forma alternada, costuma semear um ano sim, outro ano não uma terra de trigo. Diz que isso é possível porque ele semeia em Tourém que é mais quente e mais propício para um cereal cultivado com climas mais temperados.

Por ser filho de Venâncio, ele também foi dos primeiros agricultores que experimentou a silagem e, até hoje, é um dos processamentos técnicos e tecnológicos que continua realizando na sua exploração.

Desde 2015, faz sacos de silagem de erva verde realizado na primavera que pode ser usado como complemento alimentar ao longo do ano, ainda que não possua a ensacadora. A ensacadora lhe é emprestada por um dos agricultores de Pitões que é o dono do restaurante dom Pedro, que é quem lhe compra seus vitelos.

É um dos agricultores que teve as primeiras gadanhelas rotativas e enfardadeira de rolos de Tourém.

A situação da exploração de Venâncio é estável e tudo aponta que seu filho poderia ser o herdeiro dessa exploração.

Na maioria dos casos descritos a carga de trabalho principal recai no grupo doméstico, principalmente no casal. Daí que os agricultores afirmam que a agricultura praticada nas aldeias é familiar.

Existe na maioria das unidades produtivas descritas uma organização interna estabelecida e uma operabilidade concreta que pode, em alguns casos, implicar a possibilidade de realizar um trabalho fora da exploração familiar. Essa seria uma das conclusões que podem ser tiradas dessa descrição. Essa atividade externa tem uma série de limitações e se dá em determinados momentos ou configurações. Zé do Raposo (filho) pode trabalhar como sapador, porque tem o pai ativo, o que permite que ele fique liberado de certas atividades da unidade. Tono do Artur tem uma exploração e um sistema produtivo ajustado e que lhe permite poder trabalhar parte do ano fora da casa. Assim, as unidades produtivas se ajustam e reajustam conformando o seu sistema produtivo.

Todas as pessoas que se encontram vinculadas à casa participam da organização e da reflexão sobre os procedimentos. Teresa do Raposo é um exemplo disso, já sem poder acompanhar o ritmo da exploração *in loco* no edifício agropecuário, tem uma densa teia de informações que lhe permite acompanhar os trabalhos. O mesmo acontece com Natália de Tourém, ela gerencia o café, no entanto, sabe tudo o que acontece na maior parte das unidades produtivas da aldeia, especialmente a do seu marido Adriano.

Se a organização interna do sistema produtivo particular é pensada como uma atividade do grupo doméstico familiar, devem ser pensadas as conotações que essas categorias assumem. De maneira semelhante à que analisa Almeida (1986), é preciso problematizar os diferentes significados que mobiliza a noção de casa e família. Nas descrições realizadas, a casa camponesa enquanto uma unidade de produção é mantida somente com o trabalho dos parentes, filhos, filhas, genros e tios principalmente. Não envolvem serviços remunerados.

O grupo doméstico é um grupo de residência também. As pessoas que trabalham juntas na unidade produtiva, moram na mesma casa, comem à mesma mesa e compartilham o mesmo nome.

Vimos por exemplo a forma com que as tias solteiras são agregadas no caso do Cascais e no dos Covelo. Maria do Covelo é uma unidade produtiva separada do casal, formado por Zé e Tina. Ela tem uma unidade produtiva própria que funciona, no entanto, nas mesmas instalações que as de Zé e Tina. As terras que ela declara são

trabalhadas com as mesmas máquinas e a sua residência é a mesma que a de Zé e Tina. Maria é uma unidade produtiva que está diluída no cotidiano da casa. Administrativamente, ela tem as suas vacas, as suas máquinas e um estábulo. Na prática, os do Covelo contam com aproximadamente trinta e cinco vacas, isto é, a casa tem esse número de animais.

No caso do Cascais, a sua tia reside na mesma casa que os pais dele, comem e trabalham juntos. Cascais, desde que casou com Kátia, reside no Coto, em uma casa que era da família de sua esposa. Quando Kátia não se encontra na aldeia, e seu filho Mateus está na escola, a casa de Cascais se junta novamente no almoço. Ele, os pais e a tia almoçam juntos na casa familiar antes de saírem para trabalharem juntos. É na casa dos pais que Cascais cria os porcos, os que vão servir para alimentar a sua residência e a dos pais.

Os filhos que cursam a universidade ou residem fora da aldeia são um aporte extra de mão de obra para os períodos em que a carga de trabalho aumenta.

Zé Carlos gerencia uma padaria em Montalegre conjuntamente com sua esposa, que é da aldeia. Ele não reside mais com os pais desde que casou e tem a residência fixada na casa dos sogros. Pedro, irmão mais novo, estuda e mora na cidade de Braga. Quando a casa dos Covelo está planificando alguma atividade concreta, como a matança dos porcos ou o feno, costumam consultar a disponibilidade dos seus filhos. Os pais já sabem que Zé Carlos, por exemplo, tem uma vida muito corrida, então, normalmente, não lhe pedem que assista à matança. Pedro já é consultado acerca de sua disponibilidade em folgar um determinado final de semana. Quando não trabalha, está na aldeia residindo em sua casa com os pais.

Os pais avisam a Zé Carlos e Pedro para combinar a data em que podem estar. O primeiro aparece normalmente para almoçar e o segundo, para ajudar nas funções. Além deles, Zé chama a sua família, o Russo e seus irmãos de Tourém (Sérgio e Venâncio), sua irmã Eulalia e Sandra, costumam aparecer com suas respectivas famílias. É um dia em que se juntam e querem que estejam os filhos. Não são mais necessários para a matança em si, ainda que se estiverem presentes na aldeia, serão convocados. A casa dos Covelos já tem uma dinâmica particular em relação a essa atividade.

O mesmo acontece com o Patorro e seus filhos. Consultam a disponibilidade dos filhos e, em função de sua presença, tentam combinar os eventos, como a matança dos porcos. É uma forma de convocação em que os filhos são acionados

como membros da casa. Os filhos, ou os parentes que se encontram próximos são chamados numa atividade que normalmente é retribuída ao inverso. Tina e Zé vão à matança de Eulália e de seus irmãos em Tourém.

No caso do feno é o mesmo, só que não se trata de um dia, mas de uma *temporada*. Os jovens que estudam voltam às aldeias para passar as férias e, dependendo do trabalho que têm, se podem solicitar as férias, o fazem. Se estiverem um final de semana, programam-se atividades que os envolva.

As diferenças entre as atividades pontuais, como a matança do porco ou as temporadas, como é o caso do feno, marcam de forma profunda a forma com que a casa se prepara para esses acontecimentos. O mínimo da força de trabalho necessária para a manutenção da unidade produtiva está garantida na casa. As explorações estão adaptadas a esse condicionante. Já os aportes a mais de força de trabalho são incorporados e, conjuntamente, realizadas novas planificações das atividades.

Como foi descrito no caso de Paulo do Miro, as atividades cotidianas recaem no grupo doméstico. Se os filhos estão disponíveis, eles também participarão. Se não, os demais continuam com os trabalhos da casa. O sistema produtivo de cada casa está acoplado à força de trabalho de que dispõe e em função dessa são organizadas e planejadas as diferentes atividades.

Das unidades produtivas que operam com a mão de obra de uma única pessoa existem diferentes configurações, como os casos de Adriano, Luisa, Venâncio, Zé da Carreira, Raúl e Tono do Artur.

Venâncio e Luisa têm cada um uma unidade produtiva. Ele em Tourém e Luisa em Pitões. Venâncio e Luisa têm um relacionamento e um filho, Rui, de vinte e um anos. Até cinco anos atrás, Venâncio morava na aldeia de Tourém, com outra esposa com a que tem três filhos. Desde que se separaram, Venâncio voltou a ser o companheiro de Luisa. Até então, Venâncio e Luisa moravam e gerenciavam casas diferentes. Desde a separação de Venâncio, a residência dele passou a ser em Pitões. A sua casa de Tourém ficou com os filhos e sua antiga esposa, que emigrou para Lisboa. Desde esse momento, Venâncio passou a reformular o seu sistema produtivo, ciente de que somente ele iria trabalhar.

Diminuir o número de vacas foi a primeira medida que ele tomou. Na sequência, o seu filho mais velho, Eduardo, cogitou a abertura de uma unidade produtiva independente da do pai. Até o momento atual, Eduardo não conseguiu abrir a sua

exploração e seu pai mantém algumas vacas dele.

Após quatro anos morando em Pitões, e ali eu ter consolidado a minha pesquisa, uma noite conversava com Venâncio acerca de sua exploração e ele me disse que tinha *duas explorações em casa*. Após esse dado foi que ele me descreveu a forma em que Venâncio e Luisa administravam a sua casa. Ele semeia milho em Tourém para fazer a silagem para as duas explorações e Luisa aproveita que as terras de Pitões são melhores para o centeio. Na atualidade, têm duas explorações, em duas aldeias, duas vacarias, o duplo de maquinaria, mas conformam uma casa só.

Caso diferente é o dos agricultores que não estão casados, Tono do Artur, Zé do Raposo, Zé da Carreira e Manuel do Bruto, são alguns dos solteiros.

Zé da Carreira é um agricultor que se diferencia dos outros dois devido à idade e desejo de aposentar. Afirmar estar cansado de tanto esforço e não ter muita vontade de continuar trabalhando. Ao mesmo tempo, construiu uma vacaria recentemente. Pode ser que seu irmão Domingos esteja pensando em um retorno a médio-longo prazo da França e assuma a exploração da casa. Zé trabalha só com a ajuda pontual de seu irmão. Até quando a mãe conseguiu trabalhar, era ela quem lhe ajudava no cotidiano. Desde 2015, consegue ir um dia por semana na vacaria, porque afirma que gosta de ver as vacas, já não faz nenhuma atividade. Zé foi o filho que ficou em casa e nunca casou.

O Zé do Raposo e Tono do Artur, com pouco mais de quarenta anos de idade, têm uma configuração interna diferente. O primeiro ainda tem a ajuda do pai e o segundo já trabalha só. A reprodução das unidades produtivas não está garantida, ambos estão solteiros. Nada diz que essa situação não possa mudar a qualquer momento. Os dois têm irmãs que saíram das aldeias e casaram fora. A de Zé está na França e a de Tono mora em Lisboa.

Manuel do Bruto é uma casa que também não tem garantida a reprodução devido a que Manuel também está solteiro. Ele se encontra em uma situação intermediária, pois a mãe dele ainda lhe consegue ajudar, mas cada dia menos, como comentou em agosto de 2017, quando estávamos em uma terra de centeio. Da forma como destaca Bourdieu (2004), parece que os agricultores em suas aldeias não são mais maridos preferenciais.

As mulheres solteiras que há nas aldeias continuam morando em suas casas, pois as suas irmãs casaram em casa, como é o caso de Cascais e de Covelo. Se a mulher solteira decidia ficar na casa, ela permanecia na casa.

No caso dos homens, a situação é diferente. Todos eles têm a mãe viva e se imagina que, caso fossem casar, a residência do homem continuaria sendo a residência do novo matrimônio. Esse já era um dos problemas levantados por Bourdieu (2004) e também apontados por Lisón Tolosana (1971).

Este é o caso de Teresa, que, até a atualidade, continua dirigindo desde o domicílio muitos dos movimentos de sua casa. Conforme afirma Lisón Tolosana, os casamentos e a manutenção da casa não passa mais pelos pais.

El herdeiro será el hijo o más probablemente la hija que desee quedarse en casa; decisión final no paternal, bajo condiciones filiales, no paternas, con lo que el sistema se habrá invertido: los mejorados serán los padres a quienes uno de los hijos quiera atender. (1971:198)

Bourdieu também aborda em sua obra os casamentos mais como um assunto de família do que de indivíduos (2004:52).

Uma releitura da transformação daquele universo social de Bourdieu coloca parâmetros similares: a idade dos homens solteiros é de 40 a 50 anos também (2004:73) e pode ser que esteja diante de uma situação análoga explicada por Bourdieu acerca do fim do não casamento implicar o fim da linhagem.

De fato, naquela realidade social, ao igualar matrimônio com a manutenção do patrimônio, esse celibatários se configuram um fim. Existe toda uma série de transformações do mundo rural, apontadas por Bourdieu, e que o autor retrata de forma brilhante em sua análise sobre os primogênitos franceses, que deixaram de ser um casamento atraente. Consegui perceber que existem celibatários nas aldeias de Tourém e Pitões, e que não existem morando nas aldeias mulheres solteiras que gerenciem uma exploração. As mulheres se projetam para fora da aldeia. Remetendo novamente às formulações de Bourdieu, pode-se afirmar que o capital simbólico neste caso foi um elemento que os agricultores perderam naquela sociedade.

Fábio, por exemplo, é um agricultor novo da aldeia de Tourém que mantém um namoro com uma moça galega. São poucos os jovens da geração de Fábio que já se encontram envolvidos com uma exploração agrícola como é o caso dele.

Na aldeia de Tourém, dos dez jovens da geração de Fábio, somente ele e Adriano (cujos pais faleceram sendo eles ainda jovens) são quem têm uma unidade produtiva aberta. Adriano é diferente, pois alterna a sua condição de agricultor com a de assalariado. Mas todos eles têm companheiro ou companheira que é de fora da

aldeia. A exceção é somente José dos Vilas, que casou com Inês recentemente, mas ela é filha de uma filha da terra, não foi criada na aldeia.

Todos tiveram que apostar em padrões de sociabilidade fora do contexto social da aldeia para conseguirem namorada. O espaço social da aldeia, os namoros são cada vez mais restritos, pois tanto os homens quanto as mulheres ampliaram o seu raio de sociabilidade. Ele é um agricultor que poderia ser pensado como parte de uma nova geração. Dentro de suas prioridades, se mantêm aspectos destacados já por Chayanov, como a manutenção do equilíbrio entre penosidade e trabalho, combinado com padrões de consumo e de vida diferentes. Ele se preocupa com vestimenta, com celulares, e procura uma vida de agricultor que lhe permita, por exemplo, poder ir à praia no verão. Esses comportamentos e preocupações não estão presentes nas narrativas de Tono, do Raposo ou de Manuel. A sua vida continua restrita ao âmbito social da aldeia e não mostram intenções de uma ruptura conforme a narrada por Fábio.

No entanto, esse não é o foco principal da análise. Ainda que solteiros, todos contam com apoios pontuais na época de maior carga de trabalho e o seu cotidiano é um trabalho mais autônomo. Essa cooperação pode ser interna à família (filhos que estudam ou trabalham fora) ou, como no caso de Raúl e Tono, como uma relação de interajuda histórica enquanto parceiros. Ao mesmo tempo, todos esses agricultores têm um sistema produtivo que lhes permite que a sua atividade cotidiana seja desenvolvida por eles mesmos, sem ajuda dos outros.

O caso de Paulo do Miro e sua mãe Ana é diferente, pois é ele que está ausente mesmo sendo o que dirige e gerencia a unidade produtiva familiar. Auxilia a sua mãe, e coordena os trabalhos para a semana. Essa mesma dinâmica pode ser observada nas demais explorações se prestarmos atenção nas definições que os agricultores atribuem para a maioria dos homens: trabalhar com as máquinas como enfardadeiras, descer os rolos dentro do armazém e deixá-los espalhados ao largo da vacaria para facilitar as atividades. Dessa forma, observamos certa predominância dos homens no que diz respeito ao trabalho com as máquinas deixando para as mulheres da unidade produtiva os trabalhos de sair a pastorear com as vacas. De alguma forma, essa diferenciação dos trabalhos realizados por homens e mulheres fica claro na maioria das explorações aqui descritas, excetuando as dos Vilas em Tourém. É claro que as unidades produtivas em que trabalha somente uma pessoa será esta quem sai com as vacas, desce os rolos das pias etc.

Não existe um consenso entre os agricultores no que diz respeito aos processos tecnológicos como a silagem, se é de fato melhor ou pior. As narrativas analisadas nos próximos capítulos incidem nesse cruzamento de lógicas, de conhecimentos que são mobilizados para definir cada sistema agrícola. O mais interessante é a coexistência dessas múltiplas racionalidades em um espaço social tão reduzido.

Outro aspecto que é preciso destacar é a presença de mais produtores de fumeiro, de chás, de compotas e de mel na aldeia de Pitões do que em Tourém. Isso se deve, em grande parte, à relação que cada aldeia foi construindo com esses mercados. A oferta de serviços é infinitamente maior em Pitões do que em Tourém. Pitões conta com dois restaurantes que podem acolher mais de cem pessoas, um hotel, várias casas de turismo rural, um café, um açougue, uma padaria e a taberna celta⁹⁰, um estabelecimento comercial alternativo, em que são frequentes os shows, atuações de grupos de gaita de fole etc. Já em Tourém, há uma dinâmica comercial diferente, com duas lojas comerciais, um café e uma casa de turismo de habitação. Essa dinâmica diferente poder ser observada também no número de produtores de fumeiro que abriga cada aldeia.

Uma vez explicadas as unidades produtivas, suas configurações e estilos de agricultura (Van der Ploeg, 2008), é hora de entrar no ecossistema produtivo, as terras da aldeia. Primeiramente, apresentarei os baldios, as terras de uso comum que os agricultores vêm usando desde tempos imemoriais e sob os quais as unidades produtivas se projetam.

⁹⁰ A taberna celta é um estabelecimento comercial em que são frequentes os concertos e as atividades culturais, como atuações de grupos de gaitas de fole do lado galego. Os Rampeiros, por exemplo, são um grupo que aparece sem planejamento para fazer o seu show.

Capítulo 3: *A serra faz bem as vacas e as vacas fazem bem à serra*: baldios e vacas, conhecimento e práticas

Após apresentar os interlocutores da pesquisa, as terras comunitárias são o centro da narrativa deste capítulo. Os *baldios*, as terras de uso comum, têm uma relevância crucial no sistema agrícola local, pois oferecem tanto pasto quanto o substrato vegetal necessário para fazer a cama às vacas e do qual se obtêm o estrume necessário para a adubação das terras. Quando Patorro afirma que *a serra faz bem às vacas e as vacas fazem bem à serra*, ele está transmitindo a forma como os agricultores analisam a relação entre os baldios e os animais.

O uso do baldio no sistema agrícola remete, segundo Vergílio Taborda (1932), a uma forma de ocupação particular do espaço: aldeias concentradas e, entre elas, grandes extensões de terras. O baldio é um dos pilares do sistema agrícola de Tourém e Pitões das Júnias, e como tal, é conhecido pelos agricultores. Esse processo de conhecimento se dá com as atividades que os agricultores realizam no baldio, com os dias de pastoreio, com a atenção no ambiente.

Existe toda uma série de preferências em relação ao baldio usado pelas diferentes casas. Através da análise dos diferentes usos que fazem os agricultores dos baldios, pude perceber a forma em que se dá o conhecimento, mas sobre tudo a relação que os agricultores estabelecem com esse território. As vacas, os dias, a história particular de cada agricultor permeiam as narrativas acerca do conhecimento do baldio.

As vacas têm, neste capítulo, uma importância central. Os agricultores vão com as vacas ao monte, mas não as pastoreiam. Tanto na serra quanto no monte, as vacas pastam sozinhas. No caso da serra, por semanas e meses, no caso do monte por dias. É tão importante conhecer as terras por onde andam as vacas quanto a própria manada. Este capítulo é, portanto, uma narrativa acerca da forma em que os agricultores conhecem o baldio conjuntamente com as suas vacas.

Apresento em um primeiro momento os baldios e, na sequência, as vacas e sua agência.

3.1 Os baldios: terras de uso comum

Logradouro comum dos vizinhos de cada povoado, ele dá os matos para estrume, lenhas e pastagens e, quando a necessidade o impõe, transforma-se ainda em terra de lavoura transitória e acidental.

Vergílio Taborda

Os baldios são terras de uso comum, com uma série de normas e regulações consuetudinárias, por todos conhecidas e estipuladas em diferentes leis. Segundo Pôças et al (2010: 37), a origem do baldio estaria diretamente vinculada com o direito germânico:

baldio, cuja origem remontará à ocupação pelos Visigodos, no Século VII, altura em que foi adoptado o conceito germânico de propriedade comunitária, essencialmente no que respeita ao uso comunitário de recursos naturais (2010:37)

Na legislação atual, a definição de baldio em Portugal, vem dada pela Lei dos Baldios (Lei 68\93 e as alterações publicadas na Lei 89\97):

Artigo 1º -
Noções

1 - São baldios os terrenos possuídos e geridos por comunidades locais.

2 - Para os efeitos da presente lei, comunidade local é o universo dos compartes.

3 - São compartes os moradores de uma ou mais freguesias ou parte delas que, segundo os usos e costumes, têm direito ao uso e fruição do baldio.

Os baldios são geridos pelo Conselho Diretivo do Baldio, que decide em assembleia anual, quais serão as atuações prioritárias (abertura de caminhos, de poços de regadio, manutenção na rede de águas de irrigação, *cortalumes*⁹¹). Têm uma equipe de *sapadores florestais* que trabalham a serviço do conselho diretivo das aldeias de Tourém e Pitões. O conselho diretivo se encarrega de realizar todas as gestões que têm esse território como lugar de execução. O mandato de presidente do Conselho Diretivo dos Baldios dura quatro anos. A eleição é feita em uma votação em que são convocados todos os compartes, os moradores maiores de idade, que têm

91 Área desmatada que fica ao longo da serra, cuja funcionalidade é a de aportar um lugar seguro para os bombeiros que combatem os incêndios florestais. Em função do tipo de vegetação e inclinação se calcula a largura do corta lume.

sua residência fixada na aldeia. Cada aldeia tem o seu baldio. Os baldios são conhecidos também com o nome de *monte*, como bem explica Lourenço Fontes em sua obra:

O monte é o terreno baldio. Nele pasta o gado em comum ou pastoreado em particular. O que mais dá o monte é a urze, que, além de servir nos seus torgos pró lume de Inverno, e para fazer carvão, serve nos seus ramos para lenha pró forno e para *bassoiras de barre la casa* e pasto para o gado. A giesta além do pasto e dos mesmos usos que a urzeira, serve para *matões para barrer o forno*, e de *acendalha* para acender o lume de Inverno. O tronco grande da giesta chama-se *piorno*, vê-se nos *gestais*, ou *gesteiros*. O *tiojo* é o mais apreciado para estrume e pasto do gado. (...) As *carqueijas* são muito úteis, principalmente para acender o lume e chamuscar os porcos da matança. (1974: 61–2).

Apesar de haver no monte espécies vegetais de suma importância para a população e para suas atividades, o termo é normalmente usado com um significado depreciativo quando colocado do lado das terras. O baldio aparece categorizado múltiplas vezes como terras incultas. Brian O’Neill define o baldio da seguinte forma:

A terra comunal em Fontelas é designada baldio, que quer dizer “terreno inculto”. A palavra tem outras duas conotações: a primeira, negativa, diz respeito à natureza inútil da terra, em consequência de um ou mais factores (altitude, solo, rochas). A segunda, ao contrário, sugere que esta terra não é necessariamente incultivável, mas que se encontra temporariamente não cultivada, ou que é de tão má qualidade que apenas se podem semear pequenas quantidades de centeio nos seus melhores sítios (1984:67).

Da mesma forma como observa O’Neill (1984), em Tourém e Pitões, o monte seria o oposto das terras cultivadas. Em outros tempos, os baldios foram usados como lugar de cultivo de centeio, conhecidas como *cavadas*. Eram divididos lotes sobretudo para os moradores que não tinham terra que se deslocavam até o baldio, cortavam a vegetação existente e semeavam centeio. Também foram semeadas batata de semente nos terrenos baldios.

No entanto, o baldio cumpre uma função basilar no que diz respeito à manutenção da atividade agrícola extensiva, pois as vacas pastam ao longo de seis meses nos baldios, antes e depois do verão, descem para dormir nos estábulos e, do mês de maio a setembro, até pernoitam naquele local. Mas as atividades no baldio não se limitam ao pasto. Como bem mostra a citação de Lourenço Fontes, há uma diversidade de plantas que os agricultores usam para além das explorações.

A cama das vacas é feita principalmente com material vegetal dos gêneros “Erica”, “Ulex” e “Cytisus”, que se encontram no baldio. Já nos estábulos, as vacas

depositam em cima dessa camada vegetal as suas fezes e urinas que comporão o estrume que fertilizará as terras. Essas terras e seus usos compõem, portanto, um dos aspectos do sistema agrícola.

Os baldios são parte do território conhecido nas atividades de pastoreio. As plantas usadas para as camas das vacas são espécies que conseguem fixar nitrogênio, um dos elementos químicos mais demandados pelas plantas depois do carbono, hidrogênio e oxigênio. O sistema agrícola e cada um dos elementos presentes têm uma importância para o conjunto. Neste caso, até as terras consideradas a *monte*⁹², mais distantes afetivamente, têm uma importância dentro do sistema e seu funcionamento.

3.2 Conhecimento do baldio: a serra e o monte

Os baldios são as terras que ficam mais distantes do núcleo habitacional das aldeias. Entre as casas e os baldios se situam as terras particulares. Os baldios são grandes extensões de terra de uso comum dos moradores das aldeias. Afirma Bordalo Lema que “o tipo de povoamento do Barroso é muito uniforme: aldeias aglomeradas, separadas por grandes extensões baldias” (1978:47).

Duas nuances são necessárias. Em primeiro lugar, nas aldeias, não é comum o uso do termo baldio. Os agricultores costumam usar mais as noções de *monte* e de *serra*. E, em segundo lugar, não existe um baldio como *continuum* ou genérico. Aproximando-se do conhecimento que os agricultores das aldeias detêm do baldio, esse território não é abstrato, é concreto (Lévi-Strauss, 1989). Para Lévi-Strauss o conhecimento se dá na relação e ele se dá em base da sensibilidade e da vontade de conhecer enquanto uma operação mental. O *monte* e a *serra* são territórios conhecidos, não se configuram como uma massa extensa de terras. Como afirma Patorro: *a serra se conhece ao andar por ela*.

Os montes e a serra são pastoreados com o gado, é de onde se tira as lenhas que serão usadas para aquecer as casas no inverno e todas essas variáveis combinadas conformam o território baldio (Pietrafesa de Godoi, 1999; Little, 2002; Escobar, 2015; Haesbaert, 2014; Raffestin, 1993). O território é uma parcela do espaço

⁹² Monte também quer dizer abandono. As terras não cultivadas e com vegetação invasora são chamadas de *terra à monte* ou *de monte*.

em que se têm relações “de apropriação, controle, usos e atribuição de significados” (Pietrafesa de Godoi, 2014:444). Portanto, e continuando com as proposições da autora, a territorialidade seria o processo de construção dos territórios. Neste caso de estudo, a pergunta poderia ser formulada da seguinte forma: como é que os agricultores se relacionam, usam, o monte e a serra?

Todo esse território está mapeado e é conhecido através da ocupação e uso histórico do mesmo. Esse processo de aprendizagem é contínuo. É realizado com as crianças que acompanham seus pais, tios e avós com as vacas, por exemplo.

Pude observar, ao longo do trabalho de campo, como algumas crianças eram levadas pelos pais no período de férias e nos finais de semana, quando *vão deitar o gado ao monte*. O pai aproveitava e mostrava para o filho os nomes dos lugares, das terras, e quais pertencem a sua casa. No mês de agosto de 2017, observei como Rui, que é natural de Pitões, e que tem a sua residência na França, em muitos dias de agosto, levava seu filho para ver as vacas na serra, ou levava as paridas para pastar num quadriciclo. Pai e filho compartilhavam esse momento, em que o pai aproveitava para transmitir-lhe os conhecimentos que tinha recebido dos seus antepassados e mantido ao longo de sua vida. Conversando com ele sobre essa situação, Rui não negava o gosto que tinha de ver que seu filho se interessava por acompanhá-lo. Rui é um dos emigrantes que, mesmo morando na França, quando está na aldeia, é um extra para a unidade produtiva familiar de seu pai e irmão.

O conhecimento das terras e a forma como o repassa poderia ser pensado nos termos de Ingold (2000), ou seja, uma educação para a atenção, como um processo contínuo de aprendizagem no ambiente (Ingold, 2000). Não quer dizer que o filho vá apreender o ambiente da forma como seu pai lhe transmite, tampouco pode ser pensado um processo de aprendizagem similar ao que teve quando era uma criança, pois as condições são diferentes. No entanto, ambos estão refazendo e reestabelecendo a relação com a sua *terra*⁹³ e com suas *terras*.

Essa relação concreta pode ser visualizada também através dos nomes. Como já demonstrou Lévi-Strauss (2003), nomear é classificar, e, classificar, segundo o autor, é dar ordem ao mundo. Os nomes das terras não envolveram os agricultores com os quais fiz trabalho de campo, pois esses nomes já foram por eles apreendidos

⁹³ Neste momento, a terra é evocada como aldeia no sentido de lugar de morada e do qual as terras fazem parte. Para mais informações acerca da terra e de suas possibilidades analíticas em Tourém, ver Amoedo (2018:58-98).

da mesma forma que Rui os repassa ao seu filho. Seriam, portanto, os nomes um aspecto da territorialidade que é dado, fixo⁹⁴.

O fato de as terras terem nome implica e marca, de forma clara, que existe todo um acervo de conhecimento implícito na relação. É um acervo que é conhecido e repassado, historicamente consolidado através das gerações. Zé da Benta, morador aposentado de Tourém me relatava em 2013 que: *cada lugar tem seu nome*, e, na sequência, fazia um exercício comparativo com o mundo urbano em que se têm bairros, ruas e número de casas. Da mesma forma, ele nomeava seu território, indicando com o dedo indicador da mão direita para o alto e dizia: *aqui é a Arteia, acolá é o Terrado, ali é São Martinho, aqui é o Sapo, ali é as Azeleiras cada um desses cada coisa tem o seu nome*.

Por outro lado, os territórios evocados através de seus nomes têm histórias particulares, que vão renovando os significados desses lugares concretos e compondo o acervo histórico. Cada história particular vivenciada na serra ou no monte está impressa naquele território e é acionada pela memória. Quando acompanhava Patorro com as vacas, se na noite anterior a nossa conversa tinha girado em torno dos seus tempos como contrabandista, no dia seguinte, ele recuperava essa história *in situ*, localizando-a de uma forma mais concreta.

Do baldio os agricultores tiram também a matéria vegetal para fazer a cama das vacas. São principalmente pequenos arbustos de toxo (*Ulex sp.*), urze (*Erica sp.*) e carqueija (*Pterospartum trindetatum*). Os agricultores se deslocam até o baldio e, depois de identificado o lugar onde vão fazer o corte e remoção desse *mato*, deslocam-se com os tratores até o local e, com ajuda das alfaias que ceifam o feno, cortam esse material. Uma vez cortado, os agricultores podem optar entre dois procedimentos diferentes: carregar em reboques ou enfardar.

Carregar o mato em reboques é a prática mais comum. Já desde o ano 2012, o Patorro decidiu enfardar o roço com a enfardadeira de rolos. Como tinha conseguido cortar o mato em uma zona plana, deslocou-se até lá com a enfardadeira de rolos diante do assombro generalizado dos demais agricultores. Ele tinha conseguido cortar um mato *nem muito grosso nem muito fino* e a textura desse mato não era muito diferente do feno. Diante dessa situação, Patorro decidiu testar essa experiência.

⁹⁴ Em Junho de 2019, está prevista a realização de um trabalho de campo com Patorro na serra. Ele me inquiriu sobre a possibilidade de realizarmos um mapeamento da serra com auxílio de GPS, e da carta militar para contrastar os nomes de pedras e lugares que ele sabe com os dados oficiais.

Era o mês de setembro e seus filhos começavam a estudar na universidade e ele ficaria com menos força de trabalho, pois Ringo não conseguiria se deslocar todos os finais de semana para ajudar em casa. Dessa forma, Patorro precisava cortar mato para estocar. O mato cortado e carregado nos reboques dos tratores é muito volumoso, se ele conseguisse enfardar o mato, o volume diminuiria e seria mais fácil de estocar dentro da vacaria. Além dessas variáveis, Patorro pensou que era preciso diminuir a pressão que exerce a enfardadeira na hora de compactar a matéria vegetal. O roço, diferentemente do feno, não é uma matéria que eles deixem secar ao sol. A umidade própria das plantas vivas dentro do rolo poderia vir a desenvolver fungos prejudiciais para os animais, além de estragar a matéria vegetal.

Uma vez combinadas essas variáveis, Patorro se deslocou até a Portela, onde tinha cortado o mato, e fez dez rolos de *roço*. Desse ano em diante, só aumenta o número de agricultores que aproveitam a experiência de Patorro. O conhecimento do mato, o seu estudo, assim como as condições dos meios de produção, permitiu que Patorro inovasse um procedimento técnico não testado anteriormente nas aldeias. Esse procedimento técnico ainda não conquistou aos agricultores da aldeia de Tourém.

O fato de Patorro, em cada deslocamento pela serra, analisar os elementos que compõem aquela paisagem é que lhe permitiu desenvolver esse novo procedimento. As zonas de mato são livres, cada um corta o mato onde quer. Por isso, os agricultores mapeiam o baldio quando chegam os meses de setembro, antes de ressemeiar o centeio e as ferranhas, em que ficam mais aliviados de sua carga de trabalho e os meses de março. Essas duas épocas do ano são as em que os agricultores retiram o estrume de suas vacarias e adubam as terras. Em março, a retirada acontece antes da sementeira do milho e da batata. Por isso, *a serra faz bem às vacas e as vacas fazem bem à serra*.

3.3 O monte e a serra enquanto lugar de pastoreio

O termo de monte serve em Trás-os-Montes para designar os tractos de terreno cobertos duma vegetação arbustiva geralmente lenhosa em que intervêm também certas espécies herbáceas.

Vergílio Taborda

O território é conhecido e tem seu endereço. Outro ator importante no conhecimento concreto do território são as vacas. Conjuntamente com os humanos e as terras, são o elemento que estaria faltando abordar nessa tríade do sistema agrícola local: humano-terra-animal.

Os lugares de pastoreio que cada agricultor usa permitem adentrar também outras classificações sociais no nível da aldeia. As divisões internas da aldeia podem ser projetadas às terras pastoreadas e também aos lugares em que construíram os seus armazéns. A aldeia se projeta, então, no baldio e o uso do baldio fica refletido, ao mesmo tempo, na aldeia em si. Serão definidas e abordadas territorialidades específicas que denotam uma série de relações entre diferentes variáveis construídas como um processo.

O baldio seria o termo para as terras que têm um regime de uso comum. Tanto em Tourém como em Pitões, o termo não é muito usado, em vez disso, as terras baldias são chamadas de *montes*, quando estão mais próximas da aldeia e de *serra* se correspondem às mais distantes.

Ao mesmo tempo, tanto serra quanto monte não deixam de ser também categorias englobantes e genéricas. Cada lugar do baldio tem o seu nome concreto. Nome que o situa numa posição, numa coordenada concreta dentro da grande extensão de baldio. A diferenciação feita acerca do monte e da serra refere-se à distância desses territórios em relação ao núcleo habitacional. Esses dois nomes são muitas vezes usados como sinônimos. No entanto, como já dito, serra é mais usado para o baldio mais distante da aldeia. Outra característica que as diferencia é que a serra é onde as vacas pernoitam ao longo do verão. Corresponde a terrenos mais abruptos com uma orografia mais complicada pela presença de grandes pedras e importantes desníveis.

Já o monte, seriam os baldios localizados mais perto da aldeia, onde as vacas pastoreiam ao longo do dia e retornam para dormir na vacaria. Do monte, é de onde se tira a lenha para os invernos e o material vegetal para fazer as camas das vacas. Nunca ouvi o uso do termo serra como referência a essas atividades.

Essa classificação, no entanto, é contextual e difere de aldeia para aldeia. O que um morador de Pitões chama de monte muitas vezes é considerado serra para os moradores de Tourém. A distância relativa entre uma e outra marca frequentemente a concepção que se tem da serra e do monte. A aldeia de Pitões tem muito mais proximidade com as grandes formações rochosas, devido à localização

em altitude muito maior (1200 metros contra os 750 m de Tourém). Tourém, localizada no fundo do vale do rio Salas, tem terras mais planas e as formações rochosas estão muito mais distantes do que em Pitões.

As terras do baldio não são muito férteis. Houve momentos na história recente das aldeias em que lotes de terra situados no baldio eram entregues aos vizinhos mais pobres para semearem centeio. Essas terras eram chamadas de *cavadas* e lhes era permitido cultivar centeio por um ano⁹⁵. Essas terras eram delimitadas, com ajuda das enxadas, removiam a vegetação existente, destocavam as raízes das urzeiras, queimavam o mato que havia e semeavam centeio. Assim o definia Taborda:

Em Barroso, quando os terrenos de lavoura são insuficientes, delimita-se nos baldios a área destinada à cultura, a qual se faz à enxada: são as *cavadas*. É o *couto* ou assembleia dos vizinhos da povoação que resolve a apropriação do terreno, o escolhe, regula-menta a vedação da seara e fixa a data dos trabalhos agrícolas. (1932:160)

A composição da flora é dominada por espécies arbustivas de pequeno a médio porte, principalmente urzeiras, carqueijas, giestas e tojos. As árvores que podem ser observadas na serra ficam nas encostas dos pequenos vales de montanha, sendo majoritariamente vários tipos de carvalhos, freixos, bidueiros e amieiros.

Entre essas formações florais, as vacas encontram prados naturais dos quais se alimentam. Esse pasto é considerado natural por não serem realizadas ações de sementeira⁹⁶. O Conselho Diretivo dos Baldios roça periodicamente áreas de arbustos com ajuda de meios mecânicos, cuja intenção é gerar descontinuidade na vegetação. Essa descontinuidade é importante para a composição floral, porque ajuda a regeneração de espécies não dominantes, como é o caso das pastagens. A descontinuidade na vegetação é importante também para os trabalhos de luta contra os incêndios florestais, pois a carga de combustível por hectare ao ser roçado diminui, auxiliando os bombeiros nas atividades de extinção.

Esses trabalhos são realizados em duas épocas do ano, aproveitando o ciclo vegetativo das plantas: outono e primavera. Por ser uma atividade realizada com ajuda de máquinas, as limitações destas são determinantes. Os tratores não

⁹⁵ Para mais informações acerca das cavadas, ver: Lourenço Fontes (1974), Bordalo Lema (1978), Martins (2005), Taborda (1932).

⁹⁶ Para mais informações, ver a produção bibliográfica acerca das pastagens naturais e semi-naturais de montanha. Os autores mais relevantes acerca da temática e que têm o foco de estudo no Alto Barroso, são: Isabel Pôças, Mário Cunha e Luis Pereira. Todos formados na Engenharia Agrônoma vêm refletindo a partir de diferentes óticas, os baldios como parte fundamental do sistema agrícola local, inclusive com trabalhos acerca da patrimonialização dessas terras.

conseguem acesso às zonas mais íngremes, nem trabalhar por cima de rochedos. Essa gestão territorial é realizada majoritariamente nas encostas e nos planaltos. As partes altas da serra com seus grandes rochedos não são alvo de atuações.

3.4 As vacas vão para o monte todos os dias: aproximações e distâncias entre os usos do monte entre Tourém e Pitões

O monte é pastoreado pelas vacas durante grande parte do ano. Em Tourém, as vacas pastam no monte menos tempo do que em Pitões. Na primeira aldeia, raramente as vacas saem a pastar antes do almoço. Já os agricultores de Pitões, realizam uma gestão diferente dos animais, *aqui as vacas saem logo de manhã*, afirmava Ana em janeiro de 2016.

Os agricultores de Pitões afirmam que suas vacas saem para o monte *todos os dias*, entenda-se, todos os dias em que as condições meteorológicas, principalmente o frio, o permitam. Os principais fatores climáticos que impedem os animais de pastar nos baldios são as baixas temperaturas e as nevadas. A característica principal desse pastoreio é que as vacas saem de manhã e voltam à noite, ou seja, pernoitam nas *vacarias*.

Depende muito de cada agricultor a hora em que as vacas podem sair do armazém em direção ao monte. Em Pitões, Ana me revelou que: *aqui as vacas saem quando as da Clementina saem*. Clementina é tia de Cascais, agricultor da aldeia, e, como já dito no capítulo 2, afirmam que ela é a melhor intérprete da aldeia quando se trata de condições climáticas. Pitões é uma aldeia em que as condições meteorológicas são especialmente duras, devido a sua altitude e exposição. Posso dar uma ideia citando, por exemplo, o fato de não existir guarda-chuvas em Pitões, pois o vento é tão forte que eles quebram com muita facilidade. O *avental de ombros*⁹⁷ seria a vestimenta usada para se cobrir do frio e da chuva.

Acompanhei Ana para deixar suas vacas no lugar conhecido como *as do Rodrigues*⁹⁸. Depois de ouvir as campainhas das vacas de Clementina⁹⁹, Ana abre o

⁹⁷ O avental de ombros é uma vestimenta realizada com a lã das ovelhas socada e desfiada. Cobre desde a cabeça até a metade das pernas, e impede que o vento e a chuva atinjam o usuário.

⁹⁸ Saindo da aldeia em direção a Montalegre, logo depois do Parque de Merendas, as do Rodrigues, ficam localizadas ao lado direito da estrada.

⁹⁹ As campainhas que as vacas levam ao pescoço são elementos que ajudam a identificar os rebanhos.

portão do armazém e acompanha as suas vacas até o *pontilhão* que fica atrás das terras do Rodrigues. Nesse percurso, apesar de estar acompanhando-a, Ana levava pendurado ao ombreiro uma sacola da qual saía um fio fino que ela estava elaborando com uma agulha de crochê.

Antes do pontilhão, Ana fica parada observando as suas vacas atravessarem, sem parar de fazer crochê. Primeiro as vacas passam por cima da pequena e estreita ponte construída em ferro em cima de um pequeno riacho e, depois, elas mesmas tomam o caminho. Após perder contato visual com as vacas, uma vez que dobram a ladeira, Ana e eu voltamos pelo mesmo caminho. Ela continuava fazendo o seu crochê, que vende, doa como presente ou usa para enfeite doméstico. As vacas continuam o seu dia sem pastor. Passam o dia inteiro no monte à *procura do melhor pasto*, afirmava Ana. Depende muito do dia, mas, normalmente as vacas no meio da tarde começam a retornar para a sua vacaria. No fim da tarde, é possível observar manadas de vacas à volta dos armazéns. Cada manada conhece a localização do seu edifício agropecuário e, se o agricultor não estiver presente, aguardam no exterior à que lhes abram as portas para comer ou amamentar os seus vitelos. Tanto de manhã quanto à tarde, a estrada de Pitões, que vai para Montalegre na saída da aldeia, fica congestionada por esses animais de grande porte que, com seu ritmo pausado se dirigem para o monte ou de volta à vacaria. Cada manada sabe exatamente o lugar onde fica o seu armazém e as vacas, ainda que se encontrem com outras, acabam todas em suas vacarias.

No caso de Tourém, os agricultores de lá não costumam sair com as vacas para o monte antes do almoço. Há várias teorias locais para essa constatação. Ana do Russo relatou que havia em Pitões um ditado popular¹⁰⁰ acerca de Tourém:

*Lindo lugar é Tourém
Se não for tão sombrio
Que morrem os raparigos
Pelo nevoeiro do Rio*

Eduardo, filho de Venâncio de Tourém, estava dentro de sua vacaria, ao escutar o som de algumas campainhas, relatava de quem eram as vacas. Repetiu esse exercício por várias vezes e em nenhum caso errou.

¹⁰⁰ É preciso entender a relação que uma aldeia tem com a outra, como representativa da vida social. Portanto, é, como em todos os casos, cheia de conflitos. Os primeiros aos que se opõem os de Pitões são de Tourém, e vice-versa. Neste caso, decidimos usar esse ditado devido ao rendimento analítico que possibilitou neste momento da tese.

Segundo esse ditado, Tourém é um lugar sombrio e com bastante nevoeiro. Esses dois aspectos são de fato presentes grande parte do ano. Vale lembrar que a aldeia de Tourém está orientada ao norte, tendo perto da sua vertente Sul a serra da Moura que chega a uma altitude de mais de 1300 metros. Essas variáveis incidem diretamente para que Tourém seja sombrio. Já Pitões está localizada no planalto da serra, estando resguardada do Norte e sendo a sua exposição Sul.

Outra questão prática diz respeito à geada, muito mais presente na aldeia de Tourém do que na de Pitões. Devido à ausência de sol nas primeiras horas da manhã, as terras ficam geladas por muito mais tempo em Tourém. Ao sair o sol, Pitões já recebe os primeiros raios começando a descongelar as geadas mais rapidamente. Ambos os fatores conjugados podem dar pistas acerca de porque as vacas de Tourém saem mais tarde do que as de Pitões.

O frio é um elemento especialmente delicado para as vacas. A parte mais delicada das vacas são as patas, pois são as que sustentam o peso do animal e as que estão em contato com a superfície pisada. Nos dias em que a geada ou a neve fazem presença, as vacas ficam guardadas dentro das vacarias sendo alimentadas pelos agricultores. Em relação a esses fatores é ainda mais relevante o fato de as vacas de Pitões saírem atrás das de Clementina, pois ter alguém que consiga ler essas variáveis é importante para os agricultores.

Eles não evitam somente que caminhem por lugares congelados, mas também no asfalto, que faz mal para as patas das vacas. Percebi muitas vezes como as vacas mancavam de forma ostensiva quando caminhavam pelo asfalto. Os agricultores afirmam que o asfalto ou as calçadas de *paralelepípedo* são muito duros e machucam as patas das vacas se caminham muita distância em cima dessas superfícies. Assim sendo, as vacas também tentam evitá-las havendo marcas visíveis esculpidas na terra à borda das estradas. É muito perceptível do lado da estrada de Pitões e de Tourém que, se houver um espaço de terra ao lado da calçada, haverá uma trilha estreita contínua, que forma o caminho usado pelas vacas dia após dia.

Voltando ao exemplo anterior, em que relatava um dos dias que fui com Ana do Russo deixar as vacas no pontilhão atrás das do Rodrigues, reescrevo aqui parte da conversa que mantivemos na volta:

Diego: Ana sempre deixas as vacas nas do Rodrigues?

Ana: Sim.

Diego: E por que?

Ana: Deixo-as aí porque elas já conhecem.

Em outras conversas que mantive com Ana acerca do lugar escolhido para deixar as vacas no monte, ela mobilizou argumentos similares dentre os quais enumero os seguintes: *as vacas ali sabem andar sozinhas; já estão acostumadas; sempre vão pra lá*. Acredito que exista nesse exemplo brevemente citado de Ana uma complexa e densa teia de relacionamentos que faz com que o fato concreto de que Ana deixe as vacas atrás das do Rodrigues seja relevante.

Essas informações mostram uma relação de conhecimento territorial em múltipla escala. Tanto as vacas sabem andar por lá sozinhas quanto Ana sabe que as vacas se deixadas nas do Rodrigues, voltarão para o armazém no fim do dia. Ao mesmo tempo, Ana sabe que, depois de deixar as vacas nas do Rodrigues, pode voltar e continuar fazendo as atividades planejadas para aquele dia.

O pastoreio das vacas no baldio guarda uma estreita relação com o resto das atividades realizadas. As atividades que os agricultores conseguem fazer no inverno é muito menor do que no verão. As vacas vão ao monte todo dia, o número de horas de sol diminui drasticamente no inverno, assim como as condições climáticas são mais desfavoráveis. O dia dos agricultores em Pitões começa cedo, da mesma forma que no verão, mas as vacas raramente saem da vacaria antes das 10 horas da manhã. Já o seu retorno não ultrapassa as 5 horas da tarde no inverno.

A relação que os agricultores têm com a serra e o baldio pode ser entendida também através das proposições de Mauss (2008) sobre a sazonalidade. Uma época do ano as vacas ficam estabuladas, na outra, saem a pastorear no monte e, em outra, na serra, pernoitando. Ao mesmo tempo, a carga de trabalho dos agricultores é inversa, quando as vacas estão presentes na aldeia, suas atividades se focam mais em cuidar delas. Já quando estão ausentes porque estão pernoitando na serra, é que os agricultores estão trabalhando para garantir o alimento delas para o inverno.

Ao mesmo tempo em que pode ser pensada uma sazonalidade, a paisagem é um aspecto que está sendo produzido a cada momento pela atividade dos agricultores. Ingold (2000) propõe pensar a paisagem, melhor dito, a *taskscape*, como um espaço que é produzido a cada momento, a cada ação. Considero que é dessa forma que os agricultores se relacionam com o seu baldio, sendo um elemento que é conhecido, mas que vai sendo produzido a cada dia.

3.5 De aqui pra lá, é o Rigueiro e pra cá, o Eiró: divisão da aldeia, construção das vacarias e lugar de pasto

Maria do Covelo, afirma que *gosta de ir com as vacas*, que é uma coisa que faz desde pequena e que gosta de pastorear. Maria, diferentemente de Ana, não gosta de levar as vacas para a zona conhecida como *as do Rodrigues*¹⁰¹, ela prefere ir com as vacas no lugar conhecido como Outeiro do Coto, e pode chegar até o planalto da serra da Moura. O termo usado para se referir a esse deslocamento cotidiano mostra a importância que eles dão para a gestão das vacas, as pessoas vão com as vacas. Não levam as vacas para algum lugar.

Já as vacas do Cascais, vão mais para a Mourela, porque a sua tia Clementina é quem mais vai com as vacas e afirma que gosta de ir para lá. Existem diferentes preferências entre os agricultores, que dão acesso ao que poderia ser pensado como uma territorialidade particular de cada unidade produtiva. Territorialidade que é construída a cada momento e onde se combinam diferentes variáveis. A preocupação com as vacas, o fato de se observar as vacas *fartas* quando retornam à vacaria, que conheçam o caminho de volta conjuntamente com a vontade do agricultor. Que Ana goste de levar as vacas atrás das do Rodrigues não quer dizer que o seu marido, Russo, as leve também para lá. Mas tampouco as levará para a cruz do Valongo, pois essa parte da aldeia é pastoreada por outros agricultores. Existe outro elemento importante nessa relação: o lugar onde foi construída a vacaria.

A aldeia de Pitões está dividida em duas partes, em dois bairros: o Eiró e o Rigueiro. Relataram-me várias vezes que os moradores do Eiró não tinham boas relações com os do Rigueiro e vice-versa. Esse tipo de nuances foi narrado pelos moradores da aldeia que se encontravam no café. O teor da conversa girava em torno das diferenças entre os habitantes de ambos os bairros. Foram sendo somadas à construção do vizinho ideal do outro bairro aspectos como o comportamento com as demais pessoas. As pessoas de um bairro são mais abertas e as do outro, mais fechadas; os de um bairro são mais amigos uns dos outros, já os do bairro contrário são mais introvertidos, enfim, diálogos cruzados entre vizinhança, de ida e de volta.

¹⁰¹ A referência desse lugar eram os Rodrigues. Tinham uma grande concentração de terras que com o decorrer dos anos foi mantendo o seu nome.

No verão de 2017, conversando com Patorro sobre essa divisão na aldeia, ele me disse que tinha um amigo que mora do outro lado, no Rigueiro, e que fazia quase um ano que não o via. Dias depois, num evento de verão no largo do Eiró, vi que finalmente se encontraram novamente e conversaram por um tempo no café do Rato.

Essa divisão interna da aldeia se projeta para outras esferas da vida social, que vão além de um cruzamento de narrativas. Percebi, com o passar do tempo, que as vacarias da aldeia também correspondiam a essa divisão. A maioria das vacarias dos agricultores do Eiró foi construída na zona da cruz do Valongo, perto da estrada que vai para as aldeias galegas de Guntumil e Requiás. Já os moradores do Rigueiro construíram os seus armazéns na área do campo da bola. Pitões é uma aldeia incrustada na serra. Ao norte, tem a serra da Portela, que guarda a aldeia, ao sul as encostas dos profundos vales de montanha. Existem duas saídas para veículos motorizados na aldeia: uma em direção às aldeias galegas de Guntumil e Requiás, pela parte norte da aldeia passando pela fronteira na Portela e outra estrada liga a aldeia a Montalegre pelo planalto da Mourela. Entre essas duas estradas que dão acesso a todas as saídas, existe ainda uma estrada perimetral que rodeia a aldeia pela parte Norte. À volta dessa estrada, é que as vacarias foram sendo construídas desde a década de 1990, mantendo a divisão social da aldeia. As vacarias dos agricultores do Eiró foram construídas à beira da cruz do Valongo já as dos agricultores do Rigueiro, no Coto do Outeiro, foram feitas perto do campo da bola onde apenas uma das balizas fica em pé.

As vacarias são edifícios grandes, que vão de 500 m² de área coberta até mais de 1.000. Os materiais usados para a construção das vacarias variam. O mais comum são as vacarias de blocos de concreto ou de pedra de granito. No interior das vacarias, os agricultores acomodam as vacas, os vitelos, os tratores, as alfaias, o feno para alimentação das vacas, o centeio e a palha para fazer a cama das vacas. Na área central das vacarias ficam as alfaias, os tratores e o feno, e já em volta os estábulos das vacas.

Ana, que é moradora do Rigueiro, tem sua vacaria na zona do campo da bola. Ela, sua sobrinha e o Cascais são os agricultores que fizeram ao contrário, segundo me relataram várias vezes. Argumentam que elas são a primeira casa após atravessar o rigueiro, com o que ficam na *fronteira*. O caso do Cascais é diferente, pois ele depois de casado é que se mudou para o Eiró, pois a casa dos seus pais fica no Rigueiro. Em sentido contrário, Ringo afirmava que Carreira foi o único que *construiu* o

armazém no lugar errado. Os agricultores que têm a vacaria do lado do Rigueiro, como Ana, *saem com as suas vacas mais para aquele lado*, afirmava Patorro, já os que as têm do lado da fonte, saem nessa outra direção.

Essa divisão se projeta também às terras particulares. Em função de onde têm mais terras é que os agricultores construíram os seus armazéns. Outro dos argumentos esboçados por Ringo, quando me explicava essa divisão são as vacas. Se a vacaria está perto da Cruz do Valongo, no entanto as terras estão na zona do Coto, isso implica que as vacas terão que se deslocar até lá. Nesses deslocamentos, se as vacas vão no mesmo sentido de caminhada, Ringo afirmava que não tem muito problema. Agora, se uma manada de vacas vai numa direção e a outra vai na direção contrária, pode ser que as vacas se enfrentem. O lugar de morada, o lugar onde foi construído a vacaria e os lugares de pastoreio das vacas mantêm e reificam essa divisão territorial.

O mesmo acontece na aldeia de Tourém. Neste caso, identifiquei três áreas principais de construção dos armazéns: do lado do ex-quartel da Polícia Fiscal, atrás da igreja principal da aldeia e na saída para a estrada de Guntumil.

A aldeia de Tourém está dividida em três bairros: o Outeiro, o Carvalho e Lajes. O Outeiro seria a parte mais ao Norte da aldeia, já descendo para o centro, ao passar o largo do outão, estaríamos no Carvalho, cujo limite é o largo do forno e finalmente está também o bairro das Lajes. Da mesma forma como acontece em Pitões, a maioria dos agricultores de cada bairro construíram juntos os armazéns. Os moradores do Outeiro construíram os armazéns no lugar da Costa. Já os das Lajes, na zona do quartel da guarda fiscal, enquanto os moradores do Carvalho construíram os seus quartéis nos Pesos. Fugiram dessa tendência somente Sérgio e Carlos, que construíram os seus armazéns na parte alta da aldeia, atrás das terras da igreja. Sérgio, que herdou a exploração do seu pai, tem atrás de sua vacaria dois lameiros muito grandes que, segundo nos informou Venâncio, foram o motivo principal de ter construído naquele lugar a vacaria. Carlos também preferiu a zona mais alta da aldeia por ser mais próximo do seu domicílio.

3.6 Junho, julho e agosto deitamos as vacas à serra

No final do mês de maio, no máximo no começo do mês de junho, as vacas que não estão paridas e que tampouco têm a previsão de parto¹⁰² próximo são acompanhadas até a *serra*. É um deslocamento de várias horas que o agricultor faz com a manada. Normalmente, isso é feito por uma pessoa, mas já observei o casal realizar esse deslocamento juntos. Escolhem um lugar na serra para deixar as vacas. O lugar costuma ser próximo ao dos anos anteriores. Uma vez no lugar escolhido, o agricultor dá meia volta e as vacas ficam lá. Os cães costumam voltar com o agricultor tanto no verão quanto no inverno. Desse dia em diante, os animais começam a se movimentar atrás de pasto, de água, pela serra. Essa movimentação é monitorada pelos agricultores, que, dependendo da situação em que as vacas se encontram, deslocam a manada até outro lugar. O deslocamento das vacas para a serra remarca uma sazonalidade imemorial ancorada na memória coletiva (Halbwachs, 2006) que se repete todos os anos.

Bordalo Lema definia esse tempo:

Durante os meses de junho, julho e agosto o gado é “deitado à serra”, porque só nos altos pastos da Mourela consegue algum alimento (...) só ficam no povo as vacas paridas ou em lactação e as crias. Em setembro, o gado desce à aldeia e pasta no lameiro ou no baldio, ao mesmo tempo que é utilizado para fazer a lavoura da sementeira ou carregar a batata até a casa (1978:56)

As vacas perdem a segurança do pernoite no armazém, ficando expostas aos lobos, existem possibilidades de se ferirem entre elas, pois há vacas que brigam quando se encontram com outras manadas. Para evitar o ataque dos canídeos, elas dormem em círculos e caminham juntas formando grandes manadas de até cinquenta vacas, que as deixam mais seguras.

Já para os humanos, a ida das vacas para a serra marca o começo do verão. É o tempo em que se concentra a maior carga de trabalho, pois precisam processar o feno, o centeio, o milho e a batata. É o tempo de estocar o alimento que as vacas

¹⁰² As vacas são classificadas em função de seu estado em paridas e não paridas. As paridas são as vacas que ainda amamentam ao vitelo, normalmente até os seis meses de idade, mas depende de cada agricultor. As vacas não paridas são as que estão em período de gestação. Normalmente, após o nascimento do vitelo uma vaca entra no cio entre quarenta e sessenta dias. Como o cio das vacas é a cada vinte um dias tem agricultores que preferem cobrir as vacas depois de 3 meses devido ao desenvolvimento do vitelo, mas também tem agricultores que tentam que a vaca engravide novamente no primeiro cio. Todos esses fatores dependem de cada animal e da relação que tiver com o agricultor em questão. No entanto é muito difícil encontrar nas aldeias agricultores que tenham da mesma vaca dois vitelos em doze meses.

vão consumir no inverno. Como Tina me disse: *de verão trabalhas para o inverno* ou *é necessário meter tudo em casa para o inverno*.

3.7 As vacas e a rede social agrícola

Que as vacas fiquem na serra não implica que os agricultores percam de vista o seu rebanho, todo o contrário. Ao longo desses meses, os agricultores se deslocam periodicamente até os seus animais para verificar se estão bem de saúde, se estão todas, se teve alguma que pariu antes de tempo, enfim, verificar o bem-estar dos animais. Os deslocamentos até o lugar em que se encontram os animais é periódico, mas também depende de outras variantes. Se alguém traz notícias das vacas do Patorro ao café, dependendo de quem for, é provável que ele nem se desloque para verificar o estado de seus animais. Não é necessário que seja o próprio agricultor a verificar o estado das vacas, os demais agricultores estão atentos a todas elas. Em cada deslocamento que realizam, prestam atenção ao posicionamento das manadas. Se, por exemplo, observarem uma vaca mancando de uma pata, espalha-se essa informação para os demais agricultores. É a essa forma de comunicação entre os agricultores que estou chamando de rede social agrícola.

O café costuma ser um espaço privilegiado para as notícias na rede social de informação dos agricultores e que privilegia a transmissão oral. Caso o agricultor que identificou um problema de saúde em uma vaca e saiba quem é o dono, por exemplo, sempre que a relação entre ambos for boa, irá até o domicílio do dono repassando a informação a alguma pessoa vinculada à exploração familiar. Caso o relacionamento não for bom, acionará agricultores ou pessoas que garantam que essa informação chegue ao destinatário. É difícil imaginar que não seja repassada essa informação, mesmo entre agricultores que não tenham uma boa relação, a importância que dão à ética da atividade os impede de não repassar a informação. Existe uma solidariedade entre os agricultores quando se trata da criação dos animais que vence as vicissitudes das relações entre os humanos.

As informações normalmente são repassadas de forma minuciosa e incluem: quando foi visto, em qual horário, em que situação se encontravam, quantas vacas estavam juntas, se estão perto de algum perigo ou de propriedades onde possam fazer estragos. Todos esses elementos elencados formam parte do monitoramento

realizado pelo agricultor. Se, por exemplo, um agricultor há dois dias não pode ir ver as suas vacas por algum tipo de imprevisto, aciona a rede social de comunicação, por exemplo, no café, para que os demais agricultores fiquem sabendo, e quem sabe, possam trazer informações. Se alguma pessoa afirmar ter passado em algum local próximo, o agricultor lhe perguntará se viu suas vacas. Para tal fim, o dono da manada repassa para o interlocutor informações concretas da última posição em que observou as vacas. Normalmente, o agricultor consegue realizar um trajeto da sua manada que inclui uma previsão do futuro, isto é: se o agricultor observou as vacas no Ponto A dois dias atrás. Há quatro dias, ele tinha verificado que as vacas estavam situadas no Ponto B, com a projeção de possíveis percursos realizados pelas vacas entre A e B permite ao agricultor estabelecer uma coordenada mais ou menos concreta do Ponto C.

A serra é um território muito extenso e as vacas, como disse Patorro, *não param*, portanto é preciso tentar entender seus movimentos. Juntam-se, então, dois conhecimentos, um que diz sentido à manada e outro em relação ao território por onde estão. A serra de Pitões é um terreno abrupto e tem determinados lugares que têm um único acesso. Assim, se as vacas se deslocaram para o lado galego da serra, dependendo de sua localização, anteriormente tiveram que passar por um único caminho.

Há perdas e extravios de animais também. Nesse contexto, se um agricultor não vê a sua manada ou alguma vaca em particular, acionará a rede social de comunicação para saber se alguém a viu. Essa rede social de informação entre os agricultores pode ser estendida a outras aldeias.

No final de julho de 2017, Patorro tinha as vacas na barragem do Salas, ao pé da aldeia galega de Requiás. Patorro tinha deixado as vacas em uma aldeia galega desabitada chamada Salgueiro. Da aldeia, as vacas desceram até a barragem que se encontra ao pé da aldeia galega de Requiás. Quando as vacas chegaram à barragem, estavam com elas duas vacas outras que ele não conhecia. Decidiu comentar essa situação com os agricultores da aldeia, espalhando essa notícia na rede social. Os animais não eram de nenhum agricultor da aldeia. Patorro tinha comentado no café do Rato que junto às vacas dele, havia outras duas que eram de porte mediano, de cor marrom, com os cornos pequenos e que pareciam *razeadas*¹⁰³ com as suíças.

¹⁰³ Como a maioria do gado das aldeias não é de raças puras, mas *gado cruzado*, os agricultores procuram elementos de raças conhecidas de vacas para delinear traços principalmente fenotípicos

Dois dias após essa descrição, Domingos, um jovem que nasceu em Parada e que se casou em Pitões, comentou que um agricultor de Parada tinha sentido falta de duas vacas e que a descrição condizia com a feita por Patorro. À noite, Patorro telefonou para um amigo em Parada e comentou com ele o caso das duas vacas que estavam com a sua manada. O amigo de Patorro ratificou essa informação, um vizinho dele tinha duas vacas perdidas e correspondia com a descrição dada por ele. No dia seguinte, às oito horas da manhã, o vizinho de Parada estava em Pitões querendo saber das vacas. Patorro o acompanhou até o pé da barragem – que era o local em que elas estavam – e lá constatou que eram suas vacas.

Em seguida, os agricultores pensaram quais seriam as estratégias possíveis pra que as vacas voltassem para o seu dono. Separar as duas vacas sem o resto da manada por perto era muito complicado. Separar as vacas da manada de Patorro e conduzi-las serra acima até Parada poderia ser uma opção. A outra opção seria a de Patorro guardar as vacas em um recinto apropriado que há na aldeia e ligar para o dono, que procuraria uma forma de deslocá-las até Parada. Optaram por agir desta maneira.

O agricultor de Parada tinha deixado as suas vacas atrás da capela do São João da Fraga e duas delas teriam se separado do resto da manada. Desse episódio, podem-se retirar várias situações de interesse no que diz respeito às trocas de informação entre os agricultores, ao conhecimento que detêm do seu território e à relação que têm com o gado. Esse será, a partir de agora, o foco deste capítulo.

Os agricultores têm uma densa rede de informação em que as notícias são atualizadas. Circulam nessa rede de informações, notícias sobre fatos como possíveis ataques de javalis em alguma terra de milho, se as vacas estão perto demais de alguma estrada, ou nos altos. Existe um mapeamento em comum das diferentes manadas que compõem a cabana de gado da aldeia. Cada agricultor presta atenção especial às vacas de sua propriedade; em segundo lugar, às dos seus amigos/parentes mais próximos e, em terceiro lugar, às dos demais agricultores. Isso conforma uma teia de relacionamentos, mas também de compromissos, que poderia ser pensada na chave de um grupo social, conforme colocado na introdução.

Levando o argumento ao limite, existe uma identificação coletiva entre os agricultores. Um sentimento de solidariedade que os confronta com quem não é

que lhes permitem definir melhor as vacas.

agricultor. Pode ser que, entre os agricultores, uns se ajudem mais, outros menos, mas vi, por exemplo, em um parto de uma vaca, uma situação extremamente complicada, agricultores que há anos não se falavam irem ajudar no parto. Neste caso, quando o agricultor que não tem boa relação com o dono da unidade produtiva chega à vacaria, os demais agricultores já tinham pensado uma estratégia de atuação para retirar o vitelo da mãe. Quando um dos presentes consegue amarrar as patas do vitelo com cordas e deixar a vaca bem posicionada para o parto, começa a forçar a tarefa de *puxar pelo vitelo*. Àquela hora, não há mais desentendimentos, o que importa é que aquele vitelo nasça e que a vaca não sofra muito com o parto. Vinte minutos depois, a vaca jaz no chão lambendo seu jovem vitelo, sem aparentes problemas de saúde. Logo após o parto, os agricultores que tinham ajudado no parto, passam uns três minutos de silêncio em que todos observam e analisam os primeiros minutos do vitelo. Mais especificamente, os signos procurados nesse momento são de aceitação ou rejeite da vaca pelo vitelo e o estado de saúde do recém-nascido. Após essa verificação, os agricultores começam a abandonar o local do parto em que fica somente o dono da exploração. Antes de partir, lavam as suas mãos com sabão, comentam mais uns minutos o acontecimento e vão se despedindo do agricultor. O agricultor que não tem boa relação com o dono da exploração se despede dos demais, entra no seu carro e volta pra casa para terminar de jantar, pois havia deixado o prato com comida esfriando pra ajudar. Conhecedor da ausência de relação entre eles, perguntei-lhe uns dias depois as suas sensações sobre o episódio. Ele me respondeu que o outro também teria feito o mesmo por ele, que nessa hora não se vê se a relação é boa ou ruim. Concluiu com uma frase que dilapida qualquer dúvida: *andamos todos ao mesmo!* Todos são, afinal, agricultores.

Com a chegada dos migrantes no verão, os agricultores costumam ser alvo de críticas por suas atividades, por seu ritmo de vida, pelas ajudas recebidas por parte do Estado, que segundo várias pessoas não deveriam ter¹⁰⁴. Nessas situações existe uma espécie de solidariedade interna ao grupo social que deixa num segundo plano as diferenças entre os indivíduos.

¹⁰⁴ Para mais informações acerca do conflito que surge nos meses de verão, ver Amoedo (2014, 2018).

3.8 As vacas e sua agência

As vacas, como sustento dos agricultores de Pitões das Júnias, é uma das maiores preocupações que os agricultores têm, fato reconhecido nas etnografias sobre o tema (Bordalo Lema, 1978; Lourenço Fontes, 1974, 1977; Viegas Guerreiro, 1982; Polanah, 1985). Também foi destacado por ilustres mestres da literatura, como Miguel Torga, que se declarava um apaixonado do Barroso, ainda que, em sua biografia, deixa entrever uma relação entre o amor e o ódio por seu passado:

A verdade, porém, é que volto sempre que posso, e cá estou mais uma vez. Atrai-me esta amplidão pagã, sinto-me bem a pisar um chão em que o deus vivo de ricos e pobres, de alfabetos e analfabetos, é o toiro do povo. Um deus de cornos e testículos, que, depois de cada chega e de cada vitória, a gratidão dos fiéis cobre de palmas, de flores, de cordões de oiro e ternura. Um deus que a devoção adora sem lhe pedir outros milagres que não sejam os da força e da fecundidade, provados à vista da infância, da juventude e da velhice. Um deus a que se lhe dão gemadas e cervejas para que possa inundar as vacas de sémen, as moças de esperança, os moços de certeza e a senilidade de gratas recordações. Um deus eternamente viril, num paraíso sem pecado original. (1968: 164)

Torga coloca o boi como centro da trama social que se vive nas aldeias, como um ser que transcende sua condição de não humano para, com sua atitude, influenciar a vida social dos humanos. Confunde-se, de fato, nesse trecho a diferença entre humano e não humano, religião católica e pagã, que consegue juntar ricos e pobres e faz com que todos comemorem suas vitórias com a única esperança: da fecundidade entregue ao conjunto da aldeia. Em Tourém, Venâncio, um dos agricultores da aldeia, teve um boi que foi um grande campeão das chegadas de bois¹⁰⁵, segundo relataram várias pessoas das aldeias. Afirmavam que aquele boi sabia que iria lidar quando o caminhão que o transportava até o campo das chegadas marcava sua presença na aldeia. Venâncio afirmou que lhe abria o estábulo e o boi ia *direitinho ao caminhão, broando e chorando* (conversa informal novembro 2016). Venâncio e sua esposa, Dona Maria, afirmam que ele chorava de pena, não gostava de lidar, no entanto, ele era desafiado pelos outros bois das aldeias e tinha que ir defender o orgulho de Tourém.

¹⁰⁵ As chegadas são um evento social importante no Barroso cuja origem está relacionada ao boi da aldeia. Esse animal era criado por todos os moradores da aldeia e sua função principal era inseminar as vacas e defender o pundonor de toda a aldeia se enfrentando com os bois das outras aldeias vizinhas. A disputa entre dois bois é a chega.

A emoção do casal de idosos contando as aventuras daquele boi ficará sempre em minha memória como um dos momentos mais emocionantes que compartilhei com os agricultores, quando me relataram a morte inesperada daquele boi. Eles de fato revivem aquela morte e a sentem como a de um filho. E mais, são orgulhosos até hoje que aquele boi tivesse feito parte de sua casa. As relações que estabelecem com os animais não podem ser consideradas meramente econômicas, pois, há, de fato, uma relação afetiva entre o agricultor e seus animais.

Bordalo Lema (1978), em seu estudo acerca de Tourém, também relata a centralidade dos bovinos para aquela sociedade, foco de orgulho de seus donos quando estão bem e motivo de preocupação quando manifestam algum signo inesperado. Eles se gabam de seus animais sempre que podem:

A economia pastoril do Barroso revela-se ainda pelo facto de ser o gado o centro das preocupações do lavrador que pensa compreender os caprichos e queixumes de sua fazenda. Gaba-lhe as qualidades – serem animais bonitos, gordos e de pêlo luzidio. Lembra as suas doenças como se tratasse de um membro da família. As preocupações quanto ao gado acompanham o dia a dia do lavrador: os abortos frequentes das vacas, a deficiência alimentar; os espinhos dolorosos que se espetam a cada passo; a irregularidade do tempo e o medo que as vacas auguem se o penso que lhes estava prometido tiver que ser adiado; a irritação dos animais quando lhes pica a mosca teimosa. É o gado também que está no centro de muitas de suas actividades festivas, e é por isso que o São Pedro é esperado com alegre ansiedade: há a feira do Prémio em Montalegre, onde os agricultores afluem, desta vez não para vender o gado, mas para o expor e deixar remirar por olhos avaliadores que irão distinguir as vacas mais gordas e luzidias. (1978:70).

O trabalho dos agricultores locais consiste em criar animais, portanto, é importante entender e decifrar os códigos e sinais dados pelos animais no seu cotidiano, em um processo contínuo de conhecimento.

Os agricultores atribuem aos animais comportamentos específicos que vão conformando o indivíduo, a Dola de Sérgio, a Mouca do Russo, são vacas com atributos específicos que as diferencia das demais. Essa classificação (Lévi-Strauss, 1989) se dá em relação a uma série de variáveis que são analisadas em conjunto e que compõem o animal. As características físicas: a cor predominante da vaca, as pintas, que tipo de cornos ela tem, se tem os dois um ou nenhum, os olhos e o tamanho são aspectos relevantes. O seu comportamento no que diz respeito à forma de caminhar, se é mansa ou brava, como come (rápido ou devagar), o seu comportamento com as demais vacas, se é dominante (quer ir sempre na frente)

quando saem para a serra, se gostam de andar somente entre as vacas do mesmo estábulo ou se gosta de se misturar com as outras. Todas essas características ajudam na diferenciação, nomeação e na relação que o dono estabelece com cada uma. E, como criam vitelos, o tipo de mãe que são é também relevante, ser boa mãe implica em dar muito leite, cuidar, não ser brava quando os donos chegam perto das crias. Isso compõe também o indivíduo em si. Através da observação dos animais e da experiência acumulada com os indivíduos em particular e com a atividade em si, os agricultores decifram os códigos comportamentais de seus animais, assim como as variações deste.

Um exemplo extremo dessa relação é um complemento ao relato anterior do parto da vaca. Quando uma vaca está a ponto de parir, os cuidados com os animais se redobram, o agricultor fica de sobreaviso e visita periodicamente o estábulo para avaliar o estado da vaca. Quando o parto é iminente, há os que preferem ficar perto dela até nascer o vitelo. Já presenciei muitas vezes os momentos prévios ao parto, o agricultor estava visivelmente tenso, a cada pouco tempo, ia ao armazém ver se ela tinha parido, se já havia rompido a bolsa, enfim, se podia ajudar seu animal de algum jeito, ainda que fosse somente com a sua presença. Todas essas visitas são feitas em silêncio. Eu, como estranho, era informado que não podia entrar na vacaria nem me aproximar da vaca. Somente após o nascimento é que me liberavam a visita. Nesse momento prévio ao parto, o agricultor equaciona variáveis que podem ajudar a prever a forma do parto e os tipos de ajuda que podem ser necessárias. Nas narrativas compartilhadas com os agricultores, existem vários elementos que vão conformando a análise a ser realizada pelos donos antes do parto, como, por exemplo, o histórico do animal: se é uma vaca que já teve problemas nos partos anteriores ou, pelo contrário, nunca teve complicações.

Outro fator levado em consideração é se o animal *estranha pessoas durante o trabalho de parto*, ou seja, se a vaca já teve problemas com pessoas que foram ajudar em trabalhos de parto. O objetivo de cada parto é deixar que a vaca tenha o vitelo sozinha. No entanto, muitas vezes, precisam que outras pessoas ajudem se o vitelo vem ao revés, se a vaca está fazendo muita força e não está conseguindo tirar o vitelo. Se a vaca não responde bem à presença de estranhos, será preciso tomar medidas de segurança para que ela não se machuque e nem machuque as pessoas. Nestes casos, eles diminuem o espaço do estábulo ou amarram a ponta de uma corda nos ferros que dividem um estábulo de outro, passam a corda pela parte lateral da vaca,

passando por trás das patas traseiras com o fim de que ela fique paralela à manjedoura. A corda ficará tensionada obrigando a vaca a ficar paralela à manjedoura. Tudo isso para que a vaca não consiga dar um coice nas pessoas que estão ali para lhe ajudar. Paulo do Miro é o único agricultor que não ajuda as suas vacas a parir. Ele deixa a vaca num estábulo separado, que é mais amplo que os demais para que ela possa parir com calma. Afirmo que os agricultores da aldeia ficam muito nervosos com os partos e aceleram esse processo, algumas vezes com final infeliz de perda de vitelo ou de vitelo e vaca. Ele, no entanto, afirma levar mais de dez anos sem perder um vitelo num parto, deixando a vaca só, e acompanhando o parto sem interferência.

O boi com o qual a vaca foi cruzada é outro fator relevante. Os agricultores têm duas opções principais para inseminar as vacas: a inseminação artificial e ter um boi. A inseminação artificial lhes dá opção de escolha do pai, podem escolher entre várias raças que têm o veterinário no dia da inseminação, podem escolher inclusive o pai que querem que fertilize as suas vacas. Com a inseminação artificial os agricultores podem, portanto, realizar combinações e formulações específicas. Nos primeiros partos das vacas os agricultores costumam usar *semente*¹⁰⁶ de barrocos¹⁰⁷ pois os vitelos sempre são menores. Dependendo da experiência nos seguintes costumam usar o *limousin*, que é o mais comum nas aldeias. Se tiverem *boi na exploração*, este costuma ser o pai dos vitelos, já que os agricultores já sabem os tipos de vitelos que nascem dele.

A relação cotidiana, sensível e atenta que há entre os humanos e as suas vacas tem uma série de códigos, uma ciência do concreto (Lévi-Strauss, 1989) que se mostra em todas as atividades, como neste caso no parto. Os agricultores sabem exatamente a condição em que se encontram seus animais com um olhar, pelo seu comportamento.

De forma iconográfica, me perguntava Patorro: *quem é que cuida do animal?* Eu lhe respondi: *o dono*. Patorro, levando seu dedo indicador da mão direita em direção ao olho, me respondeu de forma categórica: *é o olho do dono*.

¹⁰⁶ Nome atribuído ao esperma dos bois com o que será inseminada a vaca.

¹⁰⁷ Raça endêmica da região do Barroso. São animais de menor porte do que os *limousin* ou as rúbias galegas.



Fotografia 5 - Patorro olhando um vitelo recém-nascido (Autor, 2016)

Portanto, é preciso saber ler os signos, entender o código do comportamento animal para ser capaz de avaliar o estado em que se encontram possíveis comportamentos não desejados, como no caso dos partos. A sensibilidade que permeia essa relação é um dos fatores mais relevantes do conhecimento concreto de um regime de conhecimento (Carneiro da Cunha, 2007).

Zé do Raposo, por exemplo, me contava que tem uma vaca que nasceu no baldio no verão, o ano exato de nascimento ele não me soube concretar. Parafraseio seu relato: um dia de verão quando foi ver as suas vacas, encontrou-se com uma vaca parida, foi um *parto prematuro*, disse Zé. Os agricultores anotam em seu caderno de exploração o dia em que a vaca *esteve ao boi*. Nove meses depois, deveria acontecer o parto. Uma semana antes dessa data, se as vacas estão na serra, os agricultores vão até a manada e vêm caminhando com essa vaca até a vacaria para que ela possa parir no estábulo, sob controle e os cuidados do agricultor. Nesse caso concreto, o parto aconteceu antes da data prevista. A questão que Zé me relatou é que depois de ter nascido na serra, eles decidiram criar aquela vitela para casa. Em 2017, essa vaca tinha parido uns três vitelos, entre os que dois tinham sido no baldio no verão. Perto

do lugar onde a vaca tinha nascido. Zé dizia que não sabia qual era o motivo, mas que ele achava que ela sabia aonde tinha nascido e que *gostava daquele lugar*. Por outro lado o que permite essa narrativa de Zé acerca desse caso concreto, é que as vacas dele costumam pastar nos meses de verão sempre numa mesma parte do baldio. *Ela gosta daquele lugar e pronto*, tem alguma questão que faz com que essa vaca goste de ali.

3.9 O lugar de pastoreio: narrativas de uma vida de pastor

Patorro costuma deixar as suas vacas no verão na aldeia de Salgueiro. A distância da aldeia de Pitões até a de Salgueiro a pé é de, aproximadamente, duas horas de caminhada. Patorro tem especial carinho por esse lugar, pois, na adolescência, foi pastor de ovelhas e cabras e, desde pequeno, gosta de ir para a serra. Devido ao seu histórico enquanto pastor, a aldeia de Salgueiro é um marco geográfico para ele. Afirma que quando iam com as cabras, ficavam observando a aldeia já abandonada: as casas, as camas ainda com roupa, os utensílios de cozinha etc.

Como grande conhecedor da serra que é, quando soube que o agricultor de Parada tinha deixado as vacas atrás do São João da Fraga, Patorro fez um exercício analítico mental unindo esses dois pontos, imaginando o traçado que fizeram as vacas ao longo da serra, tentando encontrar um sentido para todo aquele percurso. Patorro foi elencando nesse percurso os pontos de água que há, pequenos riachos que à sua beira sempre têm uma erva verde e pontos de passagem e trânsito. Sem conseguir entender o porquê de as vacas se separarem das demais, mas mobilizando o conhecimento detalhado que tem da serra, conseguiu desenhar um traçado possível realizado pelas vacas.

Além de conseguirem traçar um possível roteiro do gado na serra e elencar essa questão com o conhecimento da sua manada de vacas, os agricultores interpretam o que o gado quer fazer. Nesse mesmo verão, Patorro tinha as suas vacas na barragem, no entanto, os vizinhos de Requiás o visitaram algumas vezes para lhe mostrar o seu mal-estar em relação à presença de seus animais na barragem. Do ponto de vista dos galegos, as vacas dele estavam perto demais das terras semeadas com batatas e milho e tinham receio de que as vacas pudessem entrar e acabar com

a cultura semeada. Patorro tinha uma leitura de que as suas vacas não fariam isso, no entanto, elas estavam no baldio dos galegos e, diante da queixa, teve que retirar as vacas de lá.

Patorro afirmava para os galegos que as vacas ficariam beirando a barragem porque a Laranja, a vaca que manda na manada, é muito cabeluda e sente muito calor. Como quem comanda a manada é a Laranja e ela gosta de ficar dentro da água, as vacas do Patorro há anos descem até a barragem no verão. Desde que compraram a Laranja, ainda sendo uma vitela, ficou claro para Patorro e Beatriz que, no verão, Laranja passa muito calor e no inverno gosta de estar nos lugares mais frios da vacaria. Assim, no inverno, ela fica no estábulo que está mais perto do portão e, no verão, gosta de estar perto da água.

Laranja fica dentro da água do rio quase totalmente submersa, enquanto as demais ficam pastando a erva que nasce ao lado da barragem. Patorro e Beatriz me relataram várias vezes como Laranja toma banho na barragem: ela fica dentro da barragem com o corpo quase totalmente submerso e, com o rabo, faz um movimento similar ao que fazem as vacas para espantar as moscas, vai espalhando água por cima do seu lombo.

Laranja tem tantas referências da serra e gosta tanto de estar perto da barragem que Patorro me relatava que, em apenas um dia, desceram do Salgueiro até a barragem. Ele tinha visto elas um dia em Salgueiro e, no dia seguinte, voltou à aldeia e não as viu. Achou muito estranho e lhe veio à cabeça os anos anteriores em que ela tinha dirigido a sua manada até a barragem. Desceu com o seu carro até Requiás e lá estavam, ao pé da barragem. Ficaram uma semana na aldeia de Salgueiro e depois disso, em um dia, chegaram à barragem.

A relação que os agricultores têm com a serra é próxima, grande parte de sua extensão está mapeada, bem como os pontos de água, as encostas, o lugar onde há pasto fresco para as vacas e inúmeros caminhos que cruzam esse território amplo e extenso. No entanto, esse ambiente (Ingold, 2000) é constituído por uma série de inter-relações em que diferentes propriedades tanto dos animais quanto da serra em si são combinados pelo conhecimento, sua territorialidade.

Essa inter-relação ou visão sistêmica do conjunto terra-humano-animal fica evidente quando Patorro afirma que *as vacas fazem bem à serra e a serra faz bem às vacas*. Afirma que o fato de a serra ser pastoreada implica na existência de toda uma série de plantas, que resultam estrumadas com as defecações dos animais e animais

que se alimentam com as plantas que a serra dá. Um sistema complexo, sensível, ordenado e aberto, sempre se atualizando através da presença efetiva no território tanto de humanos como de seus animais.

O intuito deste capítulo foi colocar no centro da equação analítica um tipo de terra específica, como é o baldio, para tentar mostrar como as práticas dos agricultores envolvem diferentes tipos de conhecimento que são importantes no sistema agrícola. O conhecimento do pasto, o fato de saber que as vacas voltam à noite ou que ficam na serra ajuda os agricultores a se dedicar a outras funções do sistema agrícola. A sementeira, a retirada do estrume e o tempo de lavrar as terras coincidem com o tempo em que as vacas estão no monte. Já a colheita do feno, da batata, do milho é quando as vacas ficam na serra noite e dia.

A relação que os agricultores têm com o seu território extrapola uma análise que privilegia qualquer um desses elementos de forma isolada. A intenção foi mostrar uma visão sistêmica, em que a relação que os agricultores têm com um baldio não é genérica, a relação que têm com as suas vacas está permeada por uma constante troca de signos que precisam ser detectados e que incidem em uma territorialidade própria.

A paisagem e inclusive o “taskscape”, segundo definido por Ingold dão pistas desse processo de produção de conhecimento territorial concreto e contínuo em que humanos, vacas e terras estão continuamente se alimentando de informação.

As narrativas dos agricultores privilegiam o processo de conhecimento, em que a observação atenta, as tentativas de entender o comportamento dos animais, assim como as experiências prévias são parte intrínseca dessa relação. Os dados apelam mais para uma dinâmica de conhecimento processual, sempre se fazendo entre humanos e não humanos.

Ao mesmo tempo, cada indivíduo, cada vaca, tem a sua particularidade. Patorro e Beatriz me relataram várias vezes os primeiros dias após a chegada da Laranja à sua manada. Era inverno, me relataram, e, no segundo dia que estava na vacaria, Laranja conseguiu fugir. Eles afirmam que não conseguiam trazê-la de volta, no entanto, ela ficava rondando. Dormia fora da vacaria, com chuva e geada. Quando conseguiram trazê-la de volta com as outras vacas entenderam que gostava de frio,

que é uma vaca muito cabeluda e que aqueles dias fora da vacaria não tinham significado pra ela problema algum. Redistribuíram as demais vacas para deixá-la na porta e o resultado é que nunca mais ela fugiu. O mesmo acontece quando desce para a barragem: é a Laranja quem comanda a manada, então é de extrema importância saber o que é que ela pode vir a fazer.

Em decorrência desse conhecimento é que o Patorro e Beatriz insistiam com os galegos que as suas vacas não entrariam nas terras deles, que havendo erva do lado da barragem, elas não entrariam em nenhuma propriedade. Os seus vizinhos não entenderam esse raciocínio e tiveram que retirar a manada.

Um relato desse tipo enfatiza uma relação de conhecimento mútuo. Eles afirmam que entendem aquela fuga enquanto demonstração de intenções. Percebem-se, também, os desejos das vacas, o gosto por algumas zonas de pastagem e não de outras. No entanto, no fim desse percurso, prevalece a narrativa da co-construção do território, ainda que a última decisão seja do humano.

Os baldios são um território extenso em que as vacas passam grande parte do ano. Através dos baldios e do pastoreio das vacas, nesse território fui desenhando a forma em que agricultores-vacas-baldios se relacionam. Se uma casa prefere levar as suas vacas para a Portela e outra para o Coto, a narrativa que se constrói acerca de suas territorialidades é diferente. Os humanos, as vacas e as terras se combinam através do tempo, dos dias de pastoreio e da história de cada casa em concreto.

No seguinte capítulo, analisarei os lameiros, as propriedades onde se produz o feno que, juntamente com o baldio, é um dos pilares do sistema agrícola local (Pôças,2009).

Capítulo 4: Os Lameiros

O objetivo deste capítulo é apresentar os lameiros, as suas localizações e sua distribuição no território. O começo dessa discussão diz respeito a sua localização e aos primeiros registros históricos dos lameiros. Apresentando, portanto, os estudiosos do começo do século XX e os engenheiros agrônomos que trabalharam recentemente com os lameiros. Enquanto pastagens de montanha, os lameiros têm uma relevância fundamental no sistema agrícola de Tourém e Pitões das Júnias. Dele, obtêm o feno, que é a fonte de alimento mais importante, para o ano inteiro. No entanto, como venho destacando, as terras são mais um elemento combinado no sistema agrícola.

A seguir, serão abordados aspectos particulares, marcas, como os muros e as porteiras, que ajudam a situar temporalidades concretas. A água é o elemento seguinte a ser abordado, já que ele tem uma importância central para a produção de feno, portanto, para o conjunto do sistema.

No final do capítulo, será discutida a noção local de estima, em que os lameiros aparecem como foco de atenção enquanto mobilizadores de afetos. Qual é a importância que os agricultores dão para os cuidados dedicados aos lameiros? Como se relacionam com os lameiros? Quais os cuidados proferidos a eles? Essas são algumas questões de que tratarei neste capítulo.

4.1 Lameiros: origens e localizações

Os lameiros são pastagens de montanha de caráter permanente, que podem ser consideradas semi-naturais, uma vez que não decorrem da sementeira deliberada de espécies melhoradas (Moreira et al. 2001), nem são sujeitas a práticas como a aplicação de pesticidas ou a mobilização do solo. As únicas práticas culturais regularmente aplicadas a estas pastagens são o pastoreio, a rega, o corte e a fenação, a construção de cercas e a limpeza de vegetação infestante (Pôças, 2010: 41).

Dessa forma, Pôças define o que são os lameiros em sua tese de doutorado, no que concerne ao Alto Barroso. Os lameiros são um dos pivôs mais importantes do sistema agrícola local, porque, deles, obtêm-se o feno que alimentará as vacas ao longo do inverno, estação do ano em que as saídas para o monte diminuem, devido ao frio e às nevadas. Quando as vacas dormem no edifício agropecuário, o feno está presente em sua dieta duas vezes por dia. O feno é a base da alimentação do gado,

tendo um carácter simbólico central na vida dos agricultores e em seu planeamento anual. Nos edifícios agropecuários, o feno é o que cultivo que mais superfície ocupa, é o *alimento de todos os dias*, me dizia o Patorro em 2017. Mostra dessa centralidade no sistema produtivo, quando no mês de junho os agricultores começam a *meter o feno nas vacarias*, sempre tem remanescentes do ano anterior. Nunca vi um armazém sem feno.

Segundo Taborda (1932), a fundação das aldeias de montanha está diretamente atrelada à atividade agropastoril. Assim, cita que, na Idade Média, já haveria registro dos lameiros: “Os documentos medievais mencionam os lameiros e falam de *terras*, *ruptas*, e *saltus*, significando as duas primeiras expressões solos que nunca receberam amanho, o *monte* actual” (1932:108). “Saltus” se refere aos terrenos incultos, que se opõem aos terrenos cultivados que seriam aqueles que recebem, por exemplo, o centeio, milho e batata que também são conhecidos com o termo de “ager” (Mazoyer et al, 2010:85). No extremo oposto, estariam os baldios, cuja superfície de pasto é considerada natural. O conjunto baldio e lameiro são, segundo Pôças, a base do sistema agrícola do Alto Barroso (2009).

É preciso considerar que a localização das atuais aldeias não se deu de maneira fortuita, é de se imaginar que a escolha do lugar passou necessariamente por um estudo ou, ao menos, especulação das potencialidades de cada local. As palavras de Lévi-Strauss sobre a importância que tem o inventário (1989) para a ciência do concreto, ressoam nesse processo. Da leitura de Taborda, pode-se extrair que terras com acesso à água e com uma inclinação que permite a lavoura – o que hoje se pensa como terra – eram aspectos importantes do inventário. Aqui, chega o terceiro elemento, o centeio. Baldio, lameiro e as terras que abrigavam centeio – os “ager” – são a base do sistema agrícola até a atualidade. Em sua etnografia sobre Pitões, Viegas Guerreiro define da mesma forma a localização dos lameiros, “no fundo dos vales e encostas, lá onde a água chega, perto das povoações” (1982:140).

A forma lameiro, não é relevante somente nas aldeias de Tourém e Pitões das Júnias. A presença desse tipo de configurações herbáceas se estende desde “Trás-Montes à Beira Interior, e entre Douro e Minho” (Pôças, 2010:41).

Vergílio Taborda defende que a localização das aldeias está diretamente ligada à possibilidade de aquele local oferecer a expansão, tanto das pessoas quanto das culturas: “os lameiros estendem-se nos vales, depressões e encostas, por toda a parte onde a terra é regada ou mais húmida” (1932:132).

Riachos, encostas e proximidade dos núcleos residenciais, definem a localização dos lameiros. Além da disponibilidade de água, é importante destacar que os lameiros são pastagens de montanha. Como já foi mencionado, a aldeia de Pitões está a quase 1200 m de altitude e a de Tourém ultrapassa os 700 m. Pôças soma à sua definição a altitude, conjugando-a com a “proximidade das linhas de água e normalmente a cotas superiores a 700-800 m” (2010:41).

Por trás de cada lameiro, de cada lote, existe um trabalho árduo de identificação e de inventário das propriedades do solo. Estes inventários abrangem a localização, as possibilidades de modificação da superfície e classificação que se estende desde tempos imemoriais até a atualidade. Os lameiros continuam sendo centrais no sistema agrícola local, continua-se cultivando feno e a disponibilidade de água continua sendo relevante para a produção de forragem. Aldeias, lameiros e sistema agrícola estão vinculados nessa linha temporal.

Se a localização primeira dos lameiros se vincula diretamente à presença de água dos córregos, na atualidade, existem lameiros que não têm acesso à água dos rios, são lameiros de sequeiro, não irrigados. Caso exista alguma nascente de água dentro de sua propriedade, o agricultor pode optar pela construção de um reservatório de água para irrigação. Essas obras também têm um longo processo histórico, pois são encontrados poços feitos com pedras e com o sistema de rega automático chamado de *engenho*, assim como poços mais contemporâneos feitos de cimento que possuem um sifão feito por canos de PVC. O engenho é um dispositivo de rega feito com dois canos que funciona com o princípio do sifão.

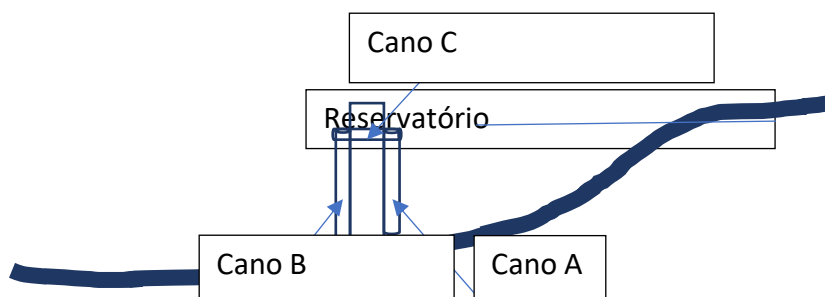


Gráfico 3 - Partes do engenho (Autor,2015)

Os canos A, o B e o C estão unidos. Quando o nível da água do reservatório chega ao nível do cano C pelo efeito do sifão, a água é puxada do reservatório via sucção, saindo pelo Cano B. O conjunto de Canos A, B e C que usei aqui para simplificar o princípio, eram realizados em uma única pedra, chamada de *regadeira*.



Fotografia 6 - Pedra de engenho ou regadeira (Autor,2012)

A forma mais comum de irrigação, no entanto, é feita com a água oriunda dos cursos dos rios. Parte do caudal de água, que é levada dos ribeiros, é desviada para uma série de canais de regadio que distribuem a água para outros lotes, sem nenhuma força motriz, apenas com a força da gravidade.

Como destaquei, a água é um elemento que se encontra diretamente vinculado aos lameiros. No entanto, o sistema de regadio¹⁰⁸ dos lameiros é diferente do sistema

¹⁰⁸ Fabianne Watteau (1999) escreveu a sua tese de doutorado sobre o sistema de regadio de Melgaço, Município do Alto Minho. Conforme a autora mostra em seu estudo, o foco principal são os conflitos de água e rega. Não é um estudo acerca da água e de seus sistemas de irrigação, senão de um aprofundamento nos conflitos sociais, na organização social por meio da água, como se se tratasse

de regadio das terras que será analisado no seguinte capítulo. Da mesma forma que destaca O'Neill, a água é um recurso coletivo, ainda que os regimes de uso sejam particulares (1984:82).

As temporalidades desses regimes são diferentes. A água nos lameiros é cobiçada desde o fim da fenação (agosto e setembro) e nos meses em que começam as geadas (novembro até março). Este primeiro sistema de irrigação chama "rega de lima" (Pôças, 2010).

Já nas terras, a água está diretamente vinculada às culturas semeadas. Nas terras, semeia-se principalmente milho, batata e centeio e apenas os dois primeiros cultivos é que demandam irrigação. Tanto o milho quanto a batata são semeados nos meses de abril e junho, sendo a demanda de água nos meses de julho e agosto, que é quando funciona o outro sistema de água: *a água de rega*.

Portanto, neste capítulo, será abordado o regime de uso da água de rega dos lameiros e, no seguinte, a forma em que se distribui água nas terras.

4.2 Lameiros como propriedades particulares e água de uso comum

Os lameiros são propriedades particulares, mas, como já dito, da mesma forma com destaca O'Neill, apesar de serem propriedades particulares, mantêm formas de organização coletiva, como é o caso do usufruto comum da água.

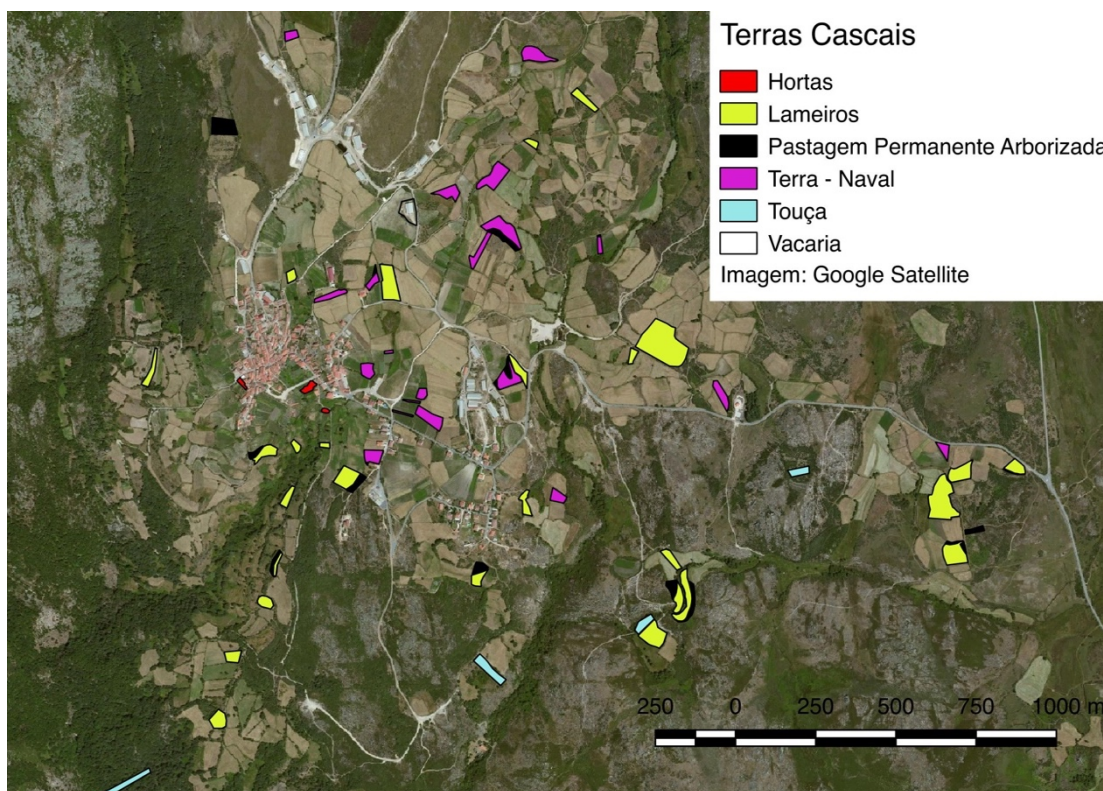
Os lameiros têm tamanhos diferentes, existem lameiros de mais de cinco hectares, assim como outros menores de 500 m². Essa diferença de tamanhos pode ser observada de forma clara no mapa das terras que Cascais trabalha em Pitões e que mostro abaixo. Os polígonos amarelos se correspondem aos lameiros.

Na escala gráfica, existem lameiros que são claramente perceptíveis e outros que são menores que um pixel. Também fica evidente no mapa que os lameiros da unidade produtiva familiar de Cascais não têm um padrão de distribuição e tampouco existe uma área preferencial de projeção. Existem certos adensamentos de propriedades localizadas principalmente na zona leste do mapa, mas o resto são terras que estão espalhadas ao longo da superfície útil agrícola de que dispõe a

de um fato social total.

Edmund Leach, em seu célebre livro *Pul Eliya* (1968) nos introduz a uma sociedade em que o sistemas de irrigação são centrais. Aborda as transformações daquela sociedade através dos regimes de uso da água.

aldeia. Cascais trabalha os lameiros que eram de seus pais, pois não tem nenhum irmão que seja agricultor. Trabalha também as terras que eram de sua tia, Clementina.



Mapa 3 - Terras trabalhadas por Cascais (Autor,2016). Fonte da Imagem: GoogleEarth

A superfície agrícola útil das aldeias está limitada pela geografia, já que terrenos abruptos e muito pedregosos não podem ser cultivados. As manchas verdes mais escuras que aparecem no mapa são florestas e, com um tom mais acinzentado, aparecem as concentrações de rochas. Pitões está literalmente encravada na montanha, rodeada de fundos vales, tem-se a impressão de que as terras possíveis de serem cultivadas estão já abarrotadas.

Em nenhuma das aldeias estudadas, observou-se o fenômeno de particularização de grandes áreas de terras baldias, como aconteceu em regiões próximas da Galícia. Essas situações foram relatadas, por exemplo, por Cardesín (1992). Esses processos de particularização consistiram na repartição das terras de uso comum. Após essa divisão, os agricultores foram transformando essas terras para uso agrícola. Na atualidade, são terras usadas para pastagem dos animais ou para a produção de milho para silagem.

4.3 O calendário ecológico-social dos lameiros

Os lameiros envolvem uma série de atividades ao longo do ano que se diferenciam das atividades das demais terras, dos demais cultivos. A partir dos lameiros, obtém-se o feno, que é a base da alimentação do gado ao longo do ano. Principalmente no tempo em que passam estabuladas, a alimentação diária das vacas é o feno, como já afirmado em momento anterior a este trabalho.

A maior parte dos edifícios agropecuários é preenchido com feno, que ocupa mais de dois terços da superfície da vacaria. O feno carrega consigo uma carga emocional e moral. Como sustento principal do gado, é a pedra angular de todo o sistema agrícola. Os ciclos pelos quais passam os lameiros podem ser resumidos de diferentes formas. Privilegio, aqui, como critério a presença ou ausência das vacas nos lameiros para se alimentarem do pasto.

A presença das vacas nos lameiros está concentrada em duas partes do ano: primavera e outono. Na primavera, as vacas comem a erva que começou o seu ciclo vegetativo depois do inverno. Depende muito de cada lameiro e da disponibilidade de água, mas acontece normalmente em abril. Depois, os lameiros são *acoutados*, isto é, vedados ao ingresso de animais. Esse período termina no mês de julho, com a floração das gramíneas e das leguminosas, que compõem o mosaico de espécies dos lameiros, momento em que o valor nutritivo das espécies está no seu auge. Nesse momento, os agricultores ceifam o lameiro e o enfardam. Essa ação garante o estoque do principal alimento das vacas para o inverno. Após ser ceifado, a água é reintroduzida nos lameiros para permitir que as plantas rebrotem, a fim de que retomem o seu ciclo vegetativo, dando origem ao que é conhecido nas aldeias como *outono*. Esses novos rebentos das plantas serão alimento das vacas nos meses de outubro, antes da chegada do frio de novembro, em que os lameiros já não serão mais pastoreados. De novembro até março, a água funciona neste lugar como um regulador térmico, que protege as plantas e o solo das baixas temperaturas exteriores¹⁰⁹. Com a chegada dos primeiros indícios da primavera, o ciclo se renova e as vacas voltam novamente ao local.

¹⁰⁹ Para mais informações ver Pôças (2009)



Gráfico 4 - Atuações anuais nos lameiros (Autor,2019).

Nessa descrição do calendário ecológico social, pode-se observar uma combinação entre os ciclos ecológicos das plantas e o dos próprios animais. O conhecimento das terras, das plantas e das potencialidades produtivas são as que definem o ritmo e os diferentes ciclos que compõem o trabalho com os lameiros. A atenção diferenciada dedicada às plantas ao longo do ano passa por vários estágios: primeiro, para que não se queiem com as geadas; depois, para que acelerem o ciclo vegetativo para obter uma correta fenação e, finalmente, para alimentar as vacas por um pequeno período do ano. O sistema está integrado e funciona em ritmo compassado. Plantas, animais e humanos foram, com o passar dos anos, acoplando-se em um processo que, na atualidade, tem esse ciclo produtivo.



Fotografia 7 - Enfardadeira de fardos (Autor,2013)

4.4. Processamento do feno: ceifar, virar e enfardar

O mês de junho é o tempo do feno. Os agricultores preparam as suas alfaias para começar uma das atividades mais intensas. O feno deve ser processado quando, com o verão, a temperatura aumenta. O seu valor nutritivo depende de uma secagem rápida.

Os procedimentos que envolvem ceifar, virar e enfardar são todos mecanizados, cada um tem a sua alfaia e o normal é que haja, na exploração, dois tratores. A maioria das unidades produtivas trabalha com dois tratores, um fazendo as *carreiras*¹¹⁰ e o outro com a enfardadeira. Adriano é o único dos agricultores que trabalha com um só trator. Primeiro, ele faz as carreiras e, depois, enfarda. Na imagem, podem ser observadas, do lado esquerdo, as carreiras e, do lado direito, os fardos.

Antes de enfardar é necessário que o feno esteja bem seco, e, para isso, o sol é indispensável. Ficando estendido na superfície do lameiro, o feno vai secando com a irradiação solar. Devido à umidade que a terra transmite para a erva já cortada e a necessidade de que se desidrate rápido, as pessoas viram o feno no dia seguinte ao corte, para que a parte que ficou mais perto da terra passe a receber diretamente a incidência dos raios de sol. Antes de enfardar o lameiro, os agricultores comprovam

¹¹⁰ As carreiras são as filas de feno empilhado preparadas para ser enfardadas.

se o feno está suficientemente seco. Como indicadores do grau de umidade, usam a cor da palha, com as próprias mãos tocam a terra para ver se está úmida e também colhem a erva e observam se ela não quebra facilmente (Fotografia 8). A palha não pode estar ressecada, nem com água. Se estiver ressecada, a maioria dos nutrientes terá sido consumida no processo de secagem e, se estiver verde, quando for enfardada, devido ao processo mecânico de pressão ao qual é submetida, pode ser um foco de fermentação, não sendo mais apetecível para os animais. Todas essas variáveis são equacionadas para se obter o fardo com a maior qualidade para a alimentação das vacas.



Fotografia 8 - Tono do Artur mostrando o feno (Autor,2016)

Os processos de enfardar e virar não podem ser realizados nas primeiras horas do dia, pois a terra terá um alto grau de umidade devido ao decréscimo da temperatura própria das noites e do sereno. Espera-se, portanto, que o sol esquite para começar a virar ou enfardar. Costuma-se precisar de pessoas acompanhando o processo de enfardar, porque a máquina não consegue recolher todo o feno que há no lameiro, deixando frequentemente pequenos amontoados. Para aproveitar o máximo de feno que há no lameiro, as pessoas vão com *engaços*¹¹¹, recolhendo esses restos de feno que ficam atrás da máquina e colocando-os em outra carreira de feno. Ainda que as

¹¹¹ No português brasileiro, ancinho.

enfardadeiras¹¹² otimizem progressivamente a coleta do feno, é necessário que uma pessoa com uma engação fique perto da enfardadeira para acompanhar a máquina. O ritmo das enfardadeiras é alto, elas conseguem enfardar até um rolo por minuto se o feno estiver bem encarreirado, isto é, se houver quantidade de feno e a carreira for suficientemente comprida para que a máquina consiga fazer um rolo por carreira. Lembremos que um rolo é um cilindro que pode chegar a 1,5m de altura, sendo seu diâmetro maior que um metro. O peso aproximado é de 150 quilogramas.

Quanto maior for a terra, maior será a demanda de pessoas, porque elas precisam estar espalhadas pela área de terra para não perder feno e não parar a máquina. Uma vez enfardados, os rolos podem ficar no lameiro, mas não podem receber chuva, porque, nesse caso, o feno oxidará, perdendo qualidade alimentares.

O modelo de enfardadeira do agricultor, rolos ou fardos, marcará também a necessidade de mão de obra. Como podemos observar nas duas imagens que se encontram abaixo, a enfardadeira de fardos precisa de mais pessoas acompanhando o processo, no entanto, com as enfardadeiras de rolos já vimos que precisa-se de duas pessoas para enfardar um lameiro inteiro. Cada pessoa tinha um trator, Sérgio estava com a enfardadeira e seu pai, Venâncio, fazia as carreiras para ele vir atrás enfardando.

¹¹² Há dois tipos de enfardadeiras na região a de rolos e a de fardos, que se diferenciam pelo formato final que dão para o feno uma vez processado. Os fardos são paralelepípedos retangulares de aproximadamente um metro ou metro e meio de comprimento, quarenta centímetros de altura e quarenta de largura, que pesam aproximadamente entre 15 e vinte quilos. Já os rolos são cilindros de um metro e meio de altura por um metro de diâmetro aproximadamente. A relação de fardo para rolos é de 10:1, sendo o peso estimado do rolo de 200 quilogramas.



Fotografia 10 - Enfardadeira de fardos (Autor,2013)



Fotografia 9 - Trator fazendo carreiras e enfardadeira de rolos (Autor,2013)

Alguns agricultores desenham os seus sistemas produtivos em função da disponibilidade de força de trabalho. A enfardadeira de rolos têm se mostrado um avanço importante no que diz respeito à otimização do sistema produtivo. Esta tem um melhor desempenho para a coleta do feno que se encontra no lameiro, além de ser a mecanização de um trabalho antes realizado manualmente pelos agricultores, como carregar os fardos para o reboque, descarregá-los no armazém e empilhá-los dentro da superfície coberta. As enfardadeiras de rolos implicaram em ajustes importantes dos sistemas produtivos, entre os quais está, por exemplo, uma demanda maior de tipos de trator, como veremos adiante.

O dia em julho se estende até as 10 horas da noite, de modo que às 9 da noite, ainda é possível escutar máquinas trabalhando nos lameiros. Isso permite também aos filhos que trabalham fora da aldeia *ajudarem* seus pais ao final do expediente (às 5 ou 6 horas da tarde). Nos meses de junho e julho, os jovens que estudam fora, por exemplo, estão no período de férias e, por vezes, acabam voltando para as aldeias e ajudando aos seus pais na *lavoura*.

Importante frisar que esse movimento, que hoje em dia é feito pelos mais jovens de retorno para ajudar na lavoura, não difere nos movimentos que faziam os primeiros emigrantes que voltavam nos meses de verão para as aldeias para ajudar na lavoura (Ribeiro, 2007; Martins, 2005; Pina Cabral, 1986; Amoedo, 2014). Conheci vários idosos das aldeias que me relataram que eram trabalhadores na França, ou na Suíça, por períodos de oito ou nove meses, desde outubro até junho e, de junho até outubro, voltavam para a *lavoura*.

Quando afirmo que a carga de trabalho é grande, baseio-me em observações feitas *in loco* e das quais cheguei até a participar. Coloquei-me à disposição de Sérgio no verão de 2013 e ele aceitou, alegando que quanto mais pessoas houvesse ajudando, mais rápido seria o trabalho na lavoura. Todo tempo é pouco no verão. Naquele dia, enfardamos oitenta rolos entre nove pessoas e dois tratores. Sérgio dirigia o trator com a enfardadeira e Miguel (um empregado que tinha na época), o trator com o virador. Começamos às 3 horas da tarde de um domingo, dia em que os seus três *amigos* podiam vir ajudá-lo a enfardar – um casal e a madrinha de sua filha, Daniela. Sérgio enfarda pra eles alguns lameiros na aldeia galega de Maus de Salas, e eles vêm a Tourém ajudá-lo com os lameiros maiores. Não existe retribuição econômica nesse tipo de ajuda, mas tampouco pode faltar a *merenda*, oferecida pelo agricultor que recebe a ajuda. Naquele dia, comemos uma salada de bacalhau com cebola e azeitonas, milanesa de bifes de vitela, chouriça, queijo e presunto, acompanhados pelo pão de centeio e de trigo. Para beber, havia vinho, cerveja e água. Trazendo a merenda veio a Tia Maria, mãe de Sérgio, que tinha ficado na casa preparando as milanesas.



**Fotografia 11 - Esposa, filha e sobrinha esperando Sérgio para merendar
(Autor.2013)**

Além de enfardar, é preciso carregar e empilhar os fardos de feno, que como dito anteriormente, demandam esforços diferentes, a depender do tipo de enfardadeira. Como os rolos são pesados e maiores, exigem um equipamento específico, que é acionado pelo sistema hidráulico do trator, para poder movimentar o rolo. Trata-se de uma carregadeira frontal, que consegue fixar o rolo e levantá-lo, e dependendo da potência do trator, consegue movimentar dois rolos. Para esse tipo de trabalho, os agricultores afirmam que é necessário um trator de mais de cinquenta cavalos de potência, o que implica em um investimento aproximado de 40.000 euros, se for adquirido novo. Os tratores mais recentes dessa categoria são máquinas altamente sofisticadas, dominadas por componentes eletrônicos próprios de carros, como tração total, ar condicionado na cabine, equipamento de som, luzes de *led*, embreagem eletrônica e acionamento remoto de acelerador, sem necessidade de o motorista estar na cabine para o trator se movimentar. As enfardadeiras de rolos demandam um trator com essa potência. Além de a enfardadeira ser um equipamento pesado, o que requer potência por parte do trator. Uma mudança de enfardadeira dentro do sistema agrícola implica em toda uma reconfiguração profunda dos equipamentos necessários, como, por exemplo, o tipo de trator.

As opções tecnológicas e as técnicas usadas na unidade produtiva implicam em reformulações parciais que mudam aspectos centrais do sistema agrícola. Os

tratores maiores começaram a aparecer nas aldeias por volta dos anos 1990, quando as já citadas linhas de crédito específicas da PAC permitiam a compra de equipamentos, de forma que algumas dessas tecnologias estão diretamente relacionadas a subsídios específicos. Na década de 1970, chegou a Tourém a primeira enfardadeira, comprada de segunda mão por Venâncio. Até os anos 1990, as enfardadeiras produziam fardos, como o próprio nome indica. Elas precisavam de muito mais mão de obra com seus engaços, pois não conseguiam levantar todo o feno. As de rolos não necessitam de pessoas com o engajo, mas, apesar disso, elas ainda preferem acompanhar a máquina. Os fardos ficavam espalhados pelo lameiro e, uma vez terminada essa função, era preciso carregar os fardos no reboque, ir até o armazém, descarregá-los e empilhá-los. Já dissemos que cada fardo pesa em torno de 15 a 20 quilogramas e, pensando que, em um reboque e meio cabem duzentos fardos, essa ação de carregar e descarregar implica numa carga de peso total de 3000 quilogramas. Os agricultores que ainda trabalham com esse tipo de enfardadeira afirmam que não lhes compensa a troca pelas de rolos, por terem que adequar também o trator.

Essas tendências são significativas e marcam o tipo de exploração, da estratégia e do ciclo em que se encontram. A maioria das explorações que se encontram em fase ascendente possui enfardadeiras de rolos, pois viram nesse processo oportunidades e agilidade no trabalho. Estavam também dispostos a fazer um investimento econômico importante. Se todos os equipamentos forem de segunda mão, uma enfardadeira de rolos custa entre 10.000 e 15.000 euros e um trator de cinquenta cavalos estaria em uma faixa de preço entre 18.000 e 25.000 euros. Os subsídios da PAC têm linhas específicas de crédito para compra de maquinaria, das quais se beneficiaram a maioria dos agricultores que começaram adquirindo um trator dessa potência. As enfardadeiras de rolos que existem nas aldeias foram adquiridas pelos próprios agricultores, umas novas e outras de segunda mão. Assim, percebe-se como esse tipo de opção técnica tem uma importância cada vez maior dentro do sistema agrícola local.

Os agricultores que mantêm os equipamentos de fardos argumentam que estes são mais simples de carregar, facilitando a movimentação interna no armazém. Dizem também que, enquanto conseguirem carregar os fardos, não veem a necessidade de aquisição desses equipamentos. Como o rolo é mais volumoso, a maioria dos agricultores precisa carregar com a forquilha o feno destinado a cada vaca. Percebe-

se prós e contras de um processo tecnológico que implica em reconfigurações do sistema e que marca estratégias produtivas diferentes. Desde um ponto de vista de necessidade de mão de obra, a enfardadeira de rolos permite uma mecanização maior do que a de fardos, que demanda mais esforços humanos.



Fotografia 12 - Carregando reboque de fardos (Autor,2013)

4.5 Terras cultivadas há anos, mudanças e persistências: estima e cuidados

(...) sem lameiro não há feno e sem este não há bovinos.

Joaquim Lino da Silva

As terras que hoje são cultivadas pelos agricultores da aldeia são fruto de uma relação historicamente consolidada. Sejam ancoradas nas histórias de família ou através do processo de cultivo de cada terra por cada casa, a relação estabelecida com as terras está permeada por sensibilidades, afetos e cuidados.

Podem ser analisadas, também, as modificações das terras, as adaptações aos novos elementos dos sistemas produtivos, assim como as *melhoras* alcançadas com o passar do tempo e com as tecnologias disponíveis¹¹³. Existem, portanto, nesta relação, elementos invariáveis e outros que foram sendo modificados.

¹¹³ Paula Ballesteros é uma pesquisadora do Instituto de Ciências do Patrimônio do Centro Superior de Investigaciones Científicas do estado espanhol, um centro de referência que desde a arqueologia vêm datando as terras, as técnicas e as modificações do sistema agrário. Conseguiram, por exemplo, datar terraças agrícolas do século XIV. Paula Ballesteros e Felipe Criado Boado,

Cascais me relatou que mantém na sua unidade produtiva até hoje a ordem de ceifa dos lameiros que aprendeu com os seus pais quando era pequeno. Afirmou que a sequência se dava pelos gradientes de maturação das plantas e em função da distância que havia entre os lameiros e os palheiros que eram as construções onde guardavam o feno. Os lameiros que se encontram mais expostos ao sol são os que mais rapidamente podem ser processados. Normalmente, são os que se encontram mais perto do núcleo habitacional da aldeia. No entanto, Cascais marcou uma diferença entre as motivações desse percurso. Na época dos seus pais, não havia enfardadeira, de modo que a erva era carregada em carros de bois e se acumulava nos palheiros. Os deslocamentos que são realizados com a comodidade dos tratores não existiam com os carros de bois. Era preciso se deslocar até os lameiros com os animais, carregar o carro no lameiro e descarregá-lo depois no palheiro. Antes, os agricultores privilegiavam os lameiros que se encontravam mais perto da aldeia. Na sequência, os que estavam mais longe e, assim, uns atrás dos outros até terminar. Desse modo, se houvesse um revés do tempo no mês de julho, já teriam guardado parte do feno. Outra particularidade dessa gestão se dava no outono. Ceifando os lameiros que estavam mais perto da casa primeiro, estes brotariam no outono mais rapidamente, e as vacas ficariam mais perto da casa. Antes dos edifícios agropecuários serem construídos, as vacas eram guardadas no andar térreo das casas ou em estábulos que estavam dispersos pela aldeia. Ou seja, quanto menor o deslocamento das vacas melhor.

Ao longo do tempo, aconteceram mudanças na configuração das terras e nas formas de produção. Os agricultores se aproximaram das novas técnicas e tecnologias produtivas, a entrada dos tratores e das enfardadeiras foi testada nas terras há quarenta anos e, hoje em dia, essas *alfaías* são indispensáveis no sistema agrícola. Nos lameiros, a mudança mais importante conhecida nas aldeias sob o nome de *melhora*, foi a construção de reservatórios de água. Dentro dos próprios lameiros, os agricultores que acharam nascentes de águas, as canalizaram. Se a nascente for na parte alta do lameiro, criam um reservatório chamado de poça que pode ser acionado pelo sifão visto anteriormente. Se for na parte baixa da terra, o objetivo é drenar as águas para que a terra ganhe firmeza e aumente a superfície útil. Outras

desenvolvem em seu artigo “El paisaje agrario medieval en Galicia. Herramientas metodológicas” (2008) a sua proposta analítica tanto conceitual quanto metodológico para a análise da paisagem cultural agrária galega, desde a arqueologia.

melhoras foram as modificações das pendentes e da inclinação das terras através da construção de muros de pedra. Os conhecidos como *aterrazamentos*.

As espécies vegetais cultivadas nos lameiros são oriundas da própria exploração. Não aparece nas narrativas dos agricultores uma interferência externa — de sementes principalmente — na hora de ressemeiar um lameiro. Ainda que em algum momento seja necessária uma ressemeadura das plantas que habitam nos lameiros, essa ação se realiza com as sementes oriundas da própria unidade produtiva. A necessidade de ressemeiar os lameiros diz respeito a determinados contextos. Ela pode ocorrer devido a mudanças no uso da terra ou pequenas adaptações da superfície, com o intuito de facilitar algumas atividades ou melhorar as terras.

Como já mostraram Lima Santos (1992), Riveiro (2007) e Bordalo Lema (1978), as alterações do uso das terras, em função dos condicionantes econômicos, políticos e sociais são uma constante ao longo do século vinte. Isso se traduz nas falas dos agricultores em expressões do tipo: *esse lameiro virou pra batata* ou *esse lameiro já foi terra*. Nesse último caso, referindo-se de forma explícita a uma terra em que são cultivados frutos (batata, milho ou centeio). Essas expressões costumam ser recorrentes quando a conversa gira em torno dos usos e desusos das terras (Amoedo, 2014).

Se algum agricultor for modificar alguma parte da superfície do lameiro que implique na remoção ou deslocamento de terra, com a eliminação da cobertura vegetal, depois de concluído o trabalho, essa superfície será semeada com erva novamente. Se estiver prevista alguma atuação desse tipo na unidade produtiva familiar, os agricultores costumam guardar a semente do feno no mês de julho, quando são realizadas as tarefas de ceifa do feno e posterior transformação em fardos ou rolos para sua conservação. Às sementes das diferentes herbáceas que compõem o feno, soma-se uma percentagem de semente de centeio, também oriundo da unidade produtiva. Não existe nenhuma exploração nas duas aldeias que não semeie centeio.

O centeio é uma espécie de fácil enraizamento que, nesses casos, ajuda a consolidar o solo na primeira fase. Já as plantas, leguminosas e gramíneas, dos

diferentes gêneros que conformam a composição floral do feno¹¹⁴, uma vez enraizadas conquistam o espaço tomado pelo centeio.



Fotografia 13 - Lameiro ressemeado (Autor, 2016)

As espécies cultivadas dependem, segundo Pôças (2010), do tipo de lameiro. Segundo classificação da autora, haveria lameiros de pastoreio do gado, para corte de erva e para erva e pastoreio ao mesmo tempo, dotados de espécies diferentes. Os tipos de lameiros segundo essa classificação se conformam pela disponibilidade de água. Se há mais disponibilidade de água, seria considerado um lameiro de pastoreio, havendo uma disponibilidade intermediária, um lameiro de corte de erva e, não tendo muita água disponível, seria considerado um lameiro de pasto.

Em Tourém, existem as *lomas* que são lameiros de tamanho pequeno, localizados perto da aldeia e que podem ser pastoreados pelo gado. As lomas eram ceifadas à mão e a erva verde dada aos animais que se encontravam estabulados, paridas principalmente. São lameiros que não se ceifam e, cada vez mais, em desuso.

Pôças define os lameiros de feno que também são pastoreados pelo gado. A grande maioria dos lameiros das duas aldeias são desse tipo. Esses lameiros são comidos nos meses de primavera e outono.

¹¹⁴ Segundo Pôças, a classe fitossociológica dos lameiros estaria incluída na categoria *Molinio Arrhenatheretea* (2009:78).

E, finalmente, os lameiros segadeiros seriam os destinados à produção de feno, exclusivamente. As espécies com maior valor forrageiro estão localizadas nestes lameiros, por terem uma grande disponibilidade de água e os solos serem férteis e profundos.

Em Tourém e Pitões, as lamas têm cada vez menos importância dentro do sistema agrícola. O fato de serem terras trabalhadas manualmente e de um tamanho reduzido distancia os agricultores dessas propriedades e de seu cultivo. Já os demais lameiros são usados em função das necessidades dos agricultores e das características de cada lameiro, não existindo uma diferenciação clara entre os segadeiros e os que são exclusivos para pasto.

A Política Agrícola Comum impõe as suas próprias categorias. Nas últimas modificações, introduziram as pastagens permanentes, que são diferentes dos lameiros. Na aldeia de Tourém, por exemplo, muitas das terras que estão *a monte* e que já foram cultivadas em algum momento se enquadram dentro dessa categoria. São terras que deixaram de ser cuidadas, de ser *estimadas* e, decorrente desse processo de abandono, viraram pastagens permanentes. Ao não controlar as plantas invasoras, ao não ceifar o feno e tampouco manter o solo estrumado as propriedades começam a ser colonizadas por espécies invasoras que são as que se encontram nos montes. Uma vez que um lameiro perde o seu aspecto de pradaria, os agricultores deixam de se referir a ele enquanto lameiro. Passa a ser uma *cortinha* ou uma franja que *está a monte*, categorias locais que se referem ao lameiro que está em desuso, ou que já foi lameiro. A expressão *estar a monte* permite perceber como a categoria é contextual, está a monte, mas não é monte. Ainda há a possibilidade de que, dentro de um lameiro, exista uma área dedicada a ser cortinha, principalmente se o agricultor tem feno suficiente e/ou se é uma parte difícil de trabalhar. Desse jeito essa sub-parcela será conhecida como a cortinha do lameiro X.

Patorro, em agosto de 2017, depois do episódio em que os vizinhos da aldeia de Guntumil vieram mostrar insatisfação com a presença das vacas dele perto da aldeia galega, viu-se obrigado a trazê-las de volta. Na ocasião, como o mês de agosto já estava avançado, ele afirmou que não fazia mais sentido deixar as vacas novamente na serra, pois, a seu ver, ou as vacas desciam novamente para a barragem, ou elas viriam para o lado da sua vacaria. Patorro também considerava, nessa decisão, que nos últimos três anos (2014, 2015 e 2016) raramente as vacas aguentaram na serra até o mês de setembro.

Diante desses fatores, eles optaram por deixar as vacas num lameiro que fica localizado logo antes da fronteira, no lugar chamado rio de couto. Esse lameiro contém uma composição floral complexa, pois, na mesma propriedade, existem partes de lameiro e outras de cortinha. É um lameiro de, aproximadamente, 3 hectares, onde as vacas dispõem de água, já que, no fundo, passa um córrego em que elas conseguem beber. Como têm a parte de cortinha, isso lhes proporciona um refúgio para as horas mais quentes. As vacas ficaram naquele lameiro por aproximadamente um mês. Aquele lameiro não tem água para ser irrigado, então o pasto do mês de agosto é pouco. Após os quatro primeiros dias, as vacas ficaram sem alimento, de modo que Patorro passou a ter que alimentá-las no próprio lameiro. Deslocava-se diariamente com seu trator, levando um reboque com milho verde. No lameiro, encontrava-se também estacionado um outro reboque de trator, em que depositava periodicamente um rolo de feno. Para não estabular as vacas em agosto, teve que alimentá-las naquele lugar. Esse uso, no entanto, não era raro, já que me afirmou que já realizava as mesmas atividades naquele lameiro há alguns anos. Esse lameiro é usado de forma estratégica, como uma etapa intermediária entre a vinda das vacas da serra e a entrada nos lameiros para se alimentarem antes da sua estabulação. O processo de compreensão das necessidades e da vontade das vacas enquanto agência também pode ser percebido nessa narrativa, pois eles sabiam que deixar as vacas na serra não os ajudaria, porque elas queriam estar perto da aldeia.

Todos os dias ao voltar do trabalho de alimentar as vacas, Patorro usava o mesmo caminho e fazia as mesmas paradas. Primeiro, deixava o trator no cruzamento que se encontra uns metros depois do seu lameiro, verificava as paredes do lameiro e, posteriormente, deslocava-se até o rego d'água. Ali, há uma torna de água que rega outro lameiro de sua propriedade. Cotidianamente ele verificava *se andava a água no lameiro de baixo*. Se a água do rego continuava no seu lameiro, ele não fazia nada, mas, se verificava que outro agricultor a tinha cortado para outra propriedade, passava a *tornar a água para o seu*.

No inverno de 2016, Patorro tinha feito uma obra importante de canalização de água para o lameiro que tem do lado do pontilhão. Essa área tem uma superfície aproximada de quatro hectares e os canais de rego de que dispunha eram deficitários. Ele realizou um canal de regadio direto, usando canos de concreto para o seu lameiro. No entanto não pôde mudar o lugar de captação de água, pois essa atuação não está permitida. Com essa obra, ele aumentou a efetividade da rega, pois diminui as perdas

de água próprias dos regos que são de terra, que permitem que as plantas vão se instalando, e, assim, a vazante se vê reduzida devido à absorção realizada pela flora.

Quem cuida dos regos é o Conselho. O Conselho é uma instituição que continua em ambas as aldeias e que trata especificamente dos regos de água. O Conselho é composto tanto das pessoas que se encarregam de observar os usos das águas, quanto das que convocam o conselho, dia em que se limpam os regos da aldeia. O conselho é convocado antes do começo da rega, controlada por horas. Diz-se, também, que é dia do Conselho. Vivenciei o conselho na aldeia de Tourém no ano de 2013, mas não tive oportunidade de participar da de Pitões.

A parada para verificar se a água corria para o seu lameiro era a primeira que Patorro realizava todos os dias. A segunda, era no próprio lameiro. Descia do trator e verificava o estado em que se encontrava: se estava bem molhado e quais partes precisavam ser mais regadas. Realizava uma análise minuciosa do estado geral da propriedade. Como se trata de um lameiro de grandes proporções, Patorro tem vários setores de irrigação, podendo privilegiar algumas zonas em detrimento de outras.

No verão, a água não é usada nos lameiros como regulador térmico, como acontece no inverno. Nesse momento do ano, a água no lameiro é usada após a ceifa e o que se pretende é estimular e facilitar o recrescimento das plantas, para que deem o chamado *outono*. O outono é o rebento das plantas que possibilita que os lameiros sejam pastoreados antes da chegada do inverno. Patorro desenhou um sistema de regadio interno em que o lameiro foi dividido em duas partes independentes, podendo regar cada uma delas separadamente.

Naquele verão, o primeiro garantiu espaço e alimento para as vacas por uma semana. No segundo ano, eles tinham uma estimativa de que pudessem alimentar as vacas por mais quinze dias, sem que fosse necessário nenhum aporte. O trabalho da gestão da unidade produtiva familiar depende das terras, das condições particulares de cada lameiro, assim como da situação concreta de cada ano. Em 2017, Patorro teve esse imprevisto com os vizinhos galegos e, por isso, teve de modificar o seu cronograma, pois a sua ideia era que as vacas permanecessem no mínimo mais três semanas na serra. Percebo como a arte do agricultor (Van der Ploeg, 2016) entra em voga em situações como esta, da alteração do calendário até o modo como foi solucionado o imprevisto.

A intenção não é entender as diferenças dos lameiros, mas observar a gestão da unidade produtiva em seu conjunto: o sistema, as terras e o gado. Não cabe muito

planejamento da forma de aproveitamento, porque os imprevistos são uma variável com que os agricultores estão acostumados a lidar. Daí a importância do conhecimento das terras. A recombinação constante das variáveis manejadas em uma unidade produtiva em função dos imprevistos é um aspecto comum. As unidades produtivas precisam saber gerenciar as variáveis e os imprevistos através do conhecimento profundo das possibilidades produtivas, das necessidades alimentares do gado e das possíveis combinações.

4.6 Muros dos lameiros

Devido à importância dos lameiros no sistema produtivo, surge um segundo elemento importante, os *muros* ou as *paredes*¹¹⁵. Os lameiros costumam estar murados. Pedras de formas irregulares e de diferentes tamanhos são delicadamente colocadas umas em cima das outras rodeando a área externa do lameiro, conforme pode ser observado na fotografia.

¹¹⁵ O título da tese de doutorado de Humberto Martins remete diretamente à fragilidade ou resistência desses muros: *Will the Rocks Crumble One Day?* (2005)



Fotografia 14 - Muro de pedra (Autor, 2016)

A largura do muro deve ser mínima, pois quanto mais largo for, mais superfície útil é perdida. Até vinte anos atrás, os muros de pedra eram todos feitos como os da imagem acima. Recentemente, alguns proprietários decidiram murar os seus lameiros com muros de pedras obtidas de serralherias. São pedras retangulares fixadas com cimento. Existem também cercas feitas com estacas de madeira unidas por arame farpado. Estas últimas correspondem às propriedades mais distantes e, normalmente, são os lameiros que têm menor importância dentro da unidade produtiva.

Venâncio de Tourém mostrou várias vezes onde havia, no baldio, pedras de grande porte, *boas para muros*. Ele gosta de ter as suas propriedades muradas e, a cada deslocamento, vai mapeando as pedras boas para as porteiras, por exemplo. Os muros têm várias funções: delimitam a propriedade e impedem a entrada de pessoas e animais. A principal função é evitar que as vacas consigam entrar para comer o feno, principalmente quando o lameiro está *acoutado*.

A altura dos muros depende muito da localização do lameiro e das características do lugar. Se for um lameiro que fica na parte baixa de um caminho, o muro será mais alto para evitar que as vacas consigam entrar pulando o muro. Outra característica importante dos muros é que precisam ser facilmente removíveis. Observei, ao longo do trabalho de campo, acessos serem abertos nos muros em

função de várias situações. Na imagem abaixo, podemos observar um *boqueiro* aberto para que a máquina de canteio pudesse passar.



Fotografia 15 - Boqueiro aberto (Autor,2012)

Em Tourém, Venâncio, que não é natural da aldeia, foi comprando pequenos lotes conforme conseguia desde a década de 1970. Mantém esse prazer até a atualidade. Em 2016, Venâncio tinha adquirido propriedades ao lado de um lameiro que já era de sua propriedade. Acompanhei as obras que Venâncio estava realizando ali. Estavam desmanchando o muro de pedra para que o lameiro não tivesse uma parede no meio. Quando propriedades contíguas são compradas, normalmente os agricultores removem os muros que as dividem passando a ser uma única propriedade. Esse ato de remoção do muro e de melhora do lameiro era visto de forma diferente pelos seus filhos. Estes veem as propriedades do pai sendo unidas, apesar de sua idade avançada. Como é prática nas aldeias dividir todo o patrimônio entre as pessoas que são herdeiras, neste caso, os filhos pensam que essas obras representam um gasto sem muita justificativa. Na hora de realizar a transmissão da herança, pode ser que os filhos tenham que levantar novamente os muros. Assim, até o final do trabalho de campo em 2018, os filhos do agricultor não compactuavam com as ações do pai que continuava unindo parcelas, desfazendo muros e querendo fazer a propriedade maior. Os muros mostram uma configuração anacrônica, do momento.

As terras e seus muros não podem ser pensados a longo prazo, pois sua configuração representa o momento concreto, podendo mudar de um dia para outro.

Em 2013, fui com Giestas levar as vacas para um lameiro na aldeia de Randin. Ao chegarmos perto do lameiro, ele parou o trator e desceu em direção ao muro de pedra. Nesse momento observei como havia uma parte das pedras que estavam no muro e que não tinham a mesma densidade de líquens que as pedras do lado. Essas pedras foram as que Giestas foi removendo do muro, abrindo um espaço em forma de V. Deslocou-se para o lado, chamou as vacas, que começaram a entrar no lameiro. Depois de entrarem todas as vacas, Giestas recolocou as pedras, uma em cima da outra de forma que as vacas ficaram fechadas novamente.



Fotografia 16 - Boqueiro (Autor, 2013)

O espaço que Giestas criou no muro para que as vacas pudessem entrar é conhecido com o nome de *boqueiro*. Nem todas as propriedades têm porteiras pelas quais os animais podem acessar, alguns são abertos no momento da necessidade, como fez Giestas.

A existência de grandes boqueiros ou porteiras nos lameiros remete aos tempos em que as máquinas começaram a ser introduzidas no sistema agrícola local. Até a inserção do maquinário, a técnica usada por Giestas foi a mais comum, abriam um *boqueiro* para poder deixar entrar as vacas que, na sequência, era fechado para

que não saíssem da terra. Como as máquinas passaram a serem comuns, os boqueiros começaram a ser abertos de forma mais definitiva.

Além dos boqueiros, muitas vezes por cima dos muros de pedra, são colocadas fileiras de arame farpado para desestimular as vacas a saírem ou também para evitar que cocem com seus fortes pescoços nos muros de pedra. Esse é um gesto praticado cotidianamente pelas vacas e, para tal ação, procuram árvores ou pedras. Devido à fragilidade dos muros de pedra, se elas se coçarem nesses muros, muito provavelmente poderão deslocar alguma pedra, podendo chegar a abrir um boqueiro e fugir de lá.

Outra técnica usada para desestimular as vacas a se aproximarem dos lameiros é estender, por cima do muro, fios de cores (vermelho e azul) que imitam as cores dos fios dos pastores elétricos. Os pastores elétricos são uma ferramenta comum nas aldeias. Consiste em uma série de bastões que delimitam uma área, unidos por uns fios pelo quais circula energia elétrica. Se uma vaca encostar nesses fios, receberá uma pequena descarga elétrica. Com ajuda dessa ferramenta, os agricultores podem dividir um lote grande em vários menores, gerenciando a erva disponível e racionando-a para vários dias. Uma vez que as vacas observam os fios em cima do muro de pedra, evitam de se aproximar, com medo de levarem um choque elétrico. Os agricultores reaproveitam os fios dos fardos ou dos rolos para essa função.

O feno dos lameiros vira um fardo através de um procedimento técnico e tecnológico em que estão envolvidas várias transformações. A erva é colhida pela enfardadeira que a compacta, e seu volume é menor do que se fosse coletada e estocada *in natura*. Para que esses fardos não se desfaçam, a própria enfardadeira tem incorporada uma alfaia, que vai amarrando os fardos ou envolvendo os rolos, de forma a impedir que se desfaçam.

Os fios de cores são usados também na confecção das porteiras com o mesmo fim. As porteiras são confeccionadas de maneiras diversas. Existem porteiras metálicas, que são compradas sob medida, porteiras feitas com arame farpado esticado e outras que combinam diferentes materiais como troncos de árvores de pequeno diâmetro, com arame farpado e fios de cores. Do lado das porteiras, costuma-se colocar duas pedras de proporções maiores, que são enterradas pelo menos alguns metros no chão, cuja função principal é assegurar que a porteira e que o fim do muro fiquem firmes.

As transformações citadas até aqui foram sendo elencadas para dar uma ideia do que pode ser encontrado em um lameiro e a temporalidade a que remete. As transformações impregnam a paisagem com suas texturas, cores e formas. Objetos novos, novas configurações que remodelam elementos presentes no sistema agrícola e que também remetem à importância do sistema. A aprendizagem das vacas em relação aos pastores elétricos e as cores de que não devem se aproximar servem de balizadores não elétricos, mas visuais. Diferentes tempos, que dão acesso, abrem portas à incorporação de novos elementos que são conjugados e aproveitados.

Mazoyer e Roudart mostram os sistemas sociais produtivos, conjuntamente com as características de cada momento do ecossistema produtivo. Se a mudança no sistema produtivo aparece no tecido social, novas transformações devem surgir no ecossistema cultivado. A noção de sistema está o tempo todo se revendo e se moldando às novas configurações. Guardada as proporções, mostrei até aqui os lameiros como pastagens que vêm desde a Idade Média, mas também práticas particulares que vêm do conhecimento concreto, das terras e das vacas. Todas as transformações dos sistemas produtivos são ressignificadas nas aldeias, suas funções são adaptadas ao contexto local, e, em decorrência desse processo, surgem as teorias locais das transformações.

O pastor elétrico, por exemplo, é uma ferramenta de introdução recente, dos últimos quinze anos. Os agricultores usam essa ferramenta porque lhes é útil e relevante. Não são todos que usam pastores elétricos. Patorro é um dos que usa o pastor. Ele avalia que, com o pastor, consegue que as vacas aproveitem melhor a comida dos lameiros. Patorro explicou as potencialidades do pastor tendo em conta o comportamento das vacas e sua agência. Afirmava que o pastor é útil porque limita a área de atuação das vacas. Segundo ele, as vacas são seres muito gulosos. Se se encontram dentro de um lameiro grande, elas vão começar a comer de forma dispersa, *um bocado aqui e outro lá*. Conforme avançam pelo terreno, vão fazendo as suas necessidades de modo que certas partes não serão comidas porque elas já fizeram xixi ou cocô sobre o local. Cercando as vacas no lameiro, comem de forma mais intensa, aproveitando tudo que tem no lameiro e não estragando a erva. Esse é um argumento muito repetido pelos agricultores em relação ao comportamento e agência das vacas: elas não sabem aproveitar o que têm.

Dessa forma, o pastor faz uma gestão melhor da superfície dos lameiros. Na descrição realizada em momento anterior à gestão que Patorro se viu obrigado a

realizar com as vacas no verão de 2017, ele levava diariamente comida até elas. Apesar de não estarem estabuladas — e essa era a maior diferença —, para efeitos práticos, era como se estivessem, porque era preciso alimentá-las. Vinte dias depois de estarem naquele lameiro, ele as levou para o que estava mais perto da aldeia e de sua vacaria. Nesse sim, ele usava o pastor elétrico, para que as vacas não arruinassem a erva. Depois de quase quinze dias com o pastor, liberou toda a área do lameiro para elas, que permaneceram por mais dez dias naquele terreno.

A combinação desses novos elementos com o conhecimento acumulado e com as práticas ancestrais de gestão de água e plantas faz com que os agricultores consigam tanto calcular a produtividade potencial de um determinado lameiro quanto suprir as necessidades alimentares do gado. Tudo isso dentro de uma equação agrícola local que define e permeia a gestão realizada pelos agricultores.

4.7 A água nos lameiros

A produtividade dos lameiros depende diretamente da quantidade de água de que podem dispor (Pôças et al, 2009). Porém, a água nos lameiros não realiza as mesmas funções ao longo de todo o ano. O sistema de regadio usado nos lameiros é conhecido como *rega de lima*¹¹⁶. Nele, a água se desloca pelo efeito da gravidade. Os lameiros se encontram nas encostas e nas partes planas das aldeias. A água chega através dos *canais de rega* que vêm diretamente dos ribeiros que há nas aldeias ou dos reservatórios. Nos cursos dos regatos, há pequenas barragens, conhecidas como *portos*, cuja função é derivar parte do caudal de água do riacho para o sistema de canais de rega que a conduz até as terras.

A água nos lameiros cumpre duas funções diferentes ao longo do ano. Na primavera e no outono (março, abril, julho, agosto e setembro), a água garante o crescimento da erva que se encontra nos lameiros. Já nos meses de inverno, de outubro até fevereiro, a água escorrendo nos lameiros cria uma película que ajuda a manter um diferencial térmico entre a temperatura ambiente (baixa) e a temperatura da terra, de forma que o frio não *penetre* na terra, matando as plantas através das geadas e do frio¹¹⁷. Já ter os lameiros bem regados é uma preocupação que os

¹¹⁶ Ver Pôças et al. (2009).

¹¹⁷ Para maiores informações, ver Pôças (2010 : 45 – 50). Watteau (1999) tem uma trajetória de pesquisa importante acerca dos sistemas de regadio no município de Melgaço em que estudou a

agricultores têm ao longo de todo o ano.

A água nos lameiros é um foco importante de disputas entre os agricultores, pois todos querem/precisam de água nas suas terras. Os agricultores vão até o canal da rega e derivam a água para os seus lameiros. Quando falam que se preocupam com a terra, é preciso esmiuçar essa expressão e, como já foi citado, a importância da água no lameiro é também uma forma de preocupação com o estado das plantas. Terra, animais e plantas se encontram diretamente vinculadas na preocupação dos agricultores.

4.7.1 Água fora dos lameiros

Imaginemos uma sequência de terras x, y e z. À terra x, a água chega primeiro se o ponto de referência for o lugar de captação da água no ribeiro. Se X é o dono do lameiro x e corta a água para o seu lameiro, os de Y e Z, ficarão sem água. Meter água no lameiro implica em derivar a totalidade da água que vai pelo rego para o seu lameiro. No entanto, nada impede que Y nem Z possam ir até o lugar onde X cortou a água para o seu lameiro e desfazer esse corte. Dessa forma, a água correrá novamente pelo rego até o lugar onde Y mete a água para o seu lameiro. E assim sucessivamente, os cortes de água vão sendo feitos e as águas derivadas para todos os lameiros.

Do dia 7 de julho até o dia 30 de setembro, existe outra regulamentação acerca da água de regadio: a água de rega. Os princípios básicos para uso dessa água é que reguem as terras com fruto e, neste caso, os lameiros não dão fruto. A cada parcela lhe corresponde um número de horas de água em função de sua superfície — *alqueires* ¹¹⁸— que foi consuetudinariamente acordado. Todos esses cálculos serão mostrados no próximo capítulo. Importante reter que os lameiros não têm acesso à água de rega.

Esse sistema somente vigora em Tourém. Em Pitões, afirmam que foi abolido há anos pelo presidente da Junta de Freguesia que se daquele momento. Cada agricultor corta a água para as suas terras no momento que achar necessário.

transmissão dos direitos de uso da água da rega.

¹¹⁸ Um alqueire equivale a 600m² de área cultivável.

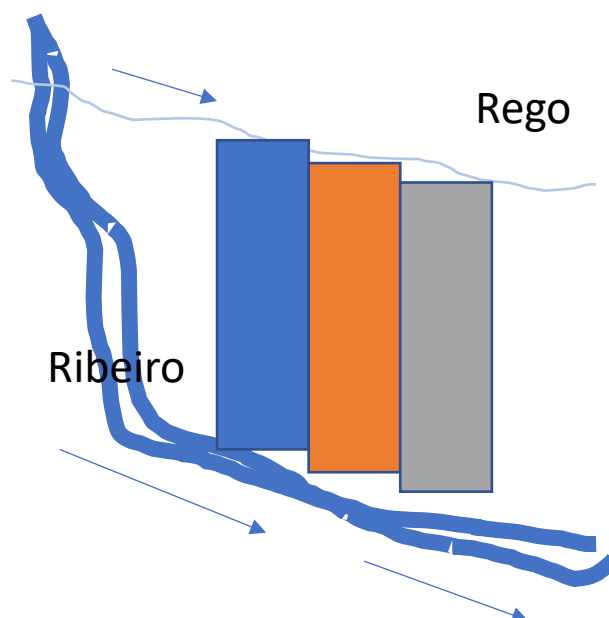


Gráfico 5 - Sistema de rega (Autor,2019)

Devido à importância que tem a presença da água no lameiro, os agricultores travam autênticas batalhas. Um corta a água para o seu lameiro e, se o proprietário do lameiro do lado sabe que o seu vizinho derivou a água, espera pacientemente o vizinho sair do lameiro, para desfazer o corte dele e introduzir a água no seu novamente. Existem também acordos informais entre alguns agricultores que são vizinhos de terras. Observei várias situações nesse sentido. Em fevereiro de 2012, um dia no café, Adriano e Sérgio conversam a respeito:

Adriano: Vais meter a água no teu lameiro hoje?

Sérgio: Vou sim, à noite.

Adriano: Amanhã de manhã, então, eu corto a água para o meu.

Sérgio: Está bem!

Nesse caso, os dois lameiros são os únicos que se abastecem de um pequeno rego da aldeia de Tourém. Como os dois agricultores precisam da água no lameiro, combinaram uma regulação do recurso. Outras conversas desse mesmo teor foram vivenciadas por mim em almoços na casa de Venâncio. Almoçavam na casa os seus filhos, Venâncio e Sérgio e seu neto, Eduardo, que estava com uma unidade produtiva incipiente, de seis vacas. As conversas acerca dos lameiros e das terras eram recorrentes e a água era também um aspecto destacado. Sérgio perguntou ao seu

irmão se tinha ido meter a água no lameiro situado atrás da casa de Venâncio. Esse lameiro se encontra do lado de um caminho em que, na parte superior, está um dos que Sérgio *traz*¹¹⁹. Sérgio sabia que, se Venâncio tivesse ido meter a água no dele e passado pelo caminho do moinho, ele certamente teria reparado se, no lameiro de Sérgio, a água continuava correndo, conforme ele a tinha deixado na noite anterior. Esse mapeamento das águas e das condições das terras é comum entre irmãos, amigos e parentes. Já com os agricultores que têm uma relação mais distante, ou, inclusive, entre os que têm má relação, sempre há atenção para cortar a água.

A lei consuetudinária por todos (re)conhecida não diz nada acerca da necessidade de ceder água. *A água vai para a terra de quem a corta*, afirmou Adriano de Tourém em várias conversas acerca desse sistema. Sérgio afirmou também que nas noites, depois de tomar café, sempre dava uma volta para vistoriar se os seus lameiros estavam com água. Os agricultores de menos de quarenta anos, como Sérgio, afirmam que quando eram crianças, os pais lhes encomendavam essas funções. Indicavam-lhes um lameiro ou alguns para verificar se tinham água, especialmente no inverno. Em relação à água afirmam que hoje não é um aspecto tão disputado como era há vinte anos. Há muito menos agricultores e menos dependência do feno, pois, em Tourém, por exemplo, há uma grande disponibilidade de terras para a produção de feno. Outro argumento esboçado a respeito da atual menor disputa de água, é que a diminuição seria motivada pelo frio. Eles afirmam que as geadas que havia anos atrás já não são comuns, o que faz com que as terras não fiquem tão geladas quanto antes. Se a geada não for muito forte, a necessidade de água tampouco é tanta. Outra estratégia usada pelos agricultores é sobre os horários. Quem garantir que a água fique a noite na terra, terá mais sossego ao longo do dia, momento em que as pessoas são mais ativas.

A água enquanto foco de conflito surge também com os que não são agricultores. Alguns agricultores afirmavam que os aposentados que moram nas aldeias e que não têm a agricultura como sua principal atividade econômica, não deveriam disputar pela água. Os agricultores afirmam que eles *vivem da terra* e sabem que a água é necessária para a manutenção do pasto e do rebanho. No entanto, não há fórmulas de punição previstas para esses moradores, que, para todos os efeitos, têm o mesmo direito ao uso que os agricultores. Existe uma divisão social entre os

¹¹⁹ *Trazer o lameiro* ou *levar o lameiro* são expressões comuns nas aldeias e se referem ao usufruto da terra sem que seja sua propriedade.

agricultores e os aposentados que não tem uma solução simples. A amizade entre os agricultores e as relações de parentesco funcionam como laços que ajudam a desmobilizar a ação dos aposentados. Se um agricultor vê um aposentado com uma enxada na mão indo na direção de uma série de lameiros onde porventura algum de seus amigos possua terreno, este indivíduo aciona a rede social de comunicação agrícola ao longo do dia, para lhe fazer saber que provavelmente lhe cortaram a água.



Fotografia 17 -Zé da Arminda cuidando do rego (Autor, 2013)

4.7.2 Água dentro dos lameiros

A água chega perto das terras pelo efeito da gravidade através dos canais de rega e os agricultores têm, dentro das terras, um mini-sistema de distribuição de água conhecido como *regos*. Há agricultores que construíram dentro dos lameiros alguns reservatórios de água conhecidos como *poços* ou *poças*. As poças têm que ser abastecidas através de uma nascente própria, não podem acumular a água de rega, esta precisa circular. Essa é outra das normas mais importante da água, ela precisa fluir, não pode ser barrada. Um bem de uso coletivo importante como a água, se pudesse ser barrado, estaria beneficiando de forma diferenciada a um agricultor,

perdendo o sentido de bem comum, como me foi afirmado várias vezes nas aldeias.

O canal principal por onde circula a água dentro dos lameiros é conhecido em Tourém por *tralhão* ou *tralha*. O tralhão corta o lameiro longitudinalmente, tem um desnível que faz com que a água escorra pelo rego até o final de sua extensão. Já para regar no sentido transversal, em linha de máxima pendente, os agricultores fazem pequenos cortes a cada quatro ou cinco metros, que fazem que parte da água que circula pelo *tralhão* vá atingindo a parte da terra que se encontra por baixo dele, permitindo que a água cubra a superfície total. A água que não penetra na terra, o excedente, continua sua função e movimentação graças à gravidade, podendo passar de um lameiro para outro. Sempre movimentada pela gravidade, a água flui entre terras.

Os agricultores afirmam que as águas acabavam conduzindo também muitos dos nutrientes que as terras não conseguiram absorver, ficando uma água escura, que afirmavam ser ótima para a fertilização¹²⁰. Nas palavras de Taborda, eram “as enxurradas” (1932:133) que circulavam pelas aldeias. No primeiro terço do século XX, as vacas que havia nas aldeias, moravam no andar inferior das casas dos agricultores. Diariamente, as vacas circulavam pelas ruas da aldeia, de modo que os mais velhos afirmam que as ruas antigamente eram autênticos caminhos de bosta de vaca. As enxurradas às que se refere Taborda não são mais do que os excrementos dos diferentes tipos de gado, deslocados pelas ruas com a força das chuvas. Em Pitões, Russo e Patorro me relataram como as águas que desciam pelo Ribeiro eram escuras e que eram de grande ajuda na fertilização das terras.

Ao mesmo tempo, essa mobilização de componentes da água faz com que alguns agricultores afirmem que seja, em grande parte, devido a esse transvase que a agricultura orgânica não pode ser uma realidade por ali. Afirmam que, se um

¹²⁰ A importância que tem o regadio e sua deslocação de elementos químicos é o argumento que Zé, um dos agricultores de Tourém me relatou que estava por trás da ausência de alguma unidade produtiva biológica certificada na aldeia. Ele se mostrava interessado nessa forma produtiva, no entanto, argumentava que como a água é usada por todos e não pode ser barrada esse compartilhamento do recurso impossibilitaria a seu modo de ver um tipo de agricultura que fosse diferente. Se todos assumissem que nenhum agrotóxico seria usado nas unidades produtivas a agricultura biológica era a seu modo de ver possível. Por trás desse raciocínio se encontra também uma desconfiança com os demais agricultores. Basta ele colocar a unidade produtiva como biológica para alguém colocar algum produto proibido na água. De aí que a lógica seja da unidade e do compartilhamento enquanto unidade moral (Scott, 1977).

agricultor decidir usar algum tipo de fertilizante ou herbicida proibido pela legislação que rege os cultivos orgânicos, a própria água passa fazer com que “infeste” as terras dos agricultores orgânicos.

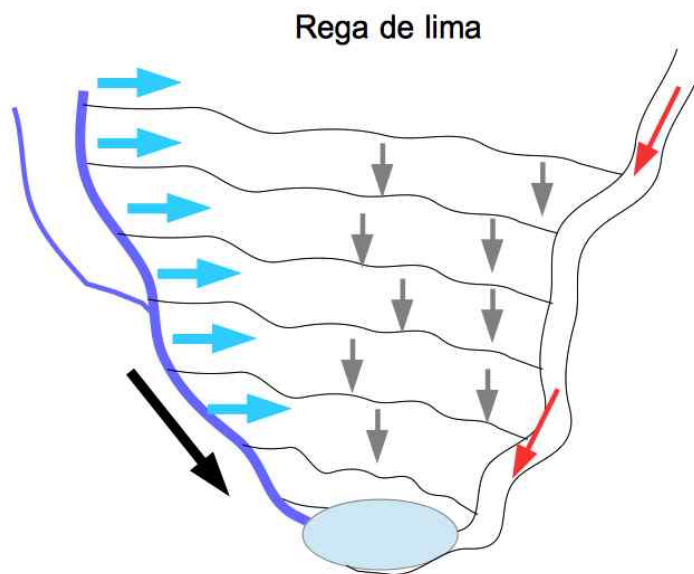


Gráfico 6 - Rega de Lima (Autor,2019)

A água dentro dos lameiros é um bem desejável, mas sua gestão implica em saber regular a quantidade de água. Nos meses de março e abril, quando as vacas comem os lameiros, a quantidade de água acumulada é controlada, isto é, os agricultores os irrigam até dois ou três dias antes da chegada das vacas. Se as terras forem boas para absorver água, é possível regar até no dia anterior. Já as terras de solos mais argilosos e com uma drenagem pior costumam parar de receber água de três a quatro dias antes. O motivo principal dessa limitação hídrica é por conta da manutenção da cobertura do lameiro. As vacas são muito pesadas e, se a terra estiver mole, as suas patas enterram. Isso gera um desconforto para os animais na hora de comer e uma irregularidade no terreno. Se as patas das vacas enterram, elas têm dificuldade para se locomover, não podendo aproveitar a erva que cresce.

Já as irregularidades no terreno, não são desejáveis devido aos problemas que podem causar no momento de ceifa. A máquina com a que ceifam as terras, chamada de *gadanheira*, corta o feno a escassos centímetros da superfície do terreno para obter o máximo de feno possível. Se a superfície não for homogênea ao passar a

gadanheira, haverá partes que sairão com terra, podendo estragar o feno, que, sem poder ser cortado, fica enterrado no lameiro. As lâminas de corte das ceifadoras lineares são extremamente delicadas e a presença de terra ou pedra pode ocasionar a quebra ou desafiamento das lâminas. Com as novas ceifadoras rotativas, esse não é mais um inconveniente, pois o sistema de corte é muito mais robusto do que os anteriores. No entanto, a existência de irregularidades no terreno implica na impossibilidade de ceifar toda a erva disponível. Ficariam, então, porções de feno enterradas nas marcas deixadas pelas vacas.

Essas irregularidades são vistas pelos agricultores como situações indesejáveis, pois na época em que o feno é produzido, um imprevisto, como lâminas de corte desamoladas, ou o não aproveitamento de toda a erva é prejudicial. Além do mais, há um elemento estético envolvido no corte do feno. Os agricultores valorizam sobremaneira a perfeição no fim de seus labores. Um lameiro bem cortado sempre é motivo de orgulho por parte do agricultor.

4.8 A estima dos lameiros

O maio é que faz o feno crescer, afirmava Russo, de Pitões, em uma conversa em janeiro de 2016. No mês de maio, o lameiro deveria ter *as veias cheias de água*, como disse Venâncio, em outubro de 2016, esperando que o sol começasse a ser frequente e intenso para acelerar o crescimento vegetativo das plantas que florescem na metade do mês de junho. *Aí se vê a força da terra*, afirma Venâncio, se as plantas têm alimento crescerão (*terra forte*) e a produção será boa. Caso contrário, se a *terra está fraca*, a produção será menor do que o esperado. Esses são alguns dos relatos que recolhi ao longo do trabalho de campo que remarcam a relação sensível que os agricultores têm com os seus lameiros. Este poderia ser pensando enquanto um relato dos conhecimentos tradicionais dos agricultores de Tourém e Pitões das Júnias em relação aos lameiros.

Para Pôças et al (2009), os lameiros enquanto pastagens históricas do Barroso têm atreladas uma série de atividades que eles chamam de práticas culturais e que se resumem às seguintes atuações e explicações. O pastoreio controla o desenvolvimento de diferentes espécies vegetais, mantendo a diversidade das plantas. A fenação anual é um fator extremamente importante na manutenção da biodiversidade dos pastos. Os demais aspectos importantes seriam a fertilização e o

controle dos infestantes. Se, para os engenheiros agrônomos essas práticas são culturais, todos esses aspectos são os que Venâncio elenca quando afirma ser preciso estimar as terras.

Os agricultores tentam manter o pasto sempre livre das plantas invasoras. Normalmente, elas se projetam dos muros para o interior dos lameiros, como é o caso das silvas. Nesse caso, é preciso que os muros estejam sempre os mais *limpos*, isto é, sem vegetação. Os muros também são objeto de cuidados e atenções, pois também ajudam no controle dos animais. Portanto, manter os muros limpos é sinal também de uma manutenção periódica dessas estruturas de delimitação. Portanto, a água, a fertilização, o controle de plantas invasoras e o corte feito pelos animais e para a obtenção do feno são cinco atuações que constituem a *estima*, conforme foi definido por Venâncio. *É preciso estimar as terras*, afirmava Venâncio, como forma de proferir a importância do cuidado e de estar sempre atento ao estado da terra. Esses seriam os cuidados mínimos que uma terra requer, ser *estimada*, valorizada, cuidada. Outro termo que eles costumam usar é *zelar*.

Venâncio, por exemplo, diz que a promessa da sua vida é visitar diariamente duas terras do lugar chamado de Cima de Vila. Hoje, estes são dois dos maiores lameiros que há na aldeia, construídos gradualmente por ele desde que chegou, na década de 1970. Negociou parcela por parcela, trocando e comprando as terras dos vizinhos. Nesse processo de aquisição e melhora, após a compra, o seguinte passo era derrubar os muros que as dividiam. Para ampliar a superfície do lameiro, muitas vezes é preciso retificar a geografia própria da terra adequando-a ao cultivo de feno. Tem mais de dois hectares reunidos em uma única parcela e, com mais de setenta anos, Venâncio sonha ainda em comprar as terras dos vizinhos e ver a sua *crescer*. Coloca esse processo de crescimento como paralelo entre ele e as suas terras. Hoje já repassou a exploração a Sérgio, seu filho mais jovem, mas, com a aposentadoria que tem, ainda tenta comprar mais terras. Afirma que, vendo como cuida das terras, há pessoas da aldeia que forçam os outros proprietários vizinhos para que vendam-nas a ele, *acham aquela terra grande, murada, limpa simplesmente linda!*, como declarou em uma conversa informal, em novembro de 2015.

Como mostra desse cuidado e preocupação cotidiana, relato a seguir alguns dos cuidados que Venâncio confere à terra e que foram capturados nesse registro fotográfico. Venâncio estava com sua lareira ainda apagada em novembro. Do lado da lareira, eles guardam, em baldes de metalão, a cinza que obtêm da madeira que

vão queimando para se aquecer. Naquele dia, Venâncio tinha observado que já havia cinco latas cheias e decidiu levá-las a Cima de Vila em seu trator. Saiu com o trator (Fotografia 18), carregando no reboque a cinza da lareira (Fotografia 19). Uma vez no lameiro, Venâncio descarregou a cinza ao lado da poça que ele construiu em 2014. Do lado de onde sai a água foi o lugar que ele escolheu para deixar a cinza (Fotografia 20).



Fotografia 18 - Venâncio saindo de casa com o trator (Autor,2016)



Fotografia 19 – Cinza carregada no reboque do trator (Autor,2016)



Fotografia 20 - Cinza depositada do lado da poça

Desse ato pontual, quero destacar algumas questões que considero relevantes para entender a importância dada aos lameiros. Pode ser observado, na segunda

fotografia, que a quantidade de cinzas que ele transporta é reduzida. A extensão de Cima de Vila que rega com a poça é menor do que a superfície completa do lameiro. Venâncio construiu aquela poça no ano de 2014 e continua pensando em construir outra na *croa*¹²¹ do lameiro, com o que puder regar o resto da área cultivada. A todos os olhos, essa quantidade de cinza é insuficiente para ajudar na fertilização da terra. No entanto, ele depositou a cinza justamente no lugar aonde vaza a água, de forma que é a água quem vai espalhar pelo lameiro. É pouca quantidade de cinza para que seja notada no conjunto do lameiro, no entanto, o que Venâncio pondera é que cada atuação pontual, de pequena escala que seja, ajuda a terra. A estima é uma atividade cotidiana que envolve a preocupação e a atenção com as terras. Dessa forma, ele entende que seu labor já ajudou alguma porção que recebeu aquela cinza e, com isso, liga de novo o trator e retorna para a sua casa com a sensação do dever cumprido, da estima ser realizada, seu contrato com Cima de Vila atualizado.

Pôças (2010), em sua tese, considera as atividades que Venâncio define como *estima*, como prática cultural: “As únicas práticas culturais regularmente aplicadas a estas pastagens são o pastoreio, a rega, o corte e fenação, a construção de cercas e a limpeza de vegetação infestante” (Pôças, 2010:41). Considero que a estima como categoria local nuança mais aspectos do que a de práticas culturais. A estima congrega as ações na terra com uma relação sentimental e afetiva.

4.9 Conhecimento dos lameiros

Cada terra possui características diferentes e, como já foi relatado até o momento, é fundamental que cada agricultor consiga combinar as características de suas terras na sua unidade produtiva. Por isso, não é difícil observar os agricultores trabalhando nos lameiros nos meses de outono e primavera. Depende do tipo de atuação que vai ser feita: se a modificação for uma reestruturação da superfície do lameiro em que a cobertura vegetal vai ser removida, essa atuação será realizada logo depois do verão para poder ressemeiar o lameiro no máximo em novembro. Se realizado nesses meses, o lameiro produzirá feno, pois as plantas terão o seu ciclo biológico respeitado. Nessa gestão, costuma-se considerar também o tamanho da

¹²¹ A croa ou coroa é a parte mais alta do lameiro.

reestruturação e a importância que tem para o conjunto. Já observei serem realizadas atuações pontuais em outros meses.

Os lameiros de Pitões, que ficam no fundo das baguadas, onde os cursos de água não estão consolidados, são terras alagadiças e dominadas por juncos. Nesses lameiros, os agricultores costumam realizar drenos, isto é, abrir com ajuda de uma escavadeira um canal de um metro de fundo por uns 50 cm de largura. Nesse canal, podem ser instalados canos de concreto ou, simplesmente, preenchidos com pedra. O intuito é que a água empoçada flua pelo canal, evitando a sua concentração. Dependendo do terreno e da quantidade de água, se esta nascer no verão, muitos dos agricultores optam pela construção de uma poça que lhe permita regar no verão.

A ceifada do feno acontece entre os meses de junho e julho. Esta é uma atividade em que os agricultores precisam ponderar o melhor momento de floração das gramíneas e leguminosas que habitam os lameiros. Além da floração, os dias precisam ser quentes, para que uma vez ceifado, seque quase completamente, antes de ser enfardado, assim o solo manterá o máximo de nutrientes. Cascais (agricultor de Pitões das Júnias) afirma que, no seu caso, todos os anos, começa a ceifar o feno pelos mesmos lameiros, como um roteiro dado. Conhece as suas terras e sabe em quais o feno está ótimo para seu processamento. Esse conhecimento sensível das terras faz com que haja uma sequência dada, ele ceifa *uns atrás dos outros*, em clara alusão ao roteiro anual, historicamente consolidado.

Para essa sequência, os agricultores precisam conhecer as condições dos lameiros que influenciam esse roteiro. A qualidade do lameiro e o momento de colheita do feno dependem da exposição solar, da disponibilidade de água, da intensidade e da importância das geadas e da neve. Quanto mais sol receba a terra, melhor para o feno, e menor o grau de incidência das geadas, que são evitadas através da irrigação nos meses de inverno, quando a água cria uma película contínua, em uma espécie de cobertor que evita que a terra congele, matando as raízes das plantas. A água nos invernos é importante, mas *o que faz o feno é o Maio*.

Todas essas variáveis entrelaçadas fazem com que os agricultores tenham um mapa detalhado das condições de produção de cada terra e do estado em que se encontra (fraca ou forte). Uma alteração em relação à produtividade dos anos anteriores e os fatores que eles observam no desenvolvimento da planta, ajudam a prever estados relativos da terra. Todos esses dados são cruzados com os fatores climatológicos daquele ano, para avaliar se, de fato, se está diante de uma

eventualidade originada pela climatologia ou uma disfunção produtiva da terra. Todas essas avaliações são feitas em conjunto. Os agricultores debatem os fenômenos observados que têm a ver com as plantas e as terras. Na casa, também se debatem as eventualidades e todas essas informações cruzadas com a análise dos fatores climatológicos anuais, chegando-se a um diagnóstico. A partir desse diagnóstico, os agricultores atuam, adubam o lameiro, prestam mais atenção à água no inverno, arrumam os regos. Esse diagnóstico fará com que essa terra passe a ser mais monitorada do que foi no ano anterior.

O caso de Venâncio é interessante, justamente, por deixar clara a importância dos pequenos atos cotidianos. O dia em que ele foi deixar a borralha no lameiro não estava realizando uma ação imprescindível. Ao abrir a poça d'água que existe ali, observou atento o percurso da borralha, como ia se repartindo pela superfície do lameiro, desaparecendo na sua área. Ele afirma que aquela terra em particular, Cima de Vila, é um dos maiores orgulhos de sua vida, pelo fato de haver conseguido comprar em pequenos lotes o que hoje são mais de dois hectares de terra e ter trabalhado com os seus filhos de forma extremamente dura naquele lugar. Afirma ser a sua promessa de vida, repito, visitar aquela terra todos os dias que a saúde lhe permitir. Em muitas visitas, eu o acompanhei e, cotidianamente, Venâncio encontrava diferentes motivações para visitá-la.

Nos meses de outubro e novembro, é importante controlar os muros para evitar que os javalis entrem e estreguem o lameiro. O fato de ter uma poça ajuda na gestão das vacas. Cima de Vila, em 2016, passou a desempenhar a mesma função que o lameiro do rio do couto do Patorro. As vacas desceram da serra e o fato de dispor de água, estar murada e ser grande foi que possibilitou a Sérgio que tivesse mais de 40 vacas encerradas lá por mais de um mês. Diariamente, ele levava um rolo de feno e um pouco de milho, da mesma forma como Patorro fez. A possibilidade combinatória que um lameiro com uma poça dá para o sistema produtivo é grande, devido a isso é que Venâncio decidiu construir aquela poça, aquele lameiro, que não tem acesso à água de regadio, com uma poça se tornaria muito mais importante no sistema produtivo da unidade.

No começo do capítulo, versei sobre o surgimento dos lameiros, atribuídos temporariamente à Alta Idade Média. Os estudiosos do começo do século XX foram revisitados à luz dos aportes dos engenheiros agrônomos que estão trabalhando com os lameiros enquanto sistemas ancestrais do século XXI (Pôças et al, 2009).

Após um percurso acerca da localização dos lameiros e dos seus condicionantes enquanto pastagens semi-naturais, abordei-os como propriedades particulares. São propriedades que dependem de grande quantidade de água para sua produção e a água é, por sua vez, um bem de uso comunitário. Assim, os lameiros permitem uma forma de uso em que o particular e o comum se misturam.

Por outro lado, eles são palco também de mudanças. Através de diferentes marcas, fui colocando em diálogo as transformações mais recentes, as novas incorporações, como o pastor elétrico e a forma com que esses elementos são combinados pelos agricultores. Os caminhos e os muros são marcas de transformações que vêm acontecendo na paisagem das aldeias e que definem e testemunham a conformação de uma paisagem em construção permanente.

Para finalizar o capítulo, elenquei a estima. A relação que os agricultores têm com as suas terras não pode ser entendida como puramente produtiva, já que são e foram sendo cultivadas por anos, por gerações. A estima dos lameiros e o zelo são expressões que colocam as terras no centro de uma trama de sensibilidades e relações que extrapolam a sua função utilitária portanto.

No seguinte capítulo, as terras serão analisadas. Passamos do feno para o centeio, as batatas e o milho. Dos lameiros para os baldios. Outras terras, outros tempos e outros cultivos que formam parte do sistema agrícola local e que têm suas próprias histórias, formulações e reconfigurações.

Capítulo 5: As terras

Das terras, os agricultores de Tourém e Pitões das Júnias tiram os frutos: batata, milho e, principalmente, centeio.

Segundo Mazoyer e Roudart (2009), as terras, assim como os aterrazamentos, podem ser pensados como parte dum processo de especialização. Conforme apontado por Taborda (1932), os primeiros moradores do Alto Barroso teriam na

cultura cerealífera e no gado as suas atividades principais. Lameiros e terras, portanto, são dois elementos estruturantes do sistema agrícola local.

Através dos atuais cultivos, podem ser acessados diferentes momentos das aldeias e do sistema agrícola. Historicizei os cultivos levando em consideração os seus tempos, como chegaram a ser cultivados, o contexto que favoreceu a sua implementação e as formulações dos agricultores acerca deles.

Fundamentado nos escritos de Vergílio Taborda (1932) e Orlando Ribeiro (1991), a batata aparece como um cultivo importante em grande parte do século XX. Antes dela, encontrava-se o centeio que, em função da multiplicidade de usos, é um cultivo que tem uma profundidade temporal maior. Outro cultivo que merece atenção é o milho, o mais recente nessa escala temporal.

A reflexão que se procura trazer com este capítulo é a reformulação constante do sistema agrícola. Através das terras e dos cultivos, podem ser observadas (re)configurações constantes do sistema agrícola local.

5.2 Terras ou propriedades

Em Tourém e Pitões das Júnias, as *terras* são, espacialmente falando, o conjunto de lotes que circundam as hortas e se estendem até os lameiros ou os baldios¹²², as terras mais periféricas.

A localização das terras e os processos de divisões através das *partilhas* são aspectos relevantes no que diz respeito ao tamanho das terras. Os tamanhos das terras nessas aldeias vão, desde pequenos lotes de 100 m² (10x10) até terras de mais de um hectare (10.000 m²).

Em função dos dados recolhidos no trabalho de campo, a superfície média de terras para as unidades produtivas estaria entre 3 e 7 hectares. Dentro da categoria de terra, existem, também, subdivisões em função de sua extensão. As de maior tamanho são conhecidas com o nome de terra ou propriedade e as de tamanho menor com o nome de nabal.

As terras de maior tamanho se destinam ao cultivo de milho, batata ou centeio. Já os *nabais* são semeados normalmente com couves, nabos e podem servir também

¹²² Martins (2005) e Bordalo Lema (1978) também descreveram os lotes das aldeias como círculos concêntricos.

para batatas de consumo doméstico. Essa é outra diferenciação realizada nas aldeias, os produtos para consumo doméstico normalmente são semeados nos nabais.

Os nabais correspondem aos lotes mais próximos das aldeias e podem comportar também as hortas em que são semeados, por exemplo, tomates, cebolas, alhos, alface, beterraba e abóboras. Patorro e Beatriz, por exemplo, têm um nabal anexo a um velho palheiro de pouco mais de 300 m², na parte alta da aldeia, onde semeia algumas batatas para consumo doméstico. Beatriz relata também a importância da localização desse nabal para a casa. Esse nabal fica do lado da rua do Outeiro, que é a que todo dia ela percorre várias vezes, no deslocamento que faz entre o domicílio e a vacaria. Dessa forma, ela consegue monitorar o cultivo de batata todos os dias. Destaca ainda que, caso o dia seja corrido e não tiver planejado o almoço, pode ir até lá escavar batatas e colocá-las para cozinhar.

O nome nabal está associado a um dos cultivos que albergavam essas pequenas terras próximas das aldeias, o nabo¹²³. Essa planta ocupou um lugar importante dentro do sistema agrícola local se estendendo por todo o Noroeste peninsular. Mazoyer e Roudart (2010:353-360) associam o nabo a uma das primeiras revoluções agrícolas dos climas temperados, pois esse cultivo foi um dos primeiros que entrou em uma rotação que tinha como fim evitar o alqueive.

Vergílio Taborda documenta a presença dessas terras no Alto Barroso como lugar onde se obteria complemento alimentar para o gado. “O gado tem assegurado o sustento essencialmente com a produção dos lameiros. Porém, às vezes, a rotação completa-se com a cultura do nabal” (1932:117).

Na atualidade é usado majoritariamente como alimento de suínos, mais raramente dos bovinos. Já na alimentação dos humanos, aparece em algumas receitas de fumeiro¹²⁴, como é o caso das alheiras e do salpicão. O nabo, na atualidade, é um cultivo que pode ser considerado em regressão com uma perda de espaço diante de outros cultivos que analisarei mais detidamente a seguir.

Todos os cultivos semeados nas terras são chamados no local de *frutos*. Os *frutos*, como já citado e que serão analisados mais adiante, são cultivos que têm direito à irrigação nos meses de verão.

¹²³ O nabo foi um cultivo que começou a ser combinado nas terras com o centeio e as batatas. Servia tanto para os humanos quanto para o gado (Taborda, 1932:117).

¹²⁴ O fumeiro é o nome dado aos subprodutos obtidos da carne de porco. Esse nome remete diretamente a um processo de maturação realizado com a fumaça da madeira de carvalho. Araújo (2012a) realizou uma publicação monográfica acerca dos defumados do Barroso.

5.3 As terras e as mudanças: afolhamentos e caminhos

No sistema agrícola atual, o nabo deixou espaço a outros cultivos, ao mesmo tempo em que existem práticas que permanecem ligadas às terras e seus cultivos. Um exemplo é *afolhar*¹²⁵, uma prática que consiste em que todos os lotes da mesma *praza*¹²⁶, quando o acesso for único, tenham o mesmo cultivo. O termo *praza* é mais usado na aldeia de Tourém do que na de Pitões. Em Pitões, eles usam *veiga* em lugar de *praza*. Já em Tourém, a *veiga* seria a parte da aldeia que se encontra na outra margem do rio Salas, tendo como referência o núcleo habitacional.

Voltando ao afolhamento, Mazoyer e Roudart numa nota de rodapé, explicam o termo e seu uso na França da seguinte forma:

Do francês, “*assolement*”. Divisão das terras de um estabelecimento agrícola em tantas partes, chamadas de “folhas”, quantos são os cultivos principais. Na prática, confunde-se seguidamente “*afolhamento*” com rotação de cultivos, que é a ordem de sucessão dos cultivos em uma “folha” (2010:137).

Isto é, o afolhamento seria a forma em que a rotação de cultivos é realizada dentro de uma unidade produtiva, diferente do sentido atribuído nas aldeias de Tourém e Pitões. No entanto, o uso das folhas, conforme relatado por Mazoyer e Roudart, tem espaço na fala dos moradores locais. Os de Tourém, quando havia a *vezeira da rês*¹²⁷, afirmavam que a definição de lugar de pastoreio com a rês se fazia por folhas. O baldio da serra era dividido em duas folhas: em um ano pastoreavam com a rês uma das folhas e, no ano seguinte, a outra. O que dividia uma folha de outra era o riacho que passa pela aldeia.

O uso de *afolhar* é um acordo (in)formal acerca do cultivo a ser semeado entre os agricultores que têm propriedades em uma mesma *praza*. Outra distinção é que a descrição dos autores está em uma escala diferente de significação. Nas aldeias de Tourém e Pitões, é uma prática negociada entre proprietários e, no caso francês, é referente à unidade produtiva.

¹²⁵ O sistema do afolhamento nas aldeias já foi descrito por Bordalo Lema (1978) e Viegas Guerreiro (1982).

¹²⁶ Como *praza*, se conhece em Tourém o conjunto de terras que se encontram situadas em um mesmo lugar e que têm um nome comum.

¹²⁷ A *vezeira da rês* era um rebanho comunitário de cabras e ovelhas. A cada dez cabeças de gado que a casa colocasse para ser pastoreado com a rês, correspondia-lhe um dia de pastor. Em Tourém, Martins (2001) vivenciou o último dia de rês no ano de 2001.

Em Tourém e Pitões, a maioria dos agricultores cultivam as mesmas espécies: batata, milho e, principalmente, centeio. Percebi, no entanto, ao longo de uma etapa do trabalho de campo que havia numa mesma praça de Tourém cultivos diferentes. Essa constatação me causou certa curiosidade como sabedor da prática estendida de afolhar.

Naquela ocasião, questionei Jaime, um agricultor da aldeia de Tourém, acerca do afolhamento e ele me explicou como funcionava em 2013. Ele chegou a afirmar que afolhar era um sistema *lógico*. Por que?, perguntei¹²⁸. O referencial mobilizado por ele acerca dessa prática costumeira era *os tempos de antes*. Para começar a me explicar a necessidade de se afolhar as terras, Jaime falando dos ciclos das diferentes culturas.

A batata é semeada entre abril e maio e arrancada no mês de setembro, afirmou. De repente, pulou para o centeio, afirmando: *caso o proprietário de uma terra vizinha decidisse semear centeio, os trabalhos são feitos em tempos diferentes*.

Por trás do afolhamento, há um conhecimento acerca dos ciclos das plantas e dos trabalhos que devem ser feitos com cada espécie. Esses trabalhos marcam os tempos do cultivo. O momento em que os cultivos demandam cuidados, como a eliminação das plantas invasoras no caso do milho, e o tempo de realizar a coleta do fruto, são diferentes. O centeio, por exemplo, é malhado no mês de agosto, antes do tempo de *arrancar* da batata. Jaime continuou explicando as práticas que cada um dos cultivos demanda, tentando me fazer entender o impacto que teria na produção o não afolhar. Conforme sua explicação ia se prolongando, Jaime incorporava à narrativa as máquinas atuais. Abandonou aquele tempo de antes, das origens da prática do afolhar e adentrou as novas justificativas da prática.

Explicou-me a importância de afolhar, usando como referência a atualidade para a malha do centeio, quando chegam às aldeias grandes máquinas que processam as plantas na mesma terra. Esse caso concreto foi-me explicado tendo como base uma terra hipotética, em que um lote A está semeado com batata e o lote B, ao lado, com centeio. Ao terem um único acesso, a máquina de malhar teria que

¹²⁸ O referencial temporal mobilizado por ele para me explicar o afolhamento eram os tempos de antes, que desloca a narrativa de um tempo presente para um passado nebuloso em que há uma polarização entre o hoje e o antes, articulada por narrativas que envolvem, por exemplo, tratores, novas alfaías, novos cultivos. Levando o argumento ao extremo, diferencia o tempo do trabalho manual e o tempo do trabalho mecanizado. Pode ser lido esse apelo em uma chave analítica próxima da proposta por Sahlins (1997), como um pessimismo sentimental.

passar por cima das batatas ainda em formação do lote A para poder malhar o lote B, que tem centeio. No sistema agrícola atual, as máquinas detêm uma importância fulcral dentro da organização das atividades da unidade produtiva. Com o que, os tratores e as alfaías, são um elemento a mais, a ser combinado dentro do sistema de afolhamento.

A escolha de não afolhar nesse caso hipotético, constituiria um problema para algum dos dois agricultores, resumido por Jaime com a seguinte expressão: *se não afolhar tinha que passar por cima dos outros*. Por trás dessa narrativa, há uma organização territorial diferente da mobilizada em um primeiro momento, dos tempos de antes. Como já foi visto no caso dos lameiros, onde foram identificados signos das transformações, viam-se os *boqueiros* e *portões*. No caso das terras, o processo é análogo.

Lourenço Fontes registrou os diferentes caminhos que havia nas aldeias e suas especificidades: o *carreiro* é feito pela passagem da pessoas e do gado, ou seja, não é planejado; o *caminho*, é mais largo do que um carreiro, mas não passa por ele um carro de boi; *caminho de carro*: específico para a passagem dos carros de bois (1974:77). A todos esses elementos, ainda presentes nas aldeias, somam-se os *estradoes*, que são os caminhos largos que estão no baldio ou na serra.

Os caminhos podem ser pensados também como símbolos das transformações da paisagem das aldeias. Desde a década de 1990, os agricultores começaram a construir os edifícios agropecuários e os caminhos que davam acesso aos terrenos, onde construíram as suas vacarias, tiveram que ser refeitos. As opções eram abrir novas vias de acesso ao trânsito de caminhões ou construir as vacarias do lado das estradas que já havia. Todas as vacarias têm que ter disponibilidade de acesso para caminhões de pequeno porte, pois os vitelos, quando são vendidos, são carregados nesses veículos que têm que chegar até a vacaria.

Nas duas aldeias, há pequenos currais circulares em que são realizadas as vacinações e controle sanitários dos bovinos de forma periódica e que podem ser usados também como lugar de carga dos animais. Em decorrência da presença de tratores, das diferentes *alfaías* e das máquinas de malhar de grande porte, os caminhos foram sendo modificados. Se, como já disse no capítulo anterior, Cascais de Pitões continua ceifando os lameiros na mesma sequência que seus pais, um dos argumentos que sustenta esse percurso é a distância aos palheiros. Neste caso, esse não é mais um elemento importante dentro das terras das aldeias. Com os tratores,

os deslocamentos e as distâncias não são mais medidas da mesma forma. Ao mesmo tempo, lotes de terras que não têm condições de ser trabalhadas pelas máquinas ficam a monte, são abandonadas. Não importa se elas são fortes ou fracas, se os tratores não têm como trabalhar, são abandonadas.

Nesse sentido, nas aldeias, houve toda uma série de atuações para ajudar os agricultores, construindo e melhorando novos acessos às terras. Em 2013, acompanhei a campanha eleitoral para as juntas de freguesia e câmara municipal e todas as candidaturas da aldeia de Tourém (em Pitões, houve apenas uma). Todas tinham, nos seus programas, referências a obras de melhorias de acesso, iluminação e captação de água para os edifícios agropecuários. Em Tourém, por exemplo, nessa campanha eleitoral de 2013, foi construída uma *variante*¹²⁹. Até a construção dessa variante, os ônibus e caminhões não tinham como atravessar a aldeia de Tourém, pois as ruas são muito estreitas e, nelas, existem ângulos que impedem a passagem.

Com a abertura, melhoria e ampliação dos caminhos, alguns proprietários de terras decidiram abrir em suas terras um boqueiro. Dessa forma, o que antes eram prazas com um único acesso, na atualidade, configuram lotes particulares, em que a dependência do vizinho é menor do que nos *tempos de antes*. Em Tourém, atualmente e, de acordo com a localização, é possível ter cultivos diferentes em lotes vizinhos, sem a necessidade de afolhar.

A adequação dos caminhos foi uma obra que trouxe um processo de negociação entre os moradores das aldeias. Nesse momento, como havia partes que atravessavam propriedades, os donos precisaram ceder uma parte de sua parcela. Essas negociações são difíceis e demoradas, pois sempre há pessoas reticentes em perder metros úteis de suas terras.

Acompanhei várias discussões sobre o tema de ampliações de caminhos, sem que os agricultores chegassem a um consenso acerca de quem teria que ceder terras. Ainda que existam algumas normas consuetudinárias, como, por exemplo, caso uma lateral do caminho faça fronteira com o baldio e o outro lado com propriedades particulares, o entendimento que se tem é que a ampliação será realizada às custas de perda de área do baldio. A questão fica mais complicada quando, de ambos os lados do caminho, existem áreas particulares. Na aldeia de Tourém, na variante, existe um determinado lugar em que a largura do estradão é a mínima necessária

¹²⁹ Estrada que circunda a aldeia por fora do núcleo habitacional.

para passar um carro. Isso é signo de uma negociação não frutífera. Um dos agricultores cedeu parte de sua terra para que a estrada pudesse ser alargada, no entanto, o outro não.

Todas essas transformações dos caminhos acontecem de forma processual e cada modificação vai sendo marcada de forma diferente, por exemplo, com os nomes. Como foi visto alguns parágrafos acima, primeiramente modificaram os caminhos para que os carros de boi pudessem passar. Já na década de 1970¹³⁰, houve outras modificações por conta da aquisição de tratores e reboques e foram chamados com o nome de *caminho de carro* e, mais recentemente, começaram o uso das enfardadeiras e malhadeiras. Todas essas mudanças foram sendo introduzidas deixando marcas espalhadas pela paisagem das aldeias. Caminhos mais largos, porteiros e acessos individuais às terras que se configuram como signos de transformações mais profundas do sistema agrícola local praticado nas aldeias e, ainda, fazem referência às estratégias produtivas dos agricultores e suas demandas atuais.

Não são todas as terras que têm acesso por bons caminhos, mas a tendência é trabalhar os lotes com acesso para as máquinas. Os lotes localizados mais perto da aldeia, sem acesso para trator e que requerem trabalho manual, ficaram em desuso. Antes da chegada das máquinas, eram os lotes mais valorizados, já que os agricultores não precisavam carregar a produção por longas distâncias até a casa. Nas condições produtivas atuais, esses lotes possuem peso relativo menor na unidade produtiva. Esses desusos de terras são muito mais claros em Tourém do que em Pitões, haja vista que na primeira aldeia, a disponibilidade de terras é bem maior do que em Pitões, sendo mais perceptível o abandono de terras próximas do núcleo habitacional. A cada ida a campo, há novas vias, novos caminhos que ajudam e facilitam os labores dos agricultores.

Por outro lado, a existência desses caminhos largos não apaga a memória e a presença dos *carreiros* ou dos caminhos de bois. Uns ficam do lado dos outros, mais ou menos usados, porém, presentes na paisagem que é criada a todo momento.

5.4 A água de rega

¹³⁰ Essa década marca, nas duas aldeias, o momento em que começam a ser adquiridos tratores.

Na configuração das terras das aldeias, está imbricada a água de rega, fundamental para os cultivos. No verão, a água é um bem controlado. Diferentemente do que acontece no resto do ano com os lameiros, em que cada agricultor corta ou torna a água para o seu lameiro sem que exista uma regulamentação específica. De julho até setembro, opera a água de rega.

A água de rega é um aproveitamento comum da água em que as terras são beneficiadas em favor dos lameiros, que não entram na distribuição. Os frutos, principalmente as batatas e o milho precisam ser irrigados no verão.

5.4.1 A água de rega em Tourém

Na aldeia de Tourém, a água de rega¹³¹ opera desde o dia 28 de junho até o começo do mês de setembro, mais especificamente, dia 7. A água passa a ser racionalizada e sua distribuição está dividida por setores: Verdial, São Martinho, Crastelo e Ribeiro. Cada uma dessas *águas* está tabelada e, a cada terra, corresponde um número de horas de água concretas. Cada agricultor sabe os dias do mês de julho e de agosto que lhe corresponde a água e por quantas horas. Uma tabela com as horas e os dias é pendurada em diferentes murais espalhados pela aldeia. Esses murais são os centros de informação da aldeia, onde são postadas todas as notícias relevantes, desde os funerais dos vizinhos e dos moradores das aldeias vizinhas, às reuniões da junta de freguesia, do conselho diretivo dos baldios ou as atividades das diferentes festividades. São espaços muito frequentados pela população, com o fim de obter notícias. .

O sistema que vigora na aldeia de Tourém até o momento foi implementado no ano de 1988. A junta de freguesia recebeu uma ajuda do Estado para realizar uma melhora no sistema de regadio da aldeia. Os *regos*¹³², antes feitos de terra, foram reformados usando concreto. Para as divisões de água, nos tempos de antes, usavam os *terrões*¹³³ e, após a obra, passaram a ser empregadas travas metálicas com

¹³¹ Araújo (2012) fez uma pesquisa de pós-doc vinculada à Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) com a Câmara Municipal de Montalegre, acerca das culturas do trabalho (Pereiro, 2012). Composto de trabalhos monográficos, um deles foi acerca do regadio do Ribeiro disponível aqui: <http://static.cm-montalegre.pt/culturas_trabalho/artigos.html>. Acesso em: 25 de janeiro de 2019.

¹³² Ductos pelos quais circula a água.

¹³³ Moita de erva arrancada com raízes que se colocava nos regos com o fim de direcionar a água ou impedir que ela fosse por um caminho indesejado.

encaixe nos cruzamentos que permitem cortar a água de forma mais ágil. O investimento também possibilitou a construção de uma nova poça, com maior capacidade e com sistemas de controle de vazamento de água por meio de registros de rosca. Não foram realizadas essas obras em todo o conjunto do sistema de regadio, foram privilegiadas algumas partes, principalmente o microssistema do Ribeiro.

O subsídio concedido para a reforma foi para os materiais de construção, a mão de obra foi a contrapartida dos moradores. A junta de freguesia reuniu os moradores e, depois de vários encontros, foram decididos os regos que se reformariam e a forma de divisão dos trabalhos de realização das obras. Para essa segunda parte, decidiu-se que cada agricultor declarasse o número de *alqueires*¹³⁴ de regadio que seriam beneficiados pelo novo empreendimento. Uma vez declarados e registrados os alqueires de regadio, foram distribuídas as horas de trabalho para a comunidade de forma proporcional à quantidade de alqueires.

Segundo me relataram, houve agricultores que declararam menos alqueires de regadio, com o fim de trabalhar menos horas. Isso repercutiu no sistema de regadio de forma diferente: o número de dias em que o sistema opera diminuiu¹³⁵ em 3 dias e o número de horas por terra foram redistribuídas em função dos alqueires declarados. Na hora de refazer a tabela, foram consideradas que 2 horas de água eram suficientes para regar um *alqueire*¹³⁶ de terra que corresponde a 600 m² de superfície útil. Portanto, houve, nesse movimento, pessoas que declararam menos superfície e que até a atualidade possuem o número de horas de água insuficiente para regar a extensão real da terra.

¹³⁴ Medida local que equivale a 600 m² de superfície e a 13 kg de centeio.

¹³⁵ Em Bordalo Lema, consta que a rega opera do “São Pedro até o 08 de setembro, toda a água disponível, incluindo a que durante a restante parte do ano é tornada ou adiada, passa a ser distribuída as horas pelos vizinhos” (1978:63).

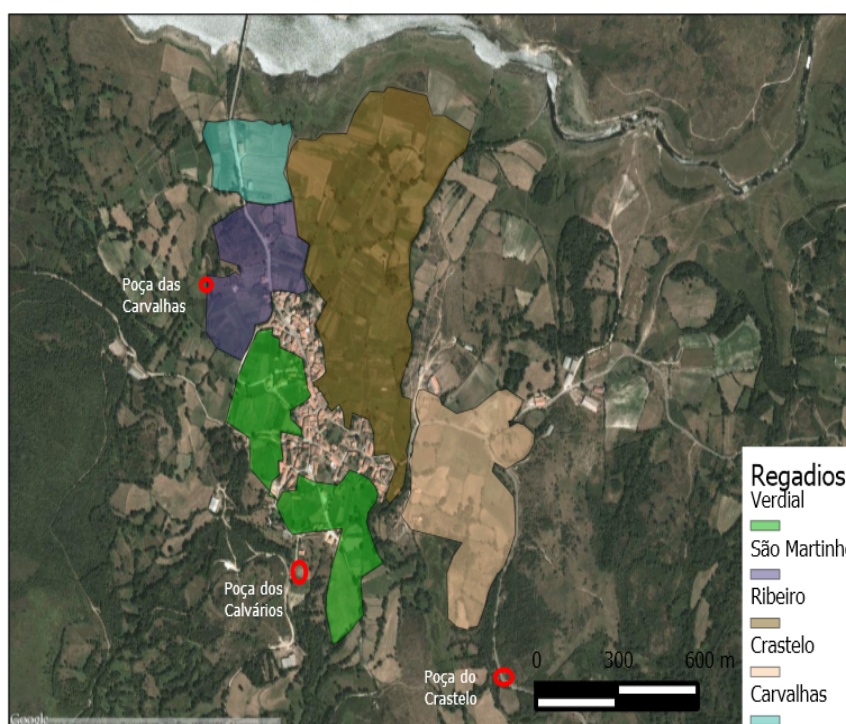
Acima apresento a tabela da época da reforma, que ainda está em vigor, com os nomes dos proprietários das terras, informando os dias e número de horas de água que lhes correspondem. Nesse ínterim, houve mudanças de proprietários, seja por

Tabela 3 - Distribuição de águas do Ribeiro de Tourém

(Autor, 2013)

Junta de Freguesia de Tourém					
Roteiro da Água do Ribeiro				Outeiro 1	
Nomes	Horas	Julho	Agosto	Setembro	Alq.
João Garrilha.....	12	1-13-25	6-18-30	.	6
José Raimundo Buracas	6	1-13-25	6-18-30	.	3
Domingos Lopes	4	1-13-25	6-18-30	.	2
José Pires Buracas.....	<u>2</u>	1-13-25	6-18-30	.	1
	24				
António de V. Gonçalves	20	2-14-26	7-19-31	.	10
José Damião	2	2-14-26	7-19-31	.	1
Maria Pires Buracas.....	<u>2</u>	2-14-26	7-19-31	.	1
	24				
José Estrafica.....	10	3-15-27	8-20	1	5
Arminda do Brandim.....	2	3-15-27	8-20	1	1
Eliza de Vila Viana.....	2	3-15-27	8-20	1	1
Silvino Lopes.....	2	3-15-27	8-20	1	1
Arminda da Isabel.....	2	3-15-27	8-20	1	1
António Soeiro.....	4	3-15-27	8-20	1	2
Amadeu Rodrigues Ramos.....	<u>2</u>	3-15-27	8-20	1	1
	24				
Ana Dioga.....	6	4-16-28	9-21	2	3
José Cunha Moura.....	6	4-16-28	9-21	2	3
Lazaro de Sousa.....	6	4-16-28	9-21	2	3
António R. Cartucho.....	4	4-16-28	9-21	2	3
Maria da Conceição Lopes.....	1	4-16-28	9-21	2	0.5
António Tecelão de Sousa.....	<u>1</u>	4-16-28	9-21	2	0.5
	24				
Senhor Amorim.....	8	5-17-29	10-22	3	4
Manuel Pires Barqueiro.....	8	5-17-29	10-22	3	4
José Canedo	6	5-17-29	10-22	3	3
Rosa Isidoro.....	<u>2</u>	5-17-29	10-22	3	1
	24				
António André Vaz.....	12	6-18-30	11-23	4	6
José Rodrigues Pires	6	6-18-30	11-23	4	3
José André Vaz.....	4	6-18-30	11-23	4	2
José G. Barqueiro.....	<u>2</u>	6-18-30	11-23	4	1
	24				

conta de herança, seja por conta de quem trabalha as terras, porém, *todos são conhecedores das terras que são, e de quem as traz no momento.*



Mapa 4 - Sistemas de regadio de Tourém (Autor,2014). Fonte GoogleEarth

Essa tabela sintetiza um cronograma de uso da água comunitário rotativo, em que constam todas as terras que têm acesso àquela água. Assim, uma terra, nos três meses que funciona esse regime hídrico, poderá ser irrigada de três a quatro vezes. Os agricultores podem, porém, redistribuir a água de uma terra para outra sempre que se encontram dentro do mesmo subsistema. Se essa for uma opção escolhida pelo agricultor, somente poderá usar o número de horas estipuladas para a terra que tinha *direito à água*. Há, em Tourém, quatro subsistemas de água de rega, cada um com um cronograma e que atende um número determinado de terras, como pode se observar no mapa 4, logo acima.

Esses subsistemas existem com uma série de canais de distribuição da aldeia, chamados de *regos*, um reservatório de água – *poça* – e que é alimentado com a água dos ribeiros que há na aldeia. Para calcular o número de horas de água de cada terra, os agricultores estimaram o tempo necessário para irrigar um *alqueire*. Esse sistema, afirmam, foi *herdado* e está historicamente consolidado. Outra variável computada foi o número de horas necessárias para encher a poça de água. À exceção da água do ribeiro, que é cortada diretamente do leito do rio e opera, portanto, 24 horas por dia,

os demais subsistemas de regadio operam somente durante o dia. À noite, nesses subsistemas, é o momento em que a poça se recarrega para ser usada no dia seguinte.

O alqueire é uma medida múltipla que remarca a complexidade das relações de interdependência entre as diferentes variáveis do sistema. Trata-se de uma superfície de terra de 600 m², que equivale a 13 kg de centeio. Alqueire também é o caixão de madeira que contém os 13 kg de semente de centeio. Portanto, alqueire é uma categoria local de medida que enfatiza o regime de conhecimento local acumulado ao longo de anos de práticas agrícolas e que mostra a centralidade da noção de sistema, ao quantificar metros quadrados e quilogramas de semente por uma única medida. Baseadas na observação sistemática dos efeitos de se colocar mais ou menos sementes de centeio por superfície de terra e, através da avaliação e acompanhamento desses processos, os agricultores chegaram a uma medida satisfatória e que passa a ser extrapolada para medir superfície de terra, quantidade de semente e número de horas de água necessárias para irrigação.

5.4.2 A água de rega em Pitões das Júnias

Em Pitões das Júnias, o modelo de água de rega de Tourém não é operativo desde a década de 1980. Este é um dos projetos que a atual gestão da junta de freguesia quer retomar: realizar de novo uma tabela de distribuição de água, aproveitando os registros que se mantêm na aldeia de seu funcionamento anterior. O fim desse sistema coletivo de aproveitamento de água foi explicado de formas diferentes. O medo e a subserviência pertinentes aos dirigentes da junta de freguesia que se encontravam na época são dois dos argumentos que apareceram de forma mais marcada nas narrativas acerca da dissolução desse sistema de rega¹³⁷.

Havia, na época, um presidente da junta de freguesia que era um dos agricultores que mais tinha gado. Este sujeito mantinha os agricultores da aldeia em uma espécie de câmara estanque do tempo. As narrativas recolhidas na aldeia enfatizam esse isolamento da política nacional da seguinte forma:

¹³⁷ Percebi, nas conversas sobre o fim do regadio, uma sensação de medo por parte dos agricultores, por isso, não explicitarei os nomes pessoais neste processo, na intenção de contextualizar o que me foi relatado da forma mais impessoal possível.

Agricultor: Sabe o 25 de abril¹³⁸, Diego?

Diego: Sim, sei.

Agricultor: Aqui, somente chegou após a derrota daquele presidente da junta. Todo Portugal estava numa democracia e nós não.

A democracia teria chegado a Pitões somente após a derrota do presidente da junta nas eleições no final da década de 1990. Desde as primeiras eleições na década de 1970, após a revolução dos cravos, até aquele momento, os responsáveis mantinham o povo em uma legislação particular, submetidos a uma série de leis que expunham nas assembleias e que *beneficiavam sempre aos mesmos*, me repetiram isso em diversas vezes. Dessa forma a gestão pode ser entendida, portanto, como autocrática.

O ambiente social interno da aldeia foi definido com adjetivos como *desunião*, *inveja* e *disputas* internas que favoreciam a gestão. O esvaziamento das assembleias eram um dos aspectos mais relevantes, já que eram aprovadas resoluções que interessava apenas aos privilegiados naquela hierarquia social. Nesse ambiente, foi levado a uma sessão da assembleia a imposição do fim do sistema de regadio, passando a vigorar um sistema liberal. Cada um usaria a água conforme lhe parecesse adequado. Da lógica da distribuição equitativa por superfície, como há em Tourém, passou-se a um sistema em que cada um usaria a água conforme bem entendesse.

Apesar de não existir um uso de água regulado e tabelado, outro sistema consuetudinário foi-se instalando na aldeia com o passar dos anos. Esse novo sistema de regadio se baseia em conceitos e usos que se encontravam vigentes no sistema anterior. Quem tem direito a regadio no verão são os frutos: batata, milho e hortas.

Já o sistema de poças funciona da mesma forma que em Tourém. À noite, enche-se e, durante o dia é que está permitido regar. Os acordos acerca de quem pode regar em Pitões se dão através do sistema de *buraca*. Por exemplo, se estou hoje regando o meu milho, a água entra na minha terra através de uma *buraca*. Após o término, quem tem direito ao regadio é o dono da terra da seguinte buraca. Essa rede de regos está claramente distribuída ao longo da aldeia e todos sabem quando a água está chegando perto da sua terra, pois os demais vizinhos acionam a rede social de informação e monitoram os recursos em que água está presente.

¹³⁸ Em 25 de abril de 1974, aconteceu em Portugal a Revolução dos Cravos. Com essa revolução pacífica, a ditadura fascista de Salazar chegava a seu fim, instaurando-se um processo de democratização do país.

Apesar de o sistema anterior desaparecer, sobretudo, sua regulação e tabulação por horas, os moradores de Pitões conseguiram manter um uso da água cada vez mais funcional. Claro que esse sistema permite que, se algum agricultor quiser usar mais água, não existe aparente impedimento. Também afirmam que quem saiu beneficiado com a mudança do sistema foram os agricultores que cultivam o milho para silagem e que precisam de mais água do que estava estipulado nas normas anteriores. Até hoje, fica a sensação na aldeia de que existe um descompasso com relação ao acesso, no entanto, os agricultores afirmam que conseguiram implementar formas de controle e, novamente, uma gestão compartilhada do recurso comum. Neste caso, no que se refere às terras e das buracas.

Outra variável que decidiram manter de forma oficiosa diz respeito aos tipos de cultivos que têm acesso à água. Os agricultores de Pitões afirmam que dependendo do mês, a água é mais importante para alguns cultivos do que para outros e que, com essa mudança, eles conseguiram dirigir a rega para cada cultivo em função das necessidades. Assim, no mês de julho, as batatas e o milho precisam ser irrigadas pelo menos uma vez. Na última fase vegetativa do milho, após brotar a bandeira, o milho também precisa ser regado. A batata, no mês de setembro, é regada antes que se corte a folha e é aí que os tubérculos aumentam de tamanho. Da mesma forma como fazem com o milho quando a bandeira (inflorescência masculina) é cortada, a planta concentra as suas energias no aumento da fruta. Afirma-se que, assim, é possível moldar o sistema de regadio às necessidades pontuais de cada cultura.

Após a liberalização do uso água, nas narrativas dos agricultores, consta que não existe mais aquela rigidez que havia com a água de rega. Enfatizam que, no atual sistema, todos conseguem manter os seus cultivos. E, de alguma forma, o bem particular em suas narrativas volta a se diluir nos interesses comuns. Pode ser que uns gastem mais do que outros, ou tenham cultivos que precisam de mais água do que os dos outros. A sensação repassada pelas narrativas dos agricultores é que o *sistema* volta a funcionar. Outros consideram que esse tipo de regulamentação não funciona com a perfeição do anterior.

De alguma forma, a dificuldade que encontra a atual gestão da junta de freguesia para retomar os turnos de rega é que os agricultores já encontraram outra dinâmica. Sem necessidade de haver tabelas e horários, os agricultores de Pitões têm formas de distribuição de água que ultrapassou as tabelas publicadas. O contato com o vizinho, o sistema da buraca se conformaram enquanto normas consuetudinárias,

sendo funcionais, continuam se reproduzindo em um tempo cíclico, construído e reconstruído conforme o passar do tempo.

5.5 Compra e venda de terras

A compra e venda de terras em Tourém e Pitões das Júnias é um aspecto relevante na configuração social da aldeia. Como já foi analisado no caso dos baldios, existe uma projeção do lugar que ocupa a casa como constituinte social e que se estende ao lugar onde foi construído a vacaria e o lugar por onde saem as vacas para pastar no baldio.

As terras fazem parte de uma relação que adentra as histórias das famílias, isto é, as casas, compondo a relação que os humanos têm com elas. Ao mesmo tempo, não é preciso que as terras sejam da casa para que os agricultores estabeleçam relações afetivas.

Ana, de Pitões, permitiu-me acompanhá-la com as suas vacas. Quando saíamos, fomos até a parte de trás das terras chamadas *as do Rodrigues*, e, naquele lugar, ela me relatou o processo de aquisição da propriedade, junto com seu marido (Russo). Quando da partilha das heranças de sua mãe, Ana e os seus irmãos receberam a mesma quantidade de terras. Como seu irmão estava emigrado no Brasil e não usava as terras num primeiro momento, arrendou as terras para ela e o marido, pois Ana, que *casou em casa*, tinha herdado a exploração da casa.

Todo esse processo foi prévio à década de 1990, em que as políticas públicas da União Europeia se instalaram nas aldeias. Nesse tempo, Ana, filha de Ana, já tinha casado com Russo e avistado uma possibilidade a mais pela agricultura financiada pela União Europeia. Antonio, irmão de Ana que também permaneceu na aldeia abriu a sua unidade produtiva. Ana e seu irmão construíram também os armazéns perto um do outro, no Outeiro do Coto.

A família de Ana nunca foi das mais ricas da aldeia, portanto, a quantidade de terras era pequena. Quando uma unidade produtiva se transforma em duas, o número de terras deve aumentar para poder alimentar a manada de duas explorações.

Neste caso concreto, tanto Ana quanto seu irmão, puseram em ação várias estratégias, uma delas foi alugar terras. Outra, foi solicitar ao irmão a cessão das terras da casa que lhe tinham sido atribuídas na partilha da herança. Existem várias modalidades de empréstimos de terras e, não necessariamente, envolvem

arrendamento por ano. O irmão de Ana emprestou as terras e, dessa forma, o casal pode aumentar o número de terras cultivadas. Esse empréstimo não mascara a existência de um mercado de terras.

Muitos dos emigrados preferem vender ou arrendar as terras para os moradores das aldeias, sejam parentes ou não. Ouvi vários relatos de emigrantes que possuem terras e que não as cedem aos seus parentes, dando a entender que não é majoritária a cessão entre eles. Quando os parentes não têm uma boa relação, geralmente, essas terras não são cedidas por razões óbvias.

No entanto, Ana, no caminho de retorno, disse-me que ela gostaria de ver as terras da casa todas juntas novamente. Ana e Antonio tinham uma relação com aquelas terras que ia além do sentido de suporte da atividade agrícola. A relação era de uma identificação simbólica. Foram criados vendo aquelas terras sendo trabalhadas pela mãe, pela sua casa e, portanto, quando seu irmão emigrou para o Brasil, as terras de sua casa continuaram sendo trabalhadas pelos dois irmãos.

A expressão local, *os pobres de antes são os ricos de hoje*, é muito propagada em ambas as aldeias, tanto no que significa *ser rico* quanto no que significa ter o status social de algumas famílias, antes consideradas ricas e, na atualidade, consideradas pobres. Todas as classificações referentes a essa expressão são relativas, mas podem ser analisadas através de diferentes variáveis. Vou me deter a elas na tentativa de relacioná-las ao mercado de terras.

Na década de 1970, a emigração para o estrangeiro foi grande. Com o dinheiro da emigração, os trabalhadores emigrantes em suas férias nas aldeias começaram a comprar terras. Com a terra como referente social de riqueza, pode-se dizer que tal status estava sendo atingido pelos filhos dos pobres. A aquisição de terras não se deu de forma igualitária e fato é que, nas aldeias, há agricultores que detêm muitas terras. Portanto, o acesso e aquisição também se deram de forma diferente em função do poder financeiro, das necessidades existentes na unidade produtiva e das possibilidades.

Domingos, de Tourém, explicou-me várias vezes como se deu esse processo de emigração e capitalização. No caso dele, nunca morou com a mãe, então, não tinha deixado uma unidade produtiva agrícola em casa. Ele emigrou para a França, sendo já casado com Glória. Antes de emigrar, tinha chegado a um acordo de compra de uma casa de um tio dele que era proprietário de várias casas na aldeia. No primeiro

ano, após o retorno da França, Domingos conseguiu pagar o valor total do imóvel e ainda sobrou dinheiro para adquirir *umas terras*.

Com uma história diferente, Adriano de Tourém também saiu em direção à França. No momento de sua saída da aldeia, a sua atividade agrícola familiar estava consolidando. Ele, que não era natural da aldeia, havia se mudado pra Tourém com apenas seis anos para *servir nas casas dos mais ricos*, como ele mesmo afirma. A sua programação anual era diferente da de Domingos, pois em seu calendário estava marcado o retorno no verão, *para trabalhar na lavoura, de junho até setembro*.

No seu retorno, o movimento foi o mesmo que o de Domingos: primeiro, terminar de pagar a casa e, em segundo lugar, começar a comprar algumas terras. Já no segundo ano de seu processo de mobilidade, continuou comprando umas terras e adquirindo mais gado. Diferente da trajetória de Domingos, Adriano teve que voltar da França de forma precipitada e não calculada, pois sua esposa tinha abandonado o domicílio familiar e deixado seus 4 filhos sós. Desse momento em diante, Adriano criou os filhos com o gado que tinha, nas terras compradas com o dinheiro da França e trabalhando como *jornaleiro*¹³⁹ na aldeia.

No fim da vida dele, antes de falecer, Adriano e eu compartilhamos muitas conversas. Em determinadas ocasiões, vi Adriano afirmar que aquela já era a sua terra, não por *nascença*, mas por *adoção*. Outra expressão que ele usava era que foi a terra onde fez a vida, em referência a sua casa, as suas terras, e seus filhos. Quando um primo dele faleceu em Cambeses, na sua aldeia natal, ele disse que estava um pouco nervoso de voltar a sua terra, pois, afinal, era de lá.

Adriano se encontrava em um grande dilema: seus filhos, seus netos eram de Tourém, casaram em Tourém. Finalmente, foi sepultado em Tourém. As terras que comprou ao longo da vida são oriundas de seu trabalho. Antes de morrer, suas terras estavam divididas entre os seus filhos, dois deles agricultores. Pois ele cobrava, da mesma forma como Venâncio, a limpeza, a posta em valor e os cuidados de suas terras. Demandava deles afeto e cuidados.

¹³⁹ Diarista.

O que acontece quando não se é da terra e quando não se tem terra? A aquisição de terras é mediada por dinheiro, tem um valor. O final do capítulo anterior pode ser uma chave para compreender que os afetos e a relação são construídos. Venâncio e a estima dos lameiros deixa claro que ele não é da aldeia, mas estima as suas terras, tem uma relação que o vincula emocionalmente com elas. Não foram da família, não se criou ceifando feno nelas, mas as estima.

Em relação às terras produtivas, acredito que existam proximidades de raciocínio. Ana gostaria muito de ter ou de poder contar com todas as terras que foram da sua casa e a maioria dos agricultores concordaria com essa afirmação.

Não pode ser valorado neste estudo se a relação que Ana tem com as terras da sua casa é a mesma que Adriano ou Venâncio, mas um elemento comum que se encontra na estima das terras é a valorização do trabalho realizado anteriormente.

Cascais, de Pitões, afirmava que ele ainda ceifava lameiros com a gadanheira ou com a *máquina de costas*¹⁴⁰. Já não o faz, porque esse feno não fará diferença em sua exploração, pelo menos não o que ele corta com essas máquinas. Perguntei para Cascais qual o motivo de ele ainda trabalhar aquela terra. Encolhendo os ombros com expressão de ausência de uma explicação lógica, afirmou que o fazia pelo seu pai. Seu pai tinha ceifado aquelas terras manualmente muitos anos, *até ele poder*. Cascais afirmava que era preciso fazer aquilo, ter o lameiro cuidado, estimado.

A relação, o afeto e o respeito por esse trabalho desenvolvido em outras condições produtivas faz com que os agricultores não abandonem simplesmente essas terras. Existem, sim, lotes a monte, mas esse processo não é facilmente assumido pelos agricultores que abandonam as terras. Existe uma carga moral, histórica de reconhecimento, que entra na relação e que os agricultores tentam manter até que conseguem, como é o caso do Cascais, ou das ações de fertilização simbólica que Venâncio faz. Os cuidados são cotidianos, feitos de pequenos detalhes e com uma preocupação que está sempre presente. Dos baldios para os lameiros, e agora com as terras, as diferentes práticas mostram como a relação que os agricultores têm com suas terras é profunda.

As aldeias de Tourém e de Pitões estão localizadas em lugares estratégicos que foram selecionados em função dos tipos de solo, da localização e de sua aptidão para o cultivo. Taborda (1932) e os demais estudiosos da região afirmam que, no

¹⁴⁰ Roçadeira.

cerne das aldeias, a cultura cerealífera e a possibilidade de criação de gado são os elementos mais importantes do sistema rural.

Portanto, o sistema agrícola local é determinado por essa relação que os habitantes estabelecem com o seu território, enquanto processo, em que os baldios, os lameiros e as terras foram sendo constituídas.

A primeira conclusão é que as terras são oriundas de um longo processo de relação que não parou no tempo. Essa é a entrada para a segunda parte do capítulo em que são analisadas as transformações nas terras. Desde os nabos, que já pouco se cultivam, até as práticas de afolhar, que foram ficando em desuso em função do processo de abertura dos caminhos. São signos e marcas que ficam impregnadas no ambiente e que as constituem.

A última parte do capítulo é marcada por uma analogia com os lameiros. Como uma propriedade particular é beneficiada por um recurso que é da comunidade inteira. Abordei duas configurações diferentes, que são o da aldeia de Tourém e o seu regimento de águas ainda vigente e o da aldeia de Pitões, onde os agricultores conseguiram de forma sutil subverter uma liberalização da água, chegando novamente a um sistema em que os agricultores se sentem contemplados.

No seguinte capítulo, serão abordados os cultivos das terras. Serão privilegiados aspectos como a natureza do que se planta, o tempo decorrido que essa cultura subsiste, e quais foram os condicionantes que permitiram ou facilitaram esses cultivos.

Capítulo 6: *Agora é o milho, antes foi a batata*: os frutos e seus tempos

Assim, no andar dos tempos, sob a imobilidade aparente da vida rural, as culturas vão-se transformando: algumas desaparecem ou decaem, para logo surgirem plantas novas ou se alargar muito o emprego das que já eram conhecidas.

Orlando Ribeiro

Agora é o milho, antes foi a batata é uma frase de Venâncio de Tourém em uma tarde em que falávamos dos diferentes usos destinados a uma mesma terra. O intuito deste capítulo é abordar os cultivos das terras: centeio, batata e milho. A ordem dos cultivos não é aleatória e corresponde à temporalidade histórica e à presença no lugar de cada tipo de cultivo. O centeio é o cultivo que os agricultores e os documentos históricos relatam como de maior significância histórica e que continua, até a atualidade, sendo cultivado nas aldeias. Já a batata, seria o cultivo que veio ganhando espaço desde o século XX e o milho, nos últimos anos do século XX.

Proponho, inicialmente, uma revisão histórica das formas de enraizamento dessas culturas às terras. Inspirado na epígrafe de Orlando Ribeiro usada neste capítulo, entendo que as culturas não são fixas nem inamovíveis, portanto o foco principal é entender a forma pela qual se foram afincando na terra as diferentes culturas através das narrativas dos agricultores. A relação humanos-terras-plantas-animais dentro do sistema agrícola, através dos diferentes condicionantes econômicos, políticos e sociais marcam de forma clara os cultivos e suas temporalidades.

6.1 Centeio: origens históricas e usos dos tempos de antes

Os moradores só recolhem centeio.

Viegas Guerreiro

A epígrafe é retirada de um documento analisado por Viegas Guerreiro em sua monografia acerca de Pitões das Júnias (1982). A data de registro é 1758 e o documento é um inquérito que Pombal fez ao pároco da igreja de Santa Maria das Júnias de Pitões. A intenção do inquérito de Pombal era, segundo afirma Viegas

Guerreiro, conhecer os tipos de cultivo que os moradores daquela região de montanha semeavam nas diferentes terras.

O centeio ocupa um lugar de destaque na história das aldeias. Não só pelo documento de Pombal, mas mantém-se também na memória oral dos moradores das aldeias. O centeio, ou o *pão*, como também é chamado, foi o cultivo mais importante da região. O centeio moído pelos moinhos que havia à beira dos regatos de água era usado tanto na alimentação dos humanos quanto na alimentação dos animais. Ouvi muitos relatos dos *tempos de antes* em que os moradores afirmavam que primeiramente eram satisfeitas as necessidades dos humanos e, na sequência, as dos animais com esse grão.

Essa temporalidade é recente, a maioria do pão consumido nas aldeias, até a década de 1970, era do *centeio da terra*, ou seja, do centeio cultivado por cada casa¹⁴¹. Desde a irrupção das padarias industriais, já na década de 1990, com o aumento do poder aquisitivo dos moradores das aldeias, o pão de trigo veio ganhando espaço à mesa. No caso de Pitões, a padaria da aldeia está aberta desde a década de 1990. Em Tourém, diariamente passam pelas ruas da aldeia pequenas vans dos padeiros. Deixam o pão na porta de cada casa conforme acordo estabelecido previamente. A maioria dos pães que chega à aldeia é feita na Galícia e a farinha de trigo é o principal ingrediente. Mesmo com o consumo do pão de trigo, o *centeio* que é um pão mais duro e, por isso, perdura mais tempo, costuma ter o seu espaço à mesa.

A importância do pão nas aldeias pode ser claramente visualizada através dos fornos comunitários presentes em cada uma. O pão que se comia na aldeia era cozido no forno comunitário, acendido todas as segundas-feiras. O responsável pelo aquecimento do forno se deslocava até a serra, cortava um carro de lenha com que aquecia o forno, para usufruto do conjunto de moradores da aldeia. A responsabilidade de aquecer o forno circulava entre os vizinhos através do sistema à *roda*, revezando de uma porta para outra. As mulheres idosas ou viúvas estavam isentas dessa responsabilidade, que recaía principalmente nas casas em que havia no mínimo um casal. Quando os mais idosos me relatavam as histórias do forno, o

¹⁴¹ Acerca da circulação de dinheiro nas aldeias e dos gastos que os agricultores tinham, Martins (2005) mostra, em sua etnografia, a mudança da situação. Os agricultores mais velhos gastavam dinheiro apenas com vinho, tabaco e remédios (Martins, 2005).

termo mais recorrente usado por eles era: *aqueles tempos*. Na atualidade, o forno do povo é acendido somente em eventos.

Junto com o pão, a carne de porco era e é uma das fontes principais de proteína animal na dieta dos agricultores das aldeias. Lourenço Fontes se refere à alimentação transmontana da seguinte forma: “Vemos que o porco é a base, depois do pão, para as refeições do transmontano” (1982:46). O porco e o pão, somados à presença da batata, são considerados fonte principal de alimentação dos transmontanos.

Outro aspecto que coloca o centeio no centro da trama social é o fato de ele ser usado como uma espécie de moeda. Até a década de 1960, o centeio era usado como forma de pagamento e retribuição. A medida era o *alqueire* que, como já foi citado anteriormente, equivale a 13 quilogramas de centeio. Nas aldeias, havia pessoas que se encarregavam de cuidar dos bois do povo, que eram os bovinos machos encarregados de fertilizar as vacas da aldeia. Os cabaneiros¹⁴² – grupo social de moradores da aldeia que não tinha vacas (Martins, 2005) – eram cuidadores dos bois do povo. Cada proprietário de vaca, por usufruir dos serviços dos bois, pagavam uma quantia de centeio ao ano por vaca, destinada a alimentar os bois e seus cuidadores.

O centeio é uma planta que possui diferentes nomes: centeio, pão ou messe. Este último nome, segundo o dicionário etimológico¹⁴³, significa colheita, que está maduro. A partir de minhas observações, tendo a concluir que essa forma de nomear o centeio ratifica sua centralidade na trama social das aldeias. Não é à batata, nem é ao milho a referência ao estado maduro, apenas em relação ao centeio.

Outro subproduto obtido do centeio era a palha usada na cobertura das casas. A planta do centeio, uma vez cortada, era levada em carros de bois até as *eiras*, construindo-se as *medas*, que eram estruturas piramidais de centeio. As medas, juntamente com o calor do mês de agosto, garantiam que o grão do centeio ficasse bem seco, se desprendendo facilmente.

As eiras, já abordadas no começo deste estudo, são espaços abertos que tanto podem ser comunitários, quanto particulares, onde se realizavam as malhas do centeio. Antes de transportar o centeio para as eiras, o chão era recoberto com *bosta*

¹⁴² Grupo social que havia nas aldeias e que correspondia às casas em que não havia gado. Para mais informações, ver O’Neill (1984) e Martins (2005).

¹⁴³ *Michaelis online*. Disponível em:

<<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/messe/>>. Acesso 05 de mar. de 2019.

de vaca de forma que os grãos de centeio se destacassem pela diferença de cor com o chão. Assim, criava-se, também, uma superfície mais lisa e contínua para que não se perdesse nenhum grão de centeio. As casas mais abastadas tinham, na frente da porta, uma eira onde o centeio era malhado. Já seca, se procedia à malhada. A malhada era um ritual anual de que todas as casas participavam. A *meda* era desfeita, o centeio, colocado em fileiras mais ou menos altas e os homens, com ajuda dos malhos, posicionavam-se de um lado e de outro em mesma quantidade. Com um ritmo compassado, primeiro batiam com o malho os de um lado e, enquanto estes levantavam o malho, os do outro lado desciam com o deles. Dessa forma o movimento era contínuo. Desciam com o malho, batiam no centeio e o levantavam novamente para repetir esse movimento. Na atualidade, as malhas são recriadas como forma de rememorar a atividade, em diferentes aldeias de Montalegre. Na aldeia de Pitões, no verão de 2018, realizou-se uma encenação¹⁴⁴ de parte do processo em que muitos agricultores e emigrantes participaram.

Depois de coletado o grão, ficava a palha. Até a chegada da telha de barro nas aldeias, a palha do centeio era usada para cobrir as casas, *colmar*, nas falas locais. Esses telhados eram chamados de *telhados de colmo* e compunha um elemento central dentro dos sistemas construtivos do Alto Barroso. Ainda há alguns telhados visíveis nas aldeias. Na atualidade, a palha é enfardada, guardada nos edifícios agropecuários e usada para compor a cama das vacas.

O centeio continua sendo um dos cultivos mais estendidos nas aldeias, pois todos os agricultores cultivam o pão. A quantidade de centeio cultivado no ano depende de muitas variáveis: o número de terras semeadas, o tamanho do encabeçamento (quantas mais vacas maior quantidade é semeada), a extensão de terras em que pode ser semeado e o *tipo do ano* para o cultivo do centeio (se foi um ano em que as condições climatológicas ajudaram o centeio ou não).

Como norma geral, os agricultores de Tourém e Pitões das Júnias costumam recolher mais de uma tonelada de grãos por unidade produtiva ao ano. Observei agricultores em Tourém que recolheram mais de 5 toneladas, mas nunca menos de 1 tonelada. A atual produção de centeio das aldeias não permite às unidades produtivas ser autossuficientes em farinhas para a alimentação dos vitelos. Todos os agricultores

¹⁴⁴ No verão de 2018, eu não estava realizando trabalho de campo, mas acompanhei as cenas pelas redes sociais.

compram rações industriais para complementar a alimentação dos vitelos, que se somam ao feno, leite materno e farinhas obtidas na unidade produtiva.

Outra parte do centeio é destinada à alimentação dos porcos. Nesse caso, os grãos de centeio são cozidos e misturados com batatas, nabos e beterrabas. Também pode aparecer em forma de farinha. A produção atual de centeio é exclusiva para a alimentação dos animais, não aparecendo mais na alimentação dos humanos. A totalidade do centeio semeado nas aldeias é proveniente das próprias explorações. Depois de introduzir o leitor ao universo histórico do centeio nas aldeias, continuo com as práticas agrícolas atuais que envolvem esse cultivo.

6.2 Terras fortes e terras fracas: conhecimento e precisão

Como o centeio é o cultivo mais antigo daquelas terras, os agricultores foram catalogando as suas terras em fortes e fracas a partir dessa cultura. Esse conhecimento sensível das terras foi sendo elaborado com o passar dos anos e, como disse Adriano, com a *experiência*. Através das experiências realizadas sistematicamente pelos agricultores, as terras foram sendo catalogadas em função de suas características próprias. A classificação é, segundo Lévi-Strauss, uma operação da ciência do concreto (1989). A divisão entre terras e lameiros não é fixa. Tanto nomes, quanto usos são aspectos que os próprios agricultores foram combinando em função de suas necessidades, dos mercados que estavam pensando em atingir e das possibilidades produtivas, sociais e econômicas, como será analisado a seguir no caso da batata. No entanto, quero que seja retido aqui que essa classificação se deu através da relação e da sensibilidade que os camponeses têm para observar o desenvolvimento das plantas e o comportamento da terra.

A sementeira do centeio é realizada à mão ou com a ajuda de um semeador pneumático. O semeador pneumático é uma alfaia acionada desde o trator e regulado pelo agricultor. Espalha a semente através de um braço pneumático que reproduz o movimento circular feito com os braços quando se semeia o centeio à mão. O semeador, de maneira semelhante ao que ocorre com a semeadura manual, precisa ser ajustado. Os parâmetros que se ajustam são a quantidade de semente espalhada por cada ciclo hidráulico.

No entanto, essa variável é ajustada por meio de uma relação de conhecimento de cada terra. As terras mais fortes precisam de menos quantidade de semente de centeio e as mais fracas, de maior quantidade de semente. Essa classificação das terras, em fortes e fracas, é realizada dentro das unidades produtivas, mobilizando o conhecimento concreto (Lévi-Strauss, 1989) adquirido ao longo dos anos. Essa classificação é também contextual e realizada anualmente. As terras fortes não vão deixar de ser fortes, porém, é preciso que os agricultores avaliem, a cada safra, a produtividade da terra em função de diferentes variáveis. Se o ano tiver sido bom para o centeio e uma terra forte não tiver produzido o esperado, os agricultores afirmam que a terra *ficou fraca*. Note-se que não é dito que a terra *é* fraca, mas que *ficou*, denotando uma situação transitória, não uma característica inerente à terra.

Após a safra, concentrarão esforços em fazer a terra ficar forte novamente através da estrumação. Como o centeio é um cultivo que está presente desde tempos imemoriais nas aldeias, os aditivos químicos não costumam ser muito utilizados pelos agricultores. O esterco das vacas é, neste caso, a melhor opção para corrigir esse desvio da tendência da terra, voltando à situação de ser uma terra forte e estar forte. Nas terras fortes, as plantas crescem melhor e precisam de menos adubo. Já nas terras fracas, a quantidade de adubo e de semente usados é maior. A disponibilidade de água também influencia essa classificação. As terras que têm água disponível para irrigação sempre são mais consideradas do que as que não têm e isso passa a ser alvo de manejo. Cultivos como a batata e o milho precisam de água. O centeio é um cultivo que não precisa ser irrigado.

Em função dessas variáveis, os agricultores classificam as terras e, a partir daí, decidem a quantidade de semente ótima para cada terra. Após a classificação condicional de terras fortes e fracas os agricultores realizam uma análise de cada uma em particular. Funciona uma classificação mais genérica entre terras fortes e fracas, que é seguida de uma recategorização ao nível particular de cada terra, neste caso, situacional.

Há agricultores que preferem semear o centeio à mão, pois afirmam ter maior precisão na quantidade que querem gastar. Esses últimos, afirmam que o semeador pneumático gasta muito e é difícil de regular. E tem os agricultores que se encontram em um meio termo, que usam, por exemplo, o semeador para as terras maiores, preferindo a sementeira à mão para as terras menores. Existem múltiplas leituras e opções, também, em função da disponibilidade técnica de cada unidade produtiva,

porque, se o agricultor não possui o semeador pneumático será obrigado a semear à mão.

Vale a pena frisar que, nas terras fortes, as plantas crescem melhor, pois são terras que estão em um terreno mais plano e com pouca inclinação, que corresponde aos fundos e laterais dos vales. Como dito antes, essas terras dispõem de alta disponibilidade de água e, conseqüentemente, têm um enraizamento mais eficaz e, por isso, plantas mais desenvolvidas. Nessas terras, os agricultores costumam espalhar menos quantidade de semente do que nas terras fracas, pois a facilidade com que germinam as plantas é maior. Patorro resume da seguinte forma essa equação: *para semear uma terra forte de um alqueire, pode ser que sobre um alqueire de semente* [para uma terra de um alqueire]. Já as terras mais fracas, são as que precisam de mais atenção e mais estrume. Nessas terras, as sementes não germinam tão facilmente, costumam ter uma inclinação elevada e carecem de água. São mais áridas e de solos menos profundos, gastando mais sementes. (Re)parafraseando Patorro, *com um alqueire de semente não semeias um alqueire de uma terra fraca*.

Se optarem por estrumar as terras antes de semear o centeio, após a fertilização, passam a grade de discos para facilitar a germinação das plantas. Dessa forma, garantem ativar as sementes, tendo já as terras estrumadas ou, como se diz no local, as *terras ricas*. *Terras ricas* é uma categoria local que seria sinônimo de terra que ficou forte. Essa seria outra conceituação acerca de qualidade momentânea da terra. As terras ficam ricas após serem estrumadas, sejam fortes ou fracas.

Semeados no mês de outubro, logo depois das primeiras chuvas, o centeio germina rapidamente cobrindo toda a extensão da terra, obtendo-se a *ferranha* que é comida pelas vacas em outubro e novembro. Com as condições climáticas do inverno, as geadas, as nevadas, as chuvas e o frio persistentes, a maioria das plantas invasoras das terras são eliminadas com ajuda desses condicionantes climáticos. O centeio suporta bem essas condições climáticas, ficando dormente na terra. Dessa relação de conhecimento ou inter-relação terra-humano se diz:

*se no mês de janeiro veres negrejar
ponte a cantar,
se veres verdejar
ponte a chorar.*

Se as terras forem *queimadas* em janeiro pelas geadas, ficarão negras, e isso será um indicador de que as plantas que competem com o centeio, foram eliminadas pela geada. O centeio somente brota após os meses de fevereiro ou março, no entanto, as invasoras aproveitam os dias de sol de janeiro para brotarem e tentar ocupar as terras. Se não houver geadas em janeiro e as terras ficarem verdes, os agricultores entendem esse sinal como de um ano difícil para a colheita, de muita disputa entre espécies vegetais.

O cereal é colhido no mês de agosto. Lourenço Fontes assim define os signos interpretados do momento idôneo para a malha: “Quando as messes estão louras e o grão sai fácil da espiga, que pende com o peso para a terra” (1977:135).

Desde a década de 1990, os trabalhos da malha não envolvem mais os labores descritos por Lourenço Fontes: a segada do centeio, fazer a eira para malhar o centeio, carregar para a eira, fazer as medas e finalmente malhar¹⁴⁵.

Quando os grãos começam a se separar das inflorescências e as espigas a olhar para o chão, a messe está madura. Esses são os signos mobilizados pelos agricultores para conhecer o estado de maturação do grão até a atualidade.

6.3 A batata

O que hoje em dia é o gado, antigamente era a batata de semente.
Eloi Pereira, técnico da AATBAT

A batata é uma produção extremamente importante no Alto Barroso (...) quer a produção para autoconsumo quer a produção para batata de semente.
Lima Santos

A batata foi um cultivo com muita repercussão na economia local durante o século XX, até a década de 1990. Segundo Ribeiro, a sua introdução no Alto Barroso é tardia, pois somente a finais do século XIX (1991:38) é que esse cultivo se estende. Como será visto mais adiante, a irrupção desse cultivo foi muito rápida, pois nos anos 1940, ganhou um espaço central não só dentro do sistema agrícola local, se não uma posição crucial para o conjunto do Estado português. Aqui, trato a implementação da batata como mais uma cultura incorporada ao sistema agrícola local no século XX.

¹⁴⁵ Um dos estudos mais importantes acerca da realização da malha enquanto fenómeno de trabalho cooperativo em Trás-os-Montes está em Portela (1986). Na Galícia, um estudo similar foi realizado por Rota y Monter (1984).

Devido aos condicionantes políticos decorrentes da segunda guerra mundial, o Alto Barroso e seus planaltos possuem fatores climáticos e geográficos específicos que ajudaram a implementar o cultivo da batata de semente. Isso não quer dizer que os agricultores do Alto Barroso não cultivassem batatas, pois à luz da afirmação de Ribeiro, a batata já era cultivada naquelas terras.

A batata de semente foi dos primeiros mercados que se abriram para os agricultores do Alto Barroso. O consumo de batata em Portugal aumentou ao longo do século XX e o Alto Barroso se destacou como um lugar de cultivo dessa semente como bem de exportação, como afirma Taborda: “Esta exportação, que rende anualmente algumas centenas de contos, figura entre as receitas importantes do agricultor barrosão” (1932:121).

A especificidade desse cultivo é que os agricultores produzem o que é a semente que depois será cultivada. A batata é semeada na terra, recolhida antes de sua frutificação, ensilada e, depois, comercializada para ser usada como semente. Um aspecto fundamental e diferenciador que ajudou a expansão desse cultivo no Alto Barroso tem a ver com as condições geográficas:

Dois recursos naturais têm, no Alto Barroso, grande importância na cultura da batata: as temperaturas médias dos meses mais quentes ficam sempre bastante abaixo dos 20°C, o que, em conjunto com ventos fortes e frequentes, limita muito o voo de afídeos transmissores de viroses da batateira. Neste caso é o verão fresco que faz do Alto Barroso uma das mais extensas zonas do território nacional com possibilidades de produzir batata de semente com baixo índice de contaminação de viroses (1992:24).

Além de encontrar um ambiente ótimo para sua reprodução, o Alto Barroso se projetou como lugar em que a produção de batata burlaria a virose, responsável por quedas de produção em segunda e terceira geração. A expansão dessa cultura no Alto Barroso é descrita por Lima Santos (1992). Aportando dados quantitativos acerca da produção da batata, o contexto político europeu é, de fato, um aspecto central para essa expansão. Na década de 1930, importar-se-iam em Portugal 11.000 toneladas de batata de semente, já na década de 1940, devido ao aumento exponencial no consumo de batata naquele país, as necessidades de semente rondariam as 60.000 toneladas (Lima Santos 1992:109-24). Em 1940, afirma Lima Santos (1992) que Portugal somente conseguiu importar de Alemanha, Inglaterra e Holanda apenas 1190 toneladas, sendo, nos dois anos seguintes, zero. Esses anos são considerados *os anos da fome*.

Nesse contexto, os técnicos portugueses optam pela produção de batata de semente em um contexto geográfico que diminuísse o risco de contaminação virótica. Para tal fim, são selecionadas regiões de montanha em que a primavera seja gelada e os ventos sejam contínuos. O Alto Barroso tinha esses dois condicionantes. Vergílio Taborda (1932) destacou, na década de 1930, a importância desse cultivo tanto para a alimentação dos humanos quanto para a alimentação dos animais, chegando a nomeá-lo, inclusive, de segundo pão:

Com os cereais, a batata é a cultura mais generalizada e um dos poucos produtos de exportação dos planaltos. Mencionada já por Link entre as produções do vale de Chaves, constitui o segundo pão do rural transmontano e serve ainda à alimentação dos animais. Para ela vão os maiores cuidados dos agricultores que consagra à sua cultura os solos mais férteis – e uma parte importante da sua reserva de estrumes. (Taborda, 1932: 85)

Na aldeia de Pitões, Viegas Guerreiro (1982) ajuda a esclarecer um pouco mais de perto como chega esse cultivo às aldeias e, sobretudo, a irrupção dentro do sistema agrícola local como mercadoria:

Com a renovação da semente – pelos anos 30, começou a semear-se batata holandesa –, o uso dos fertilizantes químicos e mais adequados amanhos e utilização dos solos, o progressivo alargamento da cultura a terras de sequeiro, o rendimento multiplicou-se e, aberta a estrada que põe a aldeia em fácil comunicação com o resto do concelho, a batata tornou-se, depois do gado, a segunda riqueza da terra: montes de batatas, sacos de batatas para homens, para animais, para vender e até para estrume. (1982:123)

Vale destacar dessa citação dois aspectos que remetem diretamente à importância que teve a Cooperativa de Produtores de Batata de Semente de Montalegre, criada em 1938 e que entregava aos produtores a semente da batata certificada e adubo. A peculiaridade dessa cooperativa é que vendiam a batata como semente, por isso, os lugares de cultivo precisavam ser livres de viroses. As condições bioclimáticas anteriormente citadas por Lima Santos permitiram que o Alto Barroso fosse um lugar propício para o cultivo desse tubérculo. Afirmam os mais velhos das aldeias que, em consequência do salazarismo, o Estado não conseguiu mais importar semente de batata da Dinamarca.

A *Cooperativa*, como é conhecida nas aldeias, se encarregava de fornecer além da semente e dos adubos, a ensilagem e a comercialização da produção (Lima Santos, 1992:117). Poucos foram os agricultores que encontrei nas aldeias que

vendiam batata de semente para a Cooperativa de forma exclusiva. Da mesma forma que o discutido nos primeiros capítulos desta tese, os camponeses mantiveram uma autonomia em relação a esse mercado, decidindo e elaborando estratégias que lhes permitissem garantir, em primeiro lugar, a colheita doméstica. Outra parte da estratégia dos agricultores era entregar à Cooperativa a quantidade mínima de batata que lhe garantisse os benefícios de *fazer parte da Cooperativa*, que entregava quantidade de sementes em função do número de alqueires semeados por cada agricultor e, de acordo com esta mesma quantidade, calculava-se o que receberia de volta. Os agricultores jogavam com esses cálculos. Se o ano tinha sido ruim, no que se refere às condições de produção, a quantidade que eles tinham que entregar na cooperativa diminuía. O que a cooperativa e seus técnicos podiam fazer era fiscalizar a totalidade das terras semeadas, porém, sequer sabiam se as terras declaradas eram de fato as cultivadas. Dessa forma, os agricultores conseguiam manter abertos diferentes frentes de negócio: a cooperativa, o subministro doméstico e a possibilidade de venda à porta.

Lima Santos afirma que aproximadamente a metade da batata de semente certificada era vendida à porta pelos agricultores (1992:118). Em finais dos anos 1950, eram contabilizados entre 10.000 e 18.000 toneladas de batata de semente por ano através da cooperativa de batata. Esses dados equivaleriam, segundo suas estimativas, a apenas 10% da produção de semente que teria o município de Montalegre, o restante, 90 %, que, na realidade, era a maior parte, era desviado pelos camponeses.

O aumento da cultura da batata pôde ser feito através de mudanças de uso das terras e da reconversão de terras baldias para uso particular. O conhecimento das terras permitia aos camponeses “jogar” com as produtividades de forma que conseguissem garantir sempre uma percentagem para a semente do seguinte ano, para casa e mais outra percentagem para venda à porta, sempre mais lucrativa. A combinação das possibilidades de venda não respondia a fatores fixos, pois o conhecimento das terras e de sua produtividade dava aos agricultores a possibilidade de inverter as relações de poder e ativar o que poderia ser chamado de resistência, nos termos de Scott (2002). Em função da situação, semeavam algumas terras, procurando maximizar a produção ou justificar perdas.

Por outro lado, em decorrência do posicionamento geopolítico das duas aldeias, ao lado da fronteira, os camponeses eram conhecedores dos preços que

tinham as batatas do lado galego. Se, em um ano, as batatas estavam caras do lado galego, a quantidade de batata que era vendida do outro lado da fronteira era maior, pois compensava mais aos produtores do que vendê-las à Cooperativa, que seria ao preço nacional. Na atualidade, o trânsito da batata é inverso. A 30 quilômetros das aldeias se encontra o município galego de Xinzo de Limia, que, na década de 1950, sob imposição do governo fascista de Franco, teve drenado o maior lago da Península Ibérica. Ele se transformou em uma extensão de 3600 hectares de terra que, desde a década de 1960, vêm se configurando em uma das regiões mais importantes de cultivo de batata. Na atualidade, segundo os dados de López Mateo et al. (2004), a quantidade de batata produzida em Xinzo de Limia ronda os 60 milhões de quilogramas por ano.

O cultivo de batata era tão importante em Tourém e Pitões que se chegou a ocupar parte dos lameiros e dos baldios. Venâncio me contou como na planície do alto da serra se viam grandes plantações de batata de semente. As pessoas iam às zonas baldias, acoutavam um lote e, à mão, cavavam a terra e semeavam batatas. Essas parcelas dentro das terras comunais lhes chamavam *cavadas*.

Nalguns casos, estas zonas de baldio já eram periodicamente divididas em leiras, a fim de colher uma quantidade de cereal complementar a ser produzida nos terrenos privados. A divisão em leiras era de competência da autoridade aldeã e, depois de ceifadas, as leiras voltavam ao usufruto comum. Depois da repartição dessas áreas de baldio para a cultura da batata, as leiras passaram a ser privadamente apropriadas e rapidamente se concentraram por transação. As áreas divididas no baldio eram geralmente longe de povoação e os cabaneiros, desprovidos de gado de tração para efetuarem os transportes e as lavouras, vendiam quase imediatamente as leiras que lhes haviam cabido por sorte aos lavradores mais abastados, os principais interessados na expansão da área de cultivo (Lima Santos, 1992:128).

Muitos foram os relatos que recolhi de pessoas que trabalharam em parcelas de centeio ou batata na serra. Os baldios eram usados de forma recorrente pelas famílias mais necessitadas. Iam ao monte, selecionavam uma parcela, limpavam e semeavam os frutos. Claro que nas parcelas mais distantes da aldeia, havia o perigo do porco bravo entrar e comer toda a produção. Não encontrei narrativas que relatassem a apropriação dos baldios por parte dos particulares. A particularização das terras é um fenômeno recorrente e documentado tanto na Galícia (Cardesin, 1992) quanto em Portugal (Lima Santos, 1992). Nas aldeias, existem lotes isolados no meio do baldio, perfeitamente murados. O fato de não existir nada em volta deles,

não significa que não haja mais nenhum lote particular. Na atualidade, essas propriedades são usadas como lameiros.

Ao longo do século XX, a implementação da batata de semente implicou no aumento da exploração dos baldios, na mudança de uso das terras (*virar pra batata*) e na particularização de terras de uso comum. Como afirma Ribeiro na epígrafe deste capítulo, as culturas vão se transformando, umas desaparecendo e outras aparecendo. A batata de semente e a cooperativa foram perdendo espaço político e social com o decorrer do tempo. Com a chegada e implementação da Política Agrícola Comum, começaram a deixar o cultivo da batata de semente, ganhando espaço o gado. A Câmara Municipal de Montalegre vem, desde 2013, tratando de reativar esse mercado através de ajuda e incentivos, mas, segundo me relataram alguns agricultores, não conseguem que esse cultivo seja retomado de forma massiva. Problemas com os pagamentos e que o foco principal dos agricultores esteja na criação das suas vacas são os argumentos mais comuns.

Aproximando-me novamente das formulações de Van der Ploeg acerca da autonomia face aos mercados, os próprios agricultores das aldeias não se interessam por cultivar batata de semente para exportar ao conjunto do país. Diferentemente do que aconteceu com o centeio, o cultivo da batata não deixou de ser alimento para os humanos, continua sendo um fruto que abastece a casa.

6.3.1 Cultivo da batata

Neste tipo de cultivo, os tempos são similares aos do milho, sementeira, aplicação de herbicidas para evitar a presença de plantas consideradas invasoras, regadio, corta da parte aérea da planta e recollecção, com ajuda de uma *alfaia* específica. A relação de horas de água de regadio por alqueire se mantém, pois as terras que recebem batata são as mesmas que recebem milho. O ciclo de rotação de cultivos é de cinco anos, em que se semeia batata, centeio, milho, centeio, milho e novamente batata.

Em relação ao regadio, podem-se aplicar os mesmos parâmetros que às terras de milho, dependendo do tamanho, precisarão de maior ou menor número de pessoas. A relação aproximada que encontrei nas aldeias é de 1:5 de terras de batata *versus* terras de milho. Zé do Covelo, morador de Pitões, me disse que recolhia 3 toneladas de milho e 500 quilogramas de batata, nesse caso a relação seria de 1:6.

A batata é um cultivo destinado à alimentação tanto humana quanto animal (vacas e porcos, principalmente). Outro fator relevante é que o município galego de Xinzo de Limia (a 35 km de Tourém) é um dos maiores produtores de batata da Galícia, com o que o preço de mercado da batata é menor do que os custos dos agricultores. Há diferentes tendências e posturas acerca dessa possibilidade que se abriu recentemente de comprar batata em Xinzo a um preço relativamente baixo. Existem agricultores que semeiam batatas para consumo doméstico e compram as que vão alimentar o gado. Há os que semeiam batatas para a exploração e para a casa. E há os que semeiam batatas e, se não atingirem a quantidade necessária, procuram completar a demanda através da compra em Xinzo. Não se pode negar que há uma presença forte de um mercado próximo que faz com que os agricultores estejam avaliando a situação, pensando acerca desse cultivo e das condições produtivas.

Para a colheita da batata *quanta mais gente se encontrar na terra mais rápido será*, afirmava Sérgio em outubro de 2015. Os tubérculos são extraídos com ajuda de uma *alfaia* que é acoplada ao trator. Essa ferramenta penetra na terra e vai levantando as batatas que ficam espalhadas pela superfície do nabal. As pessoas carregam sacos e baldes que vão enchendo com as batatas que ficaram espalhadas. Quando um saco fica cheio, atam-no e continuam enchendo outro. Nesse momento já acontece uma primeira seleção dos tubérculos, as batatas de porte maior, as que são boas para semente (porte menor) e as restantes, com as que alimentarão os animais após uma seleção.

Para a colheita da batata costuma-se acionar os familiares, aproveitando para agilizar a recolhida, que, dependendo da quantidade, pode até ser feito no mesmo dia. No caso de Sérgio, ele recebe a ajuda de seus irmãos, Zé, Russo, Venâncio e Eulália. Ele terá que retribuir aos irmãos da mesma forma, ou seja, ainda que a colheita dele seja de um dia, como vieram cinco, ele terá de ir à colheita dos cinco. Na colheita da batata, até as crianças formam parte da equipe de trabalho, não é estranho ver crianças com baldes pequenos ajudando a recolher batatas, carregando os sacos vazios para os seus familiares ou brincando com a terra. Podem ser vistas até três gerações trabalhando na mesma terra. Todos esses arranjos de disponibilidade de mão de obra e trabalhos conjuntos são atualizações e reconfigurações de práticas de entreajuda historicamente consolidadas. Não vi, nem na colheita do milho, nem da batata pessoas assalariadas trabalhando, o trabalho ali é familiar.

A batata enquanto alimento tem uma grande carga simbólica. Considerado um dos alimentos centrais da população local, todas as casas semeiam no mínimo batata para autoconsumo. Aqui não me refiro somente à casa-camponesa, se não, também à casa-familiar. Como já dito, a casa-familiar foi uma formulação realizada em meu mestrado (Amoedo, 2014), que destacava a centralidade da casa para todo um conjunto de pessoas que, sendo da aldeia, não residiam lá. Essa casa-familiar orbitava ao redor de familiares que residiam efetivamente na aldeia.

A batata é um cultivo, ou um fruto, que todas as pessoas que chegam à casa recebem, bem como as couves. Os emigrantes conhecem bem essa prática. É o que eles recebem quando chegam às aldeias para passar as férias. Não se pede, são produtos da casa. Oferecidas pelos parentes que ficam na aldeia, as batatas são semeadas pensando nas pessoas que porventura possam aparecer. Sempre que fiz trabalho de campo nas aldeias de Tourém e Pitões, batatas eram-me oferecidas, inclusive, entregavam-me chaves de palheiros onde guardam as batatas para não ter que pedir, somente ir e me abastecer.

O cultivo da batata tem uma conotação e uma carga moral, porque marca o momento em que não se conseguia mais alimentação, simbolizando o momento em que a subsistência fica comprometida. Os mais idosos que viveram os anos da fome sabem que, naquelas terras, o impacto foi menor graças a esse tubérculo. Sem um relevo geracional, sem jovens em casa que semeiem e coletem batatas, os velhos se sentem mais vulneráveis.

A semente da batata é renovada anualmente em parte. A maioria dos agricultores costuma guardar da colheita de um ano semente para o seguinte que se soma à comprada. As variedades mais cultivadas de batata são a *amarela*, também conhecida como Desiré, e a *branca*, cujo nome comercial é Kennebec. A proporção de *semente de batata da casa* vs. semente de batata comprada é de três para uma, no caso de Tono do Artur, por exemplo. Por cada três sacos de *batata filha*¹⁴⁶ compra um novo de semente.

6.4 O Milho

¹⁴⁶ Tono usou de forma indiscriminada as categorias de *batata da casa* e *batata filha*.

O terceiro cultivo abordado é o milho, presente nas aldeias desde o século XX, mas a sua importância no sistema agrícola tradicional é reduzida. Vergílio Taborda documenta a existência do cultivo do milho no Baixo Barroso, em lugares mais temperados e onde se dão os cultivos de uva para vinho e oliveira para o azeite. Este não é o caso do Alto Barroso, descrito por ele da seguinte forma: “Por sua vez, o Alto Barroso é, como Miranda, uma região predominantemente pecuária, onde a agricultura quase só conhece o centeio e a batata” (1932:115).

Considero, portanto, na região do Alto Barroso, a partir da descrição dada por Taborda, o cultivo do milho naquele momento como não muito relevante. Tomando as etnografias de Bordalo Lema (1978), Viegas Guerreiro (1982) e Lourenço Fontes (1977) como fontes documentais, conjuntamente com as narrativas locais, consegui cercar melhor o momento em que esse cultivo começa a ganhar relevância dentro do sistema agrícola. Na década de 1980, Viegas Guerreiro se referia ao cultivo do milho em Pitões da seguinte forma:

Buscam-lhe chão soalheiro e abrigado de nortadas, no fundo dos vales ou suas encostas, onde a produção é compensadora. O pouco que colhem destina-se principalmente a porcos e galinhas (1982:126).

Na mesma linha do mostrado por Viegas Guerreiro, Bordalo Lema, em sua corografia da aldeia de 1978, tampouco lhe dá lugar de destaque. Estou em condições de afirmar à luz dessa documentação que a importância do milho no sistema agrícola é recente.

Desde a década de 1990, o milho vem ganhando espaço de cultivos como o centeio ou a batata. Essa irrupção vem acompanhada de facilitadores, como: fertilizantes específicos, sementes híbridas, herbicidas e novos processamentos tecnológicos como a ensilagem. O milho é um cultivo cuja importância relativa dentro do sistema agrícola é cada vez mais relevante. Desde a década de 1990, vem aumentando o cultivo desse cereal que, apesar de não encontrar no local boas condições para a sua produção, principalmente por conta do clima – *nove meses de inverno e três de inferno* – com a introdução de variedades híbridas e fertilizantes aumentou significativamente a sua presença anos após ano. Essa tendência de aumento está sendo reavaliada dentro das diferentes unidades produtivas, como será analisado mais à frente. Existem já agricultores que começaram a deixar de cultivar milho.

Há diferentes variedades de milho que são semeadas na aldeia: o *país* e o *híbrido*. O milho país é uma variedade considerada local, própria. Os circuitos pelos que circula o milho país e o milho híbrido são distintos e próximos ao mesmo tempo. O milho país é uma variedade que não circula comercialmente. As sementes são ganhadas, trocadas ou herdadas. Já o milho híbrido é produzido por laboratório e vendido nas lojas de insumos que há nas vilas. Essa é uma primeira diferenciação que há entre o milho híbrido e o país, enquanto um mobiliza dinheiro, o outro circula por circuitos em que a amizade, as relações de parentesco e confiança imperam. No seguinte capítulo, problematizarei mais a fundo essas diferenças existentes entre essas as variedades.

6.4.1 Os tempos do milho

O milho é semeado no mês de maio, após serem estrumadas as terras em março. Duas semanas após a sementeira do milho, os agricultores dedetizam as terras com um herbicida que elimina as plantas consideradas invasoras. Tem agricultores que ainda optam por sachar o milho, isto é, com uma enxada eles vão levantando as plantas invasoras para que não impeçam o milho de crescer. O tratamento com o herbicida ou o sachado se repete a cada duas semanas até que a planta tenha um porte aproximado de meio metro. Daí em diante, os herbicidas são aplicados com pulverizadores manuais, com a enxada ou com a ajuda de cavalos. O milho é um cultivo que *a priori* deveria ser irrigado. Há já variedades híbridas cultivadas nas aldeias que não precisam de irrigação, o que supõe mais uma possibilidade de expansão para esse cultivo.

A maioria das terras que são semeadas com milho são as que dispõem de *horas de água*. Como já foi visto para o caso dos lameiros, que necessitam ser irrigados nos meses de inverno e logo após o final do verão, as terras com milho e batata precisam ser irrigadas nos meses de julho e agosto principalmente, portanto, se beneficiam do sistema de rega. A rega do milho é uma atividade que demanda bastante atenção por parte dos agricultores. Já foram mencionados os diferentes arranjos que há nas aldeias em relação à água de rega. Em Pitões, os agricultores que cultivam milho para a silagem são os que mais demandam e disputam a água. Já em Tourém, um agricultor que não tenha horas de água assinadas, se tiver milho, terá

que solicitar de uma pessoa que não vai utilizá-la ou tentar remanejar a água de outra forma.

Para regar uma terra, tem agricultores que o fazem individualmente e outros que preferem mobilizar mais mão de obra pra essa atividade. Variáveis que também dependem do tamanho da terra. Se uma terra tiver dois alqueires, disporá de seis horas de água para regar, sendo um trabalho intenso. Há que considerar que o número de horas de água disponível é limitado e a otimização do recurso é fulcral. A água entra na terra através do rego e, quando está dentro da terra do agricultor, há que criar com as enxadas caminhos para que a água se estenda para toda a superfície da terra. O sistema de regadio é por superfície, isto é, a água precisa percorrer a superfície da terra. Através dos sulcos da sementeira do milho, a água vai sendo dirigida pelos agricultores. Uma vez que chegue ao final da terra, avançam no sentido transversal, de forma que a parte que fica atrás do agricultor já está regada.

Antes de regar, os agricultores precisam avaliar o estado em que se encontra cada terra semeada de milho, o que implica em tempo de análise e observação. Os agricultores aproveitam deslocamentos para avaliar o estado das terras e dos cultivos em conjunto.

Até aqui, apresentei as diferentes culturas que são, na atualidade, cultivadas pelos agricultores de Tourém e Pitões das Júnias. Mais do que isso, a intenção foi a de mostrar os diferentes tempos que podem ser acessados por meio da historicidade de cada cultivo.

O centeio é o cultivo que todos os agricultores consideram próprio da terra. Aparece destacado desta maneira desde os inquéritos de Pombal do século XVIII, os de Vergílio Taborda e Orlando Ribeiro já do século XX. Sem necessidade de remeter a processos mais pontuais, o centeio é a cultura do lugar. A necessidade de entender a forma em que os demais cultivos foram chegando e se incorporando ao sistema agrícola local remetem forçosamente para outras variáveis. No caso da batata, a segunda guerra mundial e a crise do abastecimento da semente fizeram que no Alto Barroso, os agricultores experimentassem por primeira vez o que poderia ser pensado enquanto a primeira mercadoria (Lima Santos, 1992). As argumentações mobilizadas

pelos técnicos de ser o Alto Barroso um espaço privilegiado para esse tipo de cultivo fez com que aumentasse a quantidade de batata semeada nas aldeias.

No entanto, da mesma forma como aparece na epígrafe deste capítulo, assim como vêm as culturas também vão. Não desapareceu a batata das terras de Tourém e Pitões, mas a venda, a sua configuração como mercadoria perdeu quase totalmente o espaço. A maioria dos agricultores semeiam batatas para casa e as menores são destinadas ao consum dos animais. A sua presença continua, mas sua importância relativa atual dentro do sistema é menor. E ainda mais, tendo relativamente perto um dos maiores produtores de batata da península. Se precisarem de batata para o gado, vão a Xinzo. Já, comprar batata para alimentação da casa não é bem-visto nas aldeias. Não conseguir semear batatas para consumo da casa é um dos momentos mais traumáticos que enfrentam as casas.

Já o milho, seria, nesta escala evolutiva dos cultivos, o último que se incorpora ao sistema agrícola. Apesar de ter uma centralidade atual, através das descrições de diferentes autores, foi possível chegar a acoutar temporalmente a chegada e irrupção desse cultivo. No entanto, essa chegada está marcada por formas de nomeação diferentes que remetem a contextos e circuitos diferentes. O milho país é próprio, já o híbrido entra pelos canais comerciais. Como será analisado no capítulo a seguir, juntamente com o milho híbrido, incorporaram-se ao sistema agrícola procedimentos técnicos e tecnológicos que ajudaram esse cultivo a ter uma posição mais relevante.

Essa situação do cultivo é relativa, pois há agricultores nas aldeias que estão começando a estudar as alternativas para o cultivo, que consideram caro. O fato de o milho híbrido ter que ser comprado na semente, os herbicidas e os diferentes tratamentos necessário fazem as despesas e o tempo gasto não sejam rentáveis.

A sensibilidade que os agricultores colocam em sua atividade são o que lhes permite formular as hipóteses novas, pensar em diferentes estratégias a longo prazo. Dessa forma, a racionalidade de cada agricultor é que vai marcando esses processos em que eles se vão aproximando de algumas culturas, experimentando procedimentos técnicos e tecnológicos, novas espécies etc.

A importância central do sistema prevalece. Todas as experiências têm um limite, pois não se pode colocar em risco o sistema.

Capítulo 7: A importância do sistema, o conhecimento e as múltiplas racionalidades

Neste capítulo, procuro condensar algumas informações que foram sendo elencadas nos anteriores e mostrar as diferentes racionalidades com as que os agricultores trabalham as suas unidades produtivas. O intuito é mostrar como essas unidades planejam suas atividades, como os procedimentos técnicos foram chegando e se assentando dentro do sistema agrícola. Trago uma combinação dos elementos elencados anteriormente, as terras, as culturas, a gestão da exploração, as mudanças dos sistemas produtivos, as continuidades, finalizando com as propostas mais novas dos agricultores no sistema agrícola.

7.1 Malhando e ressemeando centeio: ferranhas e a planificação do ano agrícola

Nem todo centeio semeado nas aldeias é usado exclusivamente para a obtenção de grão. Parte do centeio é ressemeado nas terras após ser coletado em agosto para a obtenção das *ferranhas*. A ferranha é o broto da planta de centeio que é comida pelas vacas ainda verdes nas próprias terras. Portanto, o centeio é semeado duas vezes ao ano, em setembro-outubro para a obtenção de ferranhas e a finais de outubro para obterem o grão em agosto. No *tempo das ferranhas*, é mais comum observar as manadas de vacas se deslocando de manhã até as terras e voltando para os armazéns para pernoitar.

A ação de semear a ferranha depende de vários aspectos inerentes à unidade produtiva. O primeiro e mais importante é a produção de centeio obtida em agosto. Se a quantidade de grão obtido tiver sido igual ou superior à esperada, os agricultores semeiam com elas mais terras. Se a quantidade não for satisfatória, semeiam menos terras. Da produção do centeio, obtida após a malha em agosto, sai a semente para o seguinte ano produtivo. Com isso, a prioridade da unidade produtiva é a safra seguinte, em detrimento das ferranhas. A semente de centeio, portanto, não é renovada com aportes externos, como acontece com a batata e o milho.

O resto de centeio – uma vez separada a quantidade necessária para semente e a que será usada para moer e fazer farinha para alimentar os animais – é utilizada

para a ferranha. Patorro, no ano de 2017, obteve mais de três toneladas de centeio, aproximadamente oitenta sacos¹⁴⁷. Ele precisa de entre dez a doze sacos de sementes de centeio por ano, entre *ferranha e sementeira*, como nomeiam as duas ações. Portanto, o restante é para consumo dos animais, seja em forma de ferranha ou de grão. *Semeamos o pão para semear no outro ano*, afirmava Patorro. Cascais, no ano de 2018, obteve por volta de seis toneladas de centeio, uns 120 sacos. Entre a ferranha e sementeira, calcula que precisaria de mais ou menos dezesseis sacos de sementes. Logo, o restante também foi para o consumo dos animais. Em anos como 2017 e 2018, que foram *bons de centeio*, a percentagem guardada de semente se aproxima de 10%.

Com o centeio já dividido entre o que vai ser destinado a ressemeiar, é hora de decidir, na unidade produtiva, o uso a que será destinado o restante centeio. Em uma lista com a ordem de preferência para o destino deste produto, apareceria na primeira posição os vitelos, depois, as vacas paridas e, por fim, as vacas que não se encontram paridas que, são as últimas a receberem farinha, se é que recebem. Adriano, de Tourém, não alimenta suas vacas com farinha de centeio. Em sua unidade produtiva, ele gasta o centeio em ferranha e somente na alimentação dos vitelos. Já na casa de Patorro, o centeio é moído com milho e colocado nas *manjedouras*¹⁴⁸ das vacas paridas, como um extra, um mimo para que produzam *mais e melhor leite*, como comentou comigo em 2017.

Nesse cômputo acerca da quantidade de sementes necessárias para as ferranhas, entra em cena outra variável importante: a máquina de malhar. No ato de malhar o centeio, a máquina não consegue recolher cem por cento dos grãos. Uma percentagem de grão de centeio é espalhada pelas terras. Os agricultores perceberam que poderiam usar essa ineficiência da máquina em seu próprio benefício. Uma vez que a máquina malha a terra, avaliam de forma minuciosa a quantidade de semente que ficou espalhada e, caso a quantidade seja próxima da desejada, reviram a terra com as grades para facilitar a germinação das sementes. Deste modo, a ineficiência da malhadeira foi reconvertida e usada em benefício da casa.

¹⁴⁷ As contas de centeio na aldeia se fazem em sacos. Existem sacos de um metro cúbico chamados de *big mat* e sacos menores que este. Esses sacos menores cheios pesam entre quarenta e cinquenta kg. Já nos *big mat* os agricultores calculam que cabem 800 kg de centeio.

¹⁴⁸ Local onde se deposita a comida para as vacas.

As terras que foram cultivadas com centeio, não precisam de ser ressemeadas caso queiram obter *ferranha*. Como as plantas não são retiradas da terra, germinam novamente com as primeiras chuvas, ajudadas também pela semente espalhada pela máquina. Nos meses de fevereiro *aricam*¹⁴⁹ as terras que vão dar o grão de centeio. Já nas terras em que foram cultivadas batatas ou milho, os agricultores após a colheita, retiram o estrume dos estábulos e das vacarias e semeiam centeio para obter as *ferranhas* para alimentação do gado em verde no outono. A batata e o milho são cultivos que retiram a *força da terra*, como me disse Venâncio de Tourém, em decorrência dessa extração de nutrientes é que os agricultores para semearem centeio, precisam antes estrumar as terras.

7.2 A mecanização da malha do centeio: transformações, processos e impactos

O primeiro processo a ser mecanizado no sistema produtivo do centeio foi a malha. Como malhada se conhecem:

as ações de debulha de cereais feitas à força de pulsos, braços e malhos (...) com o advento da debulhadora estacionária, abandonaram-se os malhos mas a designação tradicional para a operação de debulha dos cereais manteve-se e a máquina, por sua vez, passou a ser conhecida por “malhadeira” (Portela, 1986:73).

Destaca Portela que esse processo mecânico já estava implementado em 1982, quando fez o trabalho de campo para essa publicação acerca do trabalho cooperativo em Trás-os-Montes (1986). Nessa mesma data, Viegas Guerreiro descreve a presença da malhadeira também na aldeia de Pitões, e Bordalo Lema afirma que, em Tourém, havia uma malhadeira na aldeia, propriedade de um vizinho, em 1978.

Se a malhadeira estacionária estava presente nas aldeias já a finais da década de 1970, essa máquina não atendia a todos os agricultores. Ao ser um serviço pago por hora, nem todos tinham capital econômico necessário. Bordalo Lema destaca que 58% dos agricultores usavam esse serviço (1978:62).

¹⁴⁹ Ação de lavar superficialmente as terras com o fim de eliminar as plantas invasoras que nascem entre o centeio.

Fernández Prieto enumera as vantagens da máquina de malhar frente aos processos manuais, obtidas através do levantamento de dados histórico da década de 1930, são:

- a) eliminación dos riscos, a malla tradicional duraba demasiado e a súa aceleración permite evita-las perdas ocasionadas por choivas imprevistas;
- b) mellórase a calidade do produto final, ó conseguirse un cereal máis limpo e enteiro;
- c) gáñase en cantidade, pérdese menos grão;
- d) afórrase tempo e dureza de traballo, a rapidez da malla era unha característica moi valorada na escola dos motores;
- e) permite un traballo mais limpo e seguro ós que participan nel (1992:361-362).

Após essa experiência com a máquina de malhar, Portela afirma que nas aldeias em que realizou o seu trabalho de campo em Trás-os-Montes, “um novo ciclo tecnológico se iniciou com a utilização da ceifadeira-debulhadora-auto-transportada, ou na terminologia local, “malhadeira de terras” (1986:73).

Essa malhadeira de terras – é a que permanece até o momento atual – foi uma mudança importante em relação à estacionária. Esta ficava parada nas eiras e era deslocada internamente nas aldeias. A malhadeira de terras tem a capacidade de se deslocar até o lote onde se encontra o centeio. Em quarenta anos, as pessoas que não tinham as possibilidades econômicas passaram de malhar à mão a se deslocar, por grandes extensões, máquinas que ceifam e malham o centeio.

Antes dessas máquinas que ceifam e malham, os agricultores realizavam várias atividades prévias à malha do centeio. Quando o grão estava seco, era hora da segada do centeio. Os homens e as mulheres das casas se deslocavam até as terras onde fora semeando o pão e, ali, juntavam-se dúzias de pessoas para ceifar o centeio. Ceifavam as plantas e iam amontoando o centeio ceifado sob a superfície da terra bem alinhados, todo o grão na mesma direção. Após ter uma quantidade já ceifada, chegava uma pessoa encarregada de atar esse *molho*. Esses molhos eram carregados e levados às eiras onde se construíam pirâmides de centeio, chamadas de *medas*. Se a casa tinha uma eira em propriedade, era lá que se malharia o centeio. As maiores casas das aldeias eram as que tinham eira própria. Havia nas aldeias também eiras que eram de *herdades*. Da mesma forma, como as terras as eiras também entravam na divisão da herança, ficando pequenas porções divididas entre os herdeiros. Havia também as eiras consideradas comunaís que eram usadas pelas pessoas que não tinham. Nas eiras, se construíam as medas, em que o centeio ia secando de forma que o desprendimento entre o grão e a inflorescência acontecia de

forma mais simples. Ainda assim, depois de um período secando, chegava o dia da malhada, como já foi descrito.

A diferença das últimas máquinas de malhar em relação às estacionárias, é que ceifam a planta, malham e separam o grão da palha. Conforme a malhadeira vai avançando pela terra, atrás fica a palha enfileirada pelo lote, esperando ser enfardada. Na atualidade, a palha se usa como matéria vegetal para a realização da cama das vacas. As primeiras malhadeiras, ainda que estacionárias, eram deslocadas internamente nas aldeias. Poucas vezes, deslocava-se até as terras, ainda que isso fosse possível. O seu deslocamento na aldeia era difícil, os caminhos não comportavam os deslocamentos até as terras, pois eram estreitos e com uma superfície irregular. A dificuldade de deslocamento pelos caminhos das aldeias continua sendo o maior fator limitante das malhadeiras. Como já foi analisado, continua havendo caminhos estreitos em que essas máquinas não têm acesso.

As medas são pirâmides de matéria seca e vários são os relatos de incêndio. Os agricultores preferiam as medas nas eiras e não nas terras, pois, no espaço interno da aldeia estavam mais controladas do que nas terras. Esse processo mudou em finais dos anos 1980 e começos de 1990, com a entrada de malhadeiras mais modernas, de grande porte, com *pentes*¹⁵⁰ de mais de 6 metros de comprimento. Com a chegada dessas malhadeiras, os caminhos que dão acesso às *veigas* ou *prazas* começaram a ser melhorados e alargados. Por outro lado, muitas das terras que eram cultivadas com centeio deixaram de estar aptas devido à falta de acesso. Em Pitões, essa reclamação por parte dos agricultores é mais marcada do que em Tourém.

Não há, nas duas aldeias, nenhum agricultor que seja proprietário de uma máquina de malhar, diferentemente do que relatava Bordalo Lema. Este é o único meio de produção que os agricultores não têm em propriedade. Existem várias leituras acerca da incompatibilidade entre a atividade que eles realizam e a aquisição de uma máquina de malhar. A primeira é que os custos de aquisição são muito altos, uma máquina usada de 10 anos tem um preço de aquisição na faixa de 50.000 euros. Uma máquina da década de 1980 custa em média 15.000 euros. A aquisição de um equipamento desse tipo é um investimento alto para as unidades agrícolas que existem nas aldeias. Um segundo inconveniente esboçado pelos agricultores é a

¹⁵⁰ O pente é a parte frontal da máquina, que é a que levanta o centeio e o ceifa.

ausência de um mercado de trabalho, ou a incompatibilidade com o sistema agrícola praticado pelos agricultores.

Adriano, de Tourém, afirmou em várias ocasiões que uma máquina desse tipo seria rentável na aldeia de Tourém, para um agricultor como ele. Por quê? Adriano é um agricultor que gerencia a sua unidade produtiva com uma extrema racionalidade economicista. Ele afirma ser economicamente viável a aquisição da malhadeira e o trabalho malhando o centeio das aldeias que se encontram perto de Tourém. A base de seu raciocínio se ancora no seu modelo de exploração. Ele gerencia uma unidade produtiva que oscila entre doze e quinze vacas, consideradas de pequeno porte. Outra diferença radica em que a campanha do feno, que é realizada no mês de julho, para Adriano, dura por volta de três semanas, sempre que as condições climáticas sejam favoráveis. Se começar no fim do mês de junho, na metade de julho, já tem o feno para o ano todo *metido* na vacaria. Além do feno, cultiva centeio e milho para as vacas e planta umas duas terras de batata para casa. Adriano não dá batatas às vacas. Com isso, quando termina o feno, ele fica aguardando a chegada da máquina do centeio. Ele não encadeia os processamentos das demais culturas, entre um trabalho e outro sempre tem um tempo. Essa disponibilidade é muito maior principalmente com o milho, já que não faz silagem¹⁵¹.

A viabilidade de aquisição de uma malhadeira por ele identificada, está diretamente vinculada com o modelo de exploração que ele gerencia. Sérgio, de Tourém, por exemplo, tem em torno de quarenta vacas reprodutoras. Desde que faço trabalho de campo nas aldeias, nunca vi Sérgio terminar o feno antes do mês de agosto. Nesse sentido, ele é um dos agricultores que mais encarna características de grande quantidade de trabalho sem descanso. Os mais velhos lembram que, no ritmo de trabalho manual dos tempos de antes, *não havia vagar*.

Os demais agricultores, da mesma forma que Sérgio, sequer sopesam adquirir uma máquina de malhar, eles têm uma carga de trabalho no verão que não lhes permite pensar a viabilidade dessa aquisição. Como alguns me falaram, *que vou vender as vacas?* O entendimento nas aldeias é que as vacas e a máquina de malhar são atividades incompatíveis entre si. Aí, radica a diferença maior. A dinâmica de

¹⁵¹ Como silagem, entende-se o produto obtido do processo de ensilar o milho. Como silo, entende-se o lugar onde se faz a ensilagem. Nas aldeias, se usa de forma indiferente silagem e silo. Assim farei neste texto também.

trabalho da máquina de malhar é oposta à concepção de *trabalho* que têm os agricultores.

Um terceiro elemento refere-se à dinâmica de trabalho que implica as máquinas de malhar. Elas *chegam às aldeias*. Ou seja, esta é uma atividade que demanda uma mobilidade grande e uma disponibilidade de tempo, já as vacas, são trabalhos que os agricultores consideram estacionários. As máquinas que chegam às aldeias para malhar, começam a campanha na terra quente transmontana. Normalmente, os donos das máquinas são moradores das terras de Chaves ou Miranda. Por ser outra região climática, ali o centeio matura mais cedo e eles começam a malhar nessas terras e vão em direção ao Alto Barroso. Quando chegam às aldeias de Pitões e Tourém, levam mais de dois meses malhando. Os agricultores colocam o ponto de referência nesse percurso, da máquina na sua aldeia. Por isso, referem-se a esse deslocamento, como: *as malhadeiras vêm malhando desde a terra quente*. Em Pitões e Tourém, acaba o raio de ação dessas máquinas, pois, a Oeste, a serra e as barragens se configuram como uma fronteira. Nessas aldeias, normalmente, as máquinas põem fim à campanha do centeio. São recolhidas em caminhões e levadas de volta ao ponto de partida, esperando a próxima campanha. Dessa forma, os agricultores das aldeias se vêm numa posição periférica em relação ao percurso que a máquina faz ano após ano.

As casas de Tourém e Pitões têm internamente ajustada a força de trabalho disponível em função da sua exploração. A máquina de malhar seria um deslocamento de força de trabalho que eles não têm. Como empreendimento, tampouco, aparece nas narrativas dos agricultores enquanto uma opção.

A equipe está formada por duas pessoas, um operador de máquina e um ajudante. Pelas vezes que observei, o operador da máquina costuma ser o proprietário ou, pelo menos, fica junto da máquina. Um dos componentes da equipe costuma ter conhecimentos de mecânica, pois, as máquinas que chegam às aldeias costumam ter mais de vinte anos e, por isso, apresentam problemas frequentes. Os operários costumam resolver os problemas no lugar e contam com um carro de apoio. Os proprietários das máquinas não têm explorações de gado. A forma de pagamento dos serviços não mudou com relação a como era feita em Tourém nos anos 1970. O preço da máquina é estipulado por hora de trabalho.

Na maioria das terras de Tourém e de Pitões, a máquina demora em malhar frações de hora. Nesse caso, o valor da hora se fraciona em minutos, pagando

somente pelo tempo em que a máquina malhou efetivamente. O preço do ano de 2017, foi de 60 euros a hora, ou seja, 1 euro o minuto. Os operadores das máquinas que vieram em 2017 afirmavam que aquelas terras quase lhes davam prejuízo, por serem de tamanho tão reduzido que mal avança a máquina. Os lugares de onde eles tiram lucro é na terra quente, em que o tamanho das parcelas é maior. No entanto, veem a sua presença como necessária para os agricultores de Tourém e Pitões.

7.3 O tempo da messe

Quando a messe começa a amadurecer, o ambiente da aldeia, entre os agricultores, começa a ficar agitado. Procuram-se entre eles para saber se algum tem notícias acerca das malhadeiras. Na hora do café, após o almoço, a conversa entre eles gira em torno desse tema: onde está a máquina de malhar e qual a previsão de chegada à aldeia. Os agricultores ficam em estado de excitação e *frenesi*, produzido pelo estado de maturação do grão e a ausência das máquinas. O centeio está em seu estado de *messe*.

Alguns agricultores se deslocam com os seus carros até as outras aldeias atrás das máquinas. Quando as encontram, vão conversar com o operador da máquina, com os agricultores que se encontram observando os trabalhos, para poder ter uma estimativa do quanto vai demorar até a aldeia. Outros agricultores tentam obter o contato telefônico do dono da máquina, ligando para agricultores de aldeias pelos que já passou a máquina e, inclusive, proprietários das máquinas que passaram pela aldeia nos anos anteriores. Ativam como já vimos no capítulo dos baldios, uma rede social própria. Como as máquinas e os donos das máquinas não são sempre os mesmos, paira no ambiente um clima de incerteza e preocupação.

A malhadora que vai para Pitões chega das aldeias que ficam na vertente de Montalegre. Em Tourém, as máquinas que costumam chegar, vêm malhando desde a Galícia. Em Pitões, a malhada no ano 2017, durou seis dias e foi realizada por duas máquinas. Já em Tourém, foram 3 dias de trabalho de uma única malhadreira. A maior preocupação dos agricultores é acerca da máquina de malhar demorar muito para chegar depois da maturação do grão. A messe pode passar de muito madura; quando isso acontece, as palhas do centeio começam a cair e o grão cai na terra. A resistência da palha vai se perdendo, o grão fica cada vez mais pesado e, no decorrer do mês de

agosto, as noites começam a esfriar. Esse arrefecimento faz as inflorescências acumularem gotas de água que provocam o aumento do peso das plantas, vencendo a resistência da fibra da planta.

Um efeito direto do aumento do peso é que o centeio *tumba*. Pelo próprio peso, ele cai, ficando em contato com a superfície do chão, portanto, adquirindo umidade. Nesse sentido, quando o centeio *tumba*, a máquina tem maior dificuldade para malhar, além da perda de grão que se desprende da inflorescência. Outro perigo é acerca da presença do javali que pode entrar na terra e estragar o centeio. Os porcos não comem o centeio, mas quando entram numa terra em bando de cinco ou seis porcos, deixam o centeio tumbado no chão e a terra revirada, dificultando ainda mais os labores de malha.

Diferentemente do feno, em que os agricultores possuem todos os meios de produção, na malha eles são reféns da máquina. Quem manda no tempo do agricultor é o ritmo da máquina. As malhadeiras entram nas *prazas* que têm centeio e vão processando uma terra atrás de outra. A jornada de trabalho da máquina começa ao estar o centeio seco, pois, se a palha estiver úmida, corre o risco, de uma vez acionada a máquina, as plantas caírem umas em cima das outras. Em Pitões, como a incidência do sol acontece antes do que em Tourém, os trabalhos de malhar começam mais ou menos às 10 horas da manhã. Já em Tourém, depende muito da localização da terra. O sol demora mais tempo a incidir sobre as terras que estão do lado da aldeia já que estão aos pés da serra, podendo começar os trabalhos quase às 11 horas da manhã. Já na veiga, por não estar na encosta da serra, a incidência de luz é mais rápida, sendo possível começar a malhar antes.

Após malhar uma terra, o operador para a máquina e pergunta o nome da casa para as pessoas que se encontram na terra. Em um caderninho, de tamanho reduzido, o operador anota o nome que lhe foi dado e o tempo de trabalho da máquina. No tempo em que a máquina para e anota o nome da casa, as demais pessoas que se encontram na terra se colocam à beira dela para coletar o grão produzido. Há diferentes estratégias de coleta. Há os agricultores que vão com os tratores e estacionam do lado da máquina, de forma que o grão caia diretamente nos sacos que portam em cima do reboque do trator e tem os agricultores que enchem um saco atrás de outro na terra. O tamanho dos sacos também varia. Tem sacos de entre quarenta e cinquenta quilogramas e tem sacos chamados de *big mat* cujo volume equivale a 1 m³ que os agricultores calculam que equivale a 800 quilogramas.

Ao esvaziar o centeio malhado nessa terra, a máquina avança para a seguinte. Os proprietários das terras costumam estar presentes. Pode ser que estejam em outra atividade, de forma que enviam uma pessoa responsável ou pedem para o vizinho da terra que lhes guarde o grão. No fim da campanha, o proprietário da malhadeira percorre a aldeia, casa por casa, recebendo o dinheiro que lhe corresponde em função do tempo gasto para cada casa. Na hora em que o operador da máquina pede o nome da casa para anotar no caderninho, costuma ser usado o nome do chefe da exploração, que, às vezes, se confunde com o da casa. Assim, Beatriz anotava o nome de seu marido Patorro; Dona Maria, esposa de Jan Bruto, dá o nome seu filho Manoel de Jan Bruto, pois, seu marido já não trabalha mais; o Raposo, o nome dele, e assim vai.

Em Pitões, diferentemente do que em Tourém, observei muito mais mulheres responsáveis pela colheita do centeio do que homens. Os agricultores monitoram a máquina e, quando ela se aproxima de uma terra deles, um da casa precisa estar presente com sacos para recolher o centeio. À noite, ou na hora do almoço as pessoas da unidade produtiva combinam as atividades de cada membro. Em agosto de 2017, Patorro aproveitou a presença do filho Ringo para ir ao roço, sendo Beatriz a pessoa da casa que ficava aguardando a chegada da máquina. Antes de a máquina chegar na sua terra, Beatriz se deslocou até as terras vizinhas em que estava malhando a máquina para conversar com as pessoas que lá se encontravam. No ato de descarregar o centeio, todas as pessoas que estão na terra ajudam. Tono do Artur, que trabalha só, precisa estar presente em suas terras sempre que a máquina está malhando.

Se, por exemplo, houver duas máquinas malhando e a unidade tiver propriedades em uma zona, mais do que em outra, eles terão que se dividir ou manter contato com algum agricultor vizinho que lhes avise quando a máquina chega na sua terra. Quando a máquina entra em uma praza, normalmente estão presentes todos os agricultores que têm centeio nela. Uns ajudam aos outros na hora de descarregar o centeio.

Retomo aqui uma passagem do mestrado (Amoedo, 2014) em que descrevi a festa do encontro e a saída repentina de Sérgio e seu irmão Venâncio, porque a máquinas tinha chegado às suas terras. Na aldeia de Tourém, na festa do encontro do ano de 2013, eram quatro horas da tarde quando Venâncio, irmão de Sérgio, recebeu uma ligação. Era Adriano dizendo que a segadora do centeio estava entrando

na terra deles. Rapidamente ele falou com Sérgio, Miguel e o seu pai: a máquina entrou na nossa terra! Vamos lá! Para nós, os convidados, ele falou: logo voltamos, esperem aí! Os três saíram em direção à terra deles. Só retornaram duas horas mais tarde, depois de terem carregado o centeio até os seus armazéns. Atrás deles, foram os do Vila, que tem algumas propriedades vizinhas de Venâncio.

As pessoas estavam tranquilamente comemorando a festividade com seus vizinhos, parentes e amigos. Já os agricultores, estavam na festa, mas, sabendo que, naquele dia, a máquina de centeio iria entrar em suas terras. *A máquina não entende de festas*, disse Sérgio já de volta, querendo se desculpar de sua ausência diante dos convidados. É o tempo de malhar o centeio e, portanto, todas as atividades ficam à mercê da máquina que vai de uma terra a outra trabalhando o máximo de horas por dia. É no ritmo dela que as pessoas vão planejando os seus dias nesse tempo.

No dia da festa do encontro, de manhã cedo, Sérgio e Venâncio, sabedores que era dia de festa e que a máquina chegaria às suas terras, cada um na sua vacaria, estiveram arrumando os sacos de um metro cúbico e colocando-os dentro do reboque do trator. Estudaram o espaço onde iriam depositar esse centeio e finalmente deram de comer e de beber para as vacas que estavam paridas no armazém. Infelizmente, para eles, a máquina não tinha chegado às suas terras antes da missa. Às onze da manhã, já tinham trabalhado quatro ou cinco horas, tomado café da manhã e um petisco com um copo de vinho. Estavam, depois de um banho, prontos para irem à festa do encontro, sabedores de que a qualquer hora chegaria a ligação do Adriano.

À volta da máquina ou das terras que estão sendo malhadas se encontram normalmente vários agricultores com preocupações diferentes: os que estão esperando recolher a produção de sua terra, os que já a recolheram e querem ver o que o outro recolheu, os que estão esperando para ver processada a sua terra e os agricultores que querem negociar com o maquinista para tentar fazer com que ele mude o roteiro e processe as terras deles primeiro. Como a maioria das terras são pequenas, a processadora recolhe o grão de várias terras ao dia, então fica uma espécie de plantão dos agricultores. A máquina é monitorada o dia inteiro, desde que chega até que desliga, no final do dia, sendo um dos temas de conversa e preocupação mais importantes *do tempo do centeio* entre os agricultores. Os agricultores conversam entre eles para saber o rumo que está tomando a máquina, quais as seguintes terras que vão processar e, em caso de dúvida, se deslocam até a máquina para falar com o operador e conversar acerca dos rumos.

Depois da máquina processadora separar o grão da *palha*, chega a hora de retomar as enfardadeiras, pois, a palha que fica do centeio é usada para fazer as camas das vacas. Como o centeio é uma planta que, quando é processada, está seca pode ser enfardada no mesmo dia. Para enfardar a palha, nem é preciso fazer as carreiras com o virador, pois a própria máquina de malhar já deixa a palha enfileirada. Os trabalhos da malha do centeio até a chegada das máquinas que ceifam e malham foram considerados uma atividade em que a força de trabalho nunca era suficiente. Implicava na cooperação e inter-ajuda entre as casas¹⁵². Na atualidade, em decorrência da forma de trabalho que impõe essas máquinas não se faz necessária tanta inter-ajuda.

As aldeias do Alto Barroso foram pensadas como espaços de comunitarismo, aldeias em que os vizinhos se ajudavam para realizar todas as atividades. Se essa foi uma primeira linha de pensamento, a seguir, os trabalhos de Pina Cabral (1986) e sobretudo o de Brian O'Neill (1984) vieram a tratar das diferenças de poder que haviam nessas atividades consideradas cooperativas. O que pretendo mostrar com essa narrativa acerca do sistema produtivo do centeio é que a chegada da máquina do centeio e das novas formas produtivas não alteraram de forma brusca as cooperações entre os vizinhos. Mais do que isso, a presença das mulheres de Pitões na malha marca uma gestão realizada na unidade doméstica através da combinação da força de trabalho disponível.

Outro aspecto relevante a ser observado da malhada do centeio é que este é o único trabalho em que os agricultores não possuem meios de produção. Ainda assim, como analisado em linhas anteriores, quando narrei o parto de uma vaca, se a inimizade entre as casas não for muito grande, impera na aldeia um senso de inter-ajuda que continua sendo mobilizado. Veremos, a seguir, as leituras que os agricultores têm acerca do milho, de como são as estratégias por eles formuladas para se aproximar da silagem ou não, como semeiam as terras com milho país ou híbrido e as novas possibilidades produtivas que começam a ser introduzidas no sistema.

¹⁵² Para mais detalhes acerca da malha, ver Portela (1986) e Fontes (1977). No caso da Galiza Rota y Monter (1987).

7.4 A silagem é mais uma forragem para o inverno

A ensilagem é um procedimento técnico de que se obtém a silagem, como diz Zé do Covelo, *mais uma forragem para o inverno*. Neste processamento da planta de milho, não se separa a espiga. Esse é um processamento relativamente recente, pois começou a ser implementado nas duas aldeias ao mesmo tempo, na metade dos anos 1990. Primeiramente explicarei a forma de procedimento da ensilagem para, em seguida, abordar a forma que os agricultores de Pitões se aproximaram desse processamento.

A ensilagem normalmente é realizada no mês de setembro, logo após a colheita da batata. A silagem marca o fim do verão e dos trabalhos de processamento que começam com o feno. Para a obtenção da ensilagem, as pessoas se congregam cedo na casa do agricultor do dia. Com seus tratores e reboques preparados, uma ou duas pessoas de cada casa aguardam as informações por onde os trabalhos começam. Quando o agricultor define o percurso das terras que serão trituradas, os agricultores começam a se deslocar pra lá com os tratores.

As lavouras da ensilagem consistem em várias funções encadeadas. Algumas pessoas vão cortando as plantas de milho e deixando-as de lado enfileiradas. Atrás delas, vêm a trituradora com a segunda equipe de pessoas que são as responsáveis por introduzir os molhos de plantas na trituradora. Todas essas funções dependem muito do tipo de máquina com que se esteja fazendo a ensilagem, pois há trituradoras que já ceifam a planta e a trituram automaticamente. A trituradora é acionada por um trator e, ao lado, vai outro trator com reboque habilitado para tal função, recebendo as partículas de milho trituradas que saem da máquina.

Uma vez cheio esse reboque, a trituração é pausada até que haja outro reboque recebendo o milho triturado. O reboque que está cheio se desloca até o armazém, em que foi cavada na terra uma espécie de vala de um metro de altura e dois de largura, que será recoberto completamente por uma lona de plástico. Os tratores vão descarregando a palha do milho nessas valas até atingirem a altura desejada. Conjuntamente com a palha também se coloca uma pequena quantidade de sal, pois, o resultado da reação química de fermentação é ácida, o que permite controlar parcialmente a acidez. Primeiro é o processo químico de fermentação denominado de aeróbico e, depois, anaeróbico. Isso permite a conservação dos nutrientes do milho. Ao mesmo tempo em que se vai avançando na construção do

silo, ele vai sendo coberto pela lona de plástico. A parte do silo que está encoberta é soterrada com uma pequena camada de terra, de aproximadamente dez centímetros. Após enterrado o silo, ele é compactado com a ajuda de um trator para eliminar o máximo de oxigênio, controlando assim, o grau que atingirá a fermentação aeróbia. Uma vez completo, o silo é fechado hermeticamente e no seu interior começam as reações aeróbicas e anaeróbicas necessárias para a obtenção do produto final. Aeróbicas porque as células da planta seguem vivas e pela quantidade consumida de oxigênio. Se o silo não for bem compactado haverá perda de nutrientes, perdendo-se muito de seu valor nutricional. A fase anaeróbica começa quando é esgotado o oxigênio. Como consequência, as células morrem e entram em cena as bactérias para fazer a fermentação dos açúcares. Pela atividade de fermentação é liberado ácido láctico que vai acidificando o silo. Quando o PH está próximo a 4, o processo é interrompido.

Segundo os manuais, esse processo demora entre 3 e 4 semanas. O silo é uma atividade que precisa ser feita o mais rápido possível, pois não pode estar aberto à entrada de ar. A construção do silo é feita com uma pequena inclinação de forma que a parte que primeiro se enche fica mais alta que a parte final do silo, com isso o líquido que se produz com a fermentação está sendo expulso para fora do silo. Para a ensilagem, normalmente usam-se quase exclusivamente variedades híbridas. Ao optar pela ensilagem, os produtores obtêm da planta unicamente um produto.

Em Pitões, as pessoas da aldeia se juntam e fazem o silo de um agricultor por dia. Segundo nos relataram, eles se juntam, aproximadamente quarenta pessoas divididas da seguinte forma: dez pessoas cortando o milho, vinte metendo na máquina e o resto transportando com os tratores. Pelo menos uma pessoa fica do lado do silo para ir encobrindo com a lona a silagem e comprimindo com um trator. Eles dizem que é a forma mais eficiente, mesmo implicando em uma grande carga de trabalho, posto que é preciso fechar a vala do silo e nem todas as terras estão perto dos armazéns, demandando deslocamentos de dezenas de minutos. Em Tourém, não vi essa prática unitária, apesar de que soube que, anos atrás, também faziam um silo por dia. Na atualidade, por conta de disputas internas entre famílias, essa atividade é dividida em dois grupos que também congregam pessoas de dentro e fora da aldeia.

Como se faz uma silagem por dia, nos dias em que a casa X é a que será a responsável pela silagem, são eles que se responsabilizam pela alimentação de todas as pessoas. Normalmente as mulheres da casa ficam na cozinha realizando o almoço

e a janta. A casa que não é a responsável pela silagem do dia cede a força de trabalho de várias pessoas e inclusive de máquinas. Normalmente, os agricultores se deslocam à casa em questão com os seus tratores e todos os reboques que tiver. Assim, se tem três tratores e dois reboques, levará para a ensilagem os dois tratores com dois reboques. O combustível dos tratores tampouco é pago. Entre os agricultores que fazem silagem não existe nenhum tipo de retribuição, essa prática se entende como recíproca. Como já vimos, a maioria das explorações têm dois tratores com o que costuma ser esse o número deslocado à silagem.

7.4.1 Processo de aproximação à silagem em Pitões e Tourém

O Russo e Zé do Covelo – agricultores, irmãos, naturais de Tourém e que casaram em Pitões das Júnias – me disseram em uma tarde em que estávamos juntos, falando dos cultivos, que a ensilagem: *é mais uma forragem para o inverno* (fevereiro, 2016). Desse modo entendem e revelam a importância que tem esse produto advindo de um processamento técnico recente. A ensilagem lhes permite também oferecer aos seus animais mais uma forragem, ampliar o cardápio de alimentos do inverno para as suas vacas.

Ambos foram, de alguma forma, responsáveis pela chegada da primeira trituradora à aldeia de Pitões nos anos de 1990, quando quatro agricultores se juntaram e decidiram adquirir uma trituradora de segunda mão para experimentar esse processo técnico. Curioso é que nesse mesmo ano, outro grupo de três agricultores também decidiu adquirir outra trituradora e experimentar fazer o silo. Portanto, nesse ano, duas experiências coletivas foram feitas, em dois grupos diferentes, mas com uma troca intensa de experiências. O primeiro ano foi o único que em Pitões a silagem foi feita de forma separada. Já no ano seguinte, os agricultores combinaram de se ajudar mutuamente fazendo o silo de um agricultor da aldeia por dia, esse costume se mantém até os dias atuais. Já em Tourém, há ajudas pontuais entre os agricultores que fazem o silo, porém, não existe um acordo de todos os agricultores para realizarem um silo por dia. Ambas as trituradoras foram adquiridas de forma coletiva entre grupos de pessoas que têm entre si relações de proximidade e/ou parentesco (Zé e Russo, dois irmãos, conjuntamente com o cunhado de um deles e outro produtor próximo deles, um *amigo*). Essa aproximação às novas tecnologias foi definida por Fernández Prieto como processo de adaptação por parte dos agricultores e passa por

várias etapas: aproximação inicial, estudo, forma de compra (normalmente coletiva, tipo de máquina) (1992). Entendo a adaptação às tecnologias como um processo intrínseco ao *trabalho*, essa forma de se aproximar, avaliar e estudar se encontra, ao meu modo de ver, no que os agricultores entendem como trabalho.

A decisão de adquirir maquinaria é um processo reflexivo, que mistura várias experiências até chegar à decisão e modalidade de compra, neste caso de forma coletiva, seja através de cooperativas ou à *sociedade* como se diz no Alto Barroso. Concordo com Fernández Prieto, e assim me foi revelado também, ao longo do trabalho de campo, que esse processo de experimentação foi, de fato, coletivo, pois: “o custo inicial-iniciático é elevado e o risco está sempre presente” (Fernández Prieto, 1992:190). No entanto, os agricultores enfatizam que qualquer mudança no sistema agrícola tem que ser pensada de forma sistêmica, pois uma alteração faz com que o sistema tenha que ser ajustado. Isso aconteceu com as enfardadeiras de rolos e a necessidade de aquisição de tratores mais potentes. Se o cultivo do milho, até a década de 1990, não era relevante e hoje está presente na imensa maioria das explorações, isso quer dizer que houve uma reestruturação dos sistemas agrícolas particulares. Se o milho tem uma importância central na atualidade, isso implica em cultivos que foram substituídos.

Pode ser pensado também que, juntamente com os milhos híbridos e a ampliação das ajudas da PAC, os agricultores também começaram a comprar rações para alimentar os vitelos. O sistema vai sendo amoldado às estratégias produtivas adotadas pelas diferentes unidades produtivas. Novas tendências, novos cultivos, novos procedimentos técnicos e tecnológicos incorporados e reconfigurando o sistema agrícola local.

No caso da aquisição da trituradora para realizar a silagem em Pitões, a compra foi feita de forma coletiva. As máquinas que eram usadas, portanto, foram mais econômicas do que as novas e isso lhes permitiu realizar a experiência com um investimento menor do que implicaria a aquisição de uma nova. Como aconteceu em Pitões, todos os agricultores que participaram daquela experiência mantêm esse processo e foram adquirindo novas trituradoras, novos tratores e novos reboques necessários para poder realizar o silo de forma mais ágil. Hoje, a maioria dos agricultores de Pitões e Tourém têm cada um sua trituradora, ainda que façam a silagem juntos, cada um nas suas terras.

A aproximação das tecnologias é processual. Primeiro, alguns experimentam e testam e, depois, o uso vai-se estendendo pelas aldeias, havendo sempre agricultores que se juntam a essa experiência e outros que preferem manter suas formas. Na atualidade, a metade das unidades produtivas de Pitões fazem silagem. Em Tourém, essa percentagem é similar. O dinamismo nas configurações das unidades produtivas marca as possibilidades de traçar diferentes estratégias. Assim, entendo que haja na configuração de explorações atuais tantas estratégias quanto racionalidades diferentes.

7.5 O milho país e o híbrido

A origem do *milho país* é conhecida: uma semente herdada cuja trajetória pode ser mapeada através dos movimentos de vida das pessoas, das famílias, da confiança e das narrativas. Outro nome usado para o milho país é o *milho da casa*. Essa espécie é uma variedade que os agricultores consideram própria devido aos circuitos pelos quais circula. Se for preciso renovar a semente, devido a uma queda na produtividade do milho, Patorro me disse que seria acionada essa rede de pessoas e de amizades. Que, com a ajuda dessas pessoas, ele renovaria a semente. Não necessariamente de Pitões, a semente pode vir de outras terras, mas sempre articulada a essas relações.

O milho país que Venâncio – agricultor de Tourém, de quase oitenta anos de idade e que tem quatro filhos agricultores – e seus filhos semeiam, veio da *terra* dele (Alturas do Barroso, outra aldeia próxima), e é o mesmo milho que a família dele semeia desde *tempos imemoriais*, afirma. É uma variedade de milho transmitida através de relações de parentesco e vizinhança. Seria também possível conseguir milho *país* através de relações de confiança, assim Tomas, um vendedor de insumos para os agricultores, disse que caso eu quisesse milho *país*, poderia conseguir através de alguns amigos seu que eram agricultores.

As trocas das experiências entre os agricultores, vinculadas aos diferentes produtos, produtividades e cuidados, são comuns. Quando se encontram alguns agricultores é comum que a conversa gire em torno de suas experiências, dos produtos, do gado, das plantas e assim por diante. A curiosidade e procura de novas formas, cultivos e experiências é uma dinâmica que faz parte do cotidiano daquelas

aldeias, assim como um conhecimento mútuo das estratégias produtivas dos outros agricultores, *todo mundo sabe de todo mundo*, afirmam nas aldeias.

Já os milhos híbridos seriam as variedades obtidas via compra de semente, ministradas pelos comerciantes locais sob esse rótulo. As variedades mais importantes no mercado de Montalegre seriam as da companhia espanhola, *Fito*, e da norte-americana, *Pioneer*. De ambas, as variedades mais usadas são as de ciclo curto (60 dias), com uma aptidão ampla, que servem tanto para serem comidos pelas vacas em verde, quanto para obter silagem.

A introdução de novas sementes de milho possui umas exigências menores, em relação à disponibilidade de água, a qualidade das terras (modificada com a introdução de fertilizantes amplamente estendidos na região), e o procedimento técnico da ensilagem. Isso permitiu aos agricultores modificar o seu sistema produtivo a ponto de o milho ter maior importância hoje, do que há quarenta anos.

Essa diferenciação entre milho híbrido e milho país, não pode ser entendida como fórmula exata. A Adriano, agricultor de Tourém, perguntei certa vez qual a importância davam à aparição do milho híbrido dentro do seu sistema produtivo, a sua resposta foi que era mais uma *ferramenta a ser usada pelo agricultor*. Dessa forma, entendem o milho híbrido como mais uma variável a ser combinada dentro de uma estratégia mais ampla.

Adriano é um agricultor que tem uma exploração com uma dúzia de vacas e que não faz silagem. Adriano dá para as suas vacas as espigas e, com a palha que sobra, faz a cama. Também cultiva centeio e trigo (há somente três agricultores que estão semeando trigo em Tourém, pois eles estão, como dizem: *querendo ver se dá certo*), batatas e milho. Sempre que perguntava a Adriano o tipo de milho que ele cultivava, afirmava que era o híbrido. Eu o via desfolhando o milho e me chamava a atenção o tempo em que ele estava fazendo esse trabalho, pois em outubro normalmente os milhos deveriam estar já guardados nos armazéns, nas casas ou nos espigueiros. Ele afirma que a ensilagem não é um processamento técnico rentável para ele, devido ao número de vacas que maneja. Quando os agricultores fazem a silagem, recebem a ajuda de outros agricultores aos que eles têm que ajudar também. Essas inter-ajudas, no caso da silagem, ele considera caras. Outro argumento é que a carga de trabalho que implica coletar as espigas na terra e desfolhá-las na vacaria, como ele faz, não é excessiva aos seus olhos, ainda que

Adriano seja um agricultor que trabalha só¹⁵³. Essa opção produtiva implica em algumas diferenças com a ensilagem: ele vai às terras com seu trator, corta as plantas de milho e as carrega no reboque *à mão*. No armazém, precisa esfolhar as espigas. Depois de esfolhadas, Adriano corta as espigas e dá às vacas, principalmente às paridas. Existem agricultores que, por sua vez, realizando o mesmo aproveitamento do milho, fazem delas farinha.

Adriano afirma que, para produzir ensilagem, precisaria redimensionar e repensar a gestão de suas terras, pois sua visão é que só compensa se tiver uma quantidade que permita alimentar as vacas de 3 a 4 meses, ou seja, teria que produzir muito mais milho do que produz neste momento. Outra variável é a econômica: ele afirma que teria que fazer um investimento grande em maquinaria. Precisaria adquirir trituradora e reboques de trator para transportar o milho além de adquirir mais um trator, pois Adriano gere a sua exploração com um único trator. Teria que acometer também uma redistribuição do espaço exterior de seu armazém para acolher a vala de silo que implicaria em uma remodelação parcial.

Em conversa sobre o milho com Adriano, ocorreu-me a seguinte questão: se o milho sempre foi semeado o mais perto possível das casas, devido aos ataques dos javalis, seria estranho que o milho aguentasse até dezembro sem virar alimento desses suínos, bastantes numerosos na região. Questionava-me sobre, além de a terra ser no lugar conhecido como a avelaira, que fica perto das casas da aldeia, não tinha por que a plantação não ser atacada por esses animais, já que sabia que tinham estragado outras terras perto dessas casas. Adriano me deu a chave: o milho era híbrido. Esse é sua explicação: o motivo pelo qual os animais não atacavam aquelas terras, nem aqueles cultivos, era por se tratar de um milho híbrido. Eis uma diferença crucial que incide na escolha local do tipo de variedade a ser cultivada: o de milho *país* é atacado pelos javalis e os híbridos vêm – para os agricultores – tratados para que não sejam apetitosos aos paladares destes animais. A classificação do milho incide também em outros aspectos, como a resistência das fibras, a proporção de

¹⁵³Dos quarenta agricultores que há entre as duas aldeias, somente sete trabalham de forma individual sem ajuda na maioria das atividades que realizam. Há ajudas pontuais para atividades que implicam uma carga de trabalho grande, como o feno, em que normalmente procuram ou conseguem alguma ajuda por parte de parentes ou amigos, nem que seja nos finais de semana. Estamos aqui pensando principalmente em filhos nas universidades que voltam para a aldeia no verão ou que trabalham, e vão, nos finais de semana, ajudar os pais. Na maioria das explorações, o conjunto homem-mulher é a fórmula escolhida com atividades diferentes e complementares.

milho-sabugo de cada espiga, assim como a palatabilidade que as vacas têm com cada um dos milhos.

O milho *país* tem que, segundo eles, ser coletado antes (setembro), dependendo do estado em que estiver a maturação da espiga. Porém, o híbrido pode ficar nas terras em pé por mais tempo. Outra característica que Adriano atrela ao milho híbrido é a resistência da fibra, o milho país teria uma fibra menos resistente fazendo com que as plantas não resistam a ventos e a chuvas. As espigas de milho precisam secar antes de ser entregues aos animais, por isso, é importante que as plantas fiquem em pé, pois ao entrar em contato com a terra úmida, as espigas correm o risco de apodrecer.

Além do mais, conversava acerca desses milhos, de suas procedências, cuidados (principalmente fertilizantes a base de compostos de *N-P-K*¹⁵⁴, e usos de herbicidas), as demandas de irrigação etc. Nisso, observava Adriano trabalhar e me chamou a atenção o fato de haver dois destinos para as espigas: em latas, que antes albergaram pintura, ele colocava as espigas amarelas, muito mais numerosas e, do outro lado, tinha um cesto feito de matéria vegetal, em que depositava as espigas vermelhas ou um pouco mais avermelhadas.

Ele parte com a mão as espigas em dois ou três pedaços, que, depois dá às vacas paridas. A farinha também é obtida no mesmo armazém, porque tem um moinho de porte mediano que é acionado através da toma de força do trator e, com ela, alimenta os vitelos para que ganhem mais peso. Dias depois, voltei ao armazém de Adriano e vi de novo a mesma cena, espigas amarelas de um lado, vermelhas do outro, os mesmos recipientes, só que o das espigas vermelhas, estava cada vez mais cheio. Perguntei a Adriano o motivo pelo qual separava as espigas amarelas das vermelhas. Adriano afirmou que somente alimenta as vacas com as espigas amarelas, que as vermelhas são do milho país. Até aquele momento, Adriano sempre tinha relatado que cultivava apenas milho híbrido. As espigas de milho país não são dadas às vacas, pois as guarda até o ano seguinte, para serem usadas como semente.

A classificação de Adriano é feita através de fatores fenotípicos, se for vermelha, a separa, se for mais amarela que vermelha vai para as vacas, e se for mais vermelha do que amarela, vai para a sementeira do próximo ano. Quando ele compra a semente do híbrido da Pioneer, que costuma usar, mistura os grãos do milho *país*

¹⁵⁴ Nutrientes principais para as plantas. N é o Nitrogênio, P é o Fósforo e K é o Potásio.

(aproximadamente 10%). Ele afirma que obtém um milho que as vacas comem mais com essa mistura de sementes do que quando semeava somente milho híbrido, que o *país* parece mais palatável. E, com essa mistura, ele consegue conjugar elementos importantes para a sua exploração.

Tabela 4 - Comparação de milho país e milho híbrido (Autor, 2017)

Aspecto	País	Híbrido
Palha	Menos dura	Mais dura
	Menos resistente	Mais resistente
	Mais mole (pode ser alimento)	Mais dura (não alimenta)
Espiga	Mais apetecível	Menos apetecível
	Menor relação (grão - sabugo)	Maior relação (grão - sabugo)
	Sofre ataque	Não sofre ataque
Semear terras distantes	Não	Sim
Irrigação	Sim	Sim

Esse é um dos processos que considero basilares acerca da filosofia de *trabalho* dos agricultores. Adriano afirma semear milho híbrido apenas, e através do trabalho de campo na aldeia, vi como essa afirmação era simplificadora, a prática e o conhecimento de Adriano e o milho que cultiva é muito mais complexa. A relação que tem com os animais e as plantas é permeada pela sensibilidade e observação sistemáticas, uma produção de conhecimento que se estende no tempo, através de processos de experimentação. Todo o tempo de agricultor implica no acionamento das múltiplas variáveis dentro do sistema. Posso afirmar que Adriano cultiva a sua própria variedade de milho híbrido *stricto sensu*. Entendo as diferentes estratégias dos camponeses de Tourém e Pitões das Júnias com o conhecimentos na prática (Ingold, 2000). O tempo, as experiências e as respostas dos animais às diferentes

combinações de milho é que fazem os agricultores continuarem experimentando ou não.

A mistura de um milho chamado de *país* com um chamado de híbrido não produz outra coisa senão uma nova variedade de milho, um novo híbrido produzido da base do milho país. Os híbridos são milhos que não garantem plantios de segunda geração; são, portanto, variedades não férteis. Combinando o milho país, que é fértil, com variedades híbridas, os agricultores obtêm um milho país melhorado pelas características do híbrido. Conversando com amigos, que trabalham para algumas multinacionais da agricultura como a Monsanto, estes não souberam dizer sobre a fertilidade dos estames (inflorescência masculina do milho) dos milhos híbridos. Se me ativer às formulações de Adriano, de como ele entende essa combinação de espécies e de sua separação de frutos, com base nos fenótipos, arrisco afirmar que Adriano aproveita os trabalhos das multinacionais para melhorar o seu próprio milho país.

As formulações de Adriano sobre o milho podem ser estendidas aos demais agricultores das aldeias. Não me aventuro a assegurar que a variedade de milho de Adriano seja do agrado das vacas de outro agricultor. No entanto, essa estratégia de experimentação funcionou pra ele. Isso tampouco quer dizer que ele deixe de experimentar. Nestes últimos anos, ele semeia os milhos da *Pioneer*, mas já trabalhou com os milhos da *Fito*. Adriano denomina a relação que tem com os animais e as plantas de *trabalho*. Adriano afirma que *trabalha* tanto com os milhos de um laboratório quanto de outro, numa perspectiva processual e experimental, em que a dinâmica do trabalho é a que marca as escolhas. Como me disse Patorro – de Pitões das Júnias – *só não erra quem não trabalha*. Adriano experimentou essa mistura de milhos e, assim continua, praticando e misturando os milhos híbridos com os do *país*.

Se perguntar a Adriano que milho ele semeia, vai afirmar que é o híbrido. A partir desse exemplo, aproveito para destacar os rendimentos que podem ter o trabalho de campo: a possibilidade de acompanhar as práticas dos agricultores ao longo de vários momentos, facilitou-me chegar a estas formulações, com o privilégio de processos de investigação e experimentação internos à unidade produtiva e que precisam ser incorporados ao sistema.

A seguir, relatarei a experiência que Patorro e Beatriz tiveram no verão de 2016, em que aparece uma narrativa diferente da de Adriano. Adriano se apoia em toda uma

série de argumentos para não se aproximar da silagem, já Patorro e Beatriz não viram outra solução se não fazer a silagem, diante de uma série de acontecimentos.

7.6 Patorro e a ensilagem no limite

Patorro e sua mulher Beatriz são agricultores na aldeia de Pitões das Júnias. Ele se autodefine como *criado na serra*, pastoreando cabras e movimentando bens de consumo além e aquém de fronteiras que lhes foram impostas pelos Estados Nacionais, que burlava em uma prática comum e cotidiana, chamada de contrabando. Assim, ele, que tem menos de cinquenta anos, dois filhos fora da aldeia (um na cidade do Porto, após terminar um mestrado e o outro, trabalhando na França) afirma que sua escola foi a *serra*, a que conhece como *a palma da sua mão*. Fala da serra com paixão, gosta de aproveitar qualquer convite para caminhar por ela e a ela se remete quando procura explicar aspectos de sua filosofia de vida. Chegou a afirmar, em uma conversa que mantivemos em janeiro de 2016: *eu não tenho o vocabulário que vocês têm, a mim me faltam as palavras para explicar coisas que sei (...) na serra é outra coisa, ali sim que podemos conversar*. É um conhecedor reconhecido daquele território externo à aldeia, que hoje serve de ponto de atração de um parque nacional, do único parque nacional de Portugal, Peneda-Gerês e um amante incondicional daquele território que o viu crescer e com que cresceu.

Patorro e Beatriz são uma das casas de Pitões das Júnias (30 vacas) que, no ano 2015, se viu em uma situação não esperada: quase perderam a colheita de milho – semeiam majoritariamente milho país – devido ao *ataque* dos javalis. A cada dia que passava, a perda era maior, todas as manhãs se noticiava na aldeia que mais uma terra de milho tinha sido *tombada* pelos suínos. Eles nunca tinham feito a ensilagem e, até aquele ano, recolhiam o milho, desfolhavam e guardavam em cofres para ir moendo com o centeio e, assim, complementar o alimento dos vitelos ao longo do inverno.

Diante do cenário de perda total da produção de milho, os agricultores de Pitões que têm a maquinaria necessária para fazer a ensilagem se dispuseram a ajudar oferecendo-lhes a logística. Após refletir acerca da proposta, aceitaram, pois, como me disseram, *não havia outra forma de aproveitar aquele milho*, pois se esperassem as espigas maturar, corriam o risco de perder todo o milho. Por isso, optaram pela

ensilagem. Como para a ensilagem não é preciso que as espigas estejam maduras, esse procedimento poderia ser feito a qualquer momento, pois se tritura a planta completa. Rapidamente, espalhou-se pela aldeia a informação de que, no dia seguinte, se faria o silo de Patorro e de Beatriz. Quando amanheceu, eram muitos os vizinhos que estavam preparados para ajudar com seus tratores e reboques.

A experiência com a silagem foi *boa*, afirmam, que assim eles *descobriram*¹⁵⁵ esse novo processamento em sua casa. Questionados se voltariam fazer ensilagem no ano seguinte (2016), eles duvidavam, pois, argumentavam não ter as alfaias necessárias para realizar e tampouco pareciam interessados em realizar o investimento em maquinaria.

No entanto, no ano de 2016, estavam dispostos a experimentar novamente a silagem. Alguns agricultores que possuem as máquinas de tritar lhe ofereceram novamente fazer o silo para experimentar. Como ele mesmo afirma, *só não erra quem não trabalha*. Semeou algumas terras com milho híbrido, com intenção de ensilar milho misturado com alguns do milho país, uns outros de híbrido. Consciente de que sem a ajuda dos filhos, a estocagem de forragem se faz cada vez mais dura para ele e sua esposa e, após ter experimentado a ensilagem, Patorro tinha decidido semear quatro terras com milho híbrido para fazer ensilagem.

No ano 2016, em outubro, estive de novo em Pitões das Júnias e queria saber mais acerca da experiência do Patorro e se teria feito a ensilagem. Encontrei um agricultor extremamente triste. Este relatou que, aquele ano, a seca tinha feito as vacas descerem para a aldeia já no final de agosto: *não se aguentavam na serra*. Nesse ano, devido à escassez de chuva, as ervas que as vacas comem na serra não cresceram o necessário para alimentar todas as vacas da aldeia. As do Patorro decidiram voltar pra aldeia em finais de agosto, procurando com seus donos a comida que não havia na serra. É esse tipo de situação que os agricultores encontram sem esperar que considero relevantes e que mostram o dinamismo com o que têm que operar e como o planeamento do ano pode mudar a qualquer momento.

Quando as vacas de Patorro desceram da serra, encontrou-se diante de uma situação inesperada. Que fazer? Como narrado anteriormente, como o feno e o centeio já estavam recolhidos, ele decidiu colocar as vacas num lameiro que tinha

¹⁵⁵ Se o conhecimento é de alguma forma compartilhado no nível das experiências, o que marca, de fato, para os agricultores a validação desse procedimento é a experiência pessoal. Tentaremos continuar pensando nesses aspectos no decorrer do trabalho.

água para que pudessem beber e todos os dias, lhes levava milho híbrido e um pouco de feno. Decidiu, então, testar também o crescimento do milho híbrido, pois este serve também como forragem verde e seu crescimento é mais rápido do que o *país*. Diante dessa situação, optou por entregar uma parte do milho que era para a ensilagem para as vacas. Cortava o terço mais alto da planta de milho, deixando algumas espigas na planta que ficava na terra com a esperança de que, se fosse bem regado, a planta se recuperaria, *vingaria* podendo realizar, ainda, a ensilagem.

Sabia que o crescimento não seria ótimo, mas acreditavam que daria para ensilar pelo menos uma parte. Afinal, não conseguiu. Afirmou que o *milho cresceu até bem para o tempo que teve*, mas achou que não compensava fazer a ensilagem. Decidiu aproveitar as espigas, cortar o milho e alimentar as vacas, até que as estabulou em finais de outubro. O milho híbrido foi sendo entregue as vacas até que acabou, como nos disse Patorro de forma triste: *não correu bem*. As espigas do milho *país* também foram desfolhadas e guardadas para que fosse moendo e dando às vacas até o mês de março em que elas começam a sair, quando as condições climatológicas o permitam.

O trabalho do agricultor é dessa forma, disse. Precisou reagir de forma rápida diante de uma situação excepcional. O milho, que em uma primeira planificação anual, seria destinado à silagem, acabou sendo comido em verde pelas vacas. No entanto o seu sistema produtivo, apesar do imprevisto, se sobrepôs. Uma vez estabuladas às vacas não lhes faltou farinha e feno. Quando os dias permitiam, iam ao monte ou para algum lameiro.

Voltando para a sua experiência com a silagem, Patorro continua defendendo que, apesar de que o rendimento do milho *país* é menor que o do híbrido, a qualidade do milho *país* como alimento para as vacas era melhor. Outras características que definem como melhor a variedade *país* em relação aos híbridos tem a ver com a espiga, que, de fato, é a parte que aproveitavam antes desse ano e que serve como elemento balizador de seu exercício comparativo, sua comparação controlada (Lévi-Strauss, 1989). Patorro afirma que a qualidade do grão do milho *país* é melhor, que tem mais espiga do que os híbridos, tendo, ainda, mais sabugo (parte interna da espiga), e que a palha é mais macia. De alguma forma, a classificação de Adriano bate com a de Patorro nos aspectos fundamentais: qualidade da alimentação do gado, maciez e características da fibra. Desse modo, ali, eu via a ciência do concreto e as sensibilidades mobilizadas.

Em sua classificação específica da palha, ele vai além das formulações de Adriano e identifica mais diferenças na forma como as vacas recebem esse alimento, afirmando que ao ser mais dura a palha dos híbridos, as vacas comem melhor a silagem feita de milho *país*. Para ratificar tal postura, lança mão do conhecimento de outras experiências da aldeia, afirmando que há várias vacas que não comem a silagem dos híbridos por a fibra ser mais dura. É importante salientar que as vacas são animais ruminantes, portanto, a forma de alimentação desses animais e sua assimilação de nutrientes passa por vários processos químicos, mais demorados.

A leitura de Patorro acerca do milho *país* é composta de categorias semelhantes às mobilizadas por Adriano. Segundo ambos, a maciez é a qualidade intrínseca do milho país. Neste caso concreto, não foi uma estratégia da unidade produtiva se aproximar da silagem, foi uma saída para salvar a sua unidade produtiva. Se alguém tivesse perguntado a Patorro antes do ano 2015 se ele faria alguma vez a silagem, talvez a resposta seria não. A forma como chegaram a experimentar a silagem é totalmente diferente das de Zé e Russo, que foram procurar essa tecnologia para suas explorações. No caso de Patorro, não existia outra saída. O sistema agrícola praticado por cada unidade pode ser analisado em função de muitas variáveis. Esses parâmetros são analisados internamente e em função de sua própria racionalidade, decidem optar por uma estratégia ou outra.

A relação que os agricultores têm com a terra e os animais é de uma troca intensa e interdependente, pois Patorro, para poder levar adiante as suas vacas naquele inverno precisava daquele milho. Na estimativa dos gastos de insumos para alimentação do gado, sempre agrega-se uma margem maior de segurança. Pois, além das vacas, as galinhas e animais menores da casa também são alimentados com o milho e, caso aconteça algum imprevisto, costumam ter uma espécie de reserva que o amortece. Sabem a quantidade de feno que precisam para o ano, a quantidade de centeio e milho, e, justamente por isso, trabalham com uma margem de erro, semeando e cultivando sempre mais terras do que as estritamente necessárias.

As variáveis são ajustadas dentro do sistema, com o intuito de que a unidade produtiva consiga se manter em sua produção e reprodução. As estratégias, no entanto, diferem à luz das novas possibilidades produtivas. Os agricultores de Tourém e Pitões das Júnias têm narrativas relevantes acerca da chegada do milho híbrido e de suas consequências para o sistema produtivo. Existem agricultores que não semeiam milho, especificamente um, nas duas aldeias, o Paulo do Miro. Ele avalia

que esse cultivo não é interessante para a sua exploração, inclusive afirma que não é necessário. Ele não usa milho para as suas vacas; afirma que o centeio e o feno são suficientes para criar as suas vacas. Os vitelos dele se alimentam de ração e do leite materno.

Da mesma forma como destacado por Portela, os agricultores: “apostam portanto, e muito racionalmente, na avaliação, adaptação e integração dos novos conhecimentos e práticas no seu próprio sistema produtivo” (1986:4).

Se, com o milho e a silagem, nas primeiras análises, parecia que esse era o procedimento tecnológico mais recentemente adotado pelos agricultores, ao longo da pesquisa, essa constatação foi se desmontando. A partir de 2017, comecei a perceber que existiam experiências dos agricultores e raciocínios que caminhavam na direção de deixar o cultivo do milho. Essa constatação foi ganhando espaço com o tempo que passei nas aldeias e pude constatar e acompanhar as formulações, primeiras experiências e algumas aproximações nesse sentido.

No verão de 2017, comecei a perceber como havia nas aldeias e nas terras, pilhas de sacos de plástico cilíndricos do tamanho dos rolos de feno. Rapidamente, assimilei aqueles sacos à ensilagem em verde de feno. Esse procedimento técnico não tinha sido percebido por mim, em Tourém, até aquele momento. Querendo saber mais dessa experiência, fui atrás das pessoas que decidiram experimentar esse procedimento.

7.7 Só não erra quem não trabalha: as experiências de Tono do Artur com o Avex e as vacas limousin

Só não erra quem não trabalha é um dito que destaquei em vários momentos da tese. Esse dito de Patorro pode ser aplicado à experiência que Tono vem desenvolvendo com o AVEX e com as suas vacas. O AVEX é uma mistura de sementes (ver ficha do produto anexa), que são semeadas nas *terras* após a colheita do milho (outubro) e que podem ser ensilados em verde na primavera. Esse cultivo seria feito nas terras que tiveram milho e em que não serão plantadas as ferranhas. Tono decidiu testar o AVEX como um substituto para a ensilagem. Ele realizou, durante quatro anos, silagem de milho e, naquele momento, estava procurando um cultivo que lhe permitisse substituir a silagem como aporte extra para o verão, sendo

mais econômico. O AVEX uma vez cultivado, seria processado na primavera e ensacado, ficando reservado até os meses de frio.

7.7.1 O trabalho com o Avex

Tono do Artur se encontrava em Montalegre conversando com outros agricultores que não eram da aldeia, sobre o cultivo do Avex e dos benefícios que trazia. Os argumentos dos outros agricultores giravam em torno de ser mais um produto verde para alimentar as vacas, não vir a interferir nos cultivos principais (milho, centeio e batata), pois se cultiva na entressafra. Configura-se como uma oportunidade, por ser um produto *enrolado*¹⁵⁶ em verde que fermentará dentro dos sacos plásticos. Dessa forma, ele obteria um produto conservado de forma similar ao seu estado verde, com alta concentração de água, pois não é dessecado e é recolhido no momento em que o valor nutritivo (antes da floração) é máximo. Esses são alguns dos argumentos que se encontram por trás da decisão do Tono. Como é que Tono decidiu, então, testar aquele cultivo que até aquele momento ninguém tinha experimentado na aldeia?

Por trás de uma decisão de experimentação desse tipo, há múltiplas variáveis que precisam ser pensadas em conjunto, entendendo a unidade produtiva como um sistema. É preciso avaliar os riscos e estimar, se as oportunidades que traz esse novo produto, são interessantes para o conjunto do sistema que é a *exploração* de gado. Tono tinha, em 2016, garantido, no mês de setembro, o alimento das vacas para o ano todo e o *roço* para fazer as camas. Ao mesmo tempo, aquele cultivo se constituía uma possível alternativa alimentar para as vacas sem um excessivo desembolso econômico. A semente é barata, as terras estavam disponíveis para esse cultivo e a ensacadora lhe era emprestada por um vizinho que realizava o ensacado de feno.

Uma vez que as variáveis do sistema estavam seguras e controladas, ele tentou essa experiência. Porém, não deu certo, por dois motivos. Por um lado, a germinação não foi a esperada, pois as chuvas demoraram demais a chegar e, em segundo lugar, quando aquele cultivo no mês de maio estava começando a vigorar, era o tempo de semear o milho. Nesse momento chave do ano agrícola, a experimentação ficou relegada a um segundo plano. Em resposta à necessidade de semear o milho, deslocou as vacas até a Nanina, onde tinha semeado o Avex e elas

¹⁵⁶ Produzido com a enfardadeira de rolos.

comeram aquele cultivo como se fosse de uma *ferranha* na primavera.

Desta aproximação ao cultivo de Avex, novo nas aldeias, do processo de aproximação e da experiência de Tono, quero destacar a forma em que se dão essas experiências. Uma vez garantidas as necessidades da exploração, quantidade de alimento para as vacas e a matéria vegetal necessária para fazer as *camas das vacas*, o agricultor avaliou os demais condicionantes antes de tentar introduzir essa mudança. Realizou uma estimativa do preço das sementes, a disponibilidade de terra, os tempos necessários para aquele cultivo, a disponibilidade de mão de obra etc. Quadrando todas as variáveis, ele decide testar de forma controlada o cultivo.

A *aprendizagem*¹⁵⁷, nas palavras dele, dá-se com base no *trabalho*, pois a primeira experiência dele com esse cultivo não foi boa, não conseguiu obter o resultado que esperava, mas afirmou que tentaria de novo esse cultivo em outro ano. O *trabalho* tem uma conotação experimental desde a segurança do sistema. Tono tem uma expectativa com aquele cultivo e através do acúmulo de experiências, caso decida continuar tentando o cultivo de Avex, irá apurando esse processo. As experiências, como a de Tono com o Avex, são importantes para entender como essas tecnologias e técnicas chegam às aldeias. Através de um minucioso cálculo das possibilidades e dos riscos, quando se aventuram, sabem que a experiência pode não ter o resultado que se espera. Isso não implica no risco da unidade produtiva. Da mesma forma como a atividade agrícola é dependente das condições climatológicas e neste caso concreto não foi a justificativa que Tono deu, mas, de certa forma, não ter chovido como era esperado, resultou contraproducente. No entanto, essa experiência é assumida por Tono com serenidade, não tem certeza se voltará a semear em 2017 o Avex, mas continua achando que pode ser um cultivo interessante. Como ele mesmo afirmou em outubro de 2016, *pelo menos foi comido pelas vacas*.

O espaço que eles dão para esse tipo de experiências fica claro também quando Tono não hesita em dar fim ao cultivo no momento em que as plantas semeadas estavam começando a vigorar. O milho ainda tem uma importância maior na sua estratégia produtiva mais do que aquele experimento. Foi a partir desse entendimento que ele atuou. Nesse sentido, concordo com Portela quando afirma que:

em numerosas situações e sob o ponto de vista do agricultor, não é a

¹⁵⁷ Poderíamos nos aproximar das proposições de Ingold quando o autor aborda a educação da atenção (2000, 2015).

elevação da produtividade desta cultura ou daquele animal (através do factor de produção a ou b ou técnica de execução c ou d) que serve como critério de “progresso” ou “modernização”. É antes o acréscimo de produtividade de todo o seu **sistema de produção**. (...) não admira portanto que reajam cautelosamente quando recomendações tecnológicas parcelares e isoladas lhes são apresentadas como a solução para os seus problemas. Na óptica dos investigadores trata-se de questões técnicas. Através das lentes dos agricultores os problemas são percebidos globalmente e as implicações das recomendações tecnológicas sobre os custos, preços, riscos, trabalho, e outros aspectos socio-económicos não deixam de ser analisados cuidadosamente (Portela, 1991:12)

Essa breve exposição acerca de um trabalho desenvolvido junto com agricultores de Trás-os-Montes traz, ao meu ver, de forma condensada vários aspectos que foram trabalhados ao longo deste texto como é a importância fulcral do sistema, a visão do conjunto da exploração que os agricultores têm e que avaliam antes de uma experiência como a do Tono. A forma não automática de acatar as medidas técnicas ofertadas pelos diferentes estamentos como as cooperativas de produtores, os engenheiros e os despachantes das lojas são aspectos refletidos internamente, avaliado entre eles. Essas novas possibilidades técnicas e tecnológicas, a adoção de algumas, assim como a não aceitação de outras muitas, são aspectos que consideramos relevantes e fazem parte do *trabalho* dos agricultores. Na base dessas escolhas, está uma relação com a terra que não somente se pode entender por uma chave produtivista, os animais e as terras têm com os humanos uma relação que é preciso entender.

7.7.2 Tono e as vacas limousin

A raça de vacas limousin é uma das que maior importância está tendo nas aldeias. Na maioria das explorações há vacas que os agricultores diferenciam por terem genes dessa raça. Venâncio de Tourém investiu, por exemplo, em um boi limousin puro para ir apurando as suas vacas e Tono do Artur está envolvido em um processo de apurar a raça, como ele mesmo diz, pois somente insemina as suas vacas com essa espécie. A especificidade dessa raça é serem animais que nascem com um porte pequeno, aguentam as condições de serra e lameiros porque têm *boas patas*. Essas duas características fazem com que desde começos dos anos 2000, os agricultores de Tourém e Pitões venham preferindo inseminar suas vacas com limousin do que com Rubia Galega, mais fracas *de patas* e nascendo vitelos de porte grande. Os vitelos de grande porte na hora do parto são problemáticos, pois, podem

perder num parto uma vaca adulta devido ao tamanho excessivo dos vitelos. Esse é um problema que os agricultores enfrentam e ao que estão procurando soluções.

A produção de gado do Barroso tem uma indicação geográfica de produção chamada de “Carne de Bovino Cruzado dos lameiros do Barroso”¹⁵⁸, que não traz valor somado à carne, pois, segundo afirmam os agricultores, vendem a carne ao mesmo preço há vinte anos. O gado cruzado, portanto, é uma mistura de raças que foram sendo testadas nas aldeias e as leituras que se podem achar acerca dos animais e seus razeamentos, são amplas e variadas.

Tono do Artur, como já foi mencionado em alguns momentos deste trabalho, é um agricultor de Pitões que trabalha a maior parte do ano só. Desde que na década de 1990, a brucelose¹⁵⁹ levou a maioria das vacas de Tono, ele começou a apostar pelas limousin. Foi adquirindo vacas com bastante percentagem de limousin em seus genes e tentando que a *semente*¹⁶⁰ fosse sempre de um boi limousin. Hoje ele calcula que tem aproximadamente 80% de vacas limousin. A aposta dele em face ao futuro será de ir apurando cada vez mais essa percentagem via a aquisição de vacas puras e continuando com o banco de sêmen dos bois disponível de limousin.

Tono afirma que quanto mais apurada seja a raça, menores problemas terá em relação aos partos. Nos dois meses de trabalho de campo em Pitões, vários foram os partos e a grande maioria deles precisaram de intervenção humana. Aparentemente, existe um problema acerca do tamanho dos vitelos. Para esse fenômeno, há várias leituras. Os agricultores, para se antepor a esses problemas, elaboraram uma teoria local. As vitelas que vão emprenhar pela primeira vez são inseminadas com bois barrocos. Os barrocos são uma raça de vaca endêmica daquela região, do Barroso, daí vem seu nome. São vacas de porte pequeno das que se afirmam no lugar que conseguiriam estar o ano inteiro na serra sem precisar de aportes extras. São vacas muito resistentes ao frio, com boas patas e que se conseguem alimentar da matéria vegetal gerada na serra. Essa raça de vaca não é comum nas explorações de Tourém e Pitões. No entanto, há exemplares que possuem traços fenótipos dessa espécie, mas não há em Tourém e Pitões explorações exclusivas de barrocas como na região

¹⁵⁸ Disponível em: <<https://tradicional.dgadr.pt/pt/cat/carne/carne-de-bovino/552-carne-de-bovino-cruzado-dos-lameiros-do-barroso-igp>>. Acesso em: 11 de mar. de 2019.

¹⁵⁹ Doença de origem bacteriana que termina com a remoção e abatimento com os animais infestados. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/medicina-veterinaria/brucelose-bovina/>>. Acesso em 03 de mar. de 2019.

¹⁶⁰ Nome dado no local ao esperma dos bois inseminado nas vacas.

próxima de Cabeceira de Bastos, em que há uma exploração com mais de cem vacas. Além do mais, essas raças de vacas endêmicas da região estão no foco das ajudas da PAC e no Regime de Pagamento Único. Os agricultores recebem uma quantia econômica maior por vaca declarada barrosã, do que se tiverem na exploração gado cruzado.

As *sementes* de barrosas são as escolhidas pelos agricultores para inseminar as vacas primeiriças, devido ao porte dos animais no momento do parto. Dependendo da experiência de cada vaca particular, os agricultores optam na segunda gravidez por continuar com essas espécies ou mudar. Quando o veterinário da Associação de Produtores chega à vacaria para inseminar uma vaca, o agricultor em questão costuma perguntar quais as raças que tem semente e os indivíduos. Em dezembro de 2015, presenciei uma conversa entre Adriano, de Tourém, e o veterinário, acerca das sementes que ele tinha disponíveis naquele momento. Fábio, um outro agricultor de Tourém, chegou na hora que estavam conversando acerca dos indivíduos particulares e nos chamou a atenção a forma “familiar” em que tratavam os animais. Falavam do boi Gamin como se fosse conhecido e estivesse na exploração do lado, no entanto, quando lhes perguntei aonde poderia ver aqueles bois, me disseram que estavam na França. Fiquei surpreso com o trato dado àqueles exemplares que sequer conhecem. Fábio afirma que na internet dava pra ver os exemplares. Adriano sugeriu que eu tirasse uma fotografia do comprovante da inseminação que veterinário tinha, para de fato verificar se eu achava o boi na rede. O comprovante é uma tira de plástico vermelho que vem com a dose de sêmen selecionado. Nessa tira vem uma série de números que dão acesso ao boi na internet. Mostro a continuação o comprovante da inseminação e o boi com o que se corresponde, que tem sua própria página web¹⁶¹.

161 http://bova-ai.com/?page_id=4637

Original - Entregar ao Proprietário

IDB9 15-28 BOVA FR1935129486 GAMIN - 2CM - LM

Número de Identificação Fiscal		Data de Inseminação: 17/11/2014		N.º SNIRB: 1504		Nome:		Raça: <input checked="" type="checkbox"/> H. Frísia <input type="checkbox"/> Outra:		L.A. Anterior (se houver) n.º	
Código/Data Lote: 4112/1130		Nome: 1935		N.º SNIRB: 1935		Raça: <input type="checkbox"/> H. Frísia <input type="checkbox"/> Outra:					

Fotografia 21 - Comprovante da inseminação (Autor.2015)



Fotografia 22 - Boi Gamin (Web oficial)

Os cultivos e as vacas são processos de experimentação similares. Uma vaca dura até quinze anos de idade e a forma em que os agricultores vão inseminando elas mostram um processo de criação, observação e estudo. Primeiro, inseminam as vacas com os bois barrosos, de menor porte e facilita o primeiro parto. Daí em diante, em função dessa experiência, de como foi o parto, do tamanho de vitelo que parem, decide-se continuar com um ou outro boi. Se for para criar, para *ficar na casa*, aí será inseminada com limousin.

Nas terras, as aproximações aos novos cultivos funcionam sob os mesmos procedimentos. O estudo, a análise das potencialidades e o processo de experimentação. Isso não implica que um cultivo vá ser mantido, somente é uma experiência a mais, que ajuda o agricultor a compor um leque de possibilidades e variáveis que são combinadas no seio da unidade produtiva.

7.8 Adriano e a reformulação do sistema produtivo

Adriano realizou, em 2015, uma revolução parcial de seu sistema produtivo. Devido à avaria de seu trator, o agricultor decidiu revisar todos os seus procedimentos. Até aquele momento, Adriano era um dos agricultores que mantinha e defendia o uso que ele fazia da enfardadeira de fardos. Uma vez obrigado a adquirir o trator, que é a máquina mais cara, avaliou algumas alfaias mais: enfardadeira de rolos, gadanheira rotativa, ensacadora e carrinho de alimentação portátil.

Se até aquele momento, Adriano mantinha uma unidade produtiva com um grau médio de inovações técnicas, ali, ele se colocava em um outro patamar da corrida tecnológica na aldeia. Adriano se encontrou em uma situação complexa quando teve que comprar o novo trator. Nesse momento, afirma que começou a planificar essa remodelação. Conjuntamente com a sua realidade produtiva, aquela necessidade inesperada foi crucial. Adriano trabalha só e seu filho ajuda no verão quando tem folga. A enfardadeira de fardos, como já foi mencionado, obrigava Adriano a carregar os fardos ao reboque e, posteriormente, dentro do armazém colocar os fardos na pilha. Ou seja, cada fardo, dos mais de dois mil que ele precisa para manter a sua unidade produtiva, passava pela sua mão. Ao longo do ano, novamente carregava os fardos para deixá-los na manjedoura das vacas.

A enfardadeira de rolos facilita todas essas operações. O trator que consegue trabalhar com uma enfardadeira de rolos vem equipado com um braço hidráulico na frente que lhe permite carregar os fardos. Dessa forma, Adriano, depois de ter trocado a sua enfardadeira de fardos pela de rolos, deixa de carregar 2000 fardos três vezes ao ano. A enfardadeira de rolos ahorra esforço físico. Com a sua idade, já não estava em condições de aguentar essa dinâmica de trabalho por muitos mais anos.

Essa situação é semelhante à que tem o agricultor Carreira, em Pitões. Com mais de sessenta anos, ele e seu irmão Domingos decidiram em 2017 que iriam adquirir uma enfardadeira de rolos. A experiência não foi igual à de Adriano. Os problemas do Carreira com a sua enfardadeira não deixaram de acontecer ao longo das duas primeiras semanas de feno. Primeiro, umas pedras entraram na enfardadeira, na sequência, houve problemas de coordenação entre a velocidade do trator e a rotação da enfardadeira, que fizeram com que a máquina voltasse a avariar. No fim das contas, Carreira acabou engatando a sua máquina velha e fazendo os fardos.

Adriano não teve esse problema de adaptação à máquina como Domingos. E isso é uma variável extremamente importante para se pensar uma reforma do sistema produtivo como fez Adriano. Marca também uma diferença importante nas expectativas que eles mesmos se colocam. Adriano renova o seu sistema produtivo e Carreira está pensando mais na aposentadoria.

Sobre a gadanhadeira rotativa ocorre de modo semelhante. Adriano analisou os custos de manutenção e o rendimento. Ambos os fatores são mais interessantes. Se com a gadanhadeira linear Adriano gastava por volta de 200 euros por cada campanha do feno, para amolar a lâmina e afiar os dentes, com a gadanhadeira rotativa, o kit das lâminas custa 15 euros. Além disso, ele mesmo consegue fazer a reposição das lâminas sem necessidade de ter que se deslocar até a oficina. O rendimento da alfaia foi analisado nos mesmos termos. A velocidade de corte dessa gadanhadeira é muito mais alta. Adriano afirma que, se um lameiro que demora uma hora em ser ceifado com a linear, com a rotativa, demora quarenta e cinco minutos. Esse aforro de tempo é também de combustível.

No entanto, a reforma mais drástica veio com a compra da ensacadora de rolos. Adriano levava anos avaliando o preço do milho que ele cultivava e achando os custos excessivamente altos. Dizia-me que ele não fechava o ano sem gastar em milho

menos de 2000 euros. Semente, herbicidas e o combustível necessário para garantir a safra eram custos que ele achava excessivamente elevados.

Em 2017, quando vi as novas máquinas, perguntei-lhe acerca do milho e de por que ele não tinha aproximado da ensilagem do milho. E me disse novamente que ele achava a ensilagem muito cara e que, aliás, ele o que queria era acabar com o milho. Essa afirmação de Adriano me deixou curioso. Fato é que ele está levando esse projeto adiante e não somente ele. Tono do Artur também está querendo acabar com o milho, como já relatei. Adriano me disse que os custos de produção do milho estavam muito caros e que, em base disso, tinha adquirido a ensacadora para testar esse procedimento. Os sacos de silagem são feitos de erva verde. Essa erva pode ser uma mistura como é a Avex ou pode ser um lameiro que ele mesmo destine a esse fim. Esse procedimento técnico é realizado no mês de maio, portanto, tem duas hipóteses mantendo o sistema produtivo. A primeira é cultivar menos lameiros para o feno e a segunda destinar mais terras a esses cultivos de feno para ensacar.

Adriano começou a sua experiência destinando duas terras das que ele cultivava de milho para essa experiência. Dessa forma, ele avaliou uma mistura de espécies: trigo, centeio e aveia. Já no segundo ano de experiência, ele decidiu experimentar com mais uma terra e em vez de fazer a sementeira com trigo e centeio decidiu usar a aveia que tinha dado um bom rendimento conjuntamente com a ervilhaca que é uma espécie que está presente também no Avex.

Dessa forma, Adriano está testando esse processo, diferentes espécies e diferentes tempos. Os primeiros rolos ensacados que fez, foram no mês de novembro, pois queria observar se com um *outono*¹⁶² bom, sem que as vacas o comessem, ele conseguiria produzir uns sacos bons. O resultado não foi bom, pois, perdeu na seguinte safra de feno com aquele corte fora de tempo. Neste sentido, é interessante perceber como algumas das experimentações que eles vão fazendo bate com os tempos e as práticas que vêm realizando historicamente. O feno se ceifa em junho e, quando Adriano ceifou novamente em novembro, o retrocesso que percebeu no processo vegetativo das plantas foi grande. Ele mesmo me disse que, no primeiro ano, a experiência tinha sido *meio esquisita*.

¹⁶² Outono é o nome que recebe os rebrotes das plantas que nascem após serem ceifadas no mês de junho e que normalmente as vacas comem nos meses de setembro e outubro, após descenderem da serra.

Já no ano de 2017, fez 14 sacos e disse que a recepção por parte das vacas foi boa. O seu cálculo acerca do número de sacos que ele estipula serem necessários para deixar de cultivar milho se situam na faixa de entre 42 e 57. O cômputo que Adriano faz desses sacos está em base dos rolos que gasta por ano. Assim ele estipula que precisa, para alimentar as vacas, duzentos e vinte rolos de feno. Como a intenção dele é somente aportar os sacos de silagem de erva entre os meses de outubro e fevereiro, para esses quatro meses, calcula 14 rolos por mês, três e meio por semana, quase meio rolo por dia.

Se na narrativa de Tono do Artur o AVEX seria um cultivo que viria a substituir o milho, ele decidiu não esperar o grau de maturidade das espécies herbáceas porque comprometia o cultivo do milho que naquele momento ele achava prioritário. Já Adriano afirma que consegue cultivar o feno para ensacar no começo do mês de maio sem que isso se configure enquanto uma ameaça para o seu sistema produtivo.

Tono do Artur, no ano de 2018 e para o de 2019, decidiu manter uma terra com milho. As que ele cultivava com milho, voltaram ao centeio que semeava anteriormente. Afirma que cultivou duas terras de milho somente para dar aos porcos e fazer farinha para as vacas. Tono não consegue se desprender totalmente do cultivo do milho. O mesmo acontece com Adriano que, apesar de sua narrativa acerca de um horizonte sem milho, continua cultivando os seus híbridos. Adriano se mostra muito mais entusiasmado com o processo de experimentação do que Tono, isso porque Adriano adquiriu as máquinas todas para poder realizar o ensacado. Dessa forma, Adriano está experimentando esse processo técnico ano após anos.

Nesse processo, ele se dá de margem cinco anos, é o tempo que ele considera apropriado como *experiência*, afirmou.

Conjuntamente com essa mudança no ano de 2017, Adriano não mandou as suas vacas para a serra. Tem uma terra que fica ao lado da sua vacaria e decidiu colocar as oito vacas que não estavam paridas dentro dela no verão. Como nessa terra, elas têm água, o feno era subministrado por Adriano todo dia. Essa foi a última aquisição que ele fez naquele ano. Um carrinho transportável em que consegue depositar até dois rolos de feno. Nesse sentido, Adriano disse que prefere não deixar as vacas irem pra serra. Dessa forma, ele mantém as vacas sob a sua vigilância e que na serra s vezes acontecem acidentes que dessa forma poderiam ser evitadas.

Com este exemplo de Adriano, pode-se afirmar que os agricultores das aldeias se encontram em contínuos processos de recapitulação e avaliação sistemática das suas condições produtivas. Que o milho, enquanto cultura mais recente, seja a cultura que estão buscando relevar do sistema agrícola, ou pelo menos, refletir sobre a possibilidade de um sistema produtivo sem milho. A reflexividade e os ajustes são aspectos contínuos do próprio sistema, realizado pelos agricultores e por suas redes de comunicação social.

Comecei abordando a cultura mais velha das aldeias, o centeio. Já em um processo de mecanização, este cultivo trouxe mudanças na paisagem da aldeia. Terras que não puderam ser semeadas com esse fruto e a consolidação de uma forma de produção em que os agricultores não são quem controla os tempos da produção. As máquinas terceirizadas chegam às aldeias depois de semanas malhando e essa incerteza do cultivo do centeio gera um ambiente tenso. Ainda assim, os agricultores não vêm como possível a aquisição desse meio de produção por ser considerado uma atividade que difere em sua concepção da que eles realizam.

De um processo em que a mecanização já foi documentada na década de 1970 e 1980, passei a analisar o que considere um dos últimos procedimentos técnicos e tecnológicos que se arraigaram na aldeia de forma mais importante e que estão vinculados com o cultivo mais recente: o milho. Analisei a forma que se processa a silagem e o que ela demanda das unidades produtivas, como atividade particular e coletiva ao mesmo tempo.

O milho está diretamente vinculado à silagem, existem nas aldeias processos diferentes para cultivar milho, bem como tipos diferentes de milho. O milho país e o milho híbrido são cultivos que remetem a lógicas e circuitos totalmente diferentes. O primeiro é um dos cultivos das grandes corporações ou dos impérios alimentares (Van der Ploeg, 2009). Já o milho país, corresponde à família, à amizade, circulando não através de trocas mercantis, mas intercambiado.

Milho híbrido e silagem podem parecer procedimentos estreitamente vinculados, porém o cotidiano da unidade produtiva tem imprevistos que precisam de respostas ágeis. Assim, Patorro e Beatriz se viram na necessidade de salvar o seu milho do ataque dos javalis através da realização da silagem. O intuito deste capítulo era mostrar como o sistema é capaz de incorporar as experiências que os agricultores realizam. Adriano e sua necessária reformulação do sistema produtivo, após ter que trocar o trator, marcou um ponto final para este capítulo. De ser um agricultor que não

considerava oportuno mudar, por exemplo, a sua enfardadeira, esse acontecimento mudou de forma significativa a sua visão, proporcionando uma reforma importante. Por ter um sistema produtivo controlado, começou em 2017 a experimentar o fim do milho. Num processo que não pode ser considerado novo, Adriano analisou insistentemente a sua produção de milho e viu naquela reformulação uma saída ao cultivo.

O capítulo seis começou com uma epígrafe em que Orlando Ribeiro afirmava a mobilidade das culturas, aparecendo umas e desaparecendo outras. Sob esse olhar é que este capítulo veio a completar o sistema aberto, sempre se (re)fazendo.

Considerações finais: o sistema agrícola e o passar do tempo

Casa, terras, vacas e plantas foram os elementos combinados nesta tese de doutorado. O sistema agrícola das aldeias de Tourém e Pitões das Júnias é um sistema complexo em que os humanos, os animais, as terras e as plantas estão em uma relação contínua e próxima.

Comecei apresentando a pesquisa de doutorado que se vincula, necessariamente, à do mestrado, por ser na mesma aldeia, mas ampliando as margens. A ampliação das margens foi um constante exercício intelectual ao longo do doutorado. Se uma experiência prévia na aldeia de Tourém marcou os parâmetros da comparação, com a estada na aldeia de Pitões essas balizas iam sendo alargadas. O exercício analítico foi centrífugo e centrípeto ao mesmo tempo. Centrífugo, por estudar a aldeia de Tourém no mestrado e, no doutorado, ampliar o estudo para a aldeia de Pitões das Júnias. Centrípeto porque, no estudo anterior, abordei a configuração social da aldeia de uma forma mais ampla. Este estudo se concentra exclusivamente nos agricultores.

Essa foi uma das primeiras clivagens realizadas. No entanto, o foco nos humanos começou a ser compartilhado com as terras, as vacas e as plantas cultivadas conforme avançava a pesquisa. As terras, os lameiros, os cultivos e as máquinas foram conquistando tempo de pesquisa, tempo de conversas e ampliando a sua importância na tese. Humanos, animais e plantas são combinados sob óticas diferentes e respondendo a estratégias diferentes.

Em decorrência dessa abertura de olhares, procurei um aparato teórico que se aproximasse das práticas e das formulações dos agricultores. O sistema agrícola, segundo formulado por Emperaire, é o:

conjunto de saberes, mitos e relatos, práticas, produtos, técnicas, artefatos e outras manifestações associadas que envolvem espaços manejados e plantas cultivadas, formas de transformação dos produtos agrícolas e sistemas alimentares locais, tendo como elemento estruturante a mandioca (2010:19).

Essa definição abriu uma janela para certa distância da noção de sistema agrário conforme formulada por Mazoyer e Roudart (2009) e guarda, em sua essência, uma modelagem da região. O desafio era usar a noção de sistema agrícola, para

assim, poder articular a narrativa em que o conhecimento, conforme formulado por Carneiro da Cunha (2009), pudesse ser o elemento articulador do sistema.

As formulações de Van der Ploeg (2009), acerca dos camponeses europeus e dos processos de recampesinização, ajudaram a balizar ainda mais o contexto social da pesquisa.

Analisei como os mercados abastecidos pelos agricultores de Tourém e Pitões das Júnias são locais. A lógica de produção em grande escala não é a que permeia as aldeias, o sistema produtivo de cada casa, está dimensionado em função de muitas variáveis: força de trabalho, terras disponíveis, tamanho do edifício agropecuário.

Os agricultores vendem os vitelos a comerciantes locais, com os que têm uma relação de confiança e proximidade.

A coprodução dos agricultores com o seu ambiente é um eixo transversal de toda a tese de doutorado. Foi analisada a forma em que eles se relacionam com as suas terras, com as suas vacas e como foram sendo incorporados ao sistema agrícola local os diferentes cultivos e as novas tecnologias.

Teoricamente, o camponês seria o termo mais adequado para me referir aos meus interlocutores, no entanto, optei por usar, ao longo do trabalho, a categoria que eles mesmos usam, que é a de agricultor.

Assim, no primeiro capítulo, abordei também a noção de trabalho dos agricultores, a sua relação com os mercados em que vendem os seus produtos e seu entendimento acerca das políticas passou a ser o foco. Como sistema, importam tanto os componentes internos, quanto os externos. Foi necessário, portanto, abordar a política agrícola da União Europeia, a pouca importância que têm para os agricultores as indicações geográficas e as denominações de origem, assim como a limitação cada vez maior de usos que lhes impõe a administração do único Parque Nacional português, Peneda Gerês.

Uma vez desenhado o quadro teórico mais amplo e o contexto em que se desenvolveu esta pesquisa, passei para o sistema do lugar, me aproximando da formulação de Pietrafesa de Godói (1999).

Depois de desenhar o que seriam os atores com os que têm que se relacionar os agricultores em uma escala externa à aldeia, externa ao seu controle, o foco se dirigiu às próprias aldeias.

Dialogando com uma bibliografia quase que estritamente ibérica, a discussão girou em torno de várias categorias analíticas. A casa, o grupo doméstico e a

exploração foram apresentadas como expressões ou correntes teóricas possíveis. Desde o mestrado, a noção de casa é um referente na análise da configuração social local em meu trabalho. Para tal fim, retomei uma distinção feita na dissertação de mestrado acerca das diferentes configurações sociais às que a casa respondia, na aldeia de Tourém. Apresentei, naquele momento, uma diferenciação que chamei de casa-camponesa e casa-familiar. A casa-camponesa é um conglomerado de pessoas, terras, edifícios e animais que têm um mesmo nome, uma reputação (Pina Cabral, 2014) e que mantêm uma exploração agrícola ativa como atividade econômica principal.

Já a casa familiar responde a uma configuração social diferente. Não está vinculada a uma exploração de gado. Forma parte de uma rede de casas e pessoas que se consideram parentes. Ancorada na aldeia, em pelo menos uma casa, a configuração social dessa unidade é extensa e multilocalizada. Através da linguagem do parentesco, a casa familiar garante a presença na aldeia dos ausentes, por exemplo, administrando as plantações de couves e batatas dos parentes que se encontram ausentes. Ao chegar o mês de agosto, o alimento básico está na horta, pronto para ser colhido.

A casa enquanto unidade social e produtiva organiza a sua estratégia em função de todas essas variáveis, isto é, pessoas, animais, terras, plantas e máquinas. Descrevi as múltiplas configurações que se dão nas aldeias e, com isso, procurei evidenciar as unidades produtivas familiares e Van der Ploeg (2009) destaca no processo de recampesinização que a abertura de novos mercados é uma das estratégias produtivas que estão sendo replicadas em diferentes partes do contexto europeu. A autonomia dos agricultores face aos mercados e às novas estratégias produtivas vinculadas à diversificação de produtos são algumas das táticas dos agricultores europeus com relação ao *squeeze*.

A diversificação de produção vinculada com a ancestralidade desses produtos garante aos agricultores a possibilidade de redesenhar a sua estratégia produtiva.

A estratégia produtiva da unidade familiar depende de muitos fatores e, nessa primeira aproximação às unidades produtivas, o intuito foi mostrar como se organizam, como gerenciam a mão de obra e a falta dela. A mão de obra e o número de vacas foram os principais elementos elencados na análise. Daí, surgiram várias configurações sociais.

Recai no grupo doméstico a maior carga de trabalho da unidade produtiva. Só que essa configuração é temporária, contextual e pode mudar a qualquer momento. O casal é a fórmula que mais se repete. No entanto, existem outras configurações que mostram situações diferentes. Todas as pessoas que estão disponíveis são incluídas na dinâmica de trabalho da unidade produtiva. Tios, tias, filhos e filhas se incorporam à dinâmica de trabalho em função de sua disponibilidade. O grupo doméstico é a categoria analítica que mais se aproximaria dos casos aqui citados. Ainda que a residência não seja efetiva e permanente, como no caso de casais jovens, a centralidade da casa se ratifica ao ser analisada a dinâmica de trabalho das diferentes unidades produtivas.

A maioria das explorações foram herdadas, no entanto, existem algumas unidades produtivas que estão sendo gerenciadas por homens solteiros. No caso de Zé Carreira, não é dissimulada uma proximidade com o fim da unidade produtiva. Os demais são ainda relativamente jovens ainda que a reprodução de sua unidade produtiva não esteja garantida.

Os casos de Tono e de Zé se contrapõem ao de Fábio que, sendo também jovem e gerente de uma exploração de gado, optou por outros padrões de sociabilidade que envolvem temas como férias, praia e lazer que para os demais solteiros não parecem ser prioridades. Um relevo geracional, de interesses e de estilos de agricultura (Van der Ploeg, 2009) parece estar se aproximando e se instalando nessas novas unidades produtivas.

Após analisar as estratégias produtivas das unidades familiares, entrei nas terras. Diferenciando em primeiro lugar os baldios, as terras de uso comum das aldeias, que são usadas pelas casas para pastar o gado grande parte do ano. O baldio é dividido em duas partes, a serra e o monte. O monte seria o território mais próximo à aldeia e a serra o mais distante. O monte é alvo de um pastoreio mais cotidiano, já a serra, é o lugar onde as vacas pastam e pernoitam nos meses de verão.

O conhecimento desse território é de suma importância, pois, dele, os agricultores obtêm também o material vegetal com o que fazem as camas das vacas, material que, depois de um tempo, é transformado em estrume para as terras.

A localização das casas nas aldeias se projeta também para o lugar onde foram construídos os edifícios agropecuários e os lugares de pastoreio cotidianos. As casas de Tourém e Pitões das Júnias se projetam em tudo o que está relacionado a elas. Nesse primeiro momento, foram analisados os baldios.

O baldio não é um território genérico que rodeia as aldeias, mas um território conhecido, mapeado, classificado através da vida, dos dias de pastoreio e das histórias vividas.

Os lameiros são, juntamente com os baldios, segundo apontam os estudiosos das ciências agrárias (Pôças et al, 2009), a base do sistema agrícola do Alto Barroso. Os lameiros também foram destacados nos trabalhos de Vergílio Taborda e Orlando Ribeiro, geógrafos que, na primeira metade do século XX, estudaram o Barroso. Os lameiros são terras particulares que demandam atenção o ano inteiro. No inverno, é necessário verificar a quantidade de água que evita a queima das ervas pelo congelamento das raízes e, no verão, a verificação do grau de maturação para a ceifa e processamento do feno no momento idóneo. Já na primavera e no outono, são o alimento das vacas.

Com os lameiros, os agricultores têm uma relação de *estima*, como formulou Venâncio de Tourém. Todos os trabalhos, as atenções e os cuidados proferidos colocam os lameiros como parte de uma relação sensível e próxima. Essa relação é diferente da que têm os agricultores com os baldios. Pelo menos, estima é uma expressão que somente ouvi relacionada aos lameiros. No caso dos baldios, como disse Patorro, *as vacas são boas para a serra e a serra é boa para as vacas*. A retroalimentação de vacas e serra é aspecto interessante que remete diretamente ao processo de coprodução destacado por Van der Ploeg (2009).

As terras agrícolas são cultivadas com centeio, milho e batatas. Esses cultivos marcam temporalidades diferentes na história do sistema agrícola local. Com a chegada dos novos cultivos foram mudadas as características das terras progressivamente. As mudanças não se deram somente nos cultivos, mas atingiram as próprias terras. As máquinas que começam a ser cada vez mais frequentes nas aldeias desde a década de 1970, vão obrigando os agricultores a certas mudanças. Mudanças estruturais, como, por exemplo, as ocorridas nos caminhos que dão acesso às terras, nos muros e também na forma de se cultivar. A prática de afolhar é desativada em determinados contextos das aldeias devido às referidas transformações nas terras.

No entanto, existem práticas que permanecem iguais nas duas aldeias. A água necessária para os cultivos volta – como já tinha sido abordada no caso dos lameiros – para o centro da trama, tratando-se de um recurso comum que é usado de forma individualizada. Existem, ainda, outros aspectos que foram mudando com o tempo.

Em Pitões, o sistema de rega está desativado desde a década de 1980. O uso da água é necessário no sistema agrícola local e continua sendo usufruído pelo conjunto da população, de formas diferentes. Mais adiante, foi discutida a forma de venda e compra das terras. Dessa forma, tenho a intenção de desmobilizar uma análise da terra como mera mercadoria. Para os agricultores das aldeias, as terras têm histórias, pertencimentos e, sempre que possível, tentam recuperar as terras que trabalharam na sua casa, mesmo de formas diferentes e com estratégias diferentes. Retomando, no entanto, a discussão acerca da estima enunciada por Venâncio, nota-se que ele possui uma questão por não ser natural da aldeia. A forma com que ele se relaciona com as terras não difere da expressada por Ana que trata de recuperar as terras da casa. A ligação entre agricultores e suas terras é um vínculo forte, que precisa ser trabalhado, precisa de atenção e no qual as pessoas se projetam.

A casa, portanto, continua se projetando nas terras, com um nome e uma reputação, alguns cuidados e afetos que independem do nascimento, mas são construídas com o tempo na relação cotidiana.

Ao fazer uma reflexão sobre as terras, não pude deixar de olhar com mais vagar para os cultivos. As temporalidades de cada cultivo ficam mais claras. Centeio, batatas e milho marcam diferentes tempos, são cultivadas nas terras e incorporados ao sistema agrícola local através de diferentes fórmulas.

Os agricultores de Tourém e Pitões das Júnias, através do conhecimento que têm do sistema produtivo e, em função das possibilidades da casa, se apropriam de determinados sistemas produtivos, cultivos ou estratégias.

Sem que o sistema seja um elemento balizador daquela prática agrícola, existe um sistema em que as terras, os humanos, as plantas e os animais vêm se relacionando de formas diferentes. Formas que podem remeter à produção, a componentes simbólicos e morais. Tudo ao mesmo tempo se conjuga e embaralha.

Terras que são dos parentes ou compradas, se configuram como um foco de afetos. Animais com suas particularidades mostram caminhos ou definem comportamentos. Territórios longínquos se aproximam pelas histórias, pelos caminhos.

Transformações, mudanças, reconfigurações, estratégias e histórias de agentes que têm uma relação concreta, permeada de sensibilidades, de formulações teóricas e de reflexões. Um sistema que perdura e que continua se repensando.

Casas, terras, vacas e plantas se relacionam no sistema agrícola praticado nas aldeias de Tourém e Pitões das Júnias. Todos esses elementos são combinados e recombinados e, a partir deles é que se desenham estratégias produtivas.

Se para Van der Ploeg a recampesinização é um processo que está presente em diferentes contextos rurais europeus, os agricultores de Tourém e Pitões das Júnias poderiam ser inclusos em sua lista de exemplos. No entanto, as narrativas dos agricultores, a forma com que se relacionam com as terras e os animais colocam em questão o prefixo re.

Não existe uma ruptura epistemológica entre o modo de produção camponês e as práticas cotidianas dos agricultores de Tourém e Pitões das Júnias. As narrativas sobre a relação que possuem com as terras e as múltiplas transformações narradas destacam o caráter processual. Assim, as mudanças e transformações na paisagem, no sistema produtivo, nas vacas, nas máquinas e nas espécies cultivadas compartilham espaço nas narrativas que têm como centro as permanências.

Os baldios são conhecidos há muitos anos, desde pequenos os moradores das aldeias vão aos baldios. As terras são cultivadas com centeio pelo menos desde o inquérito de Pombal citado por Guerreiro (1982).

Ao mesmo tempo, a batata e sua chegada na virada do século XX, ou a exponencialidade que o milho teve nos últimos vinte e cinco anos, não representam rupturas drásticas.

As relações não são as mesmas, os mercados não são os mesmos, as políticas públicas tampouco são as mesmas, as sementes não são as mesmas e as espécies tampouco. O caso de Adriano e de seu milho é particularmente interessante ao tratar deste aspecto. A variedade de milho que Adriano cultiva é particular. Fruto de um processo de pesquisa e experimentação, ele chegou a uma variedade de milho própria. Uma variedade que pode não ser útil para outros agricultores. Porém, mesmo chegando a um milho satisfatório para ele e suas vacas, Adriano não deixa de experimentar. Continua pensando o seu sistema produtivo, inclusive, sem o milho.

Cascais de Pitões comentava em uma tarde de inverno em sua casa que tinha percebido melhoras em seu milho país após a irrupção do milho híbrido. Diferentemente de Adriano, Cascais afirma que somente cultiva o milho país, já que não vê necessidade nem benefício de cultivar o híbrido. No limite, a sua conversa estava influenciada por uma série de constatações que ele pensa, mas que até então não tinha sido objeto de nenhuma conversa. *A chegada do milho híbrido ajudou a*

melhorar o país, afirmou naquele dia. As características elencadas pelos demais agricultores corroboravam também na narrativa de Cascais: o fato de não ser comido pelos javalis, a proporção milho-sabugo sendo maior e tendo grãos maiores.

Mais do que isso, Cascais afirmava serem os agricultores os beneficiados pelos milionários projetos de pesquisa de grandes corporações ou os Impérios Alimentares nos termos de Van der Ploeg (2009). A percepção de Adriano é que os projetos de investigação, desenvolvimento e inovação desses Impérios beneficiaram os seus milhos país. Bilhões de investimento que, a olhos dos agricultores locais, beneficiou o milho de um pequeno grupo de agricultores do Alto Barroso.

Como em toda situação, há o lado menos favorável. Assim, Cascais afirma que juntamente com o milho híbrido, chegou às aldeias a *milhã*, uma gramínea de aparência fina e delicada que atrasa o crescimento do milho e pode até comprometer definitivamente a safra. Na década de 1990, conjuntamente com o milho híbrido, essa espécie teve um desenvolvimento rápido, obrigando os agricultores, os que cultivam milho híbrido ou país a comprarem herbicidas que combatem diretamente essa espécie.

Com essa narrativa, Cascais chegou a uma conclusão interessante quando afirmou que *era assim*, juntamente com o gesto de encolher os ombros.

O sistema agrícola se mostrou uma entrada positiva devido ao fato de guardar em sua essência teórica, uma lógica operacional. O sistema perdura no tempo, se adapta e reconfigura em função dos condicionantes. A produção e reprodução do sistema agrícola é, e vem sendo, atualizado a cada momento.

Ao poder incorporar o conhecimento e a sensibilidade que cada agricultor coloca em seu cotidiano, os afetos mobilizados através de suas pequenas ações, essa formulação ganhou uma profundidade reflexiva maior.

Enquanto agentes presentes na paisagem e geradores de paisagem, os agricultores e seu conhecimento estão presentes em cada uma das ações. Assim, as novas incorporações, as velhas soluções, os novos agricultores, as casas, as plantas, as vacas e as terras continuam nas aldeias de Tourém e Pitões das Júnias.

Bibliografia

- ALMEIDA M,W,B. Campo, sistema, rede. Apresentação Oral. Núcleo de História Indígena e do Indigenismo. Universidade de São Paulo, 2008.
- _____. Narrativas Agrárias ou a Morte do campesinato. *Ruris* . Campinas, Vol 1. Núm. 2. 2007. pp: 157-186.
- _____. Redescobrimdo a família rural brasileira. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*,1986, 1 (1): 66-83.
- ALVES, P. Memórias de uma aldeia de montanha. Projeto ecomuseológico na aldeia de Pitões das Júnias. Monografia de Graduação Antropologia Aplicada ao Desenvolvimento. Vila-Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. 2004.
- AMOEDO, Diego. *Usos e desusos das terras de Tourém. Transformações sócio-territoriais numa aldeia rural fronteiriça do Norte de Portugal com a Galícia* . Allariz: Dr. Alveiros um selo da Fundação Vicente Risco. 2018
- _____. Usos e desusos das terras de Tourém: transformações sócio-territoriais em um aldeia rural fronteiriça entre a Galícia (Es) e Portugal. 2014. Dissertação (Mestrado) – Instituto De Filosofia e Ciências Humanas (IFCH-UNICAMP), Campinas.
- ARAUJO, Daniela. *Alheiras e presuntos*. Projeto de investigação para intervenção museológica “As culturas do trabalho no Barroso”. CETRAD, UTAD, ECOMUSEU DO BARROSO, CÂMARA MUNICIPAL DE MONTALEGRE. Montalegre, 2012a.
- _____. *O Regadio do Ribeiro*. Projeto de investigação para intervenção museológica “As culturas do trabalho no Barroso”. CETRAD, UTAD, ECOMUSEU DO BARROSO, CÂMARA MUNICIPAL DE MONTALEGRE. Montalegre, 2012b.
- _____. *Uma horta em Tourém*. Projeto de investigação para intervenção museológica “As culturas do trabalho no Barroso”. CETRAD, UTAD, ECOMUSEU DO BARROSO, CÂMARA MUNICIPAL DE MONTALEGRE. Montalegre, 2012c.
- BALLESTEROS, P; CRIADO BOADO,F. A paisaxe gandeira na serra do Suído. A construción social do espazo a través da memoria. *Boletín de El Museo de Pontevedra*, Núm 62. P. 109-143, 2008
- BORDALO LEMA, P. Tourém, uma aldeia raiana do Barroso. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, 1978.
- BOURDIEU, P. El baile de los solteros. La crisis de la sociedad campesina en el Bearne. Barcelona: Anagrama, 2004.

_____. A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão sobre a ideia de região, *O Poder Simbólico*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003.

BRANDÃO, C.R. *Partilha da vida*. São Paulo: Cabral, 1995.

_____. *O afeto da terra: imaginários, sensibilidades e motivações de relacionamentos com a natureza e o meio ambiente entre agricultores e criadores sitiantes do bairro dos Pretos, nas encostas paulistas da serra da Mantiqueira, em Joanópolis*. Campinas: Unicamp, 1999.

CALAVIA SÁEZ, O. *Esse obscuro objeto da pesquisa. Um manual de método, técnicas e teses em Antropologia*. Ilha de Santa Catarina: Edição do Autor, 2013.

CARDESIN, J.M. *Tierra, trabajo y reproducción social em una aldea gallega (s. XVIII – XX): Muerte de unos, vida de outros*. Madrid: Ministerio de Agricultura Pesca y Alimentación, 1992.

CARNEIRO, M.J. *Camponeses, agricultores e pluriatividade*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1998.

_____. Esposa de agricultor na França. *Estudos Feministas*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 328-354, 1996.

CARNEIRO DA CUNHA, M. Pontos de Vista sobre a Floresta Amazônica: Xamanismo e Tradução. *Mana*, Rio de Janeiro, 1998. N.4(1) pp.7-22,

_____. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. *Revista da USP*, São Paulo, 2009.

CHAYANOV, Alecsandr. *La organización de la unidad económica campesina*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1985

CLASTRES, P. *Arqueologia da Violência*. São Paulo: Cosac Naify. 2010.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: do capitalismo à esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, v. 5, 1997.

DIAS, J. *Rio de Onor - Comunitarismo Agropastoril*. Lisboa: Presença, 1984 [1953].

EMPERAIRE, L (org.) *Dossiê de registro do Sistema Agrícola Tradicional do Rio Negro*, ACIMRN / IPHAN / IRD / Unicamp-CNPq, Brasília, 2010.

EMPERAIRE L., van VELTHEM L., OLIVEIRA A-G, Patrimônio cultural imaterial e sistema agrícola: o manejo da diversidade agrícola no médio Rio Negro (AM), comunicação à 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, ABA, 01-04/06/2008, Porto Seguro (BA), 2008.

ESCOBAR,P. Territórios da diferença: a ontologia política dos “direitos ao território”. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, Vol.35, 2015.

FERNÁNDEZ DE ROTA Y MONTER. J.A. *Antropología de un viejo paisaje gallego*. Centro de Investigaciones Sociológicas. Madrid: Siglo XXI de España Editores, 1984.

FERNÁNDEZ PRIETO, L. *Labregos con ciencia. Estado, sociedade e innovación tecnolóxica na agricultura galega, 1850 – 1939*. Vigo: Xerais, 1992.

FORTES, M. O ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico. *Série Tradução*, Vol. 1. Brasília, 2011.

GARCIA JUNIOR, A.R. *O sul: caminho do roçado: estratégias de reprodução camponesa e transformação social*. São Paulo: Marco Zero; Brasília: Editora Universidade de Brasília: MCT: CNPq, 1990.

_____. *Terra de trabalho. Trabalho familiar de pequenos produtores*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GODINHO,P. *Oír O Galo Cantar Duas Veces. Identificacións locais, culturas das marxes e construción de nacións na fronteira entre Portugal e Galicia*. Ourense, Deputación Provincial de Ourense, 2011.

_____. *Do Estado cego à fronteira invisível: na senda de um problema*. V Colóquio Hispano-Português de Estudos Rurais. Futuro dos Territórios Rurais numa Europa Alargada. Painel: Lições do passado: os territórios rurais e o seu contexto histórico. Bragança. 2003.

HAESBAERT, Rogério. *Desterritorialização, Multiterritorialidade e Regionalização*.

LIMONAD, Ester; HAESBAERT, Rogério; MOREIRA, Ruy; (orgs.). *Brasil Século XXI Por uma Nova Regionalização? Agentes, Processos e Escalas* . São Paulo: Max Limonad, 2004, pp. 173-193.

HALBWACHS, M. *Memória Coletiva*. São Paulo, Centauro, 2006

INGOLD.T. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015

_____. *Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais*. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, 2012. Ano 18, n. 37, pp. 25-44

_____. *The Perception of the Environment : Essays on livelihood, dwelling and skill*. London and New York: Routledge, 2000.

ITURRA, R. Antropología económica de la Galicia rural. Galicia : Conselleria de Presidencia e Administracion Publica, 1988.

LEACH, E.R *Pul Eliya. A Village in Ceylon. A Study of Land Tenure and Kinship*. Cambridge: Cambridge University Press, 1968.

LÉVI-STRAUSS, C. A Ciência do concreto. In: _____. *O pensamento selvagem*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1989.

_____. *O totemismo hoje*. São Paulo: Edições 70, 1986.

LIMA DE CARVALHO. Notas e Recensões: Pitões das Júnias. Esboço de Monografia Etnográfica de Manuel Viegas Guerreiro. *Revista Lusitana* Número 2 Instituto Nacional de Investigação Científica, 1981.

LIMA SANTOS, J. M. Mercado economias e ecossistemas no alto barroso. Um estudo de sistemas de aproveitamento de recursos naturais. Montalegre: Edição da Câmara Municipal de Montalegre, 1992.

LINO da SILVA, J. Notas de Etnografia do Barroso. O feno. Lusitana (Nova Série) 6, 1985. pp: 81-123.

LISÓN TOLOSANA, C. Antropologia Cultural de Galicia. Madrid, Siglo Veintiuno de España Editores S.A. 1971.

LITTLE, P. Territórios Sociais e Povos Tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade Brasília, Série antropologia, 2002. Disponível em: <<http://nute.ufsc.br/bibliotecas/upload/paullittle.pdf>>.

LONG, N; PLOEG J. D. van der. Heterogeneity, actor and structure: towards a reconstitution of the concept of structure. In: BOOTH, D. (ed) *Rethinking Social Development: theory, research and practice*. England, Longman, p. 62-90, 1994.

LONG, N. Development sociology: actor perspectives. London: Routledge, 2001.

LONG, N. Globalización y localización:nuevos retos para la investigación rural. En LARA,S&CHAUVET,M. *La inserción de la agricultura mexicana en la economía rural* (1Ed.,pp.37-74) México: INAH-UAM-UNAM-Plaza y Valdés, 1996.

LOURENÇO FONTES, António. *Etnografia Transmontana. Vol I Crenças e Tradições do Barroso*. Montalegre, 1974.

_____. *Etnografia Transmontana. Vol II. O comunitarismo de Barroso*. Montalegre. 1977.

MARCELIN, L. H.A linguagem da casa em ter os negros no Recôncavo Baiano. *Mana*. 1999, vol 5. Núm. 2. pp. 31-60.

MARTINS, H. O Caminho do Tempo. Uma viagem etnográfica às memórias na fronteira galego-portuguesa. *Cultures, Revista Asturiana de Cultura*. Nº 12. Uvieu: 2003.

_____. *Will the Rocks Crumble One Day? Past and Present in the Portuguese Galician Frontier, Border Relations and Memories*. Manchester, University of Manchester, 2005.

MAUSS, M. Ensaio sobre as variações sazonais das sociedades esquimós. _____. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2008. pp. 423 – 503.

MAYER, A. C. A importância dos quase grupos no estudo das sociedades complexas. In: FELDMAN-BIANCO, Bela. (Org.) *Antropologia das sociedades contemporânea: métodos*. São Paulo: UNESP, 2010.

MAZOYER; ROUDART, L. *História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea*. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: NEAD, 2010.

MENDRAS, H. *La fin des paysans*, Paris, SEDEIS, 1967.

MIGUEL, L.A. (org.) Dinâmica e diferenciação de sistemas agrários. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

MIGUEL, L.A; MAZOYER, L; ROUDART, L. Abordagem sistêmica e sistemas agrários. _____. Dinâmica e diferenciação de sistemas agrários. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, pp: 11-18

MOYANO_estrada, E & ORTEGA, A.C. A reforma da PAC para o período 2014-2020: uma aposta no desenvolvimento territorial. *Revista de Economia e Sociologia Rural* [online]. 2014, vol.52, n.4, pp.687-704

NOGUEIRA, V.S. *Sair pelo mundo*. A conformação de uma territorialidade camponesa. Tese (Doutorado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, SP. 2010

OLIVEIRA BAPTISTA, F. O Rural depois da Agricultura. In Fonseca, M. L. (coord.). *Desenvolvimento e Território – Espaços Rurais Pós-agrícolas e os Novos Lugares de Turismo e Lazer*, 2006.

O'NEILL, Brian Juan. *Proprietários, lavradores e jornaleiras: desigualdade social numa aldeia transmontana, 1870-1978*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1984.

PEREIRA, C. As chegas de bois em Montalegre: etnografia, memória e intervenção museológica. (Dissertação) Mestrado. 2016. Instituto de Ciências Sociais. Universidade do Minho.

- PEREIRA, F. Associativismo e Cooperativismo Agrário em Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal. *RURIS*, 2008, Vol. 2. Núm. 1. Pp: 39-72.
- PIETRAFESA De GODOI, E. E. Territorialidade. In: SANSONE, L; FURTADO, C.A; *Dicionário Crítico das Ciências Sociais dos Países de Fala Oficial Portuguesa*. Salvador: EDUFBA, 2014^a
- _____. Mobilidades encantamentos e pertença: o mundo ainda está rogando porque o mundo ainda não acabou. *Revista de Antropologia*, São Paulo: v57, n2, 2014b.
- _____. O trabalho da memória: cotidiano e história no sertão do Piauí. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.
- _____. “O Sistema do Lugar: história, território e memória no Sertão”, NIEMEYER, A.M; PIETRAFESA DE GODOI, E. Além dos territórios: para um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos. Campinas : Mercado das letras, 1998.
- PIETRAFESA De GODOI,E; MENEZES,M. Mobilidades, Redes Sociais e Trabalho. São Paulo, Annablume, 2012.
- PINA CABRAL, J. Comentários críticos sobre a casa e a família no Alto Minho rural. *Análise Social – Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*, vol XX (81-82), Lisboa, 1984-.2.º-3º, p.263-284.
- _____, Sons of Adam, Daughters of Eve: The peasant worldview of the Alto Minho (NW Portugal). Oxford: Clarendon Press (OUP), 1986.
- PINA CABRAL, J, e LIMA, A.P. Como fazer uma história de família: um exercício de contextualização social. *Etnográfica*, Lisboa, vol. IX (2), 2005, pp.355-388.
- PIRES, J.M.; PINTO, P.A.; MOREIRA, N.T. Lameiros de Trás-os-Montes. Perspectivas de futuro para estas pastagens de montanha. *Série Estudos*, Escola Superior Agrária. Edição do Instituto Politécnico de Bragança, 1994
- PISCITELLI, A. Tradição Oral, Memória e Gênero: um comentário metodológico. *Cadernos Pagu*, núm. 1. Campinas – São Paulo: IFCH - UNICAMP. 1993
- PÔÇAS, I., CUNHA, M. e PEREIRA L. 2006. Pastagens seminaturais de montanha: Lameiros, sistemas ancestrais no século XXI. Comunicação apresentada no Taller CYTED XVII. El agua en Ibero-América: tecnologías apropiadas e tecnologías ancestrales. Universidade Nacional de Piura-Peru, Lima (Piura), Junho 2006, 22 páginas + anexos. [<http://ceer.isa.utl.pt/cyted/peru2006/papers/>], consultado em 02-06-2015]. (com. Oral)

PÔÇAS, I.M.V.A. Os *lameiros* no contexto das paisagens de montanha. Tese de doutorado defendida para a obtenção do título de Doutor em Ciências Agrárias. Universidade do Porto: Porto, 2010.

POLANAH, L.D. Mexerico e Maldizer no meio rural. *Revista Guimarães*. Núm. 103. 1993. Pp. 111-128

_____. Função da Vizinhança entre os camponeses de Tourém. *Antropologia Portuguesa*. Núm 7. Lisboa. 1989 . pp. 41 – 48.

_____. O Colectivismo agrário no Norte de Portugal. *Antropologia Portuguesa*. Núm 3. Lisboa. 1985. pp. 61-8.

PORTELA, J. Investigadores e Agricultores: Tese, Antítese e Síntese. Série Relatórios e Comunicações núm. 6. Vila-Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), 1991.

_____. Trabalho Cooperativo em duas aldeias de Trás-os-Montes. Porto: Edições Afrontamento, 1986.

RAFFESTIN, C. *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo: Ática, 1993

RIBEIRO, O. Opúsculos Geográficos. IV Volume – O Mundo Rural. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

RIVEIRO, M. Estratégias de reprodução socioeconómica das unidades familiares camponesas, em regiões de montanha (Barroso, 1940-1990). Um estudo de sociologia em que as mulheres também contam. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1997.

SAHLINS, M. O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um “objeto” em via de extinção (parte 1). *Mana*, Vol 3, Núm 1. 1997, pp. 41-73.

_____. O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um “objeto” em via de extinção (parte 1). *Mana*, Vol 3, Núm 2. 1997, pp. 103 – 150.

SCOTT, J. Formas cotidianas de resistência camponesa. *Raízes*. Campina Grande Vol 21, Num. 01, jan – jun 2002.

_____. *The Moral Economy of the Peasant: Rebellion and Subsistence in Southeast Asia*.: Yale, 1977

SEYFERTH, G. Memória coletiva, identidade e colonização: representações da diferença cultural no Sul do Brasil. *Capa*. Caxias do Sul, Vol. 11, Núm. 22, 2012.

TABORDA, V. Alto Trás-os-Montes, Estudo Geográfico, Coimbra: Editora Universitária, 1932.

TELES, A.N.1970. Os lameiros de montanha do norte de Portugal. Subsídios para a sua caracterização fitossociológica e química. *Lusitana*, 1970 Separata da Agronomia– Vol. XXXI – Tomo I – II. 141 p.

TORGA, M; *Diário X*. Coimbra, 1968.

VALCUENDE DEL RIO, J.M. Fronteras, Territorios e Identificaciones Colectivas. Interacción Social, Discursos Políticos y Procesos de Identificación en la Frontera Sur Hispano-Portuguesa. Sevilla: Blas Infante, 1998.

_____. Processo de territorialização y desterritorialización de las zonas fronterizas. In: PEREIRA, Xerardo...[et al.](orgs.): As fronteiras e as identidades raianas entre Portugal e España. Vila-Real: UTAD, 2008 (extra serie) actas do curso de verão celebrado em Ribadavia (Ourense - Galícia) e Chaves 12,13,14,15, de Jullo de 2006. pp. 61-74.

VAN DER PLOEG, J.D. Camponeses e a arte da agricultura: um manifesto Chayanoviano. São Paulo: UNESP; Porto Alegre: UFRGS. 2016

_____. Camponeses e Imperios Alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

VIEGAS GUERREIRO, M. *Pitões de Júnias (Esboço de Monografia Etnográfica)*. Lisboa: Serviço Nacional de Parques, Reservas e Património Paisagístico, 1982.

VIEIRA, J.; FERNANDES, A.; BERNARDO, A.; MARTINS, V.; MOREIRA, N. Os lameiros e a sustentabilidade dos sistemas de produção agro-pecuários de montanha em Trás-os-Montes. In: II Congresso de Estudos Rurais – “Periferias e Espaços Rurais”, Angra do Heroísmo – Açores, 29 de Setembro a 3 de Outubro, 2000.

WATEAU, F. *Conflitos de água de rega: ensaio sobre a organização social no vale do Melgaço*. Coleção Portugal de Perto, nº39. Lisboa: Dom Quixote, 1999.

WOLF, E. Tipos de campesinato latino-americano: uma discussão preliminar. In: FELDMAN BIANCO,B; LINS RIBEIRO,G. *Antropologia e Poder*.Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2003.

WOORTMANN, K. Migração, família e campesinato. In Clifford Andrew Welch et al (Orgs). *Camponeses Brasileiros: leituras e interpretações clássicas*, Vol 1. São Paulo: Unesp; Brasília DF: Nead, 2009 pp. 217-238.

_____. “Com Parente não se Neguceia’: o campesinato como ordem moral. *Anuário antropológico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: UnB, n. 87, 1990, p. 11-73.

Anexo 1

Pitões das Júnias				
Casa	Ana e Russo	Zé da Carreira	Patorro e Beatriz	Paulo do Miro
Pessoas cotidiano	2	1	2	1
Núm. Vacas	35	10	30	18
Porcos fumeiro	Sim	Não	Não	Não
Enfardadeira de rolos	Sim	Sim	Sim	Não
Rotativa	Sim	Não	Sim	Não
Núm. Tratores	3	2	3	2
Silagem	Sim	Não	Não	Não
Tendência sucessória	Outra exploração	Não	Não	Não
Valoração	Estabilizada	Regressiva	Estabilizada	Estabilizada
Pitões das Júnias				
Casa	Luísa	Raúl	Cascais	Guilhermino
Pessoas cotidiano	1	1	3	1
Núm. Vacas	15	15	25	6
Porcos fumeiro	Sim	Não	Não	Não
Enfardadeira de rolos	Sim	Não (Tono)	Sim	Não
Rotativa	Não	Não (Tono)	Sim	Não
Núm. Tratores	2	2	3	1
Silagem	Sim (Venâncio)	Não	Não	Não
Tendência sucessória	Não	Não	Não	Sim
Valoração	Estabilizada	Regressiva	Estabilizada	Estabilizada
Casa	Armando	Covelo		

Pessoas cotidiano	2	3
Núm. Vacas	40	25
Porcos fumeiro	Sim	Sim
Enfardadeira de rolos	Sim	Sim
Rotativa	Sim	Sim
Núm. Tratores	3	3
Silagem	Sim	Sim
Tendência sucessória	Não	Não
Valoração	Estabilizada	Estabilizada

Tourém				
Casa	Sérgio e Sandra	Giestas e Aldina	Adriano	Berto e Elisa
Pessoas cotidiano	2	1	1	2
Núm. Vacas	40	15	14	18
Porcos fumeiro	Não	Não	Não	Não
Enfardadeira de rolos	Sim	Sim	Sim	Não
Rotativa	Sim	Não	Sim	Não
Núm. Tratores	3	2	1	2
Silagem	Sim	Não	Não	Não
Tendência sucessória	Não	Não	Não	Não
Valoração	Estabilizada	Regressiva	Estabilizada	Estabilizada
Tourém				
Casa	Vilas	Mazias	Fábio do Pita e Maria	Venâncio
Pessoas cotidiano	3	1	2	1
Núm. Vacas	45	8	20	30

Porcos fumeiro	Sim	Não	Não	Não
Enfardad eira de rolos	Sim	Sim	Sim	Sim
Rotativa	Sim	Não	Sim	Sim
Núm. Tratores	3	2	2	3
Silagem	Sim	Não	Sim	Sim
Tendênci a sucessória	Não	Não	Não	Não
Valoração	Estabiliz ada	Regress iva	Estabiliz ada	Estabiliz ada